

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Cláudia da Silva Pereira

GISELE DA FAVELA:
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA SOBRE A CARREIRA DE MODELO

RIO DE JANEIRO

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

GISELE DA FAVELA:
UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA SOBRE A CARREIRA DE MODELO

Cláudia da Silva Pereira

Tese de Doutorado
apresentada como exigência
parcial para obtenção do grau
de Doutora em Sociologia e
Antropologia, sob a
orientação da Professora
Doutora Mirian Goldenberg.

RIO DE JANEIRO

2008

PEREIRA, Cláudia S.
Gisele da Favela: uma análise antropológica sobre a carreira
de modelo: UFRJ/IFCS, 2008.

Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia

- 1 – Gênero
- 2 – Corpo
- 3 – Moda
- 4 – Distinção
- 5 – Trajetória

I – Universidade Federal do Rio de Janeiro

II – Gisele da Favela: uma análise antropológica sobre a
carreira de modelo: UFRJ/IFCS, 2008.

FOLHA DE APROVAÇÃO

GISELE DA FAVELA: uma análise antropológica sobre a carreira de modelo

CLÁUDIA DA SILVA PEREIRA

Tese submetida ao corpo docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutora.

Aprovada por:

Profª Drª Mirian Goldenberg – Orientadora - IFCS/UFRJ

Prof. Dr. Everardo Rocha – Deptº Comunicação Social – PUC-RJ

Profª Drª. Letícia Casotti – COPPEAD/UFRJ

Profª Drª. Rosilene Alvim – IFCS/UFRJ

Profª Drª. Yvonne Maggie - IFCS/UFRJ

Profª. Dra. Carla Barros – ESPM-Rio - SUPLENTE

Prof Dr. Peter Fry - IFCS/UFRJ - SUPLENTE

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2008.

Às minhas filhas Lara e Paula,
inspirações eternas para todos os meus projetos de vida,
e à minha pequena Bruna, que ainda não veio ao mundo,
mas já enche minha vida de alegria.

Aos meus pais João e Sônia,
pelo incentivo e pelo exemplo de seriedade .

Ao meu marido Alexandre, pela força e pela paciência,
principalmente nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço ao CNPq, que financiou este projeto através da concessão da bolsa de estudos de Doutorado.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Mirian Goldenberg, por toda a confiança depositada desde o início, em 2001, quando iniciamos nossos trabalhos ainda no Mestrado. Além de um exemplo fundamental em minha vida acadêmica, revelou-se uma amiga exigente, mas sempre disposta a ouvir e a dizer o que é preciso, na hora certa.

Muito obrigada, também, ao Prof. Everardo Rocha e à Prof^a Yvonne Maggie pelos relevantes comentários e sugestões durante a defesa do projeto, os quais procurei incorporar ao trabalho final.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/IFCS/UFRJ e à equipe administrativa da secretaria, obrigada pelo apoio e dedicação.

A todos os meus colegas, que, nos encontros acadêmicos contribuíram para muitos momentos de reflexão, através de seus diversos estudos. Em especial, meus agradecimentos carinhosos a Rodrigo Rosistolato, por sua doçura e simpatia.

Obrigada a Gisele Guimarães, principal inspiração deste trabalho, por me ter revelado sua vida e pelo exemplo de otimismo e perseverança que jamais irei esquecer. Obrigada a Tony Barros, que me recebeu de braços abertos na Cidade de Deus.

Agradeço, também, a Ana Lavacqui e aos professores do Curso para Modelo e Manequim do Centro de Tecnologia em Moda do Senac, que, gentilmente, permitiram minha presença durante as aulas. E a todos os meus informantes, meu muito obrigada pelo tempo e pela paciência durante as entrevistas e o trabalho de campo.

Aos meus amigos Margareth Zidan e Marcelo Crelier, obrigada pela lealdade, confiança e amizade de longa data. Obrigada, Carla Barros, querida prima, comadre, amiga e parceira em diversos projetos de trabalho e de vida.

À minha enorme família, a todos os tios, tias, primos e primas, especialmente à Tia Sueli e à Tia Dena, obrigada pelas palavras de incentivo ao longo de minha caminhada durante o Doutorado, e à Tia Glorinha e Tia Lurdes, sempre tão carinhosas e presentes na torcida. Obrigada, Mariza Marinho, pela amizade, confiança e amor fraternal.

Meus agradecimentos mais do que especiais aos meus amados pais, que souberam respeitar minhas escolhas e que, com infinita confiança, sempre acreditaram que eu era capaz de realizar todos os meus sonhos.

Ao meu maior e melhor companheiro, Alexandre, cuja dedicação e carinho me dão, em diversos momentos de minha vida, a base que preciso para seguir em frente, meu muito obrigada.

Às minhas duas lindas filhas, Lara e Paula, por preencher meus dias com seus sorrisos, com seus carinhos, com suas inocentes provas de amor e, especialmente, pela demonstração de orgulho que até me faz acreditar no valor que tenho, como mãe e mulher, obrigada. Amo vocês.

RESUMO

A presente tese de Doutorado apresenta os resultados do trabalho de campo realizado entre os anos de 2005 e 2007 junto a dois cursos para formação de modelos de moda: o Projeto Lente dos Sonhos, na Cidade de Deus, e o Curso para Modelo e Manequim do Centro de Tecnologia em Moda do Senac, ambos no Rio de Janeiro. O objetivo é compreender as regras e valores sociais que estão direta e implicitamente ligados à profissão no Brasil, analisando a construção de uma identidade feminina entre adolescentes e as representações sociais presentes em um dado padrão de corpo propagado no campo da moda e na mídia. Além disso, esta pesquisa busca demonstrar que o corpo feminino é um capital que, cada vez mais, serve a estratégias de inclusão na sociedade, as quais podem levar, especialmente para as camadas mais pobres, à ascensão social. Para tanto, é apresentado um Estudo de Caso em que é analisada a trajetória da modelo Gisele Guimarães, relacionando sua história de vida com o contexto social em que a mesma se dá, o que inclui sua origem social, a Cidade de Deus, e o campo da moda. São também analisadas matérias jornalísticas, publicadas em jornais, revistas, Internet e televisão, a partir das quais são desenvolvidas reflexões a respeito das representações sociais sobre o mundo da moda e a pobreza.

ABSTRACT

This PhD thesis presents the results of the fieldwork realized between the years 2005 and 2007 at two training courses for fashion models: Projeto Lente dos Sonhos, from City of God, and Curso para Modelo e Manequim do Centro de Tecnologia em Moda do Senac Rio, both from Rio de Janeiro. The goal is to understand the rules and social values that are directly and implicitly linked to the profession in Brazil, examining the construction of a female identity among adolescents and social representations present in fashion field and media about a given pattern of body. Additionally, this research demonstrates that female body is a capital that serves the strategies of inclusion in society, which can lead, especially for the poorest, to social ascension. Thus, a Case Study in which is examined the trajectory of the model Gisele Guimarães, relating her life story with the social context in which it occurs, which includes her social origin in the City of God, and with fashion field. There's also an analysis of journal, magazine, Internet and television news, from which are developed a discussion about the social representations, in media speech, of fashion world and poverty.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – Metodologia da Pesquisa.....	15
CAPÍTULO 2 – A profissão de modelo	21
CAPÍTULO 3 – O Projeto Lente dos Sonhos e a Cidade de Deus...	31
CAPÍTULO 4 - Gisele da Favela: um Estudo de Caso	42
CAPÍTULO 5 – A identidade reinventada	115
CAPÍTULO 6 – Entre o lixo e o luxo: do ponto de vista da mídia ..	131
CAPÍTULO 7 – O capital-corpo	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194
ANEXOS	200

INTRODUÇÃO

“Sua sorte foi ter sido achada, um pouco por acaso, há um ano por um agente. Ela passou toda a sua vida na favela, mas hoje ela frequenta regularmente os bairros sofisticados do Rio. É aqui que se encontra a agência para a qual ela trabalha, uma das mais prestigiadas do mundo. Foi ela que descobriu a outra Gisele, Gisele Bündchen, a top model brasileira. Gisele da favela está apenas no início de sua carreira, e por enquanto o seu book não é muito grosso. [repórter:] ‘Você gosta destas fotos?’ [Gisele:] ‘Sim, gosto muito. Para mim, é muito importante fazer parte da família das manequins’. Moças apenas bonitas, no Brasil há muitas. Gisele, por enquanto, só tem uma foto de publicidade publicada. Uma sessão que lhe trouxe um pouco mais de 100 euros, uma ninharia.”

Documentário – Programa 66 Minutes – Canal M6 (França)

Ora tomada como processo de distinção social, ora como um fenômeno totalizante, democratizante e igualitário (Lipovetsky, 2001), a moda é, antes de tudo, um fato social revelador das relações sociais nas sociedades modernas. As distâncias sociais estreitam-se a partir do momento em que a informação deixa de se centralizar nas mãos de uma minoria e passa a ser de fácil acesso a todos. Produto da moda, o vestuário ganha um valor simbólico que, se por um lado individualiza, por outro se torna homogeneizante. A partir do início do século XX, começam a ser diminuídas as fronteiras de classe e de gênero através do uso que se faz das roupas. Como afirmou Douglas & Isherwood (2004),

“Os bens são neutros, seus usos são sociais. Podem ser usados como cercas ou como pontes.” (p. 36)

Há, na própria essência do fenômeno da moda, uma variante que atribui a ela um valor simbólico fundamental para a sua reprodução: a fantasia, por onde a moda se realiza, já que se consome não a roupa, mas aquilo que ela significa. Os mediadores desta tradução do vestuário para o seu valor simbólico são os profissionais que fazem

parte do sistema da moda, entre eles os estilistas, os produtores, os fotógrafos, os jornalistas e, de maneira especial, os modelos. A cultura de massa contribui para a construção de representações sociais acerca de um universo que parece, aos olhos das pessoas de fora deste universo, exclusivo e excludente: o “mundo da moda”. Analisado à luz da antropologia, este mundo construído e exteriorizado configura-se a partir de um conjunto de valores e sinais distintivos (Bourdieu, 2002); “pontes ou cercas”, como escreveu Mary Douglas, que ora edificam, ora transpõem barreiras sociais e culturais.

O presente trabalho pretende analisar a profissão de modelo de moda como um caminho cada vez mais perseguido por crianças e adolescentes, especialmente no Brasil, em busca de visibilidade, distinção e ascensão social. Busco compreender de que forma se constrói uma identidade feminina entre jovens aspirantes a modelo, seja a partir do imaginário sobre a profissão, seja a partir do que é ensinado em cursos profissionalizantes.

Atravessando muitas das questões elaboradas neste trabalho, estão as idéias de Pierre Bourdieu (2002) sobre distinção social e capital. No centro das reflexões, o corpo encontra um lugar privilegiado, já que é ele quem produz e reproduz as representações sociais sobre a profissão de modelo de moda.

Como bem afirmou Goldenberg (2007), “o corpo é capital”. Principalmente na sociedade brasileira, o corpo feminino vem ganhando centralidade nas relações sociais, exercendo um importante papel como valor simbólico de classe, gênero e geração. Se o corpo é um capital, há fatores distintivos que o caracterizam como tal, quais sejam, a forma física, os movimentos, o vestuário, os hábitos alimentares, entre outros. Este processo de inscrição de valores simbólicos no corpo implica transformações que podem levar o indivíduo a estabelecer para si novos parâmetros de consumo, comportamento, atitudes e valores. É possível que tais transformações promovam um afastamento de aspectos determinantes da própria origem social deste indivíduo.

A tese que sustento com minha pesquisa de campo e a discussão teórica que desenvolvo é que, na nossa sociedade, o corpo é o capital, no sentido dado por Bourdieu (2002), mais imediato, democrático e acessível a qualquer indivíduo para a conquista de posições prestigiadas.

Como afirma Boltanski (2004, p. 167):

“Pois a vergonha do corpo assim suscitada não é talvez senão a vergonha da classe: o corpo efetivamente é, do mesmo jeito que

todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplidão, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita”.

Ao longo do presente trabalho, são elaboradas outras questões não menos importantes, quais sejam: tomando sempre o corpo como um manancial de significados, busco descrever a imagem ideal da modelo de moda – como ela se constrói e de que forma é representada. Procuro, também, identificar o “código da moda”, partindo de conceitos como o “código da aparência” e o “código da atitude”, presentes nesta imagem ideal e que acabam por legitimá-la socialmente, compondo um conjunto de requisitos obrigatórios para as modelos. Outra discussão tem por objetivo reconhecer os valores sociais que estão direta e implicitamente ligados à profissão. Finalmente, remetendo às idéias de Marcel Mauss (2003), proponho uma reflexão sobre as “técnicas corporais” presentes no aprendizado do ofício das modelos de moda.

O trabalho está dividido em sete capítulos. No primeiro, “Metodologia da Pesquisa”, introduzo as bases metodológicas da pesquisa, descrevendo a forma como realizei o trabalho de campo e apresentando os entrevistados. Justifico, ainda, o Estudo de Caso para o desenvolvimento das questões que fundamentam minha tese.

No Capítulo 2, “A profissão de modelo”, o objetivo é contextualizar minha pesquisa a partir de uma abordagem descritiva e histórica, buscando situar o leitor diante das definições que utilizei para construir meu argumento.

A primeira fase de meu trabalho de campo está presente no Capítulo 3, “O Projeto Lente dos Sonhos e a Cidade de Deus”, onde é apresentado o projeto social que escolhi para realizar minha observação participante. Também nesta parte do texto, fatos históricos acerca da Cidade de Deus procuram elucidar algumas das questões que, mais tarde, são discutidas ao longo dos capítulos.

O Capítulo 4, “Gisele da Favela: um Estudo de Caso”, analisa a trajetória social da modelo Gisele Guimarães, moradora da Cidade de Deus. Por seu envolvimento com o Projeto Lente dos Sonhos e pela forma como vem construindo sua identidade a partir

de suas escolhas dentro da profissão, Gisele Guimarães serve de exemplo profícuo para a discussão de importantes questões sobre o mundo da moda. A revelação do nome verdadeiro do Projeto, de sua localização na Cidade de Deus e da identidade de Gisele Guimarães, assim como do fotógrafo Tony Barros, pareceu-me a única opção metodológica possível, já que os vínculos que os unem são fundamentais para a discussão de questões importantes para o presente trabalho. Além disso, para a construção e análise do Estudo de Caso, é de importância fundamental a utilização de matérias jornalísticas sobre Gisele Guimarães, o que inviabilizaria a ocultação de sua identidade.

As complexas relações de identidade entre o indivíduo e o grupo social de origem são discutidas no Capítulo 5, “A identidade reinventada: do estigma a capital simbólico”. A Cidade de Deus se torna a referência central desta discussão, já que, ao seu redor, orbita uma série de valores e crenças que aderem àqueles que ali estão radicados.

Analizando matérias publicadas em revistas, jornais e programas de televisão sobre Gisele Guimarães, o Capítulo 6, “Entre o lixo e o luxo: do ponto de vista da mídia”, procura demonstrar de que forma a indústria cultural contribui para a produção e reprodução de representações sociais sobre o “mundo da moda”, contrastando com um outro mundo, o da pobreza.

Por fim, o Capítulo 7, “O capital-corpo”, as idéias de Michel Foucault (1984) contribuem para trazer à luz da antropologia questões relacionadas ao aprendizado da profissão de modelo, revelando que, a partir de um discurso disciplinador e controlador, o corpo é instrumentalizado em função da construção de um determinado modelo de feminilidade, que vê subtraído de suas formas os volumes e excessos que chamam, para si, a atenção do olhar do Outro. Aqui, são apresentados os resultados de minha observação participante no curso profissionalizante para modelos do Senac-Rio.

Espero, com este trabalho, inspirar novas pesquisas que busquem compreender o importante papel do corpo em nossa sociedade, promovendo um debate sobre os seus usos em diferentes camadas sociais. Mais ainda, procuro relativizar a imposição dos padrões hegemônicos de beleza, refletindo sobre a ação consciente (ou, talvez, inconsciente) das camadas mais pobres que, ao manipularem estratégias de ascensão social, são capazes de transformar em valores positivos aquilo que as marginaliza ou estigmatiza. Sendo assim, a indústria da moda e a mídia são analisadas como mediadoras neste processo. A mídia é, em grande parte, responsável pela construção de

representações sobre a pobreza e o mundo da moda, enfatizando a distância social que as separa e fazendo uso de um discurso baseado em contrastes entre o lixo e o luxo.

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é descrever os caminhos percorridos durante os quatro anos dedicados à realização deste trabalho. São aqui apresentadas as escolhas metodológicas e as fontes de informação que serviram de base para a pesquisa, inclusive cada um dos informantes que colaboraram com seus depoimentos.

1.1 – O trabalho de campo

Considerando os objetivos de minha pesquisa, entre eles, analisar a construção de uma identidade feminina entre adolescentes e as representações sociais presentes em um dado padrão de corpo propagado no campo da moda e na mídia, busquei espaços sociais que permitissem minha entrada no campo para a realização da pesquisa. Os cursos especializados na formação de modelos de moda me pareciam ideais para este fim.

No Rio de Janeiro, há inúmeros cursos de modelo voltados para o público mais jovem. Muitos se caracterizam pela finalidade comercial de intermediar a contratação de crianças e adolescentes pelo mercado da publicidade e da moda. As aulas, portanto, visam objetivamente descobrir “novos talentos” e prepará-los para este agenciamento. O que eu buscava, na verdade, era algo diferente: desejava encontrar um lugar especializado em moda, com uma formação mais completa, sem que os fins comerciais fossem tão explícitos. Parti, então, para uma pesquisa na Internet, onde pude visitar os sites destes cursos, entrar em contato e conhecer o que cada um oferecia.

Cheguei, então, ao Projeto Lente dos Sonhos e ao Centro de Tecnologia em Moda do Senac Rio. Encontrei, nestes dois lugares, as condições ideais para a realização do trabalho de campo, já que reuniam pré-adolescentes e adolescentes¹ do sexo feminino que aspiravam ingressar na carreira de modelo. Em suas aulas, percebi que havia uma preocupação com a formação das alunas no sentido de especializá-las como

¹ A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a pré-adolescência a faixa etária que vai dos 10 aos 14 anos e a adolescência, dos 15 aos 19 anos. A definição das categorias “adolescência” e “juventude” pode variar e obedecer a mais de um critério estabelecido por instituições oficiais. Muitas vezes, a essas duas categorias é atribuída a mesma faixa etária, tornando uma sinônimo da outra. A ONU – Organização das Nações Unidas considera a juventude a faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente considera adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos. A OMS – Organização Mundial da Saúde e a OPS – Organização Pan-Americana de Saúde distinguem a pré-adolescência (de 10 a 14 anos) da adolescência (dos 15 aos 19 anos), que seriam determinadas, segundo essas instituições, por aspectos da vida biológica. O critério escolhido para o desenvolvimento desse trabalho é o determinado pela OMS, que define a adolescência como a fase que vai dos 15 aos 19 anos de idade.

modelos de moda, mas também com a reprodução de valores que correspondiam a um modelo de feminilidade. Além disso, serviam-me para uma análise comparativa entre grupos de diferentes camadas sociais, já que o Projeto Lente dos Sonhos atendia a uma comunidade pobre da Cidade de Deus e o Senac, a camadas médias e altas.

Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de vivenciar, na prática, o encontro entre o familiar e o exótico, clássica discussão empreendida por DaMatta (1981 [1974]) e Velho (1999 [1978]) na antropologia brasileira. De um lado, a exótica Cidade de Deus, favela da Zona Oeste carioca, famosa pela violência retratada em livro e filme. Convivendo durante cinco meses, de 14 de março a 17 de agosto de 2005, com moradores do lugar, entre eles alunas do Projeto Lente dos Sonhos, descobri a rotina de indivíduos que estudam, trabalham e sociabilizam-se. Do outro lado, a familiar Copacabana, onde moro e que é, caracteristicamente, um bairro que reúne uma grande heterogeneidade de estilos de vida. Habituada, portanto, com as diferenças culturais que ali convivem, surpreendi-me com a existência de um exótico sentimento de inconformismo presente no discurso de adolescentes que, dentro do mesmo curso, percebiam uma distância social entre elas e outras alunas. No Curso de Modelo e Manequim do Centro de Tecnologia em Moda do Senac Rio, permaneci também por cinco meses, de 29 de junho a 5 de dezembro de 2006.

Nos dois lugares, a observação participante, em um total de dez meses, consistiu em observar as aulas, acompanhar o desenvolvimento das alunas, registrar em detalhe as técnicas ensinadas, anotar as falas dos professores e assistir os desfiles que fizeram parte do decorrer e do encerramento das aulas. O fato de estar bem acima da idade máxima para a inscrição nos cursos impediu-me de participar como aluna e minha opção foi revelar minhas intenções e assumir, para todos, a identidade de pesquisadora. Sempre que possível, procurava contribuir com a aula, ajudando na troca de músicas ou emprestando um DVD de um desfile de moda para ser exibido. Em nenhum momento senti que o fato de permanecer em sala como observadora prejudicou, de forma determinante, as situações observadas durante as aulas.

Na Cidade de Deus, as aulas do curso de modelo acontecem três vezes por semana, às quartas, sextas e sábados: de dez horas da manhã ao meio-dia, no CSU – Centro Social Urbano, um espaço do governo e administrado pela Fundação Leão XIII, localizado atrás de um conjunto residencial que os moradores chamam de “apê” (AP); de duas às quatro da tarde, as aulas são dadas em um espaço cedido por uma igreja. Eu

acompanhei as aulas da manhã, pelo menos duas vezes por semana, às quartas e sextas-feiras, principalmente.

No Senac, as aulas acontecem às terças e quintas-feiras, das seis às dez horas da noite. Estive presente em todas as aulas.

Ao longo dos cursos, e mesmo depois de ter encerrado a observação participante, realizei entrevistas em profundidade com alunas e suas mães, além de professores e outros profissionais ligados ao mundo da moda.

1.2 – Os entrevistados

Foram realizadas 30 entrevistas em profundidade com 25 informantes, durante as duas fases do trabalho de campo, primeiro no Projeto Lente dos Sonhos, da Cidade de Deus e, depois, no Curso para Modelo e Manequim do Senac Rio. Entrevistei professores, alunas e mães de alunas. Também entrevistei profissionais da moda e pessoas ligadas a Gisele Guimarães. A seguir, apresento uma relação detalhada de todas as entrevistas, em ordem cronológica ² :

- Heloísa Marra: realizada em 19/6/03, duração de 40 minutos. Editora de moda.
- R.: 11 anos, realizada em 30/3/05, duração de 60 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- P.: 13 anos, realizada em 2/4/05, duração de 90 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- F.: 12 anos, realizada em 8/4/05, duração de 40 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe M.: realizada em 20/4/05, duração de 30 minutos. Mãe de aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Gisele Guimarães: 20 anos, realizada em 21/4/05, duração de 1 hora e 30 minutos, modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos.
- M.: 11 anos, realizada em 4/5/05, duração de 50 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.

² As idades das pré-adolescentes e das adolescentes referem-se à época da entrevista. Foram omitidas as identidades de quase todos os entrevistados para preservar o anonimato, com exceção de Tony Barros e Gisele Guimarães, cuja imagem é revelada nas matérias jornalísticas utilizadas para a presente análise. Além disso, os vínculos de Gisele e Tony Barros com o Projeto Lente dos Sonhos e a Cidade de Deus são importantes objetos de análise para os objetivos deste trabalho.

- L.: 13 anos, realizada em 6/5/05, duração de 25 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe C.: realizada em 13/7/05, duração de 20 minutos. Mãe de F., aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe L.: realizada em 22/7/05, duração de 50 minutos. Avó de L, aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- PA: 17 anos, realizada em 11/8/05, duração de 45 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe S.: realizada em 11/8/05, duração de 20 minutos. Mãe de PA, aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe D.: realizada em 15/8/05, duração de 60 minutos. Mãe de aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- LU.: 14 anos, realizada em 17/8/05, duração de 20 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- V.: 19 anos, realizada em 17/8/05, duração de 40 minutos. Aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Mãe J.: realizada em 17/8/05, duração de 20 minutos. Mãe de LU., aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- Vera: realizada em 17/8/05, duração de 60 minutos. Mãe de Gisele Guimarães.
- Mãe SI: realizada em 17/8/05, duração 25 minutos. Mãe de aluna do Projeto Lente dos Sonhos.
- HM: realizada em 31/8/06, duração de 60 minutos. Professor do Senac Rio.
- MA.: 14 anos, realizada em 22/9/06, duração de 50 minutos. Aluna do Senac Rio, moradora de Ipanema.
- HM: realizada em 26/9/06, duração de 40 minutos. Professor do Senac Rio.
- RA.: 13 anos, realizada em 27/9/06, duração de 60 minutos. Aluna do Senac Rio, moradora de Botafogo.
- AL.: 13 anos, realizada em 3/11/06, duração de 40 minutos. Aluna do Senac Rio, moradora de Copacabana.
- SL: realizada em 5/12/06, duração de 60 minutos. Professora do Senac Rio.
- Gisele Guimarães: 22 anos, realizada em 22/3/07, duração de 50 minutos, modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos.
- Gisele Guimarães: 22 anos, realizada em 19/4/07, duração de 2 horas e 30 minutos, modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos.

- Gisele Guimarães: 22 anos, realizada em 26/4/07, duração de 1 hora e 40 minutos, modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos.
- L.L.: realizada em 27/4/07, duração de 50 minutos. *Booker*. Trabalhou na Elite Models.
- C.: realizada em 3/5/07, duração de 2 horas. Ex-professora e amiga de Gisele Guimarães.
- Gisele Guimarães: 22 anos, realizada em 1/11/2007, duração de 1 hora e 30 minutos, modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos.

Portanto, com Gisele Guimarães realizei cinco entrevistas, totalizando 8 horas de gravação, em um período de dois anos de trabalho de campo. Os diferentes momentos destas entrevistas permitiram acompanhar as mudanças que ocorreram em sua trajetória em um curto espaço de tempo, fato fundamental para a própria condução desta análise.

1.3 – O estudo de caso

Neste trabalho, apresento um estudo de caso. A decisão se deu no momento de análise dos dados coletados na Cidade de Deus. A partir da primeira entrevista realizada com a modelo e professora do Projeto Lente dos Sonhos, Gisele Guimarães, que também é moradora da comunidade, dos depoimentos de suas alunas e de observações feitas durante o trabalho de campo, constatei que seu estudo de caso seria profícuo para uma reflexão sobre a aspiração pela carreira de modelo entre adolescentes pobres.

Para o desenvolvimento do estudo de caso, foram fundamentais as obras de Norbert Elias (1995) e, especialmente, de Mirian Goldenberg (1996), cuja análise da trajetória de Leila Diniz me serviu de inspiração metodológica. Assim como esta autora, procurei traçar, no sentido dado por Pierre Bourdieu (1996), a trajetória de Gisele Guimarães a partir dos relatos de outras pessoas, entre elas sua mãe, suas alunas e seus amigos. As entrevistas realizadas com a própria Gisele, a primeira em 2005 e outras quatro em 2007, foram fundamentais para compreender sua visão de mundo e o *ethos* de seu meio social, e para contextualizar sua história de vida nos ambientes sociais por onde transita, quais sejam, a Cidade de Deus e o mundo da moda.

Para uma análise comparativa, segundo a análise de Bourdieu (1996), recorri às trajetórias de duas modelos: Dalma Callado e Gisele Bündchen. Suas histórias e as representações sociais que suscitam serviram de contraponto para a discussão de importantes questões relacionadas à carreira de modelo. As idéias sobre “imitação

prestigiosa” e “técnicas corporais”, de Marcel Mauss (2003), as teorias de Pierre Bourdieu (2002) sobre “dominação” e “distinção social”, as noções de “impureza” de Mary Douglas (1991), as idéias de Erving Goffman (1988; 2007) sobre “estigma” e “representação do eu”, foram fundamentais neste momento.

Também como Goldenberg (1996), analisei matérias jornalísticas que, ao longo de minha pesquisa, foram publicadas em revistas e exibidas na televisão sobre a modelo Gisele Guimarães, todas elas datadas do ano de 2007. Nesta análise, observei o discurso textual e visual utilizado pelos meios de comunicação a respeito de Gisele Guimarães e da Cidade de Deus.

Com a observação participante, as entrevistas e a análise do discurso da mídia, percebi que a trajetória de Gisele Guimarães seria útil para a reflexão de diversas questões sobre nossa sociedade, onde o corpo ocupa o papel de importante capital para os projetos de ascensão social das camadas baixas, que se apropriam dos padrões hegemônicos e recriam suas identidades, atribuindo valores positivos a condições, muitas vezes, adversas.

CAPÍTULO 2 – A PROFISSÃO DE MODELO

A fim de justificar minha opção pela expressão “modelo”, escolhida para designar a profissão que é objeto deste estudo, apresento as classificações encontradas em dicionários e em documentos reguladores da ocupação. Além disso, um breve levantamento histórico busco, aqui, contextualizar a profissão no Brasil.

2.1 – A profissão de modelo

Em dicionários, encontram-se as seguintes definições para a profissão de modelo: “Pessoa que, empregada em casa de modas, ou por conta própria, traja vestes para exibi-las à clientela” (Novo Dicionário Aurélio, 1986); “Profissão de homens e mulheres, adultos ou crianças, que se dedicam à arte de posar para as lentes de um fotógrafo ou desfilam numa passarela” (Sabino, 2007c).

De acordo com a CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), do Ministério do Trabalho³, a profissão recebe a nomenclatura de “Modelos” e é descrita da seguinte maneira:

“Posam para fotógrafos e artistas plásticos imobilizando o corpo segundo orientação artística ou criando poses próprias, em estúdios, escolas de arte e locações internas ou externas; mostram produtos em trabalhos publicitários (fotos, filmes e eventos) mobilizando habilidades expressivas que atraem o olhar, que sugerem comportamentos e estilos de vida e que representam o tipo de pessoa que se quer associar ao produto; desfilam em passarelas ou em espaços determinados, onde sincronizam movimentos conforme a música e a coreografia, adotando expressão facial e corporal pré-estabelecida, para expor coleções de moda, detalhes do produto e acessórios, em "show e show room" de moda; cuidam da aparência e concentram-se na linguagem corporal”.

A partir da classificação geral dada - “modelos” – ramificam-se outras três subclassificações, consideradas como “ocupações”: “modelo de modas”, “modelo

³ Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br>> - Acesso em 21 de outubro de 2007.

publicitário” e “modelo artístico”⁴. Ainda de acordo com a CBO, para cada uma das três ocupações são apontados sinônimos – no caso de “modelo de modas”, são associadas as designações “modelo fashion”, “manequim” e “modelo de passarela”.

A profissão de modelo está vinculada oficialmente a atividades artísticas e é regulamentada de acordo com o que determina o Sated – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões dos respectivos estados brasileiros.⁵ Em 2007, o piso salarial estava equiparado ao de artistas circenses - R\$ 955,00 para salários mensais e R\$ 162,00 para cachês - e era inferior ao estabelecido para atores - R\$ 1.170,00 para salários e R\$ 230,00 para cachês (Sated RJ, 2007).

Por estes dados, os modelos parecem estar em uma posição hierarquicamente inferior à de atores e de outras profissões consideradas “técnicas”: contra-regras, costureiras e maquiadores de teatro adulto, só para citar alguns exemplos. Evidentemente, os cachês de modelos mais conhecidos são muito superiores aos estabelecidos pelo sindicato. No entanto, estes dados sugerem que, no campo artístico, o “capital físico” é menos valorizado do que aqueles que demandam conhecimento técnico, inclusive em dramaturgia, ainda que os mesmos também façam uso explícito de movimentos corporais. As próprias definições do Sated (Sated RJ, 2007) com relação às funções por ele regulamentadas levam a esta conclusão: o sindicato entende como “manequim” todo profissional que “representa e desfila usando seu corpo para exibir roupas e adereços”; como “mágico”, aquele que “faz deslocar ou desaparecer objetos; executa outros tipos de ilusionismo, realizando truques, jogos de mágica de prestidigitação, utilizando aparelhos ou movimentos manuais” – e ainda outras atividades circenses em que o corpo é o principal veículo de sua arte, como acrobatas, malabaristas, contorcionistas; finalmente, o sindicato considera ator quem:

“cria, interpreta e representa uma ação dramática, baseando-se em textos, estímulos visuais, sonoros ou outros, previamente concebidos por um autor ou criados através de improvisações individuais ou coletivas; utiliza-se de recursos vocais, corporais e emocionais apreendidos ou intuídos, com o objetivo de transmitir ao espectador o conjunto de idéias e ações

⁴ De acordo com a CBO, as subclassificações desdobram-se em especialidades - Modelo de modas: Modelo “fashion”, Manequim, Modelo de passarela; Modelo publicitário: Modelo comercial, Modelo de detalhes, Modelo de editorial de moda, Modelo fotográfico, Modelo fotográfico de workshop; Modelo artístico: Modelo fotográfico de nu artístico, Modelo vivo e Estátua viva.

⁵ Entre 1963 e 1970, os desfiles de moda apresentados na FENIT (Feira Nacional de Indústria Têxtil) que faziam parte da publicidade Rhodia reuniam, como em um show, artistas de diversos segmentos das artes – como cantores, dançarinos e atores – e um grupo fixo de “manequins”. Foi neste período que a profissão de modelo se consolidou, no Brasil. (Bonadio, 2005)

dramáticas propostas; pode utilizar-se de recursos técnicos para manipular bonecos, títeres e congêneres: pode interpretar sobre a imagem ou voz de outrem; ensaia buscando aliar sua criatividade à do Diretor”.

Ao ator, portanto, é atribuído um nível de especialização mais complexo do que aos modelos e “manequins”.

Embora sejam oficialmente amparadas pelo Sated, os modelos de moda estão, na prática, muito mais próximos do “campo da moda” do que do “campo artístico”: modelos, por exemplo, desfilam em passarelas de eventos que servem à indústria da moda e não em teatros ou circos, salvo exceções, que servem à indústria do entretenimento. Os profissionais que dão suporte às suas atividades, como cabeleireiros, maquiadores, produtores, são especializados naquilo que diz respeito a uma linguagem da moda, e não das artes - ainda que, cada vez mais, aos desfiles de moda sejam acrescentados elementos artísticos por natureza, com a participação de atores, cantores ou de cenógrafos teatrais⁶, ganhando um caráter de espetáculo⁷.

Um dos mais evidentes sinais desta distância pode ser exemplificado pelas recorrentes polêmicas com relação à participação de modelos famosos em novelas, que chegam a ser protagonistas nas tramas. A aparência física parece ser o mais determinante na escolha das modelos, o que provoca reação de atores e atrizes.

" 'Os modelos precisam de características físicas especiais, como serem altos e bonitos e terem dentes e pele perfeita. Não é fácil encontrar atores com tais características. É o mesmo que perguntar porque não escalo um branco para fazer um negro ou um japonês para fazer um alemão", explica Silvio de Abreu. O diretor de *Bang Bang*, Ricardo Waddington, faz coro com Silvio. "Escalo personagens e não atores. Se não possuo um ator

⁶ “Um desfile conceitual, com passarela de terra sobre blocos geométricos de madeira e ferro e música de Arnaldo Antunes. Com a direção de Daniela Thomas, pela terceira vez desde a morte da estilista Maria Cândida Sarmiento, o desfile da Maria Bonita não poderia ter sido diferente.” (“Na passarela-escultura, o desfile-instalação”, *Jornal O Globo*, 12/01/2005, p. 16)

⁷ Bourdieu (2005, p.5) escreve: “There is no area of practice in which the aim of purifying, refining and sublimating primary needs and impulses cannot assert itself, no area in which the stylization of life, that is, the primacy of forms over function, of manner over matter, does not produce the same effects”. A moda se apropria de um discurso da arte (por exemplo, “conceito do desfile”, “criação”, “estilista” são apenas algumas expressões) e “purifica, refina e sublima necessidades primárias”, promovendo a “primazia das formas sobre a função”. Metaforicamente, o vestuário se transforma em obra de arte. “And nothing is more distinctive, more distinguished, than the capacity to confer aesthetic status on objects that are banal or even ‘common’” (Bourdieu, 2002, p. 5)

adequado para determinado papel, pego a pessoa e faço o ator.” (Modelos conquistam espaço como atrizes. Terra Diversão, 4/09/2005)

A profissão de modelo, neste trabalho, será considerada parte do “campo da moda”, e não do “campo das artes”.

2.2 – Um breve histórico

A profissão de modelo, ainda em seus primórdios, nasce juntamente com a alta-costura francesa, em 1850, quando um inglês estabelecido em Paris, Charles Frederic Worth, abre sua primeira *maison* – ateliê de costura - e, em seus salões, exhibe suas roupas às clientes vestindo outras mulheres, que na época eram chamadas de *sosies* (Leitão, 2007; Lipovetsky, 2001; Sabino, 2007c). Paralelamente, surgem os *grands magasins*, que vendiam roupas copiadas da alta-costura depois que os mesmos eram lançados nas *maisons*.

Até o início do século XIX, o Brasil recebia os vestidos franceses originais trazidos por comerciantes portugueses, já que por aqui era proibida sua reprodução. A partir de então, surgia uma incipiente produção nacional, com produtos importados. (Joffily, 1991). Em 1820, lojas francesas se instalaram na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, cidade para a qual, até meados de 1920, convergiram todas as atenções do consumo e da moda. Foi neste contexto que se fundava a primeira boutique do Brasil, a Casa Canadá, em 1928, que inicialmente vendia casacos de pele. Dezoito anos mais tarde, esta mesma loja passaria a comercializar roupas femininas. (Leitão, 2007).

São Paulo ganhou projeção na segunda metade do século XIX, quando a elite do café saiu do campo e passou a habitar a capital. Em 1910, foram inauguradas lojas de moda em São Paulo, como Mappin Store e Casa Alemã, que recebiam coleções diretamente de Paris. Um ano depois, o Teatro Municipal da cidade foi inaugurado e passou a servir de palco para “desfiles de modas e elegâncias” (Leitão, 2007).

Na França do pós-guerra, a profissão de “manequim” começa a despertar o interesse das jovens. (Lipovetsky, 2000) Seria também neste período que a moda no Brasil passaria a existir, em função do desenvolvimento industrial. Em 1944, a Casa Canadá abriu sua loja Canadá Luxo, vendendo roupas criadas aqui, mas ainda com forte influência da França. Em 17 de julho de 1944, aconteceu o que se poderia chamar de

primeiro desfile de moda no Brasil, na Avenida Rio Branco, que veio substituir, então, a Rua do Ouvidor como centro propagador da moda no Rio de Janeiro. (Leitão, 2007)

A partir daí, os desfiles de moda passaram a acontecer a cada seis meses. Inicialmente, eram as moças da sociedade que apresentavam as coleções. Com o sucesso dos Cassinos, também as vedetes passaram a desfilar, o que fez com que as mães das famílias tradicionais não mais permitissem que suas filhas pisassem nas passarelas. (Bonadio, 2004; 2005). Até os anos 1960, a Casa Canadá foi uma das precursoras na contratação de uma equipe fixa de modelos que, no entanto, se limitava a uma exposição fechada e para um público muito seletivo. (Bonadio, 2007)

Nos anos 1950, os salões do Hotel Copacabana Palace foram abertos ao público para assistir aos “concursos de beleza e elegância” promovidos pela tecelagem Bangu. (Leitão, 2007).

O marco da profissionalização da atividade de modelo foi o trabalho do publicitário Lívio Rangan com os “shows-desfiles” da Rhodia, apresentados na Fenit – Feira Nacional da Indústria Têxtil, entre 1963 e 1970, para levar ao consumidor final as vantagens do recém-lançado fio sintético. (Bonadio, 2005; Leitão, 2007; Sabino, 2007b). Um grupo de cinco a sete manequins formavam a “Seleção Rhodia Moda”, entre elas Mila Moreira, Ully Duwe e Mailu - as mais famosas, na época, alçadas à condição de “estrelas”. Estas mulheres eram de famílias de classe média e algumas tinham cursos de nível superior. Com contrato firmado, salário fixo e carteira de trabalho assinada, as manequins da Rhodia foram as primeiras a terem os seus direitos reconhecidos. Além disso, o publicitário colaborou para uma nova imagem da atividade das modelos, tida até então como muito próxima da prostituição, já que mantinha as profissionais sob total controle, preservando uma imagem moralmente balizada pela sociedade. (Bonadio, 2005) Segundo Bonadio (2004), Rangan trouxe dignidade para a profissão, além de especialização, já que havia uma preparação corporal adequada para executá-la.

Logo depois da Rhodia, ainda no início da década de 1970, Rangan implantou na Ducal o mesmo tipo de estratégia do show-desfile. Algumas das manequins permaneceram no grupo e outras ingressaram nesta época, como Dalma Callado. Na segunda metade dos anos 70, Dalma foi a primeira modelo brasileira a fazer sucesso internacional.

As pequenas boutiques começaram a surgir, especialmente nos anos 1970 nas ruas de Ipanema, como negócios de mulheres de camadas médias altas, que nunca

trabalharam e que tinham cultura e bom gosto. Também é neste período que faz sucesso o costureiro Dener, uma das grandes personalidades da moda brasileira, e a estilista Zuzu Angel, primeira a produzir roupas com uma identidade brasileira e a vender sua criação para Nova Iorque.(Leitão, 2007; Joffily, 1991)

Os anos 1980 trazem consigo um vertiginoso crescimento da indústria têxtil brasileira e, com ele, um aprimoramento técnico e profissional no campo. Com a entrada das grifes internacionais, na década seguinte, há uma demanda por maior qualificação. (Leitão, 2007).

Lipovetsky (2000) situa no surgimento da profissionalização da beleza, através das “estrelas” e “manequins”, o momento em que à mulher é permitido ganhar dinheiro em troca de sua aparência física. Especialmente sobre as ‘manequins’, o autor identifica uma “beleza-para-a-moda” que vem subjugar a “beleza-para-o-desejo-masculino”. Desta forma, o principal objeto de sedução é a própria mulher, que passa a ser atraída por sua beleza e por todos os produtos que dela se servem para promover o consumo. As “manequins” trazem em si a “magia da elegância”, beleza chique, superficialidade da moda” (Lipovetsky, 2000, p. 179).

Nos anos 80, as modelos de moda se firmaram como as novas estrelas, exemplos de beleza e elegância. Elas ocuparam um lugar que, aos poucos, deixou de pertencer a atrizes que o cinema e a mídia associavam a uma beleza sagrada. Marlene Dietrich, Greta Garbo e Joan Crawford (Vigarello, 2006; Lipovetsky, 2001), para citar alguns exemplos, eram retratadas como deusas, cuja beleza se colocava inalcançável para a maioria das mulheres. Depois dos 1930, estas grandes divas do cinema deixaram de representar o ideal de beleza, já que, como afirma Lipovetsky (2001), o cinema acompanhou os movimentos do fenômeno da moda, que caminhou historicamente para um processo de democratização. Dietrich, Garbo e Crawford foram humanizadas e suas histórias e segredos de beleza divulgados em revistas femininas da época (Vigarello, 2006). A indústria do *star system*, como diz Lipovetsky (2001), também se modifica juntamente com o desenvolvimento midiático: além das atrizes e atores de Hollywood, cantores e bandas passaram a dividir com eles as capas de revistas e a ditar padrões estéticos e de comportamento. O autor cita, ainda, o esforço por uma mudança na imagem superficial destas estrelas, que se aventuram por outras formas de expressão artística, como a literária, com uma profusão de autobiografias. Neste curso, a indústria da moda acompanha a publicidade, que deixa de recorrer às divas para buscar rostos

mais humanos para seus anúncios. “As estrelas se banalizam”, afirma Lipovetsky (2001, p. 217).

Neste contexto, surgem as *top models*, grandes estrelas dos anos 1990. Linda Evangelista, Cindy Crawford, Cláudia Schiffer, Naomi Campbell e, mais tarde, Kate Moss e Gisele Bündchen são as principais referências no mundo da moda e, também, na indústria das celebridades.

Na passagem para os anos 2000, a moda brasileira começa a ganhar espaço na Europa e Estados Unidos, especialmente com a moda-praia. O início do novo século consolida a moda brasileira com uma explosão midiática nacional e internacional, criando uma cultura de moda no Brasil, com livros especializados no assunto, museus contando sua história, além de, mais recentemente, cursos técnicos e universitários (Leitão, 2007).

Dois eventos, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, passaram a fazer parte de uma agenda anual com o objetivo de fortalecer comercialmente a indústria nacional da moda. O “Calendário Oficial da Moda Brasileira”⁸ foi criado em 1996 e tem no São Paulo Fashion Week o seu principal evento, que acontece semestralmente na Fundação Bienal de São Paulo. Considerado mais importante do que o Fashion Rio, a versão de São Paulo recebe uma maior projeção na mídia nacional.

O primeiro “Fashion Rio – Evento Oficial da Moda Brasileira no Rio de Janeiro” aconteceu em julho de 2002, apresentando em seus desfiles a coleção Primavera/Verão de 2002/2003. O evento já havia sido realizado pelos mesmos organizadores em anos anteriores, com os nomes Semana Leslie de Estilo e Semana Barrashopping de Estilo.

⁸ De acordo com a assessoria de imprensa do São Paulo Fashion Week, o evento vem ganhando prestígio e estrutura internacional: “O Calendário Oficial da Moda Brasileira foi criado em 1996, com o objetivo de unificar os elos da cadeia têxtil nacional e assim fortalecer, profissionalizar e gerar visibilidade para a moda brasileira. Ao concentrar os principais lançamentos do setor, o Calendário oferece estrutura para que fabricantes e designers de moda apresentem suas criações ao mercado.

O São Paulo Fashion Week é o principal evento do Calendário Oficial da Moda Brasileira, que ainda concentra um projeto de apoio a novos estilistas.

O São Paulo Fashion Week acontece semestralmente no prédio da Fundação Bienal de São Paulo, projeto de Oscar Niemeyer, e mostra as principais coleções brasileiras de prêt-à-porter feminino e masculino e moda praia. Nos últimos anos, sagrou-se como o evento de moda mais importante do país, tornando-se referência no mundo todo. Diretores das consagradas semanas de moda de Londres, Milão, Paris e Nova York já visitaram sua estrutura.

Em oito anos, o São Paulo Fashion Week registrou um crescimento de público de ordem superior a 100 por cento, chegando a receber cerca de 75 mil pessoas na sua última edição. A cobertura de mídia dedicada ao evento supera todos os outros acontecimentos do país, exceto o futebol. Em 2001 ela gerou um total estimado de R\$ 100 milhões em mídia espontânea, mais de 2.500 páginas de jornal e revistas e quase 200 horas de TV, entre canais abertos e por assinatura. Em 2003, foram mais de 40 milhões de *pageviews* no site oficial, e a transmissão ao vivo dos desfiles pela Internet também só perde, mais uma vez, para os jogos de Copa do Mundo exibidos pelo mesmo provedor.” – Fonte: www.spfashionweek.com.br, em 11 de fevereiro de 2004.

Dois anos depois da estréia do São Paulo Fashion Week, Gisele Bündchen, aos 18 anos, ganhava a atenção da imprensa mundial e, em pouco tempo, passava a ser considerada a maior *top model* do mundo.

No campo da moda se reúnem ocupações tradicionais, como costureiros, estilistas e modelos, mas também outras mais recentemente incorporadas. São os novos especialistas, tanto da mídia (repórteres de moda, produtores de moda, fotógrafos de moda), como de agências de modelo (*bookers, stylists e scouters*⁹). Na virada dos anos 2000, nos editoriais de moda aparecia a denominação “*fashionista*”:

“*Fashionista* é o habitante deste mundo maluco que é a moda. É o cara que curte moda, que tá sempre ligado nas últimas novidades. Pode ser tanto quem trabalha, como quem tieta também”. (Heloísa Marra, repórter de moda do Jornal o Globo, entrevistada em junho de 2003)

Com a visibilidade que a moda brasileira ganhava internacionalmente, surgia a necessidade de buscar um tipo físico tipicamente brasileiro para representá-la. Movidas por este objetivo, duas das maiores agências do mundo se instalaram no país: a Elite Models, em 1988, e a Ford Models, em 1995. Ambas visavam contratar *new faces* brasileiras, que representavam um tipo de beleza diferente daquele encontrado nos Estados Unidos e na Europa. Também nesta década surgiram importantes agências nacionais, como a Mega Models, inaugurada em 1995. Estas três agências – Elite, Ford e Mega - exercem um importante papel no campo da moda, pois são as principais promotoras dos concursos que, anualmente, selecionam adolescentes por todo o Brasil para serem contratadas como modelos.

Desde a década de 80, as agências Ford e Elite promovem concursos para descobrir novos rostos para integrar o seu “*casting*”¹⁰. Na etapa nacional do concurso de 2004¹¹ promovido pela Ford Models, inscreveram-se cerca de 500 mil candidatas de todo o Brasil, de onde apenas 15 adolescentes foram selecionadas – uma relação de 33.000 candidatas por vaga, aproximadamente. Um ano antes¹², outra agência de igual

⁹ *Booker* – profissional da agência de modelos que agencia os trabalhos a serem feitos, buscando e firmando os contratos. É o agenciador; *Stylist* – expressão que foi incorporada pelo mercado da moda nos anos 90. Refere-se aos profissionais que cumprem com a função de produtores dos desfiles de moda e que criam as “imagens conceituais” agregadas às roupas criadas pelos estilistas; *Scouters* – os “olheiros”, aqueles que buscam *new faces* (novos rostos) nas ruas, shoppings centers e festas da cidade.

¹⁰ “*Casting*”: equipe de modelos de uma agência.

¹¹ Fazedora de Estrelas, *idem*.

¹² Vestibular da Fama. Revista Época. Editora Globo, 29/12/2003, p. 62.

porte, a Mega Model, selecionou 30 finalistas em meio a 850 mil concorrentes – relação de 28.000 candidatas por vaga. Em 2005¹³, a vencedora da etapa mundial do concurso *Ford Supermodel of the World* foi, pela primeira vez, uma brasileira – Camila Finn, de 13 anos, que disputou o título com outras 44 adolescentes e que ganhou, como prêmio, US\$ 250 mil em contratos. O país passou a ser considerado, internacionalmente, o celeiro das mais belas modelos do mundo.

No mercado de agências de modelos, há critérios bastante rígidos com relação à aparência física. Pascolato & Lacombe (2003) definem o “padrão atual”:

“normalmente, uma modelo tem 1,70 metro ou mais e pesa entre 15 e 20 quilos a menos do que sua altura. Por exemplo, se você tem 1,75 metro, deve pesar cerca de 55 quilos.” (p.35).

Este padrão de peso e altura é o utilizado em todo o mundo, inclusive no Brasil, país onde se lançam as mais jovens modelos: enquanto na Europa e nos Estados Unidos a média de idade das iniciantes é de 16 e 17 anos, aqui ela cai para 13 anos¹⁴.

Os milionários cachês das *top models* e a forma *glamourosa* como a profissão passou a ser retratada pela mídia influenciou o imaginário das adolescentes brasileiras. Os casos de sucesso e ascensão social rápida mais divulgados na mídia são os que dizem respeito a adolescentes pertencentes às camadas baixas, descobertas nos subúrbios das grandes cidades ou no interior por *scouters*. Internacionalmente, as brasileiras mais requisitadas para desfiles e campanhas publicitárias são Adriana Lima, Ana Claudia Michels, Caroline Ribeiro, Raica de Oliveira, Raquel Zimmerman, entre outras. Mas é Gisele Bündchen, há dez anos, a maior referência. Ela representa o padrão “dominante” (Bourdieu, 2002) no campo da moda. Seu sucesso abriu portas para as adolescentes brasileiras, que passaram a investir, desde cedo, na carreira de modelo.

A partir desta breve abordagem histórica, pode-se sugerir que a consolidação da profissão de modelo e, de forma mais ampla, do campo da moda, ainda está em curso. No Brasil, somente nos anos 1970 criou-se uma identidade nacional para a moda, com as criações de Zuzu Angel e de Dener. Mundialmente, apenas nos anos 1980 a profissão de modelo ganhou visibilidade na mídia e passou a ser valorizada por adolescentes e jovens, predominantemente do sexo feminino. Ao longo das últimas três décadas, o

¹³ Brasileira vence concurso da Ford em Nova York. Jornal O Globo, 14 de janeiro de 2005, p. 21.

¹⁴ Fazedora de Estrelas. Revista Época. Editora Globo, 8/11/2004, p. 89.

campo da moda vem criando suas regras. Dentro deste contexto, a profissão de modelo ainda busca algumas bases, como um referencial de valores e crenças, que vêm se reproduzindo a partir de um discurso ainda impreciso dos profissionais do campo da moda – estilistas, produtores, agenciadores, jornalistas, fotógrafos – que determinam onde reside o talento de uma modelo, atribuindo-o a uma dada “personalidade” única.

No últimos vinte anos, surgiram nas principais capitais do Brasil cursos de modelo e manequim, cuja proposta é oferecer aulas de especialização e profissionalização para crianças, adolescentes e jovens. Analisar os valores, crenças, regras e técnicas ensinados nestes cursos foi a forma que encontrei para tentar compreender um pouco mais sobre o campo da moda e a profissão de modelo no país.

CAPÍTULO 3 – O PROJETO LENTE DOS SONHOS E A CIDADE DE DEUS

3.1 – Um primeiro olhar pela Lente dos Sonhos

“Neste mundo que perde seu encanto a passos largos, na descrença bastante generalizada de seus governantes, os pobres da Cidade de Deus lá ficaram a lutar para manter a esperança”.

Alba Zaluar

No ano de 2002, já com a intenção de realizar uma pesquisa sobre a carreira de modelo profissional no Brasil, busquei, na Internet, referências que pudessem me levar a algum projeto social ligado a este universo. Rapidamente, cheguei até o site Beleza Pura, ligado à ONG (Organização Não Governamental) Viva Favela, que desenvolve projetos dirigidos para as diversas comunidades pobres do Rio de Janeiro. Através de notas jornalísticas neste site, descobri o telefone de uma jornalista que, por sua vez, forneceu-me o telefone do fotógrafo Tony Barros. Liguei para Tony somente em 2005, quando, iniciei efetivamente a minha pesquisa de campo.

O primeiro contato pessoal com Tony Barros foi cercado de apreensão e ansiedade, já que as únicas referências que tinha da Cidade de Deus eram de violência e tráfico de drogas. Tentei me libertar dos inúmeros preconceitos desde que decidi realizar a pesquisa no lugar, o que só consegui depois de muitas imersões no campo. Mais tarde, lendo etnografias realizadas por outros antropólogos (Zaluar, 2002; Kuschnir, 2003)¹⁵, desvencilhei-me de uma enorme culpa ao ser convencida de que não fui a única a enfrentar dificuldades no trabalho de campo.

Minhas primeiras notas de campo registram bem estes sentimentos de medo e ansiedade:

“Cidade de Deus: um lugar emblemático da violência do Rio de Janeiro, cenário de filme nacional com projeção internacional, e hoje meu destino. No carro, a caminho de lá, tentava antecipar o que poderia encontrar, procurando afastar de minha mente tudo o que conhecia por ler ou ver no cinema e na televisão. O endereço era menos misterioso

¹⁵ Zaluar (2002, p. 10) descreve sua chegada à Cidade de Deus: “A sensação mais forte que tive naquele momento foi de medo. Não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais que apresentavam os habitantes daquele local como definitivamente perdidos do convívio social, como perigosos criminosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxicos, etc.”

do que todo o resto, pois já havia passado inúmeras vezes por ele, sem me dar conta de que, um dia, deveria tomá-lo como ponto de chegada: av. Edgard Werneck, 1748, Projeto Lente dos Sonhos. Estacionei, atravessei a rua, respirei fundo e entrei no lugar simples e modesto, repartido entre consultórios dentários e o Lente dos Sonhos. Subindo uma estreita escada que me levou ao segundo andar da casa, encontrei algumas salas vazias, esperando recursos para se transformarem em estúdio fotográfico, centrais de computadores, ateliê de costura e agência de modelos. Sonhos em vias de realização, graças à dedicação de Tony Barros.

Quando entrei em sua sala, Tony Barros estava me esperando, aparentemente ansioso. Apresentações feitas, expliquei rapidamente minhas intenções acadêmicas e, em resposta, ouvi um pouco da história, dos objetivos, das dificuldades e das conquistas de Tony Barros à frente do projeto.

Depois de muito conversar e ver algumas fotos, fui convidada a dar uma volta pelas ruelas da Cidade de Deus. Tony Barros diz que acha isso importante, pois as pessoas pensam que a Cidade de Deus é um lugar horrível, violento e passear por ali ajuda a afastar esta imagem. O fotógrafo afirma que a Cidade de Deus ‘é um lugar com problemas que a cidade do Rio de Janeiro tem por toda parte’. Andando com Tony Barros pelo lugar, tranqüilizei-me quanto aos temores que tentei evitar a todo custo, pois o que vi foram trabalhadores, crianças, mulheres e comerciantes levando seu dia-a-dia. Enquanto o fotógrafo me levava para conhecer uma parte da Cidade de Deus mais carente, ribeirinha, cruzamos com um carro branco, com quatro ou cinco homens, que circulava com as portas semi-abertas, em situação de alerta. Tony Barros esclareceu: ‘olha a polícia’. Ele disse que a violência por lá é muito localizada e que a polícia não ‘tinha muito trabalho’ por ali.

Tony Barros é bastante conhecido, ao longo do trajeto recebia os cumprimentos de ex-alunas que prometiam voltar a freqüentar o curso, homens e mulheres do lugar. Voltando para o escritório, Tony Barros fez questão de me apresentar a um homem, dono de um ponto de

‘moto-táxi’, motociclistas que levam e trazem pessoas dentro da comunidade. Segundo ele, os ‘moto-táxis’ são os melhores informantes sobre o que acontece por ali, ‘do outro lado’, dizendo se ‘dá pra ir lá’ ou não.

De volta ao escritório, Tony Barros entregou-me um CD com diversas informações sobre o projeto e marcamos de nos encontrar na próxima quarta-feira (daqui a dois dias) para que eu possa assistir à primeira aula e iniciar a minha observação participante. Ele fez questão de me dizer que, durante todo o tempo em que eu permanecer pelo lugar, serei acompanhada por alguém do Lente dos Sonhos”.¹⁶

Nestas primeiras observações, destaco três informações importantes: em primeiro lugar, revelam-se representações sociais sobre a Cidade de Deus - até mesmo eu, que me esforçava em abandonar qualquer idéia pré-estabelecida sobre o lugar, sofria com o temor de uma aproximação com uma realidade violenta. Em um segundo momento, a preocupação do fotógrafo em me levar para andar pelas ruas do bairro demonstra que há um esforço por parte de seus moradores em desfazer esta imagem. Por fim, o encontro casual com uma polícia à paisana anuncia que a violência, embora não deflagrada, é presente na rotina daqueles que residem na Cidade de Deus.

O Projeto Lente dos Sonhos foi criado e é dirigido pelo fotógrafo Tony Barros, então com 40 anos, nascido e residente até hoje na Cidade de Deus. Em 2005, ainda alojado em um precário escritório localizado na principal avenida que corta o bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro¹⁷, Tony Barros tenta concretizar os seus objetivos de oferecer uma atividade que é, segundo ele, prioritariamente educativa para as crianças e adolescentes da comunidade.

Na época, o fotógrafo fazia parte da equipe jornalística de um portal da Internet chamado Beleza Pura, dirigido a mulheres que moram em favelas da cidade. Este site é ligado à ONG Viva Rio, mais diretamente a um subprojeto chamado Viva Favela. O Lente dos Sonhos, como é chamado o projeto da Cidade de Deus, nasceu em 2002, quando Tony Barros decidiu fazer um ensaio fotográfico com duas adolescentes, Gisele

¹⁶ Notas registradas no dia 14 de março de 2005.

¹⁷ Em 2005, o fotógrafo foi obrigado a retirar-se deste endereço e passou a trabalhar em sua residência. A ONG Viva Rio cedeu para o Projeto um espaço em sua sede, na Glória, onde passaram a ser dadas aulas para adolescentes de outros bairros da cidade. Com a mudança na direção da ONG em 2006, Tony Barros transferiu seu estúdio para uma ilha na Barra da Tijuca, de onde também gerencia as atividades do Lente dos Sonhos.

Guimarães e Ludmyla, ambas, na época, com 17 anos e moradoras do lugar. Esta série de fotografias utilizava a favela em que os três moravam como cenário de fundo. Mostrando este material para uma jornalista do Beleza Pura, ele foi encorajado a apresentá-lo à sua chefe no portal. As fotografias entraram no site e participaram de uma exposição. Em seguida, Tony Barros foi incentivado a fazer um outro ensaio fotográfico, desta vez alusivo ao Dia dos Namorados. Naquele mesmo ano, as imagens ganharam as páginas de dois jornais da cidade, O Dia e Extra. Tony Barros decidiu colocar em prática um desejo de dez anos e fundou, então, o Projeto Lente dos Sonhos.

Inicialmente, juntaram-se ao fotógrafo uma artista plástica, um professor de dança, um professor de teatro e as duas modelos fotografadas no primeiro ensaio. O objetivo era oferecer, na Escola de Moda, como ele gosta de chamar, cursos para crianças e adolescentes, através dos quais os alunos poderiam não apenas se profissionalizar, mas serem afastados do ambiente hostil de violência da Cidade de Deus e resgatar sua auto-estima. Em pouco tempo, passou a contar apenas com Gisele Guimarães, na época com 20 anos, que se tornou a coordenadora do curso de modelo. Mais tarde, em 2005, juntou-se à equipe do fotógrafo uma adolescente então com 13 anos, moradora do bairro vizinho de Curicica, que também passou a dar aulas.

O objetivo do Projeto Lente dos Sonhos era o de se tornar uma ONG, o que não se realizou, pelo menos até o ano de 2007, por questões burocráticas, já que o processo de registro da empresa não teve andamento, apesar do apoio de um advogado amigo de Tony Barros. Em função disso, tornava-se inviável receber o apoio financeiro prometido por algumas de empresas de Jacarepaguá.

As aulas do curso de modelo aconteciam três vezes por semana, às quartas, sextas e sábados: de manhã, das dez horas ao meio-dia, no CSU – Centro Social Urbano, um espaço do governo administrado pela Fundação Leão XIII, localizado atrás de um conjunto residencial que os moradores chamam de AP; de tarde, das duas horas às quatro horas, as aulas eram dadas em uma Igreja Anglicana bem próxima do escritório, apelidada de Episcopal. Atualmente, as aulas ocorrem apenas no Centro Social Urbano, depois de terem sido impedidas pela então diretoria, por quase um ano.

As salas são pequenas e não têm nenhuma infra-estrutura especial para o curso. Os alunos não pagam mensalidade. Também o escritório onde funciona a sede do Lente dos Sonhos era bastante precário. Ele ficava no andar de cima de um pequeno prédio de dois pavimentos, compartilhando o endereço com dentistas e com uma cooperativa que oferecia equipes de limpeza a empresas da região. Pertencentes a Tony Barros, apenas

um computador, uma mesa, uma cadeira e um estúdio fotográfico, também sem nenhum recurso especial, onde ele guardava seus equipamentos e tirava fotografias de aspirantes a modelos, de crianças e de famílias do bairro. O fotógrafo pagava as despesas do escritório, entre elas aluguel, telefone e luz, com o que ganhava em seus trabalhos. Em 2006, Tony Barros passou a centralizar as atividades do Projeto Lente dos Sonhos em um escritório localizado na Barra da Tijuca, cedido por um casal amigo de Gisele Guimarães. O agenciamento de modelos ligados ao projeto não rende quase nada, já que, na maioria das vezes, os desfiles e as sessões de fotografias feitos por outros fotógrafos, em geral estrangeiros, não são remunerados.

Tony Barros disse que a projeção do Lente dos Sonhos é maior fora do Brasil, o que atrai americanos, canadenses e europeus, que usam a favela e os moradores, entre eles crianças e jovens, para ilustrar revistas sofisticadas, de moda ou de fotografia.

Pesquisando em 112 fichas de inscrição que me foram disponibilizadas, cheguei a alguns números que mostram, embora sem nenhum rigor estatístico¹⁸, o perfil dos alunos do curso de modelo: 88,39% são do sexo feminino e 11,61%, do sexo masculino. A idade média é de 14 anos, sendo que 83,60% estão na faixa que vai dos 10 aos 22 anos e 28,57%, dos 13 aos 15 anos. Entre os de sexo masculino, a idade varia de 13 a 21 anos. Sobre a profissão das mães dos alunos, destaca-se, com 10,71%, a de empregada doméstica. Outras 16,07% são donas-de-casa. As 73,83% restantes dividem-se em atividades diversas, declarando-se faxineiras, vendedoras, autônomas, entre outras.

Ao serem solicitados a descrever sua “cor de pele”, 30,35% se auto-declararam “morenas”; 26,78% responderam “branca” e 20,53% escreveram “negra”.

Além do curso de modelo, 21,43% fazem ou já fizeram curso de informática, 10,71% de Inglês e 8,93% de dança.

Das formas como tomaram conhecimento do Lente dos Sonhos, 32,14% foram através de amigos e 9,82% diretamente a partir de Tony Barros. Entre os pesquisados, 12,5% afirmaram que já tinham experiência anterior como modelo.

Sabe-se que apenas um pequeno número de alunos, que é impossível de mensurar a partir das fichas mal preenchidas, mora em outros bairros, fora da Cidade de Deus. Ainda assim, quando indagados sobre o bairro em que residiam, 62,70%

¹⁸ Tony Barros diz que a grande dificuldade é manter os jovens ligados por muito tempo ao projeto, ao que ele atribui ao grande número de atividades sociais oferecidas no lugar, dispersando o interesse dos jovens. Em geral, eles entram e saem, fazendo com que, por vezes, o curso para modelo tenha 100 inscritas e, depois, não mais que 20. De acordo com ele, o motivo é que as alunas gostam de “passar por experiências”, sem se fixar a nenhuma por muito tempo.

responderam “Jacarepaguá” e apenas 11,61% disseram ser moradores da Cidade de Deus.

A administração do escritório do projeto não tinha um responsável direto, por isso, muitas fichas estavam incompletas. Mesmo assim, os resultados que encontrei traçam um retrato do que vi nas aulas que acompanhei, embora a turma da manhã fosse composta por meninas de 11 ou 12 anos, mais jovens, portanto, do que a média de idade revelada pelas fichas. Outro fato que vale observar e que não está evidente em nenhum registro do projeto é que não havia uma frequência assídua das alunas. Isto se devia, em parte, às ondas de violência que invadiam e ainda invadem a Cidade de Deus. As mães, temerosas, preferiam que as filhas não saíssem de casa, nem mesmo para ir à escola. Havia, por outro lado, uma falta de cobrança por parte da professora – não havia uma lista de chamada, não havia reprovação e nem repreensões, no caso de ausência. Por isso, era comum alunas deixarem de ir a muitas aulas para retornarem tempos depois.

No final de maio de 2005, uma equipe de televisão do canal SBT fez uma matéria na Episcopal. Eu acompanhei e até colaborei na produção. Neste dia, era incontável o número de alunos presentes, todos com a camiseta do projeto, o que não ocorria nas aulas – sem uniforme, o traje comum das alunas era *short*, mini-blusa e chinelo. Nas filmagens, improvisou-se uma passarela onde aconteciam as aulas e, na sala ao lado, as meninas maquiavam-se e penteavam-se, ansiosas. A equipe de produção destacou uma das professoras, Ml., e uma aluna que mora no Cantagalo, que foram, segundo eles, os “personagens” da matéria. O objetivo era mostrar como adolescentes que “amam a moda” se sacrificam para ir ao curso, conciliando esta atividade com seu trabalho. Além destas imagens captadas na Episcopal, participaram do programa do apresentador Gugu Liberato, Domingo Legal, no dia 29 de maio de 2005, estas duas adolescentes, além de Gisele Guimarães e o próprio Tony Barros. A matéria jornalística ocupou um bloco inteiro do programa e exibiu, em sua abertura, tomadas da favela. Em seguida, foram mostradas imagens do desfile improvisado na Episcopal e, por fim, um desfile ao vivo, durante o programa. Segundo Tony Barros, a repercussão foi muito grande e alguns convites, inclusive para aulas fora do estado, surgiram a partir desta exibição.

A negociação para que eu pudesse realizar minha pesquisa dentro do Projeto Lente dos Sonhos estabeleceu-se sem dificuldades. Minha graduação em Comunicação Social e a experiência profissional pregressa como publicitária foram recebidas com entusiasmo por Tony Barros, que passou a me apresentar como sua “assessora de

imprensa”. Realizei alguns trabalhos, como redação de cartas, contato com jornalistas e tornei-me, para o fotógrafo, uma conselheira em suas decisões comerciais. O vínculo que se estabeleceu entre nós foi importante para que, rapidamente, eu pudesse ter acesso a informações sobre o projeto e a participar dos problemas internos, sempre pessoais, que aconteciam entre professores, alunos e o fotógrafo.

O mesmo aconteceu com Gisele Guimarães, então com 20 anos, professora do curso de modelo, que passou a me considerar alguém de confiança.

3.2 - A Cidade de Deus

Na última década de sessenta, o então Estado da Guanabara iniciou um processo de remoção da população residente de favelas¹⁹, que já se espalhavam pela capital, para conjuntos habitacionais construídos para este fim em “áreas rurais” distantes da “área central”. Assim surgiram, por exemplo, a Vila Kennedy e a Aliança. Foi no governo de Carlos Lacerda que se deram estas transferências, dividindo as opiniões entre aqueles que defendiam esta ação em nome do desenvolvimento da área urbana da cidade e entre aqueles que se indignavam com o desrespeito aos direitos de escolha das famílias removidas.

A Cidade de Deus era um conjunto habitacional destinado a funcionários públicos. Seria uma “cidade-modelo” e seu projeto visava povoar Jacarepaguá, uma região ainda pouco habitada na Zona Oeste da cidade.

Em 1966, já no governo Negrão de Lima, um temporal causou enchentes que deixaram suas marcas por todos os bairros e, principalmente nas favelas, desabrigou milhares de pessoas. A Cidade de Deus, neste momento ainda em fase final de construção, tornou-se, então, uma alternativa para a ocupação daquelas famílias que haviam perdido, com as chuvas, suas casas e seus pertences. Formava-se uma comunidade composta por indivíduos que viviam em 63 favelas da cidade²⁰. Era uma população fragmentada social e culturalmente. O Instituto Pereira Passos contabilizou mais de 38.000 moradores vivendo em 120,58 hectares, de acordo com dados de 2000.²¹

¹⁹ Esta política de remoção tem sua origem vinte anos antes, quando as favelas eram consideradas “aberrações urbanas” e não faziam parte do mapa da cidade. Com a especulação imobiliária, que teve seu auge nos anos 60, pôs-se em prática o Plano de Habitação Popular, financiado pelo governo americano. (Favela tem Memória - www.favelatemmemoria.com.br - “Fantasma exorcizado”, 25/03/2003)

²⁰ Favela tem Memória, *idem*.

²¹ Jornal O Globo. “Cidade de Deus na mira dos milicianos”, 20/03/2005, p. 19.

Com o passar dos anos, o tráfico de drogas, egresso das favelas que ali se instalaram, passou a atuar na Cidade de Deus. Iniciou-se, então, uma batalha territorial travada por facções rivais, que buscavam dominar o fornecimento de drogas para a cidade. A Cidade de Deus, nos anos 1980 e 1990, passou a ser um símbolo da violência carioca.

Primeiro pelo livro do antropólogo Paulo Lins (2003) e, em 2002, pelo filme nele inspirado e dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, a Cidade de Deus teve os meandros do tráfico retratados de maneira realista. No cinema, os personagens foram interpretados, em sua maioria, por jovens moradores da comunidade, que participaram de oficinas de teatro antes das filmagens e de onde foram selecionados para participar do filme. O grande sucesso de bilheteria, dentro e fora do Brasil, e a exibição bem sucedida do longa-metragem em festivais de cinema reforçaram, ainda mais, a imagem negativa do lugar. Por outro lado, chamou a atenção do mundo para o espetáculo exótico da violência em favelas do Rio de Janeiro. Se, no passado, a Cidade de Deus vivia isolada e sobrevivia às consequências da disputa pelo tráfico, a partir do filme esta realidade mudou: passaram a chegar até o bairro antropólogos e sociólogos, mas especialmente jornalistas e fotógrafos do mundo inteiro, interessados em registrar a “rotina” dos moradores.

Nos primeiros meses de 2005, que coincidem com a minha permanência no lugar como pesquisadora, os moradores da Cidade de Deus viviam momentos de angústia e assistiam a assassinatos e tiroteios motivados pela disputa que se estabelecia entre a “Mineira”, como é chamada a milícia de ex-policiais que atuam por favelas exterminando bandidos e assumindo a segurança da região, e a própria polícia militar. Em Jacarepaguá, a Cidade de Deus era a única favela que ainda estava sob o domínio do tráfico.²²

Conversando com os moradores, percebi a rejeição à entrada da polícia “Mineira”, pois, segundo eles, estes policiais também eram corruptos, já que financiados pelos comerciantes e empresários da região. Diziam, além disso, que eles cerceiam a liberdade, dando toque de recolher às 10 horas da noite. Para quem vive na Cidade de Deus, os bandidos só fazem mal a eles próprios, respeitando a população trabalhadora, as mulheres e as crianças, que, muitas vezes, dão cobertura para bandidos em fuga, em suas próprias casas:

²² *Idem.*

“Apesar do que, o pessoal da comunidade, os ‘envolvidos’, como dizem, não se metem com os moradores, é um lugar que você pode andar tranquilo, você pode andar à vontade. Se me disser, tem bandido aqui na sua rua, eu digo que não tem, porque não vão te fazer mal. Se você chegar lá e pedir informação a qualquer um deles, eles é capaz de te levar você no lugar que você tem que ir, não faz nada com o morador. Então, em termos de violência, é assim, quando entra polícia, tem troca de tiro, e acaba assim uma pessoa atingida. Não é assim que eles vai pegar uma criança e vai estrupar, não é isso, tá entendendo? Porque às vezes eles fala assim, ah, é violência, eles pega a criancinha e mata, pega pai de família e mata, pega criança e estrupa, isso não acontece. Se acontece, às vezes quando calha de acontecer, ou é alguém que trai na localidade, ou entre eles mesmos, vingança, entendeu? Mas, em relação à criança, eles não fazem.” (Mãe M.).

Os residentes do bairro disseram que a polícia era culpada pelos tiroteios que invadiam as noites e madrugadas, e que sua atuação era violenta, fazendo vítimas inocentes, como homens trabalhadores, rapazes e adolescentes, que muitas vezes eram agredidos ao serem revistados ou até mesmo mortos por balas perdidas.

No Projeto Lente dos Sonhos, a mesma opinião era compartilhada por Tony Barros, pela professora Gisele e pelas alunas. Antes das aulas, a conversa entre as crianças e adolescentes, invariavelmente, tinha como tema o tiroteio da noite anterior. Elas falavam, animada e descontraidamente, sobre a noite mal dormida e sobre os tipos de armas que viam nas ruas. Reconheciam os barulhos dos tiros e explosões, falando que ouviram granadas ou comentando sobre a R-15 que um “envolvido”²³ estava usando quando elas passavam pela rua. Achavam divertido e, naturalmente, riam dos relatos umas das outras, ao perceberem que as colegas também ficaram sem dormir por causa do barulho, embora confessassem que sentiram medo. Divertiram-se, também, quando eu perguntei se isso não as assustava. Gisele, então, respondeu: “Linda, vida em favela é assim. A gente acostuma...”.

Por diversas vezes, ao entrar de carro pelo conjunto residencial de apartamentos (AP), juntamente com a professora, em direção ao lugar onde se realizavam as aulas, o

²³ “Envolvido” é a expressão que se usa para designar todos aqueles que participam das atividades do tráfico.

Centro Social Urbano (CSU), fui obrigada a fazer manobras difíceis para desviar dos blocos de concreto, pedras e até sofás velhos colocados propositalmente no meio da rua pelos bandidos, impedindo a entrada de viaturas da polícia.

É curioso perceber como se dá a adaptação dos moradores da Cidade de Deus a uma realidade que, embora incorporada em suas vidas, os assusta, a ponto de proibirem seus filhos de irem à escola em dias mais “estranhos”. Andando pelas ruas do bairro, a sensação é a de que a vida segue com normalidade, mas, ao parar para conversar com alguém, o tiroteio, o assassinato, a polícia ou o bandido entram em algum momento da conversa. A repetição das histórias, a identidade edificada a partir do medo compartilhado e a recusa em aceitar esta realidade criam, pelo menos entre as alunas do Lente dos Sonhos, um forte desejo de sair de lá e viver em outro lugar.

A convivência imposta pelo governo nos anos 1960, que compulsoriamente transferiu os desabrigados das chuvas de diversas favelas para a Cidade de Deus, teve suas conseqüências. O sofrimento dos removidos na época foi herdado pelas gerações posteriores, que carregam um sentimento, segundo uma das moradoras, de “recalque”.

“Eu sempre morei aqui. [nasceu aqui?] Não, eu morava lá na Praia do Pinto, no Leblon, né? Na favela lá na Praia do Pinto. Aí tiraram lá, tudo, e mandaram a gente pra cá. Eu vim com meus pais e oito irmão que eu tinha, perdi um irmão com 33 anos, com Aids, aí depois eu perdi minha mãe, tem 19 anos que minha mãe faleceu, meu irmão deve ter uns quinze anos, meu pai deve ter uns 18 anos. Eu vim pra cá eu tinha 15 anos. [como foi?] Olha, pra mim foi triste. Por ter saído de lá, eu gostava de lá. Porque lá a gente não via a violência que tem aqui agora, né?”. (Mãe L.)

De acordo com uma matéria publicada em um site dedicado à memória das favelas²⁴, a grande distância entre a Zona Oeste e a parte central da cidade era motivo de descontentamento: os moradores, acreditando que a nova vida em apartamentos construídos no subúrbio traria benefícios, depararam com a falta de infra-estrutura e o isolamento da Cidade de Deus, o que fez com que muitas pessoas, em pouco tempo, retornassem a viver em favelas da Zona Sul.

²⁴ Favela tem memória, *idem*.

Quando realizei a pesquisa, percebi um sentimento de inquietude entre os residentes e o lugar. O fato de terem chegado, indiretamente, até ali por pressão e imposição do governo é algo que faz parte da história das famílias. Naquele momento, o que os incomodava era a violência e, mais ainda, a má fama que o bairro conquistou por causa dela.

CAPÍTULO 4 - GISELE DA FAVELA: UM ESTUDO DE CASO

Gisele Guimarães é a “Gisele da Favela”. Por ser homônima da maior modelo da atualidade, as referências a Gisele Bündchen são recorrentes e quase inevitáveis. A associação com a favela, porém, é muito maior do que o apelido – é, na verdade, uma identidade – e se torna uma informação que pode ser por ela manipulada, ora escondida, ora revelada. Por estes caminhos duplos, as passarelas que vem percorrendo em busca de seus sonhos são também bifurcadas – de um lado, levam à Cidade de Deus e, do outro, ao “mundo da moda”.

O objetivo deste capítulo é demonstrar, a partir da trajetória de Gisele Guimarães, que a transformação do corpo caminha junto com a mudança das maneiras e dos hábitos. Há estratégias na busca por um “corpo distintivo” (Ramos & Goldenberg, 2002) que estão estreitamente associadas à incorporação de modos também distintivos. Segundo Bourdieu (2002) estes modos distintivos são “marcações sociais dominantes” que dizem respeito ao “refinamento dos modos”. Especificamente com relação às camadas mais baixas, a incorporação deste *habitus* obriga, muitas vezes, a um rompimento – ainda que aparente - com as origens sociais e as “condições de classe” que as caracterizam.

“Trajetória de vida”, para Bourdieu (1996), é a história de vida analisada em um contexto social e situada neste contexto a partir de comparações com outras trajetórias. Com entrevistas que revelam a visão de mundo daqueles que, como Gisele Guimarães, vivem na Cidade de Deus, a história de sua família, de seus pais e irmãos, as opiniões de suas alunas, a avaliação de um profissional do mercado, o ponto de vista de uma ex-professora de escola, além de depoimentos da própria Gisele, busquei compreender os fatores que contribuíram para seus investimentos na carreira de modelo de moda, assim como os capitais que foram fundamentais para este campo.

Analisando matérias jornalísticas divulgadas sobre Gisele Guimarães e o Projeto Lente dos Sonhos em três mídias - televisão, jornal e revista -, procurarei descrever o discurso socialmente constituído em torno da profissão e, no seu caso, da “beleza” nas camadas baixas.

Pode-se pensar que Gisele Guimarães pertence a uma “classe de condições de existência” (Bourdieu, 2002, p. 246) cujas escolhas se limitam às necessidades primárias, opondo-se à liberdade de escolha de classes hierarquicamente superiores no espaço social e cujo *habitus* produz estilos de vida que privilegiam a discrição, o luxo, a

exclusividade e o refinamento. Frente à de outros modelos de moda da atualidade, a trajetória de Gisele revela seu pertencimento ao lado “dominado” do campo da moda. Para que a análise comparativa (Bourdieu, 1996) seja profícua, é interessante considerar a trajetória de uma profissional que já esteja estabelecida no campo, que seja uma “produtora” de “gostos”; que, enfim, ocupe a confortável posição de “dominante”.

Ao tomar a decisão que, metodologicamente, poderia contribuir de forma mais plena para o desenvolvimento desta análise, privilegiei a trajetória de Gisele Bündchen. Mas, a critério de comparação, também faço referência ao exemplo de Dalma Callado, modelo de grande projeção internacional na década de 1980. Considerando a indiscutível importância da brasileira Gisele Bündchen, atualmente a maior *top model* do mundo, preferi, contudo, não utilizar exclusivamente a sua trajetória como contraponto metodológico. Cabem, aqui, algumas justificativas.

O contraste entre Gisele Guimarães e Gisele Bündchen – que ganha um caráter curioso diante da coincidência dos prenomes das modelos – parece bastante óbvio: a primeira tem origem pobre e é considerada um “tipo brasileiro”, a típica “morena-jambo”; a segunda nasceu em uma família de classe média do Sul do Brasil, celeiro das modelos de moda, tendo herdado de sua ascendência alemã e anglo-saxônica os olhos azuis, além dos cabelos naturalmente alourados. Gisele Guimarães, até os 22 anos, só havia ganhado um cachê de R\$ 400,00 por um desfile; Gisele Bündchen, aos 27, acumulou, em 12 meses, uma fortuna de 33 milhões de dólares, o que a faz a *top model* mais bem paga do mundo.²⁵

Em Dalma Callado, ao contrário, encontrei vários elementos comuns com Gisele Guimarães: o tipo físico é o mais evidente, além da origem familiar menos privilegiada e das dificuldades de ingresso na profissão de modelo. Há, ainda, aspectos sociais que evidenciam a importância da manipulação das informações e dos capitais na busca por posições mais elevadas no campo da moda.

O contraponto com Gisele Bündchen conduz a discussão para uma comparação evidente, enquanto o contraponto com Dalma Callado parece também interessante, pois permite discutir uma questão que julgo pertinente ao objetivo principal deste trabalho, qual seja, refletir sobre a importância do capital físico em nossa sociedade, associando a ele atributos que, entre outros, agregam valores relacionados ao refinamento dos gestos e ao controle dos movimentos do corpo.

²⁵ De acordo com a lista da Forbes, em julho de 2007. Fonte: www.forbes.com

O que chama atenção, na trajetória de Gisele Guimarães, é o processo de transformação que caracteriza a sua busca por sinais distintivos, tão importantes para a delimitação de seu espaço no mundo da moda. Da infância rebelde à juventude exemplar, Gisele erigiu novas bases para a construção de uma identidade – uma outra identidade – alternativa, inventada e re-significada, à revelia do que a ela parecia estar destinado, tendo nascido e crescido na Cidade de Deus.

Em “Toda mulher é meio Leila Diniz”, Mirian Goldenberg traça a trajetória da atriz a partir de depoimentos de familiares e de biografias - dois livros, um filme e dois vídeos – feitas por admiradores, amigos pessoais e uma fã de Leila. A exemplo de Goldenberg (1996), também faço uso de entrevistas com a mãe (Vera), uma professora (C.) e alunas de Gisele Guimarães, com o *booker* (L.L.) de uma agência de modelos, além de reportagens jornalísticas, uma delas um documentário de 12 minutos, produzido e divulgado pela televisão francesa M6. A modelo Dalma Callado também foi entrevistada e, sobre ela, analiso três referências: o livro da jornalista de moda Lílian Pacce, “Pelo mundo da moda”, e duas matérias publicadas em jornais do Rio de Janeiro – O Globo e O Dia. Sobre Gisele Bündchen, busquei dados biográficos no livro de Pacce (2007) e em diversas matérias jornalísticas publicadas pela mídia ao longo de sua carreira.

4.1 – O Estudo de Caso

O Projeto Lente dos Sonhos, desde o início da pesquisa, ocupou um espaço fundamental na construção das hipóteses e das discussões que ora se apresentam. Seja pela natureza social de sua proposta, seja pelo rico material de investigação que proporciona para os objetivos deste trabalho, tudo neste projeto despertou em mim um enorme interesse e, por vezes, perplexidade diante de cada descoberta.

Na medida em que me aproximava do Projeto Lente dos Sonhos e, conseqüentemente, da Cidade de Deus, diversas pessoas se tornaram potenciais informantes pelo papel que representavam dentro do grupo: o idealizador Tony Barros, a professora Gisele Guimarães, as alunas (as “alinhas” e as “desalinhas”), suas mães, entre outros. Tony e Gisele eram companhias constantes ao meu lado, como os tradicionais “nativos” que se tornam fundamentais para a imersão no campo e a “observação participante” (Malinowski, 1978). De olhos e ouvidos atentos a tudo o que

diziam, quando ainda dava os primeiros passos no campo, estava longe de perceber o quanto seriam fundamentais em minha pesquisa.

Gisele Guimarães revelou-se muito mais do que uma mera informante. A partir de seus depoimentos, foi possível compreender as diversas representações que ali reproduziam, traduziam e re-significavam a profissão de modelo de moda. Com o passar dos meses, percebi que havia nela o desejo de ser também uma modelo bem sucedida, o que a colocava em situação de igualdade com muitas de suas alunas que tinham sua idade – então 19 anos – e a mesma esperança de, um dia, desfilar em passarelas do Fashion Rio ou de Paris. Gisele passou a ter uma nova importância em meu trabalho, já que poderia ser analisada a partir de dois pontos de vista. Dentro do campo em que atuava, sua posição era ora de “dominante” (Bourdieu, 2002), como professora e detentora do conhecimento, ora de “dominada”, como aspirante a modelo de moda. A rede de relacionamentos de Gisele - que incluía fotógrafos e outros profissionais do meio que haviam entrado em contato com o projeto - servia-lhe de base para conseguir alguns poucos trabalhos, que quase nunca eram remunerados. E foi por um destes contatos pessoais que Gisele chegou até a Elite Models, uma das mais reconhecidas agências de modelos do país, que acabou por contratá-la em 2006. Em dois anos, ela se transformou, aos meus olhos: de aspirante a integrante de uma importante agência de modelos.

É importante ressaltar que, ao dar por terminado meu trabalho de campo no Projeto Lente dos Sonhos, não me afastei de Gisele. Continuei acompanhando seus passos, ainda que à distância, por e-mail ou por telefone. Sua vida continuava acontecendo diante de mim e, com ela, fatos novos passaram a dar um peso cada vez maior à sua presença em minha pesquisa.

Foi desta forma que, por sugestão de minha orientadora, decidi escrever um capítulo traçando a “trajetória” (Bourdieu, 1996) de Gisele Guimarães para a construção de um estudo de caso, onde o principal objetivo é relacionar sua história de vida com o contexto social em que a mesma se dá, o que inclui sua origem, a Cidade de Deus e o campo da moda.

4.2 – Sobre a família da modelo

Comparando as cinco entrevistas gravadas com Gisele, de 8 horas no total, a que tratou diretamente de sua família foi a que melhor expressou sua visão de mundo. Ao

descrever seus pais e irmãos, ao mesmo tempo em que relatava os laços que os ligam, o modelo revelou muito sobre os seus valores e os capitais (Bourdieu, 2002) que são mais valorizados entre seus pares, assim como as “obrigações mútuas” (Sarti, 2005) dentro da família.

Julgo relevante ressaltar a incerteza de Gisele ao tentar situar no tempo os acontecimentos, deixando imprecisas datas e idades dos membros da família. Por exemplo, em uma das mais recentes entrevistas, realizada em 19 de abril de 2007, ela afirmou que sua mãe tinha 56 anos, enquanto, em 2005, a própria Vera afirmou que tinha 57 anos. Ao ser indagada sobre como e porquê sua mãe chegou a Jacarepaguá, morando em algum lugar próximo à Cidade de Deus, Gisele não soube responder, afirmando apenas que Vera chegou à favela ainda “novinha”. Da mesma forma, demonstrou muitas dúvidas com relação à idade de seus irmãos e, até mesmo, sobre quem é mais velho ou quem é o mais novo. A história de sua família, com os diversos relacionamentos de sua mãe, cada um gerando filhos, indica um olhar muito particular sobre suas origens. Embora declare que há alguma convivência com seis dos sete irmãos maternos, o que nunca aconteceu com outros três irmãos paternos, ela se identifica com o papel de “filha única” já que, de fato, é a única filha do casal Vera e Luiz.

4.3 – Sobre o modelo

Gisele Guimarães nasceu na Cidade de Deus, no dia 30 de outubro de 1984. Filha de Vera e Luiz, mora em uma região bastante pobre do lugar, conhecida como Santuário.

Aos 17 anos, conheceu Tony Barros através de uma amiga e com ele começou a ser fotografada. Um dos seus primeiros ensaios fotográficos, que teve como cenário a favela da comunidade onde mora, ganhou repercussão em dois jornais do Rio de Janeiro. Juntamente com a amiga e o fotógrafo, decidiu dar vida ao sonho de Tony, o Projeto Lente dos Sonhos. Iniciou-se, então, como professora, dando aulas de passarela para crianças e adolescentes da Cidade de Deus. Neste momento, decidiu abandonar os estudos no segundo ano do Ensino Médio.

Sua casa de dois cômodos tem 16 metros quadrados. Lá, vive com seus pais – a mãe, faxineira; o pai, motorista aposentado por invalidez. Conheci o lugar no dia de nossa primeira entrevista, que aconteceu em 21 de abril de 2005 e durou uma hora e trinta minutos. Marcamos de almoçar no Barrashopping, mas ela quis se arrumar antes

de irmos. Enquanto a aguardava na sala, escrutinei com um olhar discreto, mas atento, os pertences da família: um guarda-roupas pequeno, uma poltrona-cama, uma televisão de 20”, um som portátil, um sofá-cama, uma estante, um fogão, um microondas, uma geladeira e um telefone.

Durante o almoço, Gisele contou como conheceu Tony Barros, enquanto comia a metade de uma pizza grande. Ela diz que não faz dietas.

Gisele tem 1 metro e 76 centímetros de altura e pesa cerca de 50 quilos. Sua pele é morena, quase mulata.

“Pro mercado, eu sou negra... Eu sou misturada, sou mestiça... Porque meu cabelo é duro, eu sou clarinha, mas meu cabelo é duro... Eu fui pra um teste uma vez e falaram assim, ‘eu quero morena jambo’, eles me consideravam ‘morena jambo’”. (Gisele)

Tem grandes olhos castanhos e lábios grossos. Seus cabelos também castanhos, na altura dos ombros, são alisados. Ela está sempre maquiada. No rosto, seu maior cuidado é com a sobrancelha, que ela mesma desenha. Também faz as unhas das mãos e dos pés em casa. Veste sempre calça jeans e camiseta de malha, que procura personalizar com amarrados ou recortes pouco comuns. Não usa roupas de grife, compra em lojas localizadas dentro da Cidade de Deus – “a mesma roupa que compro aqui, compro no Barrashopping”, disse.

Sempre sorridente, Gisele gosta de falar muito. Com suas alunas, é carinhosa, mas também rigorosa, quando algo a desagrada. Costuma ser bem-humorada e se sente feliz quando é elogiada. Embora se esforce em falar corretamente e de maneira articulada, comete vários erros de concordância, o que é percebido e apontado por sua professora C.

“A mãe dela é um amor de pessoa, pessoa simples, uma graça, o pai também, mas não tem cultura. Se nota dificuldade [em Gisele] o tempo todo de concordância, eu sempre chamei muita atenção nesta parte”. (C.)

À mesa, como pude observar durante o primeiro almoço no Barrashopping, domina bem as regras de etiqueta.

No Projeto Lente dos Sonhos há cinco anos, conseguiu espaço, algumas vezes nas capas, de diversas revistas estrangeiras, como a alemã *Style*, publicada em 2005. A temática é sempre a Cidade de Deus e a beleza das modelos do projeto social. Em 2006, Gisele passou a integrar o elenco – *casting* – da Elite Models, agência internacional que tem filiais pelo Brasil. No entanto, até o momento, não foi contratada para nenhum trabalho mais significativo.

Em 2007, Gisele começou a trabalhar em um restaurante de luxo no Jardim Botânico como *hostess* – uma espécie de anfitriã e recepcionista. Seu salário de R\$ 1.000,00 é o primeiro de sua vida. Indicada por uma amiga que conheceu na Elite, Gisele afirma que conquistou a confiança e a simpatia da proprietária, que a considera “linda”.

As outras quatro entrevistas gravadas com Gisele aconteceram em 2007, nos dias 22 de março em um café em Botafogo (cinquenta minutos), 19 de abril em minha casa (duas horas e trinta minutos), 26 de abril no Shopping da Gávea (uma hora e quarenta minutos) e 1º de novembro em Ipanema (uma hora e trinta minutos).

4.4 – A mãe da modelo

Voltei à casa de Gisele no dia 17 de agosto de 2005, para entrevistar sua mãe. Branca, de baixa estatura, magra, com cabelos curtos, tingidos de loiro, Vera se mostrava um pouco tímida, mas bastante simpática. Aos meus olhos, não se parecia em nada com a filha. A entrevista durou uma hora. A mãe de Gisele não conseguiu ficar à vontade diante do gravador e nem de mim.

Vera Lúcia do Nascimento tem 59 anos e trabalha como faxineira em residências. Pernambucana, tem mais três irmãos e chegou ao Rio de Janeiro com 4 anos. Estudou até o primário. Foi morar na Cidade de Deus com 22 anos, quando saiu de casa, abandonada por seu primeiro companheiro, Antônio, com quem teve quatro filhos: Lúcia, Lindomar, Lucimar e Luciene.

“Foi logo quando eu me separei do meu ex-esposo, tem trinta e cinco anos que moro aqui”. (Vera)

Antônio, segundo Gisele, foi embora e jamais foi encontrado. Renato nasceu do relacionamento seguinte, que também terminou em separação. Nelson, que “também bebia como o Antônio”, foi o terceiro homem com quem Vera teve filhos, Cátia e

Hilton. Mais tarde, trabalhando como faxineira em um hospital público, conheceu Luiz, o atual companheiro, de quem cuidou por anos depois de um acidente: o caminhão que ele dirigia colidiu com outro veículo na estrada. Após um aborto espontâneo, Vera engravidou “na troca de uma pílula”, segundo palavras de Gisele, que nasceu em 1984. Vera separou-se de Luiz, que também bebe, quando a filha era ainda pequena. Como Gisele sentiu muita falta do pai, Vera diz que o aceitou de volta e com ele vive até hoje. Vera já freqüentou centros espíritas e atualmente é adepta da Igreja Universal.

“Eu gostei de um pastor ... porque minha mãe me obrigava a ir pra igreja, e eu ia obrigada. E aí eu gostei de um pastor, aí uma amiga pegou e contou, só que esse pastor era comprometido, assim, né? Aí ela contou pra minha mãe. Minha mãe deu muito tapa na minha cara. Ih, arrepiou a minha cara todinha. Eu só comentei pra minha amiga que eu gostava muito dele”.

(Gisele)

Vera diz que tudo o que queria era transmitir à sua filha os mandamentos de sua religião. Vera sempre tentou levar Gisele aos cultos evangélicos, o que conseguiu por pouco tempo. Aos 17 anos, Gisele começou a ser fotografada por Tony Barros, escondida dos pais. Iniciava-se, então, na carreira de modelo, o que não agradou de imediato à mãe:

“Foi uma amiga dela da escola, ela que incentivou a Gisele falando que ela tinha altura pra ser modelo, perna longa, aí ela começou a tirar foto, sem eu saber, nem eu nem o pai dela, ela faltava à aula pra tirar foto e chegava tarde. Quando foi um dia, abri o armário dela e vi o retrato, ela com um rapaz, e esperei ela chegar pra perguntar pra ela, eu pensei que fosse namorado dela e era o trabalho que ela já estava começando a fazer, sem a gente saber. A gente já discutiu muito aqui por causa dela, eu falava ‘não sei o que está se passando com ela’, ele [Luiz] me cobrando sobre ela. Aí ela explicou que era um trabalho, que estava tirando foto, que queria seguir carreira de modelo, que a amiga incentivou. Eu falei, ‘é isso que você quer?’, mas eu não estou gostando disso não, o pai também não aceitava não porque a gente pensava que era outra coisa, né?” (Vera)

Desde pequena, Gisele guarda ressentimentos com relação a atitudes de Vera. Um dos mais marcantes, a partir do que se observa em seus relatos e da recorrência com que a lembrança surgiu durante as entrevistas, foi o dia em que sua mãe tentou alisar seu cabelo:

“Eu tinha o cabelo compridinho, aí minha mãe passou um produto no meu cabelo, nessa fase de cinco, seis anos, meu cabelo caiu. Aí eu fiquei com cabelo igual de menino. Porque meu cabelo era colado, era muito encaracolado, então era aquele cabelo que você puxava, assim, *tóin...* Aí minha mãe passou o *Relife* e meu cabelo caiu todinho. Quando eu era pequenininha, tinha o cabelo ainda grande, cacheadinho. Aí, quando eu tinha seis anos, minha mãe passou esse produto e ele caiu. E aí nunca mais voltou ao que era antes, nunca mais”. (Gisele)

Sua grande preocupação com o cabelo é evidente. Por mais de uma vez, comentou sobre seu “complexo”, como quando se comparou a uma amiga da adolescência:

“Eu era bonita, tava bonita, já, só que eu achava ela mais bonita do que eu, por ela ter o cabelo liso: eu sempre tive complexo do meu cabelo. Desde novinha”. (Gisele)

Gisele faz diversas referências ao cabelo quando descreve outras pessoas e a si mesma, afirmando que tem o “cabelo duro” – um pouco abaixo dos ombros, alisados e castanhos. Na última entrevista, no dia 26 de junho de 2007, Gisele estava com os cabelos alongados artificialmente até a cintura, por um procedimento conhecido como “*megahair*”. Justificando sua decisão, afirmou que a agência Elite exigia cuidados especiais e que seria, portanto, um “investimento” na carreira.

Gisele faz referência à rigidez e à imposição de sua mãe com relação à religião evangélica, quando já era adolescente. Sendo obrigada a frequentar a Igreja, passou a “fazer escondido” o que era considerado “errado” por sua mãe.

“Eu não tinha o apoio dos meus pais. Meu pai e minha mãe me deram uma educação muito rígida, de fazer as coisas muito certas. Minha mãe

me forçava para ser evangélica. Minha mãe me puxava pelo cabelo para eu ir pra Igreja. Minha mãe não queria que eu comesse coisa de Cosme e Damião, não queria que eu usasse shortinho, porque ela achava que era vulgar. Aí eu comecei a fazer escondido, levava o shortinho pra escola, comia doce de Cosme e Damião, pegava e ia pra casa das amigas, ficava na casa das amigas”. (Gisele)

É visível a preferência de Gisele por seu pai e a relação com sua mãe bastante difícil. A professora C. revelou sua impressão a esse respeito:

“Antes ela tinha um carinho maior pelo pai, eu acho que o pai fazia mais as vontades dela, e uma implicância grande com a mãe, mas com o tempo isso mudou, ela passou a respeitar mais a mãe dela”. (C.)

Aos 17 anos, Gisele foi aconselhada pela professora C. a “dar mais valor” à sua mãe. Hoje, Gisele fala de Vera com mais carinho, mas ainda se refletem, em seu discurso, as mágoas do passado:

“Eu amo muito os meus pais... A minha mãe, então, nem se fala, e eu tenho uma preocupação muito grande com ela, porque ela não teve estudo, não teve instrução adequada, e isso me preocupa muito. Com relação à educação, ela foi uma mãe maravilhosa, mesmo ela estando muito ausente, ela fez um bom trabalho ... Mas eu tenho um amor enorme... Ela é seca, mas eu não colocaria ninguém no lugar dela”. (Gisele)

Aos poucos, Vera foi aceitando a escolha da filha pela carreira de modelo:

“A gente foi ver como era, conversei com as minhas patroas, meu filho falou: ‘mãe deixa porque ela já fez a escolha dela’, ele falou: ‘deixa mãe, deixa ela’. A minha patroa também me explicou, falou que ela é bonita, tem altura. Falaram que me dispensava o dia que precisasse pra acompanhar ela”. (Vera)

As restrições de Vera com relação à escolha de Gisele relacionam-se, diz ela, com questões financeiras. A mãe espera que a filha contribua, em casa, com um salário fixo e mensal:

“Eu gostaria que ela trabalhasse em outra coisa pra continuar o estudo dela, porque ela não tem o 2º grau, ela não acabou de fazer. Gostaria que ela tivesse um trabalho fixo, ganhando um dinheirinho a mais pra ajudar aqui em casa. E esse trabalho dela tá demorando muito para vir resultado. Eu não sei se é assim mesmo, não sei”. (Vera)

Morar na Cidade de Deus não é um problema para Vera. Nas entrevistas que realizei com as mães das alunas, percebe-se que as mulheres de sua geração que vivem na comunidade há muito tempo gostam ou se acostumaram com o lugar. Porém, a mãe de Gisele deseja uma casa mais ampla e sonha em morar perto de sua família:

“Mas acho que quando ela tiver essa opção ela vai querer morar sozinha, porque eu não tenho vontade nenhuma de sair da Cidade de Deus. Até mesmo porque se ela quiser comprar alguma coisa para mim tem que ser lá na Cidade de Deus, apesar de eu não ser de lá eu só tenho 30 anos de Cidade de Deus, eu tenho identificação com o lugar”. (Mãe D.)

“Quero sair daqui, aqui é pequeno, queria uma casa maior, ficaria por aqui mesmo na Cidade de Deus, eu gosto daqui. Ou ir para Araruama e morar lá, é meu sonho porque minha irmã mora lá, tenho parentes, minha filha mais velha”. (Vera)

A timidez que percebi em Vera decorria, sensivelmente, de suas dificuldades em se expressar. A mãe da modelo mal foi alfabetizada. Gisele, presente durante a entrevista, se mostrava ansiosa, o que deixava sua mãe insegura. As duas, o tempo todo, entreolhavam-se. Vera parecia tentar validar suas respostas a partir da aprovação da filha, que se eximia de fazê-lo, rindo, constrangida, do que era dito.

A imagem maternal, para Gisele, consolidou-se sobre referências negativas com relação ao nível educacional de Vera: “ela não teve estudo, não teve instrução adequada”.

Chama atenção o tom com que Gisele afirma que sua mãe trabalha muito. A modelo reconhece o seu esforço, mas se ressentida de sua ausência em casa, o que se reflete na grande dificuldade de Gisele em demonstrar, por sua mãe, um sentimento de admiração: “mesmo ela estando muito ausente, ela fez um bom trabalho”; “ela é seca, mas eu não colocaria ninguém no lugar dela”.

Penso que o modelo de mulher que se constrói a partir da relação entre mãe e filha se firma em torno do baixo capital educacional (Bourdieu, 2002) de Vera, que, como pode pensar a filha, a levou a uma ocupação profissional da qual Gisele parece se envergonhar.

Os estudos, para Vera, são tomados como um importante valor. Tanto que, em sua fala, revela uma insatisfação pelo fato de Gisele ter abandonado a escola: “ela não tem o 2º grau, ela não acabou de fazer”. Para Vera, a conclusão do 2º grau traria, para Gisele, a oportunidade de conseguir um “trabalho fixo” e, com isso, poder contar com uma “ajuda em casa”. Esta seria a coisa certa a ser feita, na visão de Vera. A profissão de modelo já é aceita pela mãe, mas com reservas: “Eu falei, ‘é isso que você quer?’, mas eu não estou gostando disso não, o pai também não aceitava não porque a gente pensava que era outra coisa, né?”. Somente depois de conselhos de outras pessoas, entre elas suas patroas, a mãe de Gisele passou a aceitar mais a escolha da filha: “A minha patroa também me explicou, falou que ela é bonita, tem altura”.

Gisele não perdoa a mãe por ter danificado seus cabelos que, até hoje, revelam-se como o “problema” central na sua auto-imagem. Outras pesquisas mostram que o cabelo é um referencial importante na construção das identidades sociais, como a dissertação de Carolina Oliveira (2007) sobre modelos negros. A autora ressalta, em sua análise, os valores atribuídos aos cabelos classificados como crespos, frequentemente associados às noções de “ruim”, “sujo”, “duro”, “feio” e “rebelde”, opondo-se a “bom”, “limpo”, “macio”, “belo” e “liso”. Nas falas de Gisele, encontram-se muitas destas referências: “meu cabelo era colado, era muito encaracolado, então era aquele cabelo que você puxava, assim, *tóin*”, “meu cabelo é duro, eu sou clarinha, mas meu cabelo é duro”, “eu sempre tive complexo com o meu cabelo”, para citar algumas delas. No mercado de trabalho, Gisele percebe uma vigilância constante a respeito de dois aspectos específicos de sua aparência física: pele e cabelo, o que se confirma no

depoimento do *booker* entrevistado, ao revelar as recomendações de cuidados pessoais que sempre faz à modelo: “O cabelo, pele, manter magra, tratar mais o cabelo” (L.L.). A tentativa mal-sucedida de Vera para alisar o cabelo da filha ainda na infância é vista por Gisele como a causa de uma desvantagem social que ganha grandes proporções no mercado da moda.

Para ensinar Gisele a “fazer as coisas muito certas”, Vera tentou impor-se pela força, o que levou a filha a “fazer escondido”: “Minha mãe deu muito tapa na minha cara”, “Minha mãe me forçava para ser evangélica. Minha mãe me puxava pelo cabelo para eu ir pra Igreja. Minha mãe não queria que eu comesse coisa de Cosme e Damião, não queria que eu usasse shortinho”. Com as escolhas de Gisele na adolescência, inclusive pela profissão de modelo de moda, parece que Vera provocou na filha a busca por um comportamento diferente daquele que faz parte de seu meio social. Um comportamento que expressasse sua distância com relação à mãe.

Gisele demonstra sentir a ausência de amor e de afeto por parte de sua mãe. Vera acreditou que, com uma rígida disciplina, poderia ensinar a filha a fazer “as coisas certas”. Os planos que tinha para Gisele buscavam realizar aquilo que ela própria não conseguiu, ou seja, a conclusão dos estudos e a conquista de um trabalho fixo. Porém, Gisele escolheu um caminho diferente, negando tudo aquilo que sua mãe representava. Filha caçula, criada separadamente de seus irmãos maternos e paternos, Gisele encontrou na posição de filha única do pai a alternativa possível para realizar seu desejo por amor. Porém, como tentarei demonstrar adiante, também o pai, apesar de sua presença constante ao seu lado, a frustra em sua busca. Recusando o papel de mãe presente e carinhosa para assumir o de mãe disciplinadora, Vera ergueu uma barreira entre ela e Gisele, que passou a se considerar indigna de atenção e de amor: o tão desejado reconhecimento só seria possível fora dos limites de sua casa e de seu meio social. A rebeldia de Gisele aflora mais tarde e se reflete na paixão pelo pastor, no consumo de doces de Cosme e Damião e no uso de shorts, atos de insubordinação. Gisele, que até a adolescência se considerava feia, passa a acreditar no que lhe dizem os amigos e conhecidos e, na primeira oportunidade, aceita testar seus talentos como modelo. Sabendo que, mais uma vez, sua atitude “não era a coisa certa” a ser feita, Gisele esconde de sua mãe os seus primeiros trabalhos, afirmando que tinha a certeza de que não conseguiria apoio. A partir do momento em que Gisele ganha reconhecimento público, não apenas em seu meio, mas também por parte de representantes de camadas

sociais mais altas, como das patroas de sua mãe, Vera desiste de dissuadir a filha a prosseguir no trabalho de modelo.

Como escreveu Elias (1995, p.13),

“Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências.”

A trajetória de Gisele ainda está em curso. Assim como sua busca por atenção e carinho. Suas realizações ainda não dão a medida do sucesso de suas aspirações. Penso, contudo, que os caminhos escolhidos por Gisele, até agora, revelam o desejo de visibilidade, reconhecimento e amor.

4.5 – O pai da modelo

Luiz Carlos Guimarães tem 55 anos. Estudou até a 5ª série e, hoje, vende frutas em uma banca de rua, dentro da Cidade de Deus. Antes de conhecer Vera, morava em Alcântara, bairro de Niterói, com seus pais. Já foi casado e teve quatro filhos neste primeiro relacionamento. Desde que conheceu Vera, a atual mulher, perdeu o contato com eles. Seus filhos do primeiro relacionamento eram dois casais, mas apenas três, dois homens (28 e 32 anos) e uma mulher (26 anos), estão vivos. Sofreu um acidente de caminhão e ficou internado durante muitos meses em um hospital público, engessado da cintura para baixo. Recebia pouca ou nenhuma atenção da família. Foi então que conheceu Vera, a faxineira do hospital, que dedicava parte de seu dia de trabalho a Luiz, dando-lhe uma atenção especial. Quando recebeu alta, namoraram durante algum tempo e Vera logo propôs que ele fosse morar com ela na Cidade de Deus. Gisele nasceu em 1984. Como Luiz ainda se recuperava do acidente, durante vários anos permaneceu em casa cuidando da filha, enquanto Vera trabalhava fora o dia inteiro. Deitado no sofá, procurava ensinar Gisele, ainda muito pequena, a limpar os móveis e fazer outras tarefas domésticas.

“Cuidando dele, mesmo pequenininha, ele me ensinava, passa o pano assim... Fazia companhia direto pra ele”. (Gisele)

Pai rigoroso, mantinha a filha sempre por perto, dentro de casa, no máximo do lado de fora, mas bem próxima à porta para brincar com as amigas. Luiz castigava a filha Gisele, na infância e até a mais tardia adolescência, com surras de cinto, que a deixaram com marcas nas pernas.

“Ela adora o pai, apesar do pai bater nela quando está bêbado...” (C.)

“Meu pai me bateu tanto, me bateu com a parte da fivela do cinto... minha perna ficou toda marcada...” (Gisele)

Apesar disso, Gisele fala do pai de forma carinhosa. Diz que as lembranças da infância são positivas, como quando Luiz a matriculou em sua primeira escola:

“Aí meu pai foi na escola, falar com a Diretora. Aí a Diretora botou uma mesa... eu me lembro até hoje ... botou uma mesa no pátio ... o pátio vazio, uma mesa larga no meio do pátio... Aí ela passou, deu umas folhinhas, pediu pro meu pai me ensinar, e eu era espertinha, pegava tudo rápido. Ela deu as folhas pro meu pai, meu pai me ensinou umas coisinhas e aí eu fui fazer a prova. Várias folhas, não era uma ou duas, várias folhas. E aí eu fiz a prova pra entrar no colégio. Eu tinha uns cinco aninhos... Eu me lembro até hoje, pra você ter uma idéia... Coisa que marcou minha vida. Eu pequenininha, naquela mesa enorme, eu fazendo prova pra entrar na escola. Então, tá, consegui entrar”. (Gisele)

Pelo maior tempo de convivência com o pai do que com a mãe, Gisele o toma como referência em sua educação:

“Meu pai que me educou, na verdade. Minha mãe ficou muito afastada, ela estava sempre trabalhando, só chegava à noite. Ele sempre ficou comigo desde pequenininha, porque minha mãe tava sempre trabalhando, então ele sempre cuidou de mim muito bem”. (Gisele)

Gisele diz que o pai é “muito travado” e que a troca de carinhos entre os dois é difícil, depende de sua própria iniciativa:

“Educar, ele educou bem. Mas na questão dele vir, abraçar, de dar beijo, ele é muito ... Ele é muito travado, então é meio complicado. Eu é que vou, ‘pô, pai, eu te amo’...” (Gisele)

Em casa, sozinha com Luiz, Gisele detinha a exclusividade de sua atenção, ainda que imposta pela imobilidade provocada pelo acidente de caminhão. Gisele era a pessoa que, ainda criança, dele cuidava e lhe “fazia companhia”.

Para Gisele, a mãe fora uma mulher de “muitos casos amorosos” - ao todo, quatro companheiros - e seus irmãos são o resultado de uma vida pouco estável, sexual e emocionalmente. Embora Gisele não seja a primeira, foi criada como a única filha de Luiz. Da mãe, é a oitava. Nunca sequer precisou disputar com outros filhos qualquer tipo de atenção especial do pai. De sua mãe, porém, diz que nunca teve nenhuma. Penso que esta sensação de exclusividade a faz se sentir, também, mais amada pelo pai do que pela mãe, apesar das freqüentes agressões físicas sofridas da infância até recentemente. Em sua busca por amor, releva o temperamento violento de Luiz, mas parece não perdoar o fato de Vera ter se afastado de casa, por tantas vezes, para trabalhar. Atribui a um jeito “travado” do pai a ausência de carinho, mas procura sempre demonstrar por ele o seu amor. Pela mãe, mostra-se apenas “preocupada”, pela pouca educação que teve. Afirma que o pai é “bem informado” e “esperto”, enquanto sua mãe é “atrasada”:

“Meu pai estudou até a quinta série, mas meu pai é bem informado. Agora, nesse negócio de informática, ele é atrasado. Minha mãe é muito atrasada, não sabe mexer em nada, meu pai também. Mas meu pai é mais esperto do que ela”. (Gisele)

Apesar do rigor e violência com que afirma ser tratada pelo pai, a maior convivência na infância foi com ele, que ficava em casa enquanto sua mãe trabalhava. Gisele demonstra ter mais carinho e respeito por Luiz do que por Vera. As histórias que conta são reveladoras: culpa sua mãe pela queda do cabelo, que “nunca mais foi o mesmo” e que, inclusive, hoje causa problemas em sua imagem como modelo; em contrapartida, graças ao seu pai, afirma ter estudado em uma escola “elitizada”.

As funções tradicionais de pai e mãe estão, na visão de Gisele, invertidas: ao pai se vincula o papel de educador e à mãe, o de provedora. Enquanto Luiz permanecia por

perto, Vera estava longe. Ele esteve presente, enquanto sua mãe estava “sempre fora”. A partir de suas referências familiares, os papéis de gênero são, para Gisele, bastante particulares. A figura de seu pai aponta para um modelo de masculinidade que se relaciona ao espaço doméstico. Com um temperamento violento decorrente do consumo do álcool, o pai é reconhecido por Gisele como alguém que lhe deu atenção. Como imagem de feminilidade, sua mãe contribuiu para um modelo pautado na ausência: pouca presença em casa e falta de amor.

4.6 – Os irmãos da modelo

Dos sete irmãos maternos, três se revelam importantes referências para a análise da trajetória de Gisele: Lúcia, a mais velha de todos, que já trabalhou como modelo; Cátia, a sétima irmã, que se destaca por ser a única a ter frequentado uma faculdade; e Hilton, o irmão que, como seu pai, conta com seu carinho, apesar do temperamento violento.

Vera não falou sobre seus filhos durante sua entrevista. Lacônica em suas respostas, a única vez que citou o nome de outro filho, além de Gisele, foi quando se referiu a Lúcia.

Lúcia é a mais velha dos três filhos de Vera e Antônio que, depois que foi embora, nunca mais foi localizado pela família. Ela estudou até o Ensino Médio e, hoje com 40 anos, mora na cidade de Araruama, é casada e mãe de um casal de filhos. Ela não trabalha e seu marido sustenta a família. No passado, iniciou-se na carreira de modelo, tendo sido fotografada algumas vezes. Gisele afirma que o desaparecimento de Antônio desestabilizou emocionalmente Lúcia, que chegou a ser internada em uma clínica psiquiátrica por seu namorado da época. Depois deste acontecimento, desistiu das fotografias de moda, conhecendo mais tarde seu atual marido.

Lindomar, Luciene e Lucimar são irmãos de Lúcia. Gisele falou pouco a respeito destes irmãos maternos. Sabe-se, porém, que não avançaram muito nos estudos. Ele trabalha em oficina de automóvel, Luciene é dona-de-casa e a outra irmã é empregada doméstica.

Renato é o quinto filho de Vera e, hoje, tem 35 anos. Trabalha em uma oficina mecânica e estudou até a 5ª série.

Da união de Vera com Nelson, seu terceiro companheiro, nasceram Hilton e Cátia.

Cátia, hoje com 25 anos, foi a única filha de Vera que não teve contato com Gisele. Criada pelas tias paternas, por opção de Vera, a irmã de Gisele mora também em Jacarepaguá, na Taquara, e é economista. É a única da família que conseguiu cursar uma faculdade. Cátia não fala com a mãe, o que deixa Gisele triste e revoltada.

Atualmente, moram na Cidade de Deus os irmãos Hilton, Lindomar e Renato, além da irmã Lucimar.

“A irmã que eu tenho mais contato é a Lucimar, que todo mundo chama de Chimar, que foi apelidada de “a madrinha”, porque é a madrinha de todo mundo. E o meu irmão Hilton, mas com o Hilton é uma relação mais afetiva, mais profunda”. (Gisele)

Gisele contou que Hilton, com o apoio de Lindomar, a castigou durante o Dia das Mães com um forte tapa no rosto por tê-la encontrado parada em frente a uma “boca de fumo”, com o namorado e uma amiga. Ela disse que, voltando de madrugada de um desfile que aconteceu no Riocentro, em Jacarepaguá, parou em uma lanchonete. Do outro lado da lanchonete fica a “boca de fumo”, onde seu irmão Hilton, que passava de motocicleta, deduziu que ela estivesse. Depois deste episódio, segundo Gisele, seu irmão se mostrou arrependido e lhe pediu desculpas. A partir daí, passou a tratar a irmã de uma maneira mais carinhosa:

“Aí bateu a consciência, aí ele veio até a minha casa me pedir desculpas, de joelho... Aí eu não tenho mais nenhum tipo de problema. Quando tem alguma coisa de errada, ele vem, conversa comigo” (Gisele)

Quinze anos separam Lúcia e Gisele, respectivamente a mais velha e a mais nova de um total de oito filhos de Vera. No passado da irmã, Gisele encontra em comum a experiência de modelo. Considerando a forma com que Gisele se referiu a este fato, demonstrando pouca atenção, suponho que a influência direta da irmã sobre suas escolhas tenha sido menos importante do que se poderia imaginar.

“Com a minha irmã mais velha, a Lúcia, eu nunca me dei bem... Porque ela é muito nervosa e por maltratar muito os meus sobrinhos, isso me irrita, me aborrecia. Ela vive mal humorada, irritada com os filhos,

porque não teve pai, né. E a minha sobrinha, ela maltrata muito, sabe?”(Gisele)

A descrição que Gisele faz de Lúcia revela muito sobre o seu modelo de beleza:

“Porque minha irmã é muito bonita. A minha irmã é linda. A minha irmã, até hoje, é magérrima. Eu tenho mais corpo do que ela. A cara dela é super quadrada, o cabelo, assim, lindo, preto, enorme, lindo. Minha irmã é branca, a cara dela é super quadrada. É um perfil que funciona muito no mercado. E ela não envelhece.” (Gisele)

“Magérrima”, “cara quadrada”, “cabelo preto e enorme” e “pele branca”: a irmã é um exemplo de beleza para Gisele. O fato de ter uma irmã com um “perfil que funciona muito no mercado” é um sinal de que ela própria tem chances de ser bem sucedida, já que compartilha de alguns traços comuns aos de Lúcia: o rosto quadrado, a magreza e, agora, o cabelo alongado e liso, graças ao “*megahair*”.

Há, ainda, a forma como Gisele se apropria da história de Lúcia para, a partir dela, construir a sua própria história. Lúcia fracassou, mas Gisele ainda pode concretizar o seu sonho:

“Acho que foi por um acaso e por uma questão de, tipo assim, concretizar aquilo que ela não conseguiu” (Gisele)

Cátia, de todos os filhos de Vera, é a que mais estudou. Economista, é considerada aquela com o melhor padrão de vida. Ao mesmo tempo, foi a única que teve a chance de ser educada pela família paterna, possibilitando oportunidades diferentes daquelas ofertadas aos seus irmãos. Se, para Gisele, Lúcia fracassou, Cátia é um exemplo de alguém que conseguiu conquistar o sucesso. Por outro lado, isolou-se de sua mãe e irmãos, evidenciando, ao olhos de Gisele, a distância social que existe entre eles.

Hilton, por seu turno, reproduz o comportamento violento de seu pai, mas ganha consideração, já que, segundo Gisele, a trata com atenção e preocupação: “Quando tem alguma coisa de errada, ele vem, conversa comigo”. Entre eles, há “uma relação mais afetiva, mais profunda”.

A existência dos três irmãos paternos só me foi revelada tardiamente. Nem mesmo ela os conhecia, tendo sido a eles apresentada pelo pai no final de 2007. Por este motivo, não foram citados durante as entrevistas.

4.7 – A professora

Em meio à sua fala sobre a infância pobre na Cidade de Deus, a professora C. se destacou como uma referência fundamental na trajetória de Gisele. Sua presença nesta análise, portanto, se torna relevante, já que com ela a modelo estabeleceu fortes vínculos afetivos: C. é a mãe que Gisele diz que deseja ter e o modelo de mulher que tenta ser. Tanto que, durante as entrevistas, a professora foi apontada como alguém fundamental para a compreensão de sua trajetória: “ela me conhece muito”, afirmou Gisele.

C., 55 anos, é casada, tem duas filhas com mais de 20 anos, um neto de 5 anos e mora em um conjunto residencial que pode ser classificado como de “classe média baixa”: são dois prédios conhecidos como “espigão”, localizados em Jacarepaguá, bastante próximos à Cidade de Deus. A entrevista, que durou duas horas, aconteceu no dia 3 de maio de 2007, na sala de seu apartamento próprio, de três quartos. Atrasada, a professora me pediu que a aguardasse na portaria até que ela chegasse em casa. Quando nos encontramos, enquanto caminhávamos em direção ao elevador, reparei nos saltos altos de suas sandálias. Os cabelos longos, negros, ondulados, seus acessórios chamativos, como brincos e anéis, a roupa bem cuidada e seu corpo magro revelavam que se tratava de uma mulher que valorizava a aparência física. Lembrei, então, da descrição de Gisele sobre C.:

“Ela é uma mulher muito elegante, exuberante”.(Gisele)

Mais do que professora, C. se tornou uma espécie de ídolo e, aos poucos, foi encarnando o papel de “mãe ideal” aos olhos de Gisele. Embora grande parte da convivência da aluna e da professora tenha sido conflituosa, já que quando criança Gisele tinha um péssimo comportamento dentro de sala de aula, a modelo declarou que sempre a admirou:

“Antes de eu bater o olho na C., meu pai ganhou uma lista de material com o nome dela. Quando eu vi o nomezinho dela no papel, porque eu já sabia

ler, fiquei encantada, ‘nossa, que nome lindo, que nome diferente’. Quando eu bati o olho nela, eu fiquei encantada com ela, só que ela priorizava os alunos que eram mais dedicados. E eu, como era sempre a da bagunça, a da baderna, ela me descartava. Ela era uma coisa minha, muito... Minha deusa... Eu sempre engrandeci muito ela”. (Gisele)

Antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, a modelo revelava uma predisposição para tomar a professora como uma importante referência: ela começou a admirar C. pelo nome que julgava “diferente”, escrito em um papel. Na presença da professora, viu crescer ainda mais esta admiração.

C. lecionava em uma escola municipal na Cidade de Deus, no Ensino Fundamental, da 1ª à 4ª série. Mais tarde, assumiu interinamente a Direção, pois a diretora anterior havia sido afastada do cargo. Nesta época, Gisele não estudava mais lá. Porém, seus laços com a escola, através da dedicação a C., se mantiveram, já que Gisele procurava ocupações voluntárias para se manter por perto da professora:

“Quando ela pegou a diretoria, eu ajudava ela, porque ela assumiu a direção junto com a irmã. Ela tinha uma equipe, mas quem fechava ali, bonitinho, quem era da família, era a irmã dela, ela e eu. Mesmo sendo ex-aluna. E eu subia tudo aquilo ali a pé, alinhada, arrumada, não ia com a barriga aparecendo, ajudava, tudo o mais”. (Gisele)

Durante o período em que foi aluna de C., da 3ª à 5ª série do Ensino Fundamental, Gisele afirma que foi excessivamente rebelde. Este mau comportamento dentro da escola, que se evidenciava durante as aulas, chamava a atenção de C., que decidiu conversar com ela depois que passou a receber cartas anônimas. C. conhecia muito bem a letra de seus alunos e reconheceu a de Gisele, sem grande dificuldade, nos elogios e lamentos destas cartas. Foi então que descobriu que, ao contrário do que imaginava, Gisele a admirava muito e que suas atitudes eram reações à rejeição que acreditava sofrer e do ciúme que sentia de um colega da turma, sempre destacado por C. para realizar as tarefas.

“Com a C., como ela me excluía tanto, eu era levadinha, não sei o quê.... E ela dava mais prioridade pros alunos que eram mais comportados,

então isso veio mudar nossa relação... Porque eu escrevia muita carta anônima.” (Gisele)

A professora provocou em Gisele um crescente desejo por reconhecimento. A primeira estratégia da aluna foi, então, chamar sua atenção por meio de atos de rebeldia, falando alto em sala de aula, acionando o extintor de incêndio pelos corredores da escola ou desligando a chave de eletricidade geral, deixando tudo às escuras. Percebendo que seu comportamento só criava uma distância maior com relação a C., decidiu externar seus sentimentos, escrevendo-lhe cartas anônimas.

Neste momento, Gisele já terminava o Ensino Fundamental. Aluna e professora decidiram se aproximar para tentar “compensar o tempo perdido”. Conversaram muito e concluíram que precisavam modificar, ambas, a forma com que se relacionavam.

A professora percebeu a necessidade que Gisele tinha de chamar a atenção e que escondia um grande potencial, e passou a requisitá-la mais nas tarefas diárias, reconhecendo seus talentos. Em resposta, a aluna modificou seu comportamento passou a imitar C.

C. levou Gisele, inúmeras vezes, para dentro de sua casa e do convívio familiar. Nestas oportunidades, a professora diz que enfatizava a sua rotina, a fim de que fosse vista como uma pessoa “normal”. Esperava, com isso, reaproximar Gisele de sua própria casa, de sua família e da Cidade de Deus. No entanto, a vontade de Gisele de pertencer àquela família só crescia:

“Ela tinha muito ciúmes da minha filha, ela sempre me chamou de mãe”
(C.)

Esta aproximação aumentou seu afeto pela professora, alimentando as esperanças de que seus desejos se realizassem: ela queria ser filha de C.. A comparação com seus pais biológicos é, da parte de Gisele, incontrolável. Contrastando as descrições sobre C. e sua mãe Vera, percebe-se que as duas estão em posições opostas: enquanto C. é educada, Vera é atrasada: “a referência, mesmo, é a C., a questão da educação”; “minha mãe é até a terceira ou quarta série”. Enquanto C. esteve muito presente em sua infância, Vera esteve ausente: “Seria até bom você conversar um pouquinho com C., porque ela acompanhou muito a minha infância”; “Porque minha mãe não ficava em casa, minha mãe trabalhava muito”.

C. é uma espécie de “mãe” eleita por Gisele, casada com o mesmo marido há mais de vinte anos, com duas filhas: “C. tinha as filhas dela, que ela tinha o neto dela, porque ela tinha o marido dela.”. Vera, por sua vez, teve oito filhos de quatro uniões pouco estáveis e engravidou de Gisele por descuido:

“Ela teve vários casos amorosos. Antes do meu pai, ela teve um, que era o pai da Lúcia, que é o Antônio, que até hoje ninguém achou ele ainda. Ele foi embora. De tanto ele beber, minha mãe largou dele e foi embora. Depois, minha mãe conheceu um cara, que é o pai do Renato. Aí não deu certo. Aí minha mãe ficou com o Nelson, que é pai do Hilton e o pai da Cátia. Aí, também não agüentou, porque ele bebia muito, mas ele recebia muito bem. Aí não deu certo porque ele bebia muito também, era pé de cana, também. Aí minha mãe conheceu meu pai neste hospital. Juntaram os trapinhos e foram morar juntos. Aí minha mãe engravidou e perdeu, não vingou, o neném. E aí minha mãe me pegou na troca de remédio... porque minha família é muito fértil, todo mundo da família é muito fértil. Aí ela engravidou de mim na troca de remédio. Só que meu pai também bebia muito, aí eles terminaram uma vez, ele foi pra Niterói... E eu era pequenininha e senti muito, fiquei mal na escola, muito mal. Aí minha mãe foi lá e falou com ele, que eu não tava legal, não sei o quê...” (Gisele)

A entrevista com C., as declarações de Gisele Guimarães sobre a professora e a descrição dos “casos amorosos” de sua mãe evidenciam mais um contraste: de um lado, o marido de C. e, do outro, os relacionamentos de Vera com homens que bebem. No caso de seu pai, Luiz, as conseqüências da bebida provocaram momentos violentos dentro de casa, que muitas vezes resultaram em agressões físicas a Gisele, o que só, dizia, levava a uma busca, na casa de C., pelo carinho e atenção que lhe faltaram em sua própria família.

“Eu sempre quis fugir muito da minha origem. Sabe? Ter uma vida melhor, de eu ter uma condição melhor do que meus pais conseguiram me dar, me deram até onde podiam. Então, eu queria que C. desse uma atenção extrema. Ela pegou e falou que não podia, que ela tinha as filhas dela, que ela tinha o neto dela, porque ela tinha o marido dela...” (Gisele)

“A Gisele dizia claramente que queria ser minha filha, que queria morar comigo. A Gisele também sempre teve carinho por minhas filhas, ela sempre quis ter irmã e dizia que as meninas eram irmãs dela e eu, mãe. Não me incomodava, mas eu fiquei preocupada que ela estivesse deixando a realidade, ela tava muito no sonho dela, como se as coisas fossem verdade e, com carinho, fui contornando e revertendo esta situação. Naquele dia que a mãe foi atrás dela na escola, doente, que a Gisele mentiu e não disse à mãe que estava em minha casa, eu dei um gelo na Gisele, porque ela gritava com a mãe, porque a mãe tinha ido atrás dela e tal. A mãe trazia ela para o real, coloquei as duas dentro da minha sala e falei sério com Gisele, eu falei que a Gisele só voltaria em casa se eu visse, ou a mãe dela me falasse, que ela a estava respeitando. A mãe dela nunca demonstrou ciúmes pra mim. Aí eu acho que desse dia ela mudou com a mãe, foi outro sacode. Eu sabia que no início não seria sincero, era só pra não perder minha amizade, mas que com o tempo seria de coração”. (C.)

Ao relatar que desejava “fugir das origens” e ter “uma condição melhor”, Gisele revela que buscava um rompimento com sua mãe e sua casa. Ela tentava inventar, para si, uma nova história. Depois de três dias dormindo na casa da professora, o que o fazia escondida dos pais sem que C. soubesse, a intenção de Gisele era a de não mais voltar para a sua família. Foi preciso sua intervenção e ameaças para que Gisele retornasse para casa e tratasse sua mãe de maneira mais respeitosa.

A convivência de Gisele com a família de C. diminuía a distância entre ela e seu sonho, mas a afastava, cada vez mais, de sua realidade: mãe, pai, irmãos e o lugar em que vive. Gisele criava laços de identidade que contribuíam para o desejo de rompimento com suas origens, como quando diz que se achava mais parecida fisicamente com C. do que com sua mãe:

“E eu sou parecidíssima com ela, assim, o rosto, o tom da pele, o cabelo.... Só que o cabelo dela é bem cacheadinho”. (Gisele)

C. protagonizava, aos olhos de Gisele, uma história familiar que ela desejava para si: morava em melhores condições do que ela, em um apartamento próprio de três quartos e era casada há mais de vinte anos com o mesmo marido:

“Ela dizia que queria morar comigo, ser minha filha, odiava os pais, o lugar que morava. Eu tenho pra mim que era por causa das brigas da mãe com o pai bêbado. Ela via a minha família estruturada e a coisa da bebida do pai não era uma família estruturada. Eu pedi pra mãe dela deixar ela ir na minha casa um dia pra ver que minha vida era normal como qualquer outra, queria que ela visse que o meu comportamento como mãe era igual o da mãe dela, cada coisa que minhas filhas faziam ela ficava com raiva, ela me achava uma Deusa”.(C.)

“C. mora em frente à Cidade de Deus, mas mora dentro de um apartamento, tem um marido com a vida resolvida, ela também, faz as manhas das filhas, faz manha do neto... Então, eu queria muito... Fugir da minha origem pra ter alguma coisa melhor.” (Gisele)

No final da entrevista com C., conheci seu marido, um homem loiro e de olhos azuis. Sua aparência física jamais surgiu nas falas de Gisele, mas tê-lo visto pessoalmente me fez pensar sobre o que ela imagina ser o “homem ideal”. Em uma de suas entrevistas, enquanto revelava detalhes sobre o seu primeiro “namorado sério”, deixou algumas pistas sobre seu modelo de masculinidade:

“Ele era lindo, lindo: branco, olho azul, parecia um gringo, assim. Ele não morava na Cidade de Deus, ele tinha uma casa na Freguesia, morava com os pais, tinha uma vida toda resolvida. Lindo, o menino. O garoto dos sonhos de qualquer garota, um príncipe, assim, perfeito”. (Gisele)

O marido de C. lembrava a imagem que Gisele tem sobre o “príncipe perfeito”: branco, loiro e de olhos azuis, e que, ainda, tinha uma “vida resolvida”. Bem diferente de Luiz, pai de Gisele, que bebia, não era branco, não era loiro e não tinha olhos azuis.

Em parte, a “vida resolvida” a que se referia Gisele estava associada à condição

financeira da família de C., superior à sua: “C. mora em frente à Cidade de Deus, mas mora dentro de um apartamento”.

“A casa onde eu moro, meu tio deu pra minha mãe. Meu tio Denílson. Porque o meu tio Denílson, ele tem a vida resolvida, tem uma condição financeira ... Ele é taxista e antes de ser taxista acho que ele trabalhou numa empresa, e aí casou, resolveu toda a questão dele financeira com esse emprego. Aí ele comprou um carro, começou a trabalhar com táxi e agora ele vendeu o carro e tá vivendo de aposentadoria”.(Gisele)

Havia, porém, uma outra parte, tão ou mais importante, que dizia respeito à união e ao carinho presentes na família de sua professora.

“Porque dentro de casa, meu pai me arrepiava... Ih, minha filha, minha perna vivia marcada. Toda vez que eu tava de calça, que eu ia pra escola, é porque eu tava com a perna marcada. Minha mãe, não. Meu pai. Eu apanhei muito quando eu era novinha”.(Gisele)

“Meu irmão falou que ia me bater na rua quando foi no Dia das Mães, ele falou que ia dar na minha cara. Aí eu falei, ‘dar na minha cara por quê? Eu não fiz nada... Eu tava comprando uma pizza, a boca [de fumo] é ali em frente, mas eu não tenho nada a ver com isso. Então por que você não veio falar comigo?’. Aí ele me deu um tapa assim, de mão cheia, com as duas mãos... Caraca, eu fiquei muito revoltada”.(Gisele)

O alcoolismo de seu pai também evidenciava a distância entre a “vida real” de Gisele e a de C.: “tem um marido com a vida resolvida”.

“Os irmãos, não conheci, até sei que são unidos, mas a mãe e o pai sempre trabalhavam muito, mas todas vezes que foram chamados à escola eles apareciam. O pai dela bebe e eu até evitava chamar ele porque ela tinha vergonha. O problema da casa sempre foi o pai com a bebida”.(C.)

Mesmo com a dedicação de C. a Gisele, ela não se sente, até hoje, satisfeita com a atenção dispensada. Acha que poderia merecer mais reconhecimento, como “alguém especial”:

“Eu fico muito sentida, porque eu acho... porque eu não tenho condições, porque ... A C. tá sempre ocupada, ela nunca tem tempo... Eu sei que ela é muito ocupada, e, tipo assim, eu acho que ela me bota muito pra escanteio, sabe? E se eu sou realmente alguém muito especial pra ela, ela deveria me dar mais importância, ela deveria me ligar mais ... Quando ela me liga, eu nem acredito. Foi uma ou duas vezes que ela me ligou”.(Gisele)

O papel de C. na trajetória de Gisele é fundamental para que se compreenda o início de seu processo de transformação. Foi com a professora que ela percebeu que poderia estabelecer para si parâmetros diferentes daqueles que conheceu dentro de sua casa ou em seu meio social. Por “imitação prestigiosa” (Mauss, 2003), Gisele tomou C. como o exemplo que nem sua mãe e nem suas irmãs foram capazes, aos seus olhos, de representar. Ela era “elegante e exuberante”. Além disso, tinha “educação”.

“A professora que era referência, a professora que eu gostava sempre desde a minha terceira, quarta série, era a C.. Se perguntar assim, ‘conhece a Gisele?’... ‘A que anda com a C., que gosta da C.?’... Todo mundo sabe quem é. A referência, mesmo, é a C. [Por quê?] A questão da educação.” (Gisele)

“Ela começou a se vestir como eu, até brincavam com ela e falavam olha lá a ‘C.zinha’, no tempo que ela era adolescente”.(C.)

Gisele se identificava, cada vez mais, com sua professora, admirando-a “por fora” e “por dentro”. Vestindo-se como C., “alinhada, arrumada” e sem sair com a “barriga aparecendo”, Gisele inscrevia em seu corpo sinais distintivos (Bourdieu, 2002) que a aproximavam mais de uma condição de vida desejada do que daquela que correspondia à sua realidade. Transformando o modo de se vestir, gestos e comportamento, Gisele construía uma nova identidade, que se consolidaria mais tarde,

com o ingresso na profissão de modelo e o engajamento em um projeto social relacionado ao lugar a que, um dia, desejou nunca ter pertencido.

Juntos, a ausência da mãe, o afeto por um pai violento e a conturbada relação com os irmãos colaboraram para importantes transformações em Gisele. Mas parece que foi, de maneira muito especial, a aproximação com C. que interferiu em seu comportamento e em seu corpo, e, conseqüentemente, nas suas escolhas de vida.

“Ela é uma mulher muito elegante, exuberante, mas não é só isso, porque isso é por fora, o que eu admiro nela é por dentro. E, às vezes, eu sinto uma coisa que parece destino. Eu não quero ser Deus, eu nunca vou ser Deus, eu nem chego aos pés de Deus, mas quando eu vejo a pessoa na rua, vejo a pessoa passando necessidade, eu me sinto, assim, pior, a pessoa mais incompetente possível, porque eu não posso fazer nada por aquela pessoa, o que eu posso é o meu limite, é muito limitado, porque eu também não tenho muito. Quando eu vejo que tem alguém passando necessidade, uma pessoa na rua, a vontade que eu tenho é de acalantar, é uma coisa de dentro, sabe? É muito estranha a sensação que eu tenho. O trabalho que eu faço com o Lente dos Sonhos, o trabalho que a C. faz com os alunos, é uma coisa que eu admiro muito nela, é uma coisa de dentro pra fora. Então, é uma coisa que eu me espelho muito nela, é uma referência”. (Gisele)

4.8 – O discurso da modelo

Chamo atenção para uma questão que permeia o discurso de Gisele sobre sua mãe, seu pai, seus irmãos e sua professora: trata-se das obrigações que fazem parte do *ethos* de seu meio social e a partir do qual ela orienta o seu discurso.

Este discurso, porém, contribui para a constituição de uma imagem que Gisele Guimarães constrói para si e que lhe serve como valor distintivo dentro e fora de sua comunidade. Na verdade, o que se observa é uma distância entre o discurso e a prática.

Por mais de uma vez, Gisele expressa a intenção de “melhorar de vida”. Para ela, C. e sua família têm uma “vida resolvida”, morando em um apartamento próprio e demonstrando ter estabilidade e conforto. Em seus projetos, inclui uma casa maior para seus pais e culpa sua irmã Cátia, a economista, por não ajudar financeiramente sua mãe. Também demonstra ressentimento para com C., que deveria, segundo Gisele, tratá-la

como uma pessoa especial, como alguém “da família”, já que assim considera a professora. Por diversas vezes, revelou sentir-se mais próxima de C. do que de sua mãe.

Gisele reproduz, em seu discurso, o que, para Sarti (2005), faz parte de um “universo de valores no qual as obrigações morais são fundamentais” (p.84). Os projetos de ascensão dos pobres estão vinculados a obrigações que dizem respeito à família, cuja noção também se define em torno de um “eixo moral”: são da família, “iguais”, todos aqueles com quem se convive, em quem se confia. A razão prática individualista é, portanto, substituída pelo sentido de coletividade. Sendo assim, “melhorar de vida” é um projeto que faz parte da lógica de “obrigações mútuas” que envolve toda a família: no caso dos filhos, os ganhos são entregues à mãe, responsável pela manutenção da moradia, a base para a construção de uma identidade coletiva, vinculada ao espaço geográfico. “Subir na vida”, por sua vez, implica o rompimento com “a cadeia de obrigações entre os iguais”(p. 94). Aquele que sai de seu lugar de origem para morar em outro com condições de vida consideradas melhores contribui para enfraquecer os laços sociais e a identidade comum dada pelo local de moradia. Dentro da moral dos pobres (Sarti, 2005), o trabalho é dignificante e os ganhos devem ser revertidos, prioritariamente, em benefícios para a manutenção dos laços sociais, e não para a satisfação de desejos individualistas, que trazem acesso a bens materiais e simbólicos dos mais ricos, levando a uma ascensão social.

Gisele, em seu discurso, ressalta o dever de cumprir com seu papel nesta “cadeia de obrigações entre os iguais”, afirmando que seus planos são para “melhorar de vida” e que, neles, estão incluídos seus pais:

“Agora que eu tô trabalhando, eu tô com alguns projetinhos pra tirar meus pais de lá. Minha mãe quer muito. Meu pai se conforma. Minha mãe quer morar em Araruama. Eu tenho vontade, mas não de vender a casa, eu ia construir um museu... Faz parte da minha vida, é histórica. É a minha origem”. (Gisele)

O ressentimento que Gisele declara ter com relação à sua irmã Cátia, que deixou de falar com a mãe Vera, é outro exemplo da apropriação de um discurso inculcado no *ethos* de seu meio, onde os valores morais buscam preservar os laços sociais e, mais ainda, incluem, obrigatoriamente, a família nos projetos de “melhorar de vida”. Cátia,

no sentido dado por Sarti (2005), “subiu de vida”, deixando para trás seus “iguais” e rompeu com a “cadeia das obrigações mútuas”:

“Eu não fui criada com a Cátia. A Cátia foi criada pelas tias, pelas irmãs do pai dela. Eu não sei o que elas falaram que fizeram a cabeça da minha irmã, que a minha irmã, até hoje, não dá nem um feliz Dia das Mães pra minha mãe. E eu acho isso um absurdo, porque ela morava no Recreio e agora é que ela tá morando na Taquara, é formada em Economia, fez faculdade, estudava, tem dinheiro e ela não vai lá nem pra dar uma ajuda à minha mãe”. (Gisele)

Gisele também expressa frustração ao dizer que C. não a inclui em sua família:

“O que eu queria dela é que ela me retribuísse mais, sabe? Uma vez ou outra ela me convida pra ir pra casa de Maricá, mas ela me trata muito como se eu fosse uma... como eu posso dizer? Ah, uma amiga. Então, eu me sinto, assim, só mais uma pessoa...” (Gisele)

A distância entre o discurso e a prática está no fato de, por um lado, Gisele desejar “fugir de suas origens” e, por outro, reforçar e reproduzir o que caracteriza o *ethos* desta mesma origem.

Ao engajar-se em um projeto social e ingressar na carreira de modelo, Gisele encontra uma forma de associar-se a valores positivos, princípios do que Mauss (2003) analisou como “dar, receber, retribuir”:

“Se eu conseguir, de fato, concretizar minha carreira, acho que eu vou ter mais condições de ajudar o Lente dos Sonhos como um todo, na estrutura. Se eu pegar e optar pelo Lente dos Sonhos, eu sei que vai ser uma coisa vagarosa, não vai ser de uma hora pra outra. Então, se eu tiver que optar pelo Lente dos Sonhos ou pela carreira, eu vou optar pela carreira porque eu vou poder fazer mais coisas... Lente dos Sonhos é filosofia do Tony, mas é também uma coisa feita pela mão da Gisele. Entrega total, de corpo e alma, é uma coisa minha, é uma coisa minha e dele”. (Gisele)

Gisele parece, pelo seu discurso, dividida entre a lealdade ao projeto social e a busca de seus sonhos pessoais. Algumas vezes, demonstra ser tão fiel àqueles que fazem parte do Lente dos Sonhos, que poderia colocar em suspenso sua própria carreira. Os valores morais de seu meio social, ou a “moral dos pobres”, como quer Sarti (2005), são sempre enfatizados em seus depoimentos, como quando parece reconhecer a importância do fotógrafo Tony Barros, que como ela é da Cidade de Deus, em sua vida profissional:

“Porque eu quero ter, no meu book, as fotos do Tony. Eu quero vender ele como fotógrafo”. Não tem negociação, eu sou uma cria dele. É uma questão de lealdade e retorno. Acima de tudo, o meu pai me ensinou que eu tenho que ser leal com quem foi leal comigo. Se ele me ajudou, eu tenho que ajudar ele. Se eu estiver bem na vida, eu tenho obrigação de ajudar ele, é obrigação minha ajudar ele e o Lente dos Sonhos”. (Gisele)

Da mesma forma, diz que coloca seus princípios à frente das oportunidades profissionais que podem surgir, como convites de outras agências de modelo:

“O L. L. e a L.M. me receberam na Elite, então a eles que devo agradecer de fazer parte da Elite. Eu não sou ingrata, agradeço a eles, sou muito centrada, muito transparente nas coisas que faço”. (Gisele)

Os investimentos de Gisele na carreira de modelo parecem desafiar o curso esperado de uma vida comum à de pessoas como ela, que nasceram, cresceram e vivem em meio à pobreza e à violência. Se, na “moral dos pobres” (Sarti, 2005), o que se espera dos filhos é a ajuda financeira advinda do salário mensal, que tem invariavelmente como destino as mãos da mãe, Gisele ainda não cumpre este papel, o que contraria Vera: “Gostaria que ela tivesse um trabalho fixo, ganhando um dinheirinho a mais pra ajudar aqui em casa”.

Há, no entanto, uma contradição entre a fala de Gisele e suas ações. Atualmente, ela recebe R\$ 1.000,00 por mês em um restaurante, onde trabalha como *hostess*. Seu salário foi integralmente investido na compra e na colocação de uma mecha de cabelo artificial, adquirido em Copacabana.

“Primeiro, eu tô investindo na pessoa. Primeiro passo: eu queria muito alongar o cabelo. Fiquei sem um real. Comprei em Copacabana, eu paguei R\$ 956,00. E R\$ 150,00 pra fazer. E onde eu comprei é um dos melhores cabelos do Rio de Janeiro”. (Gisele)

O discurso de Gisele a respeito dos valores morais que afirma preservar parece fazer parte de um “código da atitude”. Ao censurar atitudes individualistas de outras pessoas, como a irmã Cátia, ao declarar-se predisposta a praticar atos nobres de solidariedade e ao afirmar sua lealdade àqueles que fazem parte de seu meio social, Gisele parece conferir a si mesma um outro atributo, o de “ser bela por dentro”. Na prática, porém, parecem prevalecer as mesmas atitudes individualistas que afirma rejeitar, como mostrarei no curso da análise.

4.9 – O ingresso na profissão

Penso que a tentativa de ser “adotada” pela família de C., a professora que Gisele admira e imita desde pequena, pode fazer parte de uma estratégia, ainda que inconsciente, de ascender socialmente, de sair da Cidade de Deus. Gisele buscou acumular capitais que, para ela, estiveram ausentes em suas origens, como educação, elegância, bons modos à mesa. C. teria passado a ser um exemplo que sintetizaria tais capitais.

O fato de ser irmã de uma ex-modelo fotográfico parece não justificar, para Gisele, sua escolha pela mesma profissão. Referiu-se a este fato como uma coincidência, uma casualidade. Ao falar sobre a irmã, fala também de um passado que não vivenciou, já que ainda não era nascida.

“Bem, a minha irmã mais velha, a Lúcia, ela tem, acho, que 41, 42 anos. A minha irmã era modelo... Minha irmã fotografava, mas como minha irmã ficou muito perturbada com o sumiço do pai... Minha irmã trabalhou como modelo, tirou umas fotos, assim... Aí ela começou a namorar com um rapaz, e aí quando ela terminou, o rapaz internou ela numa coisa de hospício. (Gisele)

Analisando as falas de Gisele sobre C. e Lúcia, a irmã que já havia fotografado no passado, pode-se suspeitar que estão aí as influências sobre sua decisão em ser modelo. A professora é uma referência – um modelo - real e muito presente em sua vida. A irmã havia fracassado e Gisele poderia “dar continuidade” a um sonho interrompido.

“Eu dei continuidade a um sonho que ela [Lúcia] queria perseguir, sabe? Em função de um monte de problemas particulares. Acho que foi por um acaso e por uma questão de, tipo assim, concretizar aquilo que ela não conseguiu”. (Gisele)

“Sempre trabalhei com salto alto, sempre estava arrumada, eu gosto de salto, acho que fico melhor de salto, isso sempre foi marcante na minha vida, gosto de me arrumar. Sempre fui uma pessoa pra cima, alegre, isso vem da minha família. Tudo o que é divertimento eu adoro, adoro amigos. Gisele falava para as pessoas que eu era linda e quando as pessoas me conheciam, eu via a expressão de decepção das pessoas. Eu dizia, ‘eu sou linda para os olhos da Gisele’. Ela, criança, me via chegar toda arrumada, maquiada, ela achava que eu era modelo”.(C.)

Liderando, ao lado de Tony Barros, o Projeto Lente dos Sonhos, a Cidade de Deus ganhou um novo sentido e se transformou em um importante capital que distingue Gisele das outras modelos.

“Acho que eu consegui muito mais coisas por ser da Cidade de Deus, por ter o projeto”.(Gisele)

Quando imitava sua professora da escola na forma de se vestir e de se comportar, Gisele conseguiu modificar seu *habitus* (Bourdieu, 2002), na tentativa de associar-se a um mundo social do qual imaginava não fazer parte. Este mundo que rejeitava estava diretamente associado ao lugar em que morava. Para Gisele, o pertencimento à Cidade de Deus lhe conferia valores indesejados para os seus projetos de ascensão social. Partiu, então, em busca de novos valores. A educação e a elegância de C. foram adquiridas em cursos de modelo: primeiro, no Liceu de Artes e Ofícios e,

logo em seguida, no Curso Intermodels. As técnicas e regras sociais aprendidas nestes dois cursos e na convivência com pessoas de outros meios trouxeram para Gisele a sensação de conquista de um novo status que a distanciava de seus pares. Conquistou, portanto, prestígio e distinção social dentro de sua comunidade. Nesta nova condição, o pertencimento à Cidade de Deus ganhou um novo sentido, transformando-se em um importante capital. Ao mesmo tempo, valores relacionados à solidariedade entre seus iguais, traduzidos por um discurso que enaltece a responsabilidade e a generosidade, encontraram lugar no Projeto Lente dos Sonhos e em sua vida. Gisele deixou de se sentir como mais uma moradora da Cidade de Deus e adquiriu o *status* de uma modelo disposta a colaborar com a comunidade ao seu redor. Para o mundo da moda, a associação entre Gisele Guimarães e a Cidade de Deus é um fator distintivo, o que reforça ainda mais sua posição de liderança e de prestígio dentro da comunidade. No meio profissional da moda, Gisele ganhou visibilidade e distinção.

4.10 – O “jeito de lá”

Para Gisele, os domínios de sua casa estavam vinculados à figura de seu pai, sempre controlador, atento, severo, cuidadoso, educador. Luiz não permitia que Gisele saísse de casa, evitando, assim, que a filha ficasse exposta aos riscos do tráfico e dos tiroteios que aconteciam na Cidade de Deus. A rua era um domínio desconhecido. E era justamente a este domínio, o da rua, que se relacionava a figura de sua mãe, sempre trabalhando, sempre ausente.

Em casa, Gisele era uma criança considerada “normal”, de comportamento calmo. Convivia com seu pai e cuidava dos afazeres domésticos. Diz que era tratada como filha única. Recebia a atenção esperada desta condição, pelo menos, por parte do pai. Brincar, para ela, significava ficar dentro ou, no máximo, do lado de fora, mas sempre nos limites da porta de sua casa, sob o olhar de Luiz:

“Eu brincava com as minhas amigas na porta de casa ou dentro da minha casa... Aí, quando eu chegava na escola, eu era outra pessoa”. (Gisele)

Aos dez anos, seu comportamento dentro e fora da sala de aula era oposto ao que tinha em casa: era considerada “sapecá”, “levada”, “grosseira”, uma “peste”.

“Eu era muito levada, desde pequenininha, muito sapequinha. Eu desligava a luz no disjuntor, eu pegava aquele negócio de apagar fogo ... extintor... Jogava bomba dentro dos banheiros.... Mas em casa, eu era uma santa. Quando chegava na escola, eu soltava a franga... ‘Ah, agora eu tô na minha área, agora eu domino...’ ” (Gisele)

A professora C. fala sobre o comportamento de sua ex-aluna:

“Já trabalhei em várias outras escolas, esta foi a que fiquei mais tempo, 18, 19 anos. Foi lá que conheci a Gisele já na 3ª série e teve muitas coisas que eu não compreendia da Gisele nesta época, porque ela era uma menina que fazia de tudo pra me aborrecer, me contrariar na sala de aula. Ela não tinha um jeito meigo, ela era abrutalhada. Debochava, se juntou com outra menina, e aquilo me irritava profundamente, ela deveria ter nesta época 9, 10 anos. Sempre foi esguia, alta. Ela aprontava todas. Ela me chateava muito e eu ficava me perguntando por quê. Eu sempre tive um relacionamento bom com os alunos, e a Gisele, eu não conseguia entender o que ela queria, ela atrapalhava a aula, ela era grosseira comigo, eu fui ficando chateada, aquela coisa de professor de dar graças a Deus quando o aluno falta, sabe?” (C.)

Gisele confirma esta visão sobre o seu comportamento na escola:

“Tudo eu resmungava. Quando era ela, então, tudo eu resmungava. Hoje em dia ela fala, ‘Eu nunca agradava você, tudo você resmungava’. Até uma vez, pra tirar ela do sério, o aluno tem que ser o extremo. Aí, em todas as confusões eu tava metida, em todas as confusões eu arrumava. E eu tinha a mania de bater a mão, bater o pé ...” (Gisele)

A “mania de bater a mão, bater o pé”, a que se referiu Gisele, foi imitada duas vezes por C. durante sua entrevista, ao mesmo tempo em que enfatizava o quanto esta atitude a irritava:

“Ela não era de muitos amigos por causa deste jeito dela, ela tinha uma amiga. Os alunos que eram mais participativos não gostavam muito dela porque ela atrapalhava a aula, ria alto, fazia bagunça, até as crianças brincavam quando ela faltava, diziam que a aula seria boa”. (C.)

As primeiras mudanças em seu comportamento aconteceram quando C. decidiu conversar a respeito de suas atitudes na escola. Com o tempo, descobriu que Gisele a admirava muito e que, exatamente por este motivo, queria chamar sua atenção:

“Teve um dia que eu perdi a paciência com ela que eu dei uns berros, dizendo: ‘Gisele o que você quer de mim? Você quer acabar com a minha vida?’. Foi um passeio que a gente fez, e tudo que eu falava pra não fazer ela fazia, ficava querendo me chatear. Eu encarava deste jeito, então dei uns berros, ‘você está sempre na contramão, o que você quer com você, comigo?’, dei uma chamada nela. Ela disse que aquilo fez ela parar e ela percebeu que meu olhar naquele dia ... ela se assustou, aí ela percebeu que estava me fazendo mal. Isso já era o final, porque ela estava indo pra 5ª série, não seria mais minha aluna. Ela começou a querer correr contra o tempo, começou a querer mudar, começou a querer ser minha amiga, e me mandava cartas, queria o meu perdão de tudo. E depois, conversando comigo, ela disse que bateu um remorso muito grande, que ela gostaria de voltar a ser minha aluna de novo pra que ela pudesse corrigir todo o mal que ela me fez. Aí ela me explicou que tinha um ciúmes muito grande de um aluno que desde aquela época se mostrava como líder e tinha organização, liderança política, como ele tinha esse jeito eu aproveitava ele pro Grêmio, pra organizar, eles eram da mesma turma e não se entendiam. E quando ela conversou isso comigo, acho que ela estava na 8ª série, ela não imagina como ela me fez crescer profissionalmente com isso, falei pra ela que eu também tinha que voltar atrás pra consertar coisas que eu também tinha feito errado”. (C.)

Como demonstrou Elias (1994), a busca por atenção, admiração, afeto, e o reconhecimento social, conduzem as escolhas e podem definir o curso da vida.

“Mais tarde ela me disse que tudo o que ela fazia era pra me chamar a atenção, que queria carinho, mas ela fez tudo de forma errada. Ela queria que eu gostasse dela como eu gostava do F. e dos outros”.(C.)

Conquistada a atenção de C., Gisele queria, então, ser como C.. Assim, passou a imitá-la, sobretudo na forma de se vestir e no modo de agir, que a aluna descreve como “elegante e exuberante”. Na carreira de modelo, Gisele encontrou um terreno favorável para legitimar a mudança em seu comportamento.

A aparência física de Gisele chamava a atenção de C.: “Sempre foi esguia, alta”. Depois, contudo, que modificou seu jeito de agir e frequentou cursos de modelo, a professora nela identificou uma transformação mais significativa, que diz respeito à forma como Gisele passou a se relacionar com a Cidade de Deus e com suas origens:

“Alta, esguia, gostava de se arrumar, conversava direito, já tinha perdido aquele ar de malandra. Ah, ela mudou muito, a moda ajudou, a preocupação ... de tudo que ela leu, frequenta, observa, fez ela mudar muito no comportamento. Antes quando ela tinha o jeito de lá, ela não aceitava, agora que ela não tem mais, ela gosta da comunidade, gosta do lugar onde mora”. (C.)

A idéia de um “jeito de lá” sublinha a distância social e cultural que se erguia entre as duas, apesar da proximidade pessoal e geográfica: C., além de sua professora, é praticamente sua vizinha, já que mora a algumas centenas de metros da entrada da favela da Cidade de Deus, mais precisamente, próximo ao Santuário, onde vive Gisele. Mas a distância social percebida é muito maior. E, certamente, era também percebida por Gisele desde menina que, através de seu comportamento desviante (Becker, 1977), demarcava ainda mais as fronteiras que a separavam dos demais alunos da escola e da própria C.:

“Com a C., como ela me excluía tanto, eu era levadinha, não sei o quê....
E ela dava mais prioridade pros alunos que eram mais comportados”.
(Gisele)

O “ar de malandra”, o jeito “abrutalhado”, a fala escandalosa e o modo “grosseiro” que caracterizavam Gisele, aos olhos de C., pertencem ao “jeito de lá”. O corpo “alto e esguio”, a aparência “arrumada” e a maneira de “conversar direito”, por oposição, pertencem ao jeito do lado de cá, do qual faz parte C.

Enquanto Gisele era “levada”, seus colegas eram “comportados”. C. dava mais atenção aos “comportados”, os “lado de cá”, enquanto Gisele permanecia do “lado de lá”. A tentativa de conquistar a atenção e o carinho de C. pode ser percebida como uma estratégia – inconsciente, talvez - de Gisele para transpor barreiras e passar para o lado da professora. Com o “jeito de lá”, Gisele percebeu que não iria muito longe. Encontrou em C. a referência que lhe faltava para construir uma identidade que a levasse em direção oposta ao comportamento que caracterizava as pessoas do lugar onde vivia.

Nos cursos de modelo Gisele conquistou não apenas o domínio sobre regras sociais distintivas de camadas mais altas, mas também a segurança de que se havia distanciado do “jeito de lá”. Ao contrário de querer “fugir de suas origens”, como declarou, Gisele passou a tratar a Cidade de Deus como um importante capital (Bourdieu, 2002), especialmente pela grande visibilidade do lugar, conquistada em outros países e mesmo no Brasil após a publicação de um livro e, mais tarde, a distribuição de um filme longa-metragem a seu respeito, ambos com grande sucesso.

4.11 – Passando para o “outro lado”

Em 2002, aos 17 anos, Gisele se sentia pressionada por sua mãe, que desejava que a filha, como ela, freqüentasse a Igreja Evangélica. Por um tempo, participou dos cultos e se envolveu em projetos sociais na comunidade. Fez amizade com membros da Igreja e se apaixonou por um pastor. No entanto, não se sentia feliz:

“Porque quando eu conheci a L. e o Tony, a minha vida tinha degradado, a minha vida era a igreja...” (Gisele)

L. também freqüentava a Igreja. Em reuniões de jovens evangélicos, passaram a conversar mais e se aproximaram. Um dia, L. convidou Gisele para conhecer um amigo fotógrafo, Tony Barros. Gisele relata sua primeira experiência como modelo:

“Aí eu conheci ela [L.], ela me apresentou o Tony. Ela: ‘pô, eu tenho uma amiga que tem o maior carão’, não sei o quê. Aí, quando a gente tava voltando da Taquara, porque a gente ia estudar junto, ela viu o Tony na pista, de moto, ele ia entregar um material. Aí me apresentou, eu conheci ele. Aí, a gente queria fazer [as fotos] na Barra. E ele queria fazer na favela, aí a gente ficou discutindo, ah, não, eu não quero, quero fazer na Barra. ‘Não, gente, vamos fazer uma coisa diferente. Porque, na moda, todo mundo quer fazer coisa, sabe, social... Vamos fazer uma coisa mostrando a favela’. Aí, fizemos. E quando eu vi e ela viu, a gente ficou surpresa, porque ficou lindo. Eu não esperava que ia dar um resultado. Aí o Tony ficou naquela indecisão, mostro pra minha chefe, não mostro. Aí ele mostrou pra uma amiga dele que é repórter. Aí, ela: tá lindo, não sei o quê, começou a falar. Tony, tá muito maneiro, tem que mostrar isso pra K., que é a chefe dele. Aí, a partir daí ...” (Gisele)

No momento em que as fotografias foram legitimadas por uma profissional que pertence ao “outro lado” do mundo de Gisele, começou a mudar seu olhar sobre a favela que, como disse Tony, “está na moda”.

“Ah, ela mudou muito, a moda ajudou, a preocupação de tudo que ela leu, freqüenta, observa fez ela mudar muito no comportamento. Antes quando ela tinha o jeito de lá, ela não aceitava, agora que ela não tem mais, ela gosta da comunidade, gosta do lugar onde mora”.(C)

O fato de fotografar escondida dos pais sublinha a distância entre o “seu mundo” e o “mundo da moda”: certa de que Vera e Luiz não compreenderiam o que fazia e não aprovariam sua escolha, Gisele escondeu dos pais as fotos.

“Mas por minha mãe ser evangélica e meu pai ser assim, com o jeito que é, seco, acha que é besteira, é banal... Eu tentava, mas achava que ... ah...

Bom, vou ter que enfrentar meus pais.... Só que eu desenhava. ‘Olha só, mãe, que legal..’ Até na minha formatura, fui eu que desenhei o meu vestido. Eu desenhei e pedi pra fazer. Só que com meus pais nunca comentava. Minha mãe é evangélica há muito tempo e eu achava que ... Eu nunca falei nada pra minha mãe, até que eu fiz as fotos, e aí... Ela pegou e meu pai quis me bater”. (Gisele)

Mas a amizade com Tony Barros e L. representava, naquele momento que ela própria descrevia como “vida degradada”, uma oportunidade de mudar.

“Só que o Tony já tinha essa intenção há dez anos atrás, fazer um trabalho desses com a comunidade, pegar as favelas, dar oportunidades pra quem não tem condições, ele já tinha essa idéia. Só que ele nunca conseguiu uma pessoa pra ser o braço direito dele, no caso, né? E aí, a gente começou a fazer esse trabalho, fizemos um ensaio fotográfico, foi publicado no portal Viva Favela. Aí, foi pra exposição. Foi o maior sucesso.” (Gisele)

Com o patrocínio da Petrobras, Gisele e outras adolescentes ligadas a Tony Barros conseguiram fazer gratuitamente o curso para modelo profissional do Liceu de Artes e Ofícios. Logo em seguida buscou se aprimorar e, segundo ela, se atualizar no curso da agência de modelos “Intermodels”, que não lhe cobrou pelas aulas.

“Eu fui pro Liceu bancada pela Petrobras. Não só pra mim, mas pra 29 modelos. Isso foi eu, Tony, o produtor e o professor lá do Liceu de Artes e Ofícios, que bateu na porta e conseguiu. Aí, a Petrobras bancou durante nove meses. Foi bem legal... Aí depois eu fiz a Intermodels... Pra eu comparar, sabe? Sendo que, não era que não era atualizado, era o básico. Primeiro o Liceu, depois a Intermodels. No Liceu, eu era nova, tinha uns 17 ou 18 anos. Quando eu fiz a Intermodels, foi num intervalo de dois meses, eu entrei pra Inter com uns 18 anos. O curso era de seis ou nove meses, aí eu fiz” (Gisele)

Com os conhecimentos adquiridos nestes dois cursos, Gisele começava, então, a “acumular capitais” (Bourdieu, 2002):

“A questão de como sentar, a postura, como comer, como falar, isso foi muito legal pra minha vida, acho que não serviu só pra minha carreira de modelo, serviu como um todo. Pra mim, foi muito bom, eu aproveitei o máximo que eu pude”. (Gisele)

Sua mãe, que a princípio se opôs à carreira de Gisele, concorda que sua filha “mudou” depois que “entrou para a moda”:

“Mudou, o modo dela falar, se expressar. O jeito dela tá melhor porque o comportamento melhorou. (Vera)

Gisele decide se comprometer com um projeto social voltado para sua comunidade e passa a transferir todo o conhecimento adquirido nos cursos de modelo para outras crianças e adolescentes – ela “externaliza” o que foi “internalizado”, criando um discurso que evidencia sinais distintivos de camadas mais altas da sociedade. Na contramão, este mesmo discurso evidencia sinais de pertencimento à sua origem social, causando estranhamento quando em ambientes do “mundo da moda”.

Pode-se dizer que o marco da passagem de Gisele para o “outro lado” de seu meio social foi o momento em que assumiu o papel de “professora” no Projeto Lente dos Sonhos, conquistando “respeito” e “credibilidade”. Conquista um novo status na comunidade, “reconvertendo” o “capital cultural” (Bourdieu, 2002) adquirido nos dois cursos em “capital político” e “capital social”.

“Eu ganhei credibilidade, eu ganhei respeito. Claro, eu tenho que ter meu trabalho particular, sim, com certeza. Eu tenho que evoluir? Tenho, sim. Só que, assim, eu tenho que ser muito cautelosa, porque eu ganhei um espaço que é muito difícil galgar. E eu não posso sair, hoje, pegar meu portfolio, bater numa agência e dizer que eu vou ficar. Sei que eu não vou poder estar mais ali, no projeto”. (Gisele)

Além das aulas práticas de passarela, Gisele dá lições de etiqueta, o que inclui o bom comportamento e as maneiras à mesa.

“Agora, no curso, eu aprendi mais formas de vestir adequadamente. Botar um shortinho, melhor botar uma blusa maior, ou uma blusa larga, ou uma blusa menos decotada. Meu estilo foi mudando por causa do curso, mas antes não, antes era *topzinho*, sainha, mostrando tudo. Acho por isso que eu era mais julgada”. (P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“A comer, a se vestir melhor, a se maquiar, a postura, andar com postura, a andar de salto. Assim, com educação, com o garfo, com a faca”. (F., 12 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Na prática? Muitas coisas, a gente aprende a se comportar em casa, obedecer nossa mãe. Eu acho que eu fiquei mais independente, porque eu era muito relaxada com as minhas coisas. Agora, eu não sou mais. Eu melhorei com o curso, eu fiquei com mais disciplina na escola.... Porque eu só ficava brincando na sala de aula, melhorei mais. Fiquei mais independente, mais madura, praticamente, né?” (M., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

A partir dos depoimentos das alunas que entrevistei, percebe-se que Gisele é tomada como um exemplo: a professora representa um ideal a ser imitado.

“Acho o rosto dela bonito, o corpo dela bonito, acho o jeito de ser dela bonito. Ah, porque ela é bonita, porque os homens gostam mais de mulheres assim, bonita, alta, magra... Primeiro, Gisele. Segundo, Gisele Bündchen e terceiro ... Naomi Campbell” (M., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Ao desfilar, a professora é atentamente observada. Imitá-la, além de um exercício, é um desafio para estas alunas. Gisele, hoje, é imitada, pois tem prestígio em sua comunidade. Ela, que sempre imitou C., agora é imitada:

“Ela tem uma postura firme, disciplinadora com as alunas dela. Ela tem um jeito parecido comigo como professora. Eu acho que ao voltar atrás comigo, ela tá refletindo pras crianças, o respeito pela família e com a comunidade”. (C.)

Por meio de sua aparência física, de atitudes, palavras e comportamento, Gisele provoca “mudanças” em suas alunas - da mesma forma que C. fez com ela, ainda que de forma inconsciente. De aluna “sapeco”, Gisele se tornou uma professora exemplar. Gisele nunca havia se sentido mais perto do “outro lado”.

O caráter ambíguo do papel social de Gisele – ora dominante, ora dominada – é revelador do processo de reprodução social a que se refere Bourdieu (2002). Se, por um lado, Gisele mantém sua posição privilegiada dentro do espaço social de sua comunidade ao impor-se como detentora de um dado capital cultural e simbólico que a distingue de seus pares, por outro lado, dá legitimidade a valores que lhe são hierarquicamente “superiores”, ao assumi-los como atributos que devem ser continuamente adquiridos e incorporados, já que não foram “naturalmente” herdados.

Penso que as idéias de Bourdieu (2002) contribuem para a compreensão do papel social de Gisele como uma intermediária entre o “lado de lá” e o “lado de cá”. No entanto, julgo conveniente relativizar o aspecto autoritário que o autor atribui aos efeitos do trabalho destes “especialistas” que, como Gisele, transmitem valores dominantes aos excluídos da cultura hegemônica. A partir do que pude observar junto ao grupo pesquisado, há espaço para uma apropriação cultural destes valores, o que indica uma possibilidade criativa, ou ainda, um processo de resignificação sobre o que lhes é transmitido. Um bom exemplo é um dos desfiles que assisti, organizado pelo Projeto Lente dos Sonhos, na quadra da Escola de Samba da Cidade de Deus. Na ocasião, as alunas trajavam roupas confeccionadas com pipoca, variados tipos de papel e metal, CD, entre outros tipos de material. Por se tratar de um concurso para eleger as melhores modelos na passarela, o que se julgava neste e em outros eventos aos quais estive presente, era a capacidade de transformar a realidade em algo que agrada aos gostos de uma classe dominante, representada pelos convidados especiais sempre prestigiados, como jornalistas e formadores de opinião em geral, inclusive moradores do lugar. No entanto, esta realidade é transformada e não sublimada. A sublimação, creio, poderia levar a uma inautenticidade que denunciaria a distância social. A transformação, ao

contrário, revela a origem e a reveste de sinais distintivos reconhecidos pela cultura dominante.

As alunas do Projeto aprendem que sua inclusão social depende do domínio de sinais distintivos e esta percepção é, na maioria das vezes, racional e consciente: alguns dos resultados esperados a partir do curso é aprender a falar, a sentar, o que as ajudaria, por exemplo, em seu desempenho no mercado de trabalho, como revela uma das entrevistas:

“Já que eu quero ser advogada, né, aí quando eu for procurar emprego, já vou saber me vestir melhor, a andar de salto, com postura”. (F., aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Mais do que compreender o papel social ambíguo – ora dominante, ora dominada - de Gisele, é fundamental perceber sua importância como um agente que reproduz valores, mas que, acima de tudo, produz transformação.

4.12 – “Modelo da Elite”

Em 2006, Gisele foi levada por uma amiga à Elite Models, no Leblon, e passou a integrar o *casting* (elenco) de uma das mais influentes agências de modelo no mundo. Na Internet, a modelo passou, então, a se autodenominar “Gisele, modelo da Elite”. Esta designação a identificava em redes virtuais de relacionamento (Orkut e Messenger).

O ingresso de Gisele na Elite foi acompanhada pelo *booker* (agente) L.L.²⁶:

“Quando a Gisele chegou na agência, foi numa situação similar a muitas outras meninas com origem humilde... com um grande diferencial, ela tem uma atitude bastante positiva e isso causa uma boa impressão por onde quer que ela vá... porque ela é otimista, luminosa, cativante, tem uma dezena de qualidades que deveriam ser vistas pelas pessoas. É impossível você criar todas essas qualidades, você pode melhorar e criar algumas, ela não, ela tem essas qualidades naturalmente”. (L.L.)

²⁶ Dois meses antes da entrevista, que aconteceu em 27 de junho de 2007, L.L. havia se demitido da Elite e entrara como sócio em um negócio próprio, também na área de agenciamento.

Encontro, a respeito das “qualidades naturais” apontadas por L.L. em Gisele, semelhanças com Leila Diniz, trajetória analisada por Goldenberg (1996), que revela uma mulher irreverente, luminosa, revolucionária, cativante, ingênua e espontânea, entre outros adjetivos presentes no discurso de amigos, familiares e fãs. A tal personalidade é atribuída uma autenticidade e uma naturalidade que a torna uma pessoa única. Esta imagem, como demonstra Goldenberg (1996), é construída a partir das diversas biografias (livros, filmes, entrevistas) analisadas a respeito de Leila Diniz, e se consolida através de uma análise contrastiva com o modelo de feminilidade de sua época. Comparativamente, a atriz distinguia-se por atributos que estavam na contracorrente de um comportamento aceitável socialmente para uma mulher. Sua autenticidade contribuía para a construção da imagem da “nova mulher”, independente, emancipada e livre. Da mesma forma, Gisele se destaca por ser a representante de uma categoria de modelos, da qual se espera, desenvolvendo a afirmação de L.L., uma “atitude negativa”. Ao contrário, Gisele é percebida como uma pessoa “otimista, luminosa e cativante”, marcas distintivas que colaboram para a construção de uma identidade, senão única, ao menos especial.

Para Gisele, porém, suas “qualidades naturais” não são suficientes para amenizar as diferenças sociais que ela percebe, diante de outros modelos da agência:

“O que me favorece é eu ser de comunidade. Então, eu tenho uma história diferente. O que desfavorece é a dificuldade financeira”.
(Gisele)

De fato, a maioria dos modelos da Elite pertence a uma camada superior, tanto no capital financeiro, quanto no cultural e social:

“As modelos do Rio de Janeiro são todas filhas de pais que residem na cidade, e isso passa a ser uma atividade secundária, elas estudam, elas fazem colégio ou faculdade, nos horários disponíveis vão fazer *casting*, trabalhos, às vezes faltam às aulas. A maioria é classe média. As dificuldades que impedem uma [modelo de classe social] D ou E de se locomover é financeira, aí o agente tem que ter um interesse muito grande em uma menina que não tem recurso pra ele querer investir. A atividade de modelo no Rio de Janeiro é uma atividade que, salvo

exceções, mas na maior parte das vezes serve para as meninas terem um dinheiro extra pra pagar faculdade, pra comprar roupa, viajar com namorado, dar presente, não é exatamente uma carreira, quando vira uma carreira a menina sai do Rio de Janeiro, vai pra São Paulo ou fora do Brasil e aí começa a ter esta vida agitada, que mostram as revistas, numa atitude muitas vezes exagerada e muito mais *glamourosa* do que realmente é”. (L.L.)

A “história diferente” de Gisele e as qualidades de sua personalidade são marcas distintivas que a destacam de um padrão de modelo “de classe média”. A desvantagem financeira, porém, cria dificuldades práticas. Para ela, a profissão de modelo é uma carreira, enquanto para a maioria das modelos de classe média é uma “atividade secundária”.

O perfil de classe média das modelos da agência, segundo o *booker*, atende a este mercado consumidor, que é jovem e tem alto poder de consumo – um perfil que se identifica, portanto, com as camadas altas da sociedade:

“[a pouca idade das modelos] Tá ligado ao frescor, quem compra mais roupa é a mulher, geralmente mulher adulta, a mãe compra pra ela , pra filha, você anuncia mais pra jovem consumir, a moda dos 14 aos 25 anos que se anuncia mais os catálogos e campanhas. É uma questão de mercado, tenho três filhas, compram coisa o tempo inteiro, o público é elas. São pré-adolescentes e roupa e acessório são objeto de desejo. O mercado é jovem. A beleza da juventude é mais carismática do que a menina madura, ela é mais atraente e o mercado se interessa mais por ela. Algumas grifes trabalham só com manequim 36 até 40, neste padrão geralmente são as mais jovens, até tem mulheres mais adultas, mas a maioria são jovens neste perfil. Tem mulheres de 30 que malham, fazem botox e querem vestir roupa de menininha. (L.L.)

O capital físico de Gisele, embora seja considerado por L.L. adequado aos padrões do mercado, também sofre as conseqüências do que ele chama de frescor – Gisele já estava com 22 anos:

“O corpo dela é bem talhado... tem o quadril estreito, ela sempre teve qualidades físicas muito adequadas. Só que ela já não tem mais idade, ela começou tarde, não quer dizer que ela esteja velha, mas ela tem que correr contra o tempo. Tem um objetivo em cada faixa etária, quando você tem 15, 16 anos se tem um objetivo. Com 20 anos você já tem seus traços mais amadurecidos, o organismo adulto, deixa de ser garota, o interesse publicitário começa a mudar.”. (L.L.)

Além da idade, outros fatores na vida de Gisele se tornam desafios a serem superados no mercado de trabalho. A ausência do capital financeiro (Bourdieu, 2002) é um outro problema:

“Acho que tenho todo o perfil do mercado, mas sempre aquilo, o que manda é o poder aquisitivo. Muitas vezes eu fui trocada das coisas por eu não ter recurso”. (Gisele)

Os investimentos na aparência física, para a profissão de modelo, são imperativos. Com esforço, Gisele “comprou um cabelo” para fazer um *megahair* e se viu diante da necessidade de mantê-lo bem cuidado:

“Agora, com o cabelo, é que eu vou ter que cuidar. Eu tô trabalhando, vai dar pra eu cuidar bem. Mas, pra cuidar da pele, é muito caro, gata. Então, eu vou ter que pesquisar muito”. (Gisele)

Diante das outras modelos, Gisele se percebe como alguém que está em posição inferior na escala social:

“Me olham com um olhar um pouquinho diferente, mas me olham como se eu fosse a pobre coitada. Quando eu vou pra teste, me olham assim, tipo assim, ‘quem é essa?’. Porque é pessoal da Zona Sul, Botafogo, Flamengo, Copacabana, então, é um olhinho azul, a pele é uma seda de pele, é um cabelo aveludado. Negros, na Elite, têm bastante, mas que trabalha, mesmo... Tem que ter olhinho azul, né, gata?” (Gisele)

Por outro lado, Gisele afirma que a agência vende sua imagem com um discurso que ressalta o seu pertencimento à Cidade de Deus e sua atividade social:

“Então, eles me vendem como uma menina que é de uma favela, que faz parte de uma agência muito importante, e que tem uma linha de trabalho social.” (Gisele)

Parece que Gisele percebeu que sua origem social é seu maior capital, muito mais do que sua aparência física, que não pode contar com os investimentos financeiros necessários para os tratamentos de pele e os cuidados com os cabelos que lhe são recomendados. Além disso, seu biotipo e sua idade não correspondem ao padrão de beleza hegemônico do mundo da moda. Acredito que esta não foi uma estratégia calculada, porém passou a ser, na Elite, determinante para a consolidação de seu espaço no mundo da moda.

4.13 – Um olhar comparativo sobre a carreira de modelo

Gisele Bündchen nasceu em 20 de junho de 1980, na cidade de Horizontina, no Rio Grande do Sul. Tem mais cinco irmãs, uma delas gêmea. Em 1993, quando tinha treze anos, sua mãe decidiu que duas de suas filhas freqüentariam um curso de modelos para melhorar a postura, já que eram muito altas e magras. Em 1995, levada pelo professor deste curso juntamente com outras alunas, Gisele Bündchen participou do concurso da agência Elite Models, “*The look of the year*”, onde, na etapa nacional, ficou em segundo lugar e na internacional, em quarto. John Casablancas, dono da Elite, decidiu contratar Gisele Bündchen. Ela voltou para o Brasil e foi morar em São Paulo, onde retomou seus estudos, tendo freqüentado a escola até o segundo ano do Ensino Médio. Em 1997, ganhou um concurso de modelos promovido pela empresa Phytoervas e decidiu ir para Nova Iorque. Lá, participou de importantes desfiles de moda. Foi fotografada para capas de diversas revistas internacionais. Em 1998, já começava a ser reconhecida como uma *top model* internacional. Nesta época, Gisele Bündchen saiu da Elite Models para assinar contrato com a IMG.

Desde quando saiu do Brasil rumo a Nova Iorque, Bündchen tem merecido muita atenção do mundo da moda – de lá para cá, passou da classificação de *top model* para a de *übermodel*, expressão originária do alemão *über* (que significa “acima”,

“além”). Gisele Bündchen é considerada a maior de todas as modelos e também a mais bem paga do mundo. Seu “nome” e “personalidade” são um “capital simbólico” (Bourdieu, 2002) que, associado a grifes e produtos, tem sido “reconvertido” em “capital financeiro”, o que permitiu que Gisele Bündchen acumulasse, em doze meses, milhões de dólares.²⁷

O sucesso sem precedentes da modelo gaúcha Gisele Bündchen no mercado internacional da moda despertou em adolescentes brasileiras o desejo de tentar um lugar entre as *top models*. A modelo catarinense Solange Wilvert, é uma delas. De acordo com uma matéria publicada no jornal O Globo, “a idéia de ser modelo surgiu aos 10 anos, quando viu Gisele Bündchen desfilando na TV. Começou a imitá-la, desfilando sozinha em casa”²⁸. Também Gisele Guimarães a toma como exemplo:

“Ela tem um toque a mais, ela tem um quê diferente. E é isso que conta numa passarela. Ela tem alguma coisa a mais que faz ela ser diferente. A questão não é nem a beleza, a questão é uma coisa, que irradia todo mundo”.(Gisele)

O “quê diferente” a que se refere Gisele Guimarães é, normalmente, associado à forma como Gisele Bündchen atravessa a passarela, cruzando as pernas. Sua maneira de caminhar é imitada pelas modelos mais jovens. Além disso, o sucesso de Gisele Bündchen estaria também relacionado à sua personalidade, que para Gisele Guimarães “irradia todo mundo”. Segundo a imprensa, ela é alegre, saudável, cheia de energia. Um outro aspecto que torna Gisele Bündchen especial seria, de acordo com a mídia, seu corpo: ele não é excessivamente magro, tem curvas, tem sensualidade, o que teria trazido, para as passarelas, um novo padrão de beleza, mais saudável e próximo das brasileiras. Em matérias de revista, o contraste apresentado é a modelo Kate Moss, associada a uma imagem “anoréxica”. Gisele Bündchen é também conhecida como “*the body*”.

“Em 1998, nova temporada de desfiles em Londres, Milão e Paris, totalizando cerca de 60 aparições – afirma-se que os cachês eram de US\$ 5.000 por apresentação. Daí veio o ingresso definitivo no universo

²⁷ Fonte: www.forbes.com

²⁸ Brilho de uma protomanicure. Jornal O Globo in Caderno Ela, 26/03/2005, p. 2.

editorial internacional de moda. A primeira capa lá fora foi na edição de março da Marie Claire inglesa. Dois meses depois, a sensibilidade latina do fotógrafo peruano Mario Testino ajudou a promover uma nova imagem da mulher. Foi ele o autor da reportagem fotográfica feita no Rio de Janeiro para a edição de maio da revista americana “Allure”, uma espécie de bíblia da beleza. Gisele estava lá, encarnando o novo símbolo de feminilidade que a moda parecia querer: versatilidade, curvas, frescor, volume, alegria, sensualidade. Gisele surgia com ar de saúde num mundo de modelos esqueléticas, com mais aparência de doentes do que de belas. O look sensual e saudável da gaúcha passava a desbancar o visual de estilo anorético tão difundido por Kate Moss. Essa atitude e aparência começavam a abrir espaço para o boom das brasileiras no mercado internacional”. (Revista Marie Claire, abril de 2002)

“Seu visual saudável e sua beleza natural foram importantíssimos num momento em que a tendência do estilo heroína-chic, que cultuava a desglamourização e um aspecto doentio, havia sido banida dos editoriais de moda” (Sabino, 2007a)

Desde 2001, aos 20 anos, Gisele Bündchen decidiu que diminuiria o volume de trabalho e que desfilaria apenas para as pessoas de quem mais gostava, entre elas para a grife italiana Dolce & Gabbana. No Brasil, cumpre contrato para a grife Colcci, para quem também desfila. Atualmente, protagoniza trabalhos publicitários, divulgando sandálias e perfumes, entre outros produtos, alguns com a sua marca.

4.14 – O encontro das modelos

O corpo, a atitude e a personalidade de Gisele Bündchen são tomados como exemplo pelas adolescentes que desejam ser modelo. Para Gisele Guimarães, não é diferente.

Quando Gisele Guimarães tinha 17 anos, Gisele Bündchen tinha 20. Enquanto Gisele Guimarães decidia ser modelo, em 2001, Gisele Bündchen planejava diminuir seu volume de trabalho, já que era uma *top model* de enorme sucesso. Seus cachês já somavam milhões. É em seu exemplo que Gisele Guimarães se inspira:

“Tem várias modelos brasileiras de sucesso. Mas, claro, que eu me inspiro na Gisele [Bündchen]. Eu tenho todo o material da Gisele que eu ganhei, assim, fotos, de revistas.... E aí, vira e mexe, quando sai alguma coisa dela, eu guardo bonitinho, ponho na capinha, mas não é uma coisa que eu idolatro. Ela é uma referência”. (Gisele)

Gisele Guimarães disse admirar em Gisele Bündchen algo que ela “irradia” mais do que, propriamente, sua beleza. Uma atitude radiante é exatamente o que Gisele Guimarães procura valorizar em sua imagem e em seu discurso, especialmente quando manipula a informação (Goffman, 1988) sobre sua origem: ao evidenciar a distância social que a separa “do asfalto”, demonstra que sua atitude diante do mundo da moda é otimista, positiva e perseverante.

“Tenho, eu acho que eu tenho. Porque, na verdade, o modelo tem que ter essa personalidade. A Gisele Bündchen tem personalidade. Ela é uma personalidade no mercado. Eu tenho essa personalidade forte, teimosa. Eu acho que modelo tem que ser independente, tem que pegar as coisas na raça.” (Gisele)

Um importante capital simbólico que parecer contribuir para a construção da imagem de Gisele Guimarães é o seu nome, que coincide com o da *top model*. Ao ganhar visibilidade na mídia a partir do Projeto Lente dos Sonhos, a comparação entre “Gisele da Favela”²⁹ e Gisele Bündchen se tornou inevitável.

“É uma confusão que fazem com meu nome. Acho que foi uma dádiva de Deus minha mãe ter me dado esse nome. Quando minha mãe viu no jornal esse nome, ela gostou. E eu tô feliz com meu nome, porque eles fazem um trocadilho, tipo assim, de Gisele Bündchen pra Gisele Guimarães, enorme. Me ajuda. Ela vai ter que saber quem é essa Gisele, ela vai ter que ir lá conhecer, porque todo mundo faz trocadilho. Ela vai sentir necessidade de fazer. É uma coisa que eu espero” (Gisele)

²⁹ Ver Capítulo 5.

Gisele Guimarães considera seu nome uma “dádiva”, pois ele cria uma associação direta com a modelo que é sua inspiração e referência. Ser comparada com Gisele Bündchen é, para Gisele Guimarães, uma marca distintiva. E, por sua condição de vida pobre, ela, Gisele Guimarães, se torna alguém que Gisele Bündchen precisa conhecer. Seu nome é um verdadeiro capital simbólico no campo da moda.

Ao tipo físico de Gisele Bündchen, loira e de olhos claros, é associada uma origem européia. No entanto, seu corpo seria, segundo a mídia, o maior responsável por uma mudança do padrão de beleza da moda, antes considerado “anorético” e, agora, “saudável e natural”.

Gisele Bündchen é tomada como uma modelo que, por seu sucesso, favoreceu a valorização de uma beleza brasileira. Depois dela, teria voltado para as passarelas da moda um corpo com curvas. Assim como, na opinião de L.L., a própria Gisele Guimarães, cujo corpo é adequado às medidas exigidas pelo mercado da moda, mas é curvilíneo.

Em julho de 2007, Gisele Guimarães foi contratada para ser recepcionista na festa em homenagem ao fotógrafo peruano Mario Testino, no Hotel Copacabana Palace. Uma das convidadas era Gisele Bündchen. Segundo Gisele, a *top model* olhou para ela, sorriu, e seguiu seu caminho, cercada por seguranças e fotógrafos. Por telefone, no dia seguinte, Gisele Guimarães me contou, entusiasmada, esta experiência. Afirmava que Gisele Bündchen era “muito linda” e “inalcançável”. Ao ficar frente-a-frente com ela, diz Gisele, não houve reação, já que tudo foi muito rápido e emocionante. As duas Giseles, naquele momento, nunca estiveram tão perto. E a distância entre elas nunca pareceu ser tão grande.

4.15 - A trajetória de Dalma Callado

“Dalma Volta” – assim a primeira página do Caderno Ela, do Jornal O Globo³⁰, chamou minha atenção naquele sábado de 2007. Por se tratar de uma matéria sobre uma modelo importante da década de 1980, li o texto e guardei o recorte de jornal junto aos dezenas de outros que se acumulavam em meus arquivos.

Na mídia, Dalma Callado é representada por valores positivos, associados à “nobreza” e elegância:

³⁰ Dalma de volta. O Globo. Caderno Ela, 31 de março de 2007, p. 1-2

“Seu primeiro casamento foi com um banqueiro americano, com quem, sempre trabalhando, viveu os anos de ouro do Studio 54. O segundo, com o nobre italiano Giovanni Sanjust i Teulada, pintor de paisagens e grande colecionador, teve festa surpresa organizada por Valentino numa das casas do estilista em Catona, na Toscana”. (Dalma de volta, O Globo, 2007)

“Morena, alta, silhueta contrastando com o apartamento todo branco de frente para a Lagoa Rodrigo de Freitas”. (Dalma de volta, O Globo, 2007)

Dalma Callado é a representação do “luxo”, da “pureza”, do “refinamento” da moda – ela é retratada como a própria moda:

“Em 86, ao receber um prêmio do *Council of Fashion Designers of América* (CFDA), o ‘*New York Times*’ publicou reportagem na primeira página afirmando que a moda existia antes e depois de Dalma”. (Dalma de volta, O Globo, 2007)

Mais tarde, lendo o capítulo que Pacce (2006) dedicou a Dalma Callado, interessei-me por sua história e comecei a perceber que existiam pontos interessantes para comparar com a trajetória de Gisele Guimarães. Decidi, então, pesquisar mais sobre Dalma Callado e, se possível, entrevistá-la pessoalmente. Recorri à Internet e consegui um telefone de Ubatuba, São Paulo. Telefonei e uma funcionária casa me disse que aquele endereço era da casa de praia da modelo. Sem precisar insistir muito, consegui o número do telefone de seu apartamento no Rio de Janeiro. A própria Dalma Callado atendeu ao telefone e expliquei os motivos de meu interesse por sua trajetória: ela foi a primeira modelo brasileira a conquistar o mercado internacional.

Por mais de um mês, tentei marcar a entrevista com Dalma Callado. Finalmente, no dia 10 de julho de 2007, estava diante de uma mulher de pele morena, de estatura alta e magra, de cabelos castanhos e parcialmente presos no alto, de grandes óculos escuros, vestindo uma blusa azul sem manga e de gola alta, uma calça clara esportiva e uma sandália aberta, baixa. Ao mesmo tempo em que falava ao celular em italiano, fazia gestos com as mãos e expressões com o rosto para confirmar se eu era a pessoa com

quem tinha marcado em um pequeno café, ao meio-dia, na rua Maria Quitéria, em Ipanema.

Assim que Dalma sentou-se à minha frente, com um olhar simpático e curioso em minha direção – e depois dos formais agradecimentos pela entrevista – comecei a explicar sobre a minha pesquisa. Mostrei a revista Marie Claire, onde Gisele Guimarães se destacava em uma enorme fotografia, e falei sobre as dificuldades que ela enfrenta para se projetar como modelo. Ela começa, então, a dizer que o mundo da moda não é cruel porque tem preconceito, como a maioria das pessoas pensa. Segundo ela, não basta uma menina ser linda para ser modelo. Ela precisa ter “personalidade”: “carisma”, um “jeito” que a destaque. Para ela, a modelo precisa passar uma idéia, ela precisa expressar alguma emoção.

Dalma diz que as pessoas sempre se referiram a ela como uma modelo que é “sinônimo de elegância” e que tinha “personalidade”:

“Diziam que, se quisessem vender um vestido, era só colocar a Dalma para desfilarmos com ele. E o pior é que vendia.” (Dalma Callado)

Para ela, a modelo tem que “vender” a roupa: não é simplesmente “um cabide”, como dizem. O cabide, segundo Dalma, tem as medidas perfeitas, mas não expressa nada; e a modelo tem que expressar uma mensagem, uma idéia, como fazem as atrizes. Dalma diz que era considerada um “cabide perfeito” e que sempre foi conhecida pelos “ombros enormes”, que fazem com que qualquer roupa caia bem.

Falando sobre Gisele Bündchen, afirma que ela representa bem os tempos atuais, onde as mulheres que a vêem desfilando, no fundo, não querem a roupa, mas querem ser Gisele Bündchen. Segundo Dalma, existem outras modelos muito mais lindas do que ela, mas Gisele Bündchen tem “personalidade”: uma vivacidade, uma energia que passa para a roupa. Ela diz que, com ela, era diferente:

“Quando eu desfilava, buscava expressar o que aquele vestido representava. Eu conseguia fazer com que as clientes, ao olharem para o vestido, se imaginassem dentro dele. Então, tudo ficava muito ali, entre mim, o estilista e a cliente”. (Dalma Callado)

Dalma Araújo Callado nasceu em 1º de dezembro de 1956. Tem duas irmãs e um irmão e é a segunda filha mais velha da família. Antonio Callado, seu pai, é um brasileiro com origem portuguesa e espanhola, fez parte da primeira geração da família no país. Ele se formou na faculdade – Dalma não tem certeza se em jornalismo – e, segundo ela, era um “dandi”, um artista, escrevia poesias. Morreu doente quando ela tinha 14 anos, trabalhando como escriturário em um banco, emprego que exerceu a contragosto, já que precisava sustentar a família. Carmelita, sua mãe, vem da região Norte do país e, segundo Dalma, carrega uma mistura de branco, negro, índio. É filha de fazendeiro de cacau e teve uma educação muito rígida e tradicional. Estudou até o primário. Dos irmãos de Dalma, apenas um, o homem, não trabalha com moda, atuando no ramo da informática. Das duas irmãs, Dallas e Glória, uma é assessora de imprensa especializada em moda e a outra, empresária.

Seus pais se conheceram em São Paulo e se casaram. A família morava em Jacareí. Aos quinze anos, Dalma parou de estudar. Revelou que nunca fez nenhum curso de modelo, tendo aprendido na prática a posar para fotografias e a desfilar. Também, segundo ela, nunca teve contato com outras línguas, apenas estudou, por pouco tempo, Francês no curso Aliança Francesa antes de ir para a Europa, mas, quando chegou lá, constatou que não tinha adiantado de muita coisa. Não sabia nada de Inglês: tudo o que aprendeu foi falando, em suas viagens, e lendo livros – autobiografias de pessoas famosas.

Quando tinha 10 anos, considerava-se muito magra e muito alta. Sentia-se feia. De uniforme da escola - saia longa, meias compridas e sapato maior que o pé, segundo ela “para durar o ano inteiro”, sentia-se pior ainda. Segundo Dalma, seu tipo físico não era o ideal da época.

“Eu era magra, não era como as meninas que tinham seios, bumbum, não eram muito altas, tinham curvas. Isso era um problema para mim”. (Dalma Callado)

Meses antes de seu pai morrer, quando ele já estava doente, Dalma resolveu que deveria ganhar dinheiro para ajudar nas despesas de sua casa. Trabalhou, então, em uma confecção em São Paulo. Quando tinha quinze anos, em 1971, uma amiga a apresentou para o fotógrafo Trípoli, que fez uma série de fotografias com Dalma. Uma das fotos foi

então selecionada para a capa da revista Cláudia. Segundo Dalma, foi uma “capa mística”:

“Segundo me disseram, muitas pessoas escreveram cartas para a revista dizendo, ‘finalmente, uma modelo bonita que não é perfeita’. Eu tenho o nariz torto. Além disso, a Cláudia fazia capas daqui [mostra a cintura] para cima e esta era do rosto”. (Dalma Callado)

A partir deste trabalho, começou a fotografar como modelo. Na época, trabalhou com Constanza Pascolato, que era editora de moda e que, segundo Dalma, foi uma importante inspiração, por sua elegância. Foi contratada, durante dois anos, pela Ducal para fotografar ao lado de outros nove modelos, entre eles, Mila Moreira, Ulli, Antônio Guerreiro (que hoje é designer de jóias).

Para Dalma, aquele foi um bom emprego, já que tinha salário fixo e carteira assinada. Ganhava bem: segundo ela, o salário equivalia ao alto salário de um executivo da época. Este trabalho para a empresa Ducal era dirigido por Lívio Rangan, publicitário muito conhecido pelos desfiles da Rhodia nos anos 1960, momento que, para Dalma, é um dos mais significativos para o mercado da moda no Brasil e, principalmente, para a sua profissão. Era contratada, na época, pela Gang, agência de modelos do próprio Rangan.

Conta que a profissão de manequim não era bem vista:

“Eu tinha vergonha de falar para os meus amigos que trabalhava com isso. Tinha muito preconceito”. (Dalma Callado)

Na época, no Brasil, a profissão não era regulamentada e não havia uma organização no mercado.

“As pessoas ligavam direto para a sua casa.” (Dalma Callado)

Em 1974, aos dezoito anos, Dalma resolveu ir para a Europa e tentar a carreira internacional. Viajou com amigos que iriam visitar diversos países, com fins meramente turísticos. Logo no primeiro país em que desembarcaram, ela ficou. Enquanto seus amigos seguiram viagem, ela preferiu permanecer em Paris. O primeiro agente que

conheceu na França disse que ela teria dificuldades em conseguir trabalhos, por seu tipo físico: Dalma é morena e herdou os traços miscigenados de branco, negro e índio de sua mãe. Também John Casablancas, dono da Elite Models, ao conhecê-la, afirmou que não poderia ajudá-la:

“Ele disse, ‘você é linda, maravilhosa, mas eu não tenho mercado para você’. (Dalma Callado)

Dalma explicou que também no Brasil não havia mercado: não diretamente por causa de seu tipo físico, mas pelo ainda incipiente campo profissional para os modelos e manequins.

Logo, porém, conseguiu um contrato em uma agência de modelos pequena que, segundo ela, procurava um padrão de beleza diferente das demais: modelos com tipos variados. Imediatamente foi contratada para dois trabalhos, um deles para a revista Marie Claire. Foi a partir deste momento que, segundo ela, “tudo começou a acontecer”.

Quando ouvia das pessoas com quem trabalhava, já como modelo na Europa, que era “elegante”, “linda”, “maravilhosa”, começou a acreditar que conseguiria seu espaço. Afirma que “sempre fica uma distância entre a imagem que as pessoas têm de você e aquilo que você vê no espelho”. Diz que este é um problema das pessoas que são famosas, e ela também se sentia assim:

“Eu não me sentia do jeito que as pessoas diziam que eu era.” (Dalma Callado)

Considera que sempre teve uma “elegância” e que sempre aprendeu tudo muito rapidamente:

“Podiam colocar um monte de talheres na minha frente que, observando, eu ia aprender e nunca mais esquecer. Eu pego as coisas muito rapidamente.” (Dalma Callado)

Dalma afirma que a “elegância” sempre foi algo “natural” em seu jeito de ser. E que tanto a elegância como a facilidade para aprender se devem, também, à educação que teve em família. Acha que, hoje em dia, os jovens são educados de uma maneira diferente da que ela foi:

“Só pelo olhar da minha mãe, eu ficava quieta porque sabia que, em casa, podia levar uns tabefes. Mas isso não me deixou nenhuma marca”. (Dalma Callado)

Ela disse que ajudava sua família aqui no Brasil e sua mãe ia visitá-la muitas vezes na Europa. Disse que seus parentes sempre foram muito discretos e que muita gente nem sabe que sua irmã Glória Callado, que também trabalha com moda, é sua parente.

Desde os vinte anos, quando passou a viajar pelo mundo e a conviver com pessoas “sofisticadas” de dentro do “mundo da moda, que é de sofisticação”, afirma que aprendeu muito: diz que sempre teve uma “curiosidade” que ajuda muito na vida profissional.

Antes da viagem que fez com seus amigos, estava noiva de um banqueiro americano que morava no Brasil. Na Europa, residiu por uns dois anos. Em 1976, portanto aos 20 anos, foi morar nos Estados Unidos para se casar com o noivo, que tinha então 35 anos. Lá, Dalma trabalhou com Eileen Ford, a fundadora da agência de modelos internacional Ford Models. Seu casamento durou quatro anos. Ela justifica a separação pela falta de adaptação ao círculo social com que era obrigada a conviver: executivos muito mais velhos, o que nela provocava um desconforto, já que precisava se dividir entre o mundo da moda, trabalhando de dia com “pessoas muito loucas” e tendo que, à noite, “vestir seu *tailleur* e receber altos executivos para jantar”. Conta que, no primeiro jantar que organizou, colocou um arranjo de flores alto demais na mesa, que foi retirado pelo marido. Sentiu-se humilhada na ocasião.

Depois que se separou, Dalma morou em um apartamento em Nova Iorque de quarto, sala e cozinha, porém muito bem equipado, com “os melhores móveis e a melhor geladeira”, que, segundo ela, estava sempre cheia. Como trabalhava muito, não tinha tempo de sair com seus amigos, que tinham outro ritmo de vida. Sentia-se muito sozinha. Às vezes, promovia jantares em sua casa e chamava seus amigos, que iam para a “boca livre”. Sentia-se insegura, pois não sabia se eles eram “amigos de verdade” ou se tinham outros interesses. Dalma afirma que, com vinte anos, era mais bem sucedida do que seus amigos que freqüentaram faculdade. Seu círculo de amizades passou a ser, predominantemente, de modelos, já que era com eles que mais convivia.

Dalma conta que, nos anos 1980, o mercado de moda deixou de ser “local” para ser “global”, já que os grandes costureiros passaram a produzir para outros países, o que

favoreceu o surgimento de modelos de tipos diferentes. Na Ford, trabalhou com Jerry Hall, ex-mulher de Mick Jagger, vocalista da banda de rock Rolling Stones . Trabalhou também com John Casablancas, da Elite. Entre os trabalhos que já fez como modelo, os mais lembrados são os desfiles para o estilista Valentino.

O sucesso no Brasil, conta, só aconteceu quando tinha 30 anos, em 1986, ao ganhar um importante prêmio nos Estados Unidos conferido a profissionais que se destacam no mercado da moda. Na cerimônia de entrega do CFDA – *Council of Fashion Designers of América*, estavam presentes personalidades como Henry Kissinger. O Fantástico, programa da Rede Globo, tomou conhecimento no mesmo dia e conseguiu fazer a cobertura jornalística, o que divulgou seu nome no país.

Dalma teve residência fixa em Nova Iorque por mais de dez anos. Aos 34 anos, voltou para Paris. Menos de um ano depois, decidiu que se afastaria das passarelas. Queria ter filhos:

“Eu tinha 35 anos e achava que não dava mais. Por mais que tivessem me pedido para não parar, eu queria viver, coisa que não tinha conseguido, já que trabalhei muito a minha vida inteira, desde os 19 anos. Eu queria ser mãe.” (Dalma Callado)

Casou-se logo em seguida com um italiano e teve um filho, Giorgio, que hoje está com 12 anos. Desde 2006, Dalma mora em um apartamento em Ipanema, no Rio de Janeiro, com Giorgio. O marido ficou na Itália. “Estou de férias de tudo, inclusive de marido”, revelou Dalma. Disse que, apesar de ser paulista, não conseguiria morar naquela cidade: “Em São Paulo, me sinto numa gaiola. Aqui, não. Posso andar na rua, que ninguém vai ligar muito”. Dalma Callado, hoje, não aceita mais fazer nenhum trabalho, a não ser beneficente.

Mais de trinta anos separam o ingresso de Dalma Callado e de Gisele Guimarães no mundo da moda. São momentos históricos distintos para compreender a consolidação da profissão de modelo no Brasil, mas ambos apontam para uma mesma resistência, por parte do mercado da moda, em absorver modelos com um tipo físico diferente daquele instituído como padrão, protagonizado, hoje, por Gisele Bündchen. Tanto Dalma Callado como Gisele Guimarães ganharam maior visibilidade no mercado internacional, por sua “beleza exótica”. No caso de Gisele Guimarães, porém, parece que seu exotismo está mais associado ao seu pertencimento à Cidade de Deus do que,

propriamente, à sua aparência física, como foi o caso de Dalma Callado. Outro aspecto que merece ser analisado a partir da comparação entre Dalma Callado e Gisele Guimarães é o processo de transformação social por que passaram, já que capitais que as distinguiram como modelos foram adquiridos a partir das técnicas e normas do mundo da moda, e não herdados de seu meio familiar original. Tanto Dalma como Gisele afirmam que a menor ou maior dificuldade que tiveram em incorporar os modos de camadas mais altas, e, também, do mundo da moda, está diretamente relacionada à formação educacional de seus pais. Dalma atribui à “educação muito rígida e tradicional” de sua mãe as bases de sua própria educação, a qual contribuiu para a declarada “facilidade” que, segundo ela, sempre teve para aprender: uma “elegância natural”. Gisele Guimarães, por sua vez, buscou em C. a referência de boa educação e elegância que não encontrou em seus pais. Para aprimorar seus modos, além de aprender as técnicas da passarela, recorreu a cursos de modelo.

Tanto Dalma Callado e Gisele Guimarães representam, cada uma a seu tempo, exemplos de modelos que construíram suas carreiras na contramão do campo da moda, transgredindo padrões e transformando suas diferenças em importantes capitais.

4.16 – Padrão e Transgressão

No campo da moda (Bourdieu & Delsaut, 2004), a disputa pelo domínio do espaço social parte dos “recém-chegados”, que fazem o papel dos inconformados, ao contrário dos “dominantes”, que ocupam confortavelmente suas posições. Estes “recém-chegados” desejam derrubar o que está estabelecido no campo, ganhando legitimidade através de suas propostas criativas e inovadoras. No caso dos “costureiros”, os “recém-chegados” (Bourdieu & Delsaut, 2004), via de regra, são egressos de grandes *maisons* contra as quais se posicionam na luta pela dominação, embora representem forças opostas ao que está fixado como padrão. O “renome” (Bourdieu & Delsaut, 2004) que conquistaram é um capital simbólico diretamente relacionado com suas atividades anteriores nas grandes *maisons*. Ou seja, os “recém-chegados” acumulam um grande conhecimento a respeito do que se colocam em oposição: o *status quo* no campo.

O mesmo se aplica para a profissão de modelo, como demonstram os exemplos de Gisele Guimarães, Gisele Bündchen e Dalma Callado.

Gisele Bündchen representa um novo padrão de beleza diante do que se estabelecia até a sua entrada no campo, o qual valorizava mulheres extremamente

magras e “sem curvas”. Além disso, atribui-se a Gisele Bündchen uma técnica diferente de caminhar na passarela, que passou a ser imitada por diversos modelos que a sucederam.

Dalma teve uma educação rigorosa e um pai de bom nível de escolaridade, formado em uma universidade. Como a própria ex-modelo afirmou, para ela tudo foi muito fácil de ser aprendido, desde os primeiros passos na passarela e as regras de etiqueta à mesa, até as línguas estrangeiras dos países em que viveu. Esta facilidade para adquirir conhecimento decorre de uma educação herdada de família e de seu casamento aos 19 anos com um banqueiro americano 16 anos mais velho, cuja experiência foi incorporada por Dalma (Bourdieu, 2002). Dalma diz que foi considerada “sinônimo de elegância” pela Alta Costura internacional.

“Eu não era uma manequim tradicional, era mais natural, andava sem fazer pose”. (Jornal O Dia, 2006)

Gisele Guimarães ainda se esforça para adquirir um conhecimento que não foi “naturalmente” herdado. Ela não tem uma “distinção natural”, precisa conquistar os sinais distintivos “dominantes” do campo, reconvertendo seu capital simbólico em capital cultural, econômico e social.

L.L. elabora em sua entrevista a idéia de “aprimoramento” contra a “paralisação na origem”:

“Você tem que ouvir o que a agência te pede e fazer, a gente não está à toa, tem que se aprimorar pelas orientações. A Gisele tem que aproveitar o que entrou de dinheiro e investir num aprimoramento e não ficar paralisada na origem”. (L.L.)

“Eu pretendo fazer curso de inglês. Tem que fazer um cursinho de inglês, de francês, isso é fundamental pra mim...” (Gisele)

Tanto Gisele Bündchen como Dalma Callado, quando ainda eram “recém-chegadas”, subverteram o padrão de beleza. Dalma destacou-se porque representava a imagem global, e não mais local, da mulher no campo da moda, que antes privilegiava brancas e loiras:

“Logo ela trocou o QG francês por um nos Estados Unidos. Ouviu do novo agente que nunca seria uma modelo comercial: não era nem preta nem loira de olhos azuis, era ‘exótica’ “(Pacce, 2006, p. 298)

No mesmo ano em que Dalma passava a ser reconhecida no Brasil como uma modelo internacional, em 1986, graças ao prêmio concedido nos Estados Unidos pelo CFDA, o antropólogo Gilberto Freyre publicava o livro “Modos de homem, modas de mulher”. Nele, Freyre (1987) identificava um momento propício para a visibilidade da mulher brasileira, que potencialmente poderia personificar a “mulher-modelo de modas de mulher, de vestir, de calçar e de pentear” (p. 48). Segundo ele, tal modelo de beleza, “por seu corpo admiravelmente equilibrado de contrastes”, poderia servir, na moda, de exemplo para as mulheres de outros países que compartilhassem da mesma “ecologia” do Brasil, com seu clima tropical.

Gisele Guimarães, também em seu papel de “recém-chegada”, subverte o estabelecido ao reivindicar uma posição social em meio a um ambiente essencialmente “refinado”, “discreto”, “livre de privações”, “naturalmente distintivo” (Bourdieu, 2002): em outras palavras, em um ambiente social ao qual não pertence originalmente.³¹ Gisele Guimarães vincula-se fortemente ao Projeto Lente dos Sonhos, cuja origem está relacionada à pobreza e a uma série de atributos a ela associados.

No campo, o “recém-chegado” é um “pretendente” que pode, no afã de legitimar suas pretensões, passar a ser um “pretensioso”, em contraste com o “dominante”, que não precisa mais se impor como tal através da exposição de seus sinais distintivos (Bourdieu & Delsaut, 2004). O “pretensioso” acaba por denunciar a si próprio pelo “exagero”, assim como Gisele Guimarães o faz ao tentar usar uma língua (a inglesa) e um código (de profissionais da moda) que não conhece. O capital educacional e o capital cultural, ou melhor, a falta deles, transforma suas intenções em pretensões, destacando-a daqueles que, ao contrário dela, possuem os capitais necessários para este mundo.

Ao observar a luta pela dominação no campo da moda, as idéias de Bourdieu (2002) sobre os “recém-chegados” (*newcomers*) contribuem para outras questões na

³¹ “Courrèges, que se distingue dos costureiros mais antigos e mais clássicos – tais como Balmain e Givenchy –, por sua origem social (popular) e, ao mesmo tempo, por seus estudos (ciências) é o primeiro a ter rompido com a definição tradicional do papel que a sociedade atribuía, sobretudo antes da guerra, ao costureiro”. (Bourdieu & Delsaut, 2004, p. 175)

comparação entre Gisele Bündchen, Dalma Callado e Gisele Guimarães. A noção de “produtores recém-chegados”, de acordo com o autor, diz respeito a um mercado da moda que é produtor de novidades e que busca uma posição no campo, empreendendo uma força contra o que é estabelecido.

No início de sua carreira como modelo de moda, Dalma foi rejeitada por uma renomada e grande agência de modelos na França porque era considerada “fora do mercado”: sua beleza miscigenada destoava dos padrões europeus. No entanto, na mesma época, a modelo foi contratada por uma agência de pequeno porte, ainda incipiente no mercado, especializada em “tipos diferentes”. Com o processo de globalização, tais “tipos diferentes” passaram a servir a uma demanda real. Neste momento, Dalma Callado passou a ser cada vez mais requisitada – segundo ela, era “a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa” – e, então, se firmou como uma modelo internacional.

Gisele Guimarães, por sua vez, faz parte de um outro momento da moda em que os “tipos diferentes” já não são mais “recém-chegados”. Ao contrário, os perfis de modelo “exóticos” ocupam uma alta posição na hierarquia do campo. Entre as forças “recém-chegadas”, porém, há os reprodutores do gosto de uma classe “socialmente consciente”, que passam a introduzir também na moda seus discursos ecológicos e humanitários. Diante deste novo cenário social, Gisele Guimarães se torna um “bom produto” por ser uma referência direta a um projeto social que, acima de tudo, está associado à moda. Todos os tipos de reciclados (como as camisetas confeccionadas com garrafas plásticas de refrigerante transformadas em fios de malha), as peles de animais sintéticas, as cooperativas de comunidades carentes são, como Gisele Guimarães, alguns dos investimentos de “produtores recém-chegados” com a proposta de uma “moda alternativa” que luta para ocupar uma posição no campo da moda.

Enquanto a trajetória de Dalma se confunde com a da profissão de modelo no Brasil e a de Gisele Bündchen com a abertura do mercado internacional para as brasileiras, a trajetória em curso de Gisele Guimarães percorre vias periféricas e alternativas no campo da moda.

4.17 – “Personalidade”, autoridade e capital físico

No campo profissional das modelos de moda, identificam-se “marcas de distinção” (Bourdieu, 2002) que estabelecem um sistema de classificação e de

hierarquia. Algumas destas marcas possibilitam, para as iniciantes, maiores probabilidades de ingresso no campo: relação entre alta estatura e baixo peso, pele clara e sem manchas, cabelo “natural” ou “virgem” (sem tratamentos químicos), elegância, personalidade, refinamento, profissionalismo. Outras, ainda, podem contribuir para uma ascensão rápida no espaço social: figuração nas capas de revistas legitimadas no campo (Vogue e Elle, européias e americanas, preferencialmente), trabalhos realizados no exterior, participação nas semanas de moda (principalmente Paris, Milão e Nova Iorque; no Brasil, São Paulo Fashion Week e Fashion Rio) são algumas delas. Algumas “marcas de distinção” indicam se uma modelo está “em alta” ou “em baixa”, determinando o valor de seus cachês. São elas: posição na lista das cinquenta modelos mais requisitadas no *Models.com*³², contrato exclusivo com alguma empresa (uma grife, prestadora de serviços ou indústria) importante, “abrir” desfiles de grandes grifes como a modelo principal. Há, ainda, “marcas de distinção” que contribuem para a construção do imaginário social sobre a profissão, como, por exemplo, o uso constante de calças jeans e camisetas básicas (ambas de grife), denunciando uma “despreocupação” com a aparência, ou ainda o namoro com celebridades (atores, empresários ou desportistas famosos, como jogadores de futebol)³³.

Entretanto, nenhum atributo é mais citado por profissionais do meio da moda do que a “personalidade” de uma modelo.

“O que faz a modelo ser diferente, bela, é a personalidade dela, a beleza, se não tiver carisma, ela fica no meio do caminho. Então, por isso que esta luminosidade intrínseca chama atenção. É o carisma que realça a beleza. Ela, a Gisele [Guimarães], é uma mulher bonita, mas é o carisma que a deixa mais bonita, não é comparativamente extremamente linda, é o carisma junto às condições físicas, uma altura boa que a torna mais bonita do que ela é. Tem meninas de origem como ela, mais humildes, financeiramente falando, e ela tem um diferencial que é um carisma,

³² Site internacional que lista as modelos que mais estão em evidência no momento. Na data da última consulta ao site, havia disponíveis cinco listas diferentes de modelos, tais como: Top 50 Women, Top 50 Men, Top 25 Sexiest, Top 15 Icons, Top 10 New Faces. A lista Top 50 Women leva em consideração o número de capas onde as modelos aparecem mais recentemente, considerando a importância das revistas que as publicaram. A lista é atualizada periodicamente, mas não há informações precisas sobre esta periodicidade. O site se declara informativo sobre o mercado da moda, e dirigido a modelos, fotógrafos, agências e profissionais da indústria da moda. Fonte: www.models.com – acessado em 25/07/2007.

³³ Alguns exemplos mais conhecidos são as relações de: Gisele Bündchen e Leonardo Di Caprio, Raica e Ronaldo, Adriana Galisteu e Ayrton Senna, Fernanda Tavares e Murilo Rosa, Adriana Lima e Lenny Kravitz, Isabeli Fontana e Henri Castelli.

como já falei, e é o que torna a beleza de berço mais bonita. Ela não é um destaque absoluto na multidão, ela tem qualidades que deveriam ser mais aproveitadas”. (L.L.)

A noção de “personalidade”, que às vezes se confunde com a de “carisma”, está presente no discurso dos entrevistados para definir o atributo que, associado à aparência física, é, segundo eles, fundamental para o sucesso de uma modelo de moda.

A “personalidade forte” de Gisele Bündchen é destacada em matérias de revistas e jornais.

“De personalidade marcante, capaz de criar um novo andar pela passarela e cheia de pequenas manias” (Gisele em Foco, Revista Marie Claire, p. 62)

Nos exemplos de Dalma Callado e Gisele Bündchen, percebe-se que, na profissão de modelo, há uma relação direta entre seu carisma – elegância, personalidade, atitude – e as grifes que representam. A conquista da autoridade no campo está exatamente nesta associação, em que a modelo confere valor à grife e vice-versa.

No momento do desfile, a modelo ganha valores distintivos a partir do que a grife representa. Em contrapartida, quanto maior o prestígio de uma modelo, maior será o peso de seu “nome” revertido para a própria grife.

Dalma Callado é considerada a “musa de Valentino”. Sua função como modelo de moda, qual seja, a de “vender” a roupa, é ofuscada pelo prestígio de seu “nome”, que confere valor ao produto que é apresentado na passarela. E tamanho é seu “nome”, que, para a grife, Dalma se torna uma “musa inspiradora”, a “elegância em pessoa” – valores positivos que são agregados ao próprio produto.

“Hoje a personalidade Dalma Callado está acima de sua nacionalidade – brasileira. Transformou-se em elegante top model internacional conhecidíssima nos Estados Unidos e na Europa, e quase um mito no Brasil” (Pacce, 2006, p. 297)

É um fator distintivo (Bourdieu, 2002) contar com a presença de modelos como Dalma Callado em um desfile, já que há uma simbiose que transforma a grife na pessoa

que a encarna – quanto mais “personalidade” e “carisma” da modelo de moda, portanto, maior é seu capital simbólico (Bourdieu, 2002) no campo – e, na contramão, que transforma a pessoa na grife.

Assim é que, através do vestido de Valentino, Dalma Callado personifica uma elegância “criativa”; que, através de Dalma Callado, o vestido é encarnado de uma elegante “personalidade”.

Segundo Bourdieu & Delsaut (2004), há um fator que confere valor simbólico à grife e que, somente através dele, o estilista ganha legitimidade: trata-se do “trabalho de consagração”, produto de sua história e de seu comportamento diante da sociedade. Analogamente, em Dalma Callado identificam-se a aparência física “exótica” e a sua personalidade, além de uma legitimidade adquirida através de sua história pessoal (o casamento com o banqueiro americano) e profissional (trabalhos com Trípoli, Rangan, Eileen Ford, Valentino, entre tantos outros) que marcam sua trajetória. Seu valor simbólico, que era alto na época em que estava no campo, ainda o é hoje, e se converte em capital simbólico que, por sua vez, se reconverte em capital econômico.

“Quando desfilam, Dalma e sua imagem sabem que ali, um metro acima da platéia, há um propósito pouco real: é preciso vender a roupa, principalmente em um fechado desfile de alta-costura. Os costureiros conhecem sua capacidade de ‘vendedora’. Ela se fundamenta na aparência de glamour e elegância acima dos mortais e longe da vulgaridade que quase sempre paira sobre o sucesso”. (Pacce, 2006, p. 299)

Os capitais de uma modelo – personalidade, atitude, autoridade, entre outros – são construções sociais que fazem parte de um discurso dos profissionais do mundo da moda. Observando, porém, os relatos de modelos de moda consideradas *top models* e a trajetória de Dalma Callado, identifico uma estreita relação entre a origem social e tais capitais simbólicos.

Pacce (2006) relata algumas histórias sobre modelos e suas origens: Shirley Mallman é “filha de granjeiro de Santa Clara do Sul”, “capinava, tirava leite de vaca, catava milho e recolhia ovos de galinha” e, mais tarde, trabalhou em uma fábrica de sapatos como costureira (p.313); Solange Wilvert era “filha de uma agricultora e um pedreiro” (p. 497); Anna Hickmann afirma que vem de “família muito simples” (p. 396); Luciana Curtis foi “descoberta numa festinha em um clube paulista” (p. 363);

Caroline Ribeiro diz, “eu tive tudo que queria quando era criança, nunca me faltou nada. Minha família é de classe média” (p. 371); Adriana Lima revela que “queria ser médica” (p. 403); Michelle Alves “entrou em primeiro lugar na faculdade de engenharia” (p. 423); Letícia Birkheuer conta que foi “jogadora de vôlei por nove anos” (p. 435); Ana Claudia Michels afirma: “meu pai era bancário e minha mãe, dona de casa” (p. 447).

Como se vê, das nove modelos mencionadas, apenas três afirmam ter origem mais humilde. Pelas declarações das demais, conclui-se que pertencem a camadas médias e altas. Muitas delas fizeram aulas de passarela em cursos de modelos ou participaram de concursos promovidos por agências. Todas, sem exceção, têm uma carreira na Europa e nos Estados Unidos (Pacce, 2006).

Dalma Callado atribui a si própria uma “curiosidade e facilidade natural” que permitiram um aprendizado com a prática da profissão. Graças, segundo ela, à educação rigorosa que teve em família, é dona do comportamento e sensibilidade a que se referem os profissionais do meio da moda. Para eles, esta sensibilidade é o que revela o talento de uma modelo para se expressar de acordo com o que a roupa exige. No discurso corrente da moda, este talento pode ser considerado um dom, como nos exemplos de Dalma Callado e de Gisele Bündchen, esta última identificada por Pacce (2006, p. 330) por “seu andar cadenciado, seus seios perfeitos e seu sorriso maroto”.

Do outro lado, encontra-se Gisele Guimarães, que buscou a transformação de seus gestos e de seus modos a partir de um investimento pessoal, freqüentando cursos de modelo. Contudo, Gisele Guimarães procura aproximar-se do discurso “dominante” (Bourdieu, 2002), reproduzindo a idéia de que há um “dom” que determina o talento “natural” para a profissão de modelo:

“Eu já tinha noção de passarela. É uma coisa que é dom. Dom é uma coisa, que tipo assim... Eu me aprimorei, na verdade...” (Gisele)

Goffman (2007, p. 37-38), fazendo uma analogia entre a vida social e o teatro, classifica as profissões a partir da “dificuldade da dramatização” que exigem. Para o autor, “lutadores, cirurgiões, violinistas e policiais” possuem um alto nível de “auto-expressão dramática”, pelos próprios símbolos que trazem consigo, como insígnias e uniformes. Ainda de acordo com os exemplos do autor, a profissão de modelo, ao contrário, demanda um grande esforço de “dramatização” para ser explicitamente

percebida pelo outro, já que, nem sempre, os atributos pessoais necessários para a sua realização são dados:

“uma modelo da Vogue, por seu traje, postura e expressão facial, é capaz de retratar de maneira expressiva uma compreensão culta do livro que tem nas mãos; mas as pessoas que se embaraçam em se expressar com tanta propriedade terão muito pouco tempo livre para ler” (Goffman, 2007, p. 39)

O autor confirma o caráter da “dramatização” – de fingir ser o que não se é – da profissão. A modelo precisa, muitas vezes, encarnar “personagens” bastante distantes de sua origem social. Parece, portanto, que tanto mais facilidade a modelo terá de “dramatizar” situações distantes de seu cotidiano quanto mais extenso for seu repertório de “postura e expressão” (Goffman, 2007).

Outra questão pertinente que Goffman (2007) provoca em sua afirmação diz respeito à oposição entre corpo e intelecto: em seu texto, há uma associação direta entre a profissão de modelo e um trabalho de expressão corporal e não-intelectual. Para ele, as modelos não lêem ou, no limite, são incultas.

Remetendo, uma vez mais, à idéia de talento – que se traduz pela facilidade de dramatizar diferentes situações –, e reforçando a hipótese de que o mesmo pode ser adquirido, afirmo que o “capital cultural” e o “capital educacional” (Bourdieu, 2002) são menos valorizados do que o “capital físico”, entre as aspirantes à profissão de modelo. Por “capital físico” entenda-se, aqui, não somente a aparência, mas a informação transmitida pelo corpo, traduzida por gestos, estes sim, “educados” e “cultivados” (Bourdieu, 2002).

É pertinente refletir sobre os capitais acumulados por Gisele Guimarães, sobre sua posição no campo da moda e identificar a que valores sua imagem está associada, avaliando o processo de inclusão e de exclusão no espaço social.

O prestígio de Gisele Guimarães nos dois campos em que atua – de um lado, a comunidade em que vive, e do outro, o campo da moda – obedece a estratégias diferentes de manipulação de seus capitais. Nesta estratégia, há que se considerar que, para cada campo, um capital diferente deve ser mobilizado. Assim é que o capital simbólico de Gisele Guimarães na Cidade de Deus confere-lhe poder e um lugar de prestígio na comunidade. No campo da moda, já que o padrão de beleza que ali

predomina é diferente de seus atributos físicos principais, Gisele Guimarães aciona, então, outros capitais para se distinguir³⁴.

O muro entre Gisele Guimarães e o “mundo da moda” se ergue sobre aspectos arraigados à sua identidade social e, portanto, de difícil transposição. Porém, no lugar de transpor, a modelo encontrou uma forma de superar esta barreira e fazer desta informação – a distância social – um capital simbólico. Ser uma modelo da Cidade de Deus pode ser uma marca de distinção e, portanto, um importante capital simbólico.

Ao buscar o reconhecimento como modelo de moda, Gisele Guimarães precisa ser legitimada entre os dominantes do campo da moda. Sendo assim, o que se observa em suas estratégias é a “reconversão” de capital, já que ela busca acumular capitais que fazem parte de um outro campo, diferente daquele em que atua, através do Projeto Lente dos Sonhos, da Cidade de Deus. Gisele Guimarães deseja sair do campo onde ocupa uma posição de prestígio para entrar no campo da moda. Ela manipula a informação a respeito de seu vínculo com o Projeto Lente dos Sonhos, no sentido de se tornar uma modelo diferente das demais, conquistando, assim, uma posição de prestígio em um novo campo.

A origem familiar de Gisele Guimarães não lhe facilitou a aquisição “natural” de um capital cultural e educacional pertencentes ao mundo da moda, no máximo um capital físico adequado, ou uma “beleza de berço”. Ela passou por um processo de transformação ou “formatação social”³⁵, conceito que designa o consentimento consciente e voluntário de um indivíduo para que seu corpo e sua atitude sejam estrategicamente modificados, podendo ou não levar, até mesmo, a um rompimento radical com suas formas originais.

Pela formatação social por que vem passando, Gisele incorpora marcas distintivas que fazem parte de um conjunto de valores e crenças próprios do mundo da moda. Mas este “código da moda”, embora rigoroso, não é rígido: há espaço para a construção, ainda que de maneira subversiva, de personalidades, atitudes e autoridades próprias.

³⁴ A respeito do “capital simbólico”, Bourdieu (2002, p. 291) escreve: “Reputation for competence and an image of respectability and honourability that are easily converted into political positions as a local or national notable”.

³⁵ A expressão “formatação”, aqui, é tomada de empréstimo do campo da informática, onde se diz que uma peça de armazenamento de informações – como HD, CD, DVD ou outro – é formatada no momento em que todos os dados são apagados, deixando o espaço livre e disponível para a gravação de novos dados.

4.18 - O código da moda

O corpo é uma riqueza, um capital, um valor, como demonstra Ramos & Goldenberg (2002). Especialmente no Brasil, pela aparência física os indivíduos constroem identidades, criam laços de sociabilidade, classificam-se entre si e exercem seus papéis sociais. As camadas médias, assim como as demais, fazem uso do corpo como uma moeda forte em suas trocas simbólicas, tenham elas lugar no mercado de trabalho, no mercado afetivo-sexual ou no mercado da moda. Segundo Goldenberg (2007), cada sociedade tem seu corpo, que é adquirido por seus membros através da imitação de atos, comportamentos e corpos que fazem sucesso.

É preciso, contudo, relativizar os usos do corpo e considerá-lo como um capital que ganha pesos e significados diferentes em cada contexto social. O que pretendo demonstrar é que, para as camadas mais baixas, o modelo de “corpo ideal”, reproduzido e representado pelas camadas médias e altas, é apenas parte de um conjunto mais amplo de sinais de prestígio e distinção social: as “boas maneiras”, a atitude - ou “jeito” - e a forma de se expressar pela linguagem, aliados a este modelo de “corpo ideal”, fazem parte das estratégias de mobilidade e ascensão, onde a origem social pode ser “disfarçada”.

Aqueles que são dominantes na sociedade (Bourdieu, 2002) já possuem estes sinais de prestígio: a forma física do corpo “ideal” é vista como algo da natureza, não precisa ser “conquistada”. Os “dominados”, por seu turno, devem investir fortemente na aquisição do capital físico se quiserem fazer parte de grupos mais privilegiados socialmente. Além de práticas e exercícios físicos, ganham nova importância as estratégias para esconder ou “disfarçar” sua origem social, muitas vezes denunciada por um determinado “jeito” ou comportamento pertencente ao meio em que vivem. Através do que Bourdieu (2002) chama de “reprodução social”, os sinais distintivos dominantes são mantidos e reforçados.

A idéia de *habitus* pressupõe que o indivíduo tem internalizados os aspectos relacionais, hierárquicos e diferenciadores que constituem as relações entre as diversas posições que compõem a estrutura social. O *habitus* de uma “condição de classe” é estruturado e estruturante para que cada “agente” perceba no outro uma distância social ou uma “afinidade estilística” (Bourdieu, 2002). Neste aspecto, penso que o curso para formação de modelos pode promover uma descontinuidade nesta estrutura, já que

modifica uma série de disposições originais que dizem respeito ao capital simbólico de classe e, como escreve o autor, à “hexis do corpo”.

Bourdieu (2002) coloca fatores como idade, sexo, origem social e etnia no centro das relações que se estabelecem entre o indivíduo e a classe social a que pertence, especialmente quando o critério de classificação é a ocupação. O que o autor afirma é que a combinação de tais variáveis é determinante para o maior ou menor grau de distinção dentro de uma mesma “condição de classe”. São, ainda segundo o autor, “requisitos tácitos” para o ingresso do indivíduo no meio profissional, formando a principal base para a atribuição de valores de “prestígio” ou de “descrédito”.

Os resultados da presente pesquisa revelam que tais fatores conferem uma identidade que vincula indivíduo e classe social, atuando diretamente sobre os sistemas de classificação que fazem parte, de maneira muito particular, do campo delimitado para esta análise: o de modelos profissionais. Sabe-se, via de regra, que a profissão tem início aos 12 anos de idade e, aos 25 anos, já se pode considerar que a profissional está “velha” para desfilar. Ainda, constata-se que as mulheres são dominantes com relação aos homens, inclusive se comparadas as remunerações de ambos pelos mesmos trabalhos realizados. A origem social pode ser um aspecto negativo para o ingresso na profissão. A etnia é parte constitutiva da elaboração de um perfil de modelo que acaba por classificá-la diante de um mercado que busca, entre diversos tipos físicos, as modelos “negras”, “brancas”, “orientais”, “mulatas” ou “morenas”. Cada um destes fatores é, portanto, fundamental para a descrição das representações acerca da profissão a partir do discurso de modelos, de profissionais ligados à moda e da mídia em geral, assim como para a compreensão dos valores que contribuem para o prestígio ou o descrédito dentro do campo. Há, porém, ainda outros três fatores que devem ser levados em consideração: o corpo, a personalidade e os valores morais.

Além de um capital (Bourdieu, 2002), o corpo é, para a profissão de modelo, a principal referência de classificação dentro do campo: suas medidas são obrigatórias para que haja inclusão e suas formas podem ser um fator distintivo (Bourdieu, 2002) hierarquizante.

A personalidade, que conjuga as idéias de atitude e história de vida, é um valor que está presente entre as principais características apontadas no campo da moda, capaz de suplantear a aparência física, e que pode levar um modelo a construir uma carreira de sucesso.

Por sua vez, o valor moral é um importante eixo a partir do qual as modelos, especialmente aquelas provenientes das classes baixas, encontram apoio para fixar em si uma imagem positiva diante do mercado de trabalho.

Sendo assim, proponho a divisão destas “características secundárias” (Bourdieu, 2002) em duas instâncias: o “código da aparência” e o “código da atitude”. Por código da aparência, considero idade, sexo e etnia, e acrescento o corpo, atributo “natural” que é transformado pela cultura e que carrega, em si, um “valor distintivo” (Ramos & Goldenberg, 2002). Por código da atitude, incluo a origem social, personalidade e valores morais.

O código da aparência é um código fechado: ele seleciona, iguala e classifica as modelos. É ele que determina, em um pólo, o padrão de beleza para que, de seus graus de variação e dissonância, se estabeleçam, no outro pólo, os “tipos exóticos”. Seus parâmetros tangíveis (idade, sexo, etnia e corpo) fixam os limites do que é, de um lado, “padrão” e, no outro extremo, “exótico”.

O código da atitude é um código aberto: ele identifica, distingue e hierarquiza as modelos. Origem social, personalidade e valores morais, articulados entre si, compõem uma biografia totalmente particular e exclusiva. Pelo código da atitude, a subversão das regras do código da aparência se torna possível e, com ela, a inclusão no campo. Pois o que é distintivo, muitas vezes, é capaz de transformar o padrão.

O código da aparência e o código da atitude, juntos, constituem o que chamo aqui de “código da moda”. E são os cursos profissionalizantes para modelos de moda que promovem esta conciliação – entre aparência e atitude –, produzindo e reproduzindo os padrões que norteiam, entre outros aspectos, o corpo e o comportamento dentro do espaço social a que se refere.

Além da prática na passarela, há aulas de etiqueta à mesa e um discurso comum aos professores que enfatiza a importância dos “bons modos” em diversos ambientes sociais. Juntos, e de maneira indissociável, corpo e comportamento passam a “transformar” as identidades. É neste momento que se dá, muitas vezes, a ruptura do indivíduo com sua “condição de classe” (Bourdieu, 2002). Neste processo, é comum ouvir a orientação dos professores para que os movimentos do corpo então ensinados sejam, aos poucos, “internalizados”, de maneira que se tornem parte, “naturalmente”, do “jeito” dos alunos.

A modelo, como produto de um meio social de origem pobre, incorpora o que aprendeu nas aulas, tornando-se alguém que passa a se distinguir de seus pares

(Bourdieu, 2002). Seus sinais de pertencimento a uma dada origem social são de tal maneira transformados, que o comportamento leva a uma modificação do corpo, e vice-versa. O novo jeito de andar, comer e falar, e todos os movimentos utilizados para atingir estes fins, levam a um corpo adaptado para este jeito. Um corpo obediente ao rígido código da aparência – cujas medidas se aproximam menos da lógica da “necessidade” dos pobres e mais da lógica do “refinamento”, atribuída por Bourdieu (2002) a uma “condição de classe” das camadas médias e altas – mas que, superando qualquer determinismo social, recria seu código da atitude ao romper com o que herdou de suas origens.

No Quadro I, estabeleço uma comparação entre as modelos Gisele Bündchen, Dalma Callado e Gisele Guimarães a partir do que é “padrão” no “código da moda”. Atribuindo valor positivo (+) e negativo (-) a cada um dos fatores que compõem o “código da aparência” e o “código da atitude” das três modelos, procuro demonstrar a distância que se estabelece entre Gisele Guimarães e este “padrão”. Ao mesmo tempo em que aponto as marcas distintivas que a destacam e que só são possíveis devido ao seu “código da atitude” exclusivo e particular.

QUADRO I – Código da Aparência x Código da Atitude

	CÓDIGO DA APARÊNCIA (capital físico)							CÓDIGO DA ATITUDE (capital simbólico)		
	Pele	Cabelo	Olhos	Peso	Altura	Sexo	Idade	Origem Social	Personalidade	Valores Morais
Padrão	Branca	Liso, louro	Claros (azuis)	Magro (50kg)	1,76 m ou mais	F	13 a 21	Família classe média/alta	Forte	Ética, profissionalismo, responsabilidade
Gisele Bündchen	Branca (+)	Liso, louro (+)	Claros (azuis) (+)	Magro (52kg) (+)	1,79 (+)	F (+)	27 (-)	Classe média (+/-)	Forte, espontânea, alegre, saudável (+)	Profissionalismo (+)
Dalma Callado	“morena” (-)	Crespo, castanho (-)	Escuros (castanhos) (-)	Magro (52Kg) (+)	1,77 m (+)	F (+)	19 a 35 (-)	Classe média/baixa (-)	Forte, elegante (+)	Profissionalismo (+)
Gisele Guimarães	“jambo”, “mulata clara” (-)	Crespo, castanho (-)	Escuros (castanhos) (-)	Magro (45kg) (+)	1,76 m (+)	F (+)	22 (-)	Classe baixa (-)	Forte, positiva, alegre, otimista (+)	Profissionalismo, responsabilidade (+)

CAPÍTULO 5 – A IDENTIDADE REINVENTADA

À Cidade de Deus, desde o início de sua ocupação, vem sendo associada uma imagem negativa, de um lugar marcado pela violência e pela pobreza. Embora esta condição não seja diferente de outros bairros e favelas do Rio de Janeiro, ela, por si só, não basta à descrição do lugar, que está historicamente associado a uma ocupação desorganizada, compulsória e socialmente conturbada. Lá, foram reunidas famílias egressas de outras favelas da cidade e, ao mesmo tempo, facções criminosas rivais entre si. Nascer, viver e morar na Cidade de Deus é uma forte identidade social que deixa suas marcas profundas. A partir do discurso de seus moradores, percebe-se que há uma percepção negativa sobre o lugar. Para Gisele Guimarães, esta realidade não é diferente.

“Desde que o filme [“Cidade de Deus”] foi lançado, eu acho que quebrou um pouco, mas eu acho que ainda tem um grande preconceito. As pessoas te olham diferente. Mas, quando assim, vêem que você é uma pessoa de boa índole, de caráter, aí as pessoas começam a entender que não é um marginal, não é porque mora numa comunidade, na Cidade de Deus, que a pessoa é mau caráter”. (Gisele)

O sucesso do longa-metragem “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, trouxe os dois lados do sucesso para o lugar: se ele passou a ser conhecido nacional e internacionalmente, atraindo atenção e investimentos sociais, também ficou famoso pela violência que o filme exibiu. Antes que possam provar ser de “boa índole”, quem mora na Cidade de Deus tem medo de ser confundido com um bandido ou traficante.

Na pesquisa que Zaluar (2002) realizou na Cidade de Deus, encontram-se depoimentos de jovens que reclamam da associação direta entre as idéias de pobreza e bandidagem. Segundo a autora, há um preconceito, por parte do “olhar de fora”, contra moradores de locais que são considerados “antros de marginais e bandidos”, o que acaba por conferir uma imagem negativa que torna todos os habitantes da comunidade “pobres e perigosos”. Trata-se de uma forte marca de identidade que adere aos indivíduos que ali residem.

Goffman (1988) classifica em dois tipos a condição do estigmatizado: o desacreditado é, segundo o autor, aquele que é identificado pelos sinais perceptíveis de sua característica distintiva; o desacreditável, aos olhos alheios, não é identificado

imediatamente por seu estigma, já que o mesmo pode nem ser conhecido ou nem ser evidente. Partindo das definições de Goffman, pode-se afirmar que Gisele Guimarães carrega um estigma que não é visível ou evidente aos olhos do Outro: ela nasceu, cresceu e mora na Cidade de Deus. Gisele Guimarães é, portanto, estigmatizada ao ser identificada com seu pertencimento à Cidade de Deus e, como tal, seria classificada como “desacreditável” (Goffman, 1988), já que seu estigma aflora no momento em que se estabelece o vínculo com o lugar onde vive.

“Quando eu falo na televisão que moro na Cidade de Deus, ‘oh, Cidade de Deus? Relíquia, isso’. É porque é pobre. Se eu falar: ‘moro em Copacabana, moro em Ipanema’, muda tudo. Muda toda a minha história de vida.” (Gisele)

Para a modelo, sua história de vida está radicada na Cidade de Deus e na pobreza que o lugar representa aos olhos de quem vive em outros bairros do Rio de Janeiro, como Copacabana ou Ipanema.

“Antigamente, eu tinha até vergonha de falar que morava [na Cidade de Deus]”. (Gisele)

A vergonha, para Goffman (1988), é a consequência do confronto entre o indivíduo estigmatizado e os “normais”³⁶, que para ele se tornam a maior evidência de um atributo que parece fora do lugar e que, portanto, é “impuro” (Douglas, 1991), daquilo que poderia ter sido e não é.

A insegurança do estigmatizado ao se ver diante da incerteza de como será recebido e classificado pelos “normais” (Goffman, 1988) se faz evidente nos relatos de Gisele sobre seus encontros com as demais modelos da agência Elite. Para ela, sua presença dentro do grupo é motivo de atenção e a torna vulnerável a possíveis juízos de valor. De acordo com Goffman (1988), a sensação de estar em exibição caracteriza a angústia do estigmatizado, que acaba por reforçar o próprio estigma:

³⁶ “Normais” é a categoria utilizada por Goffman (1988) para identificar todos os que não são estigmatizados.

“Eu tenho muito essa sensação, eles reparam no sapato, ficam me olhando o pé, a mão, é diferente do que olha pras outras. Aí eu pego, boto meus óculos, fico olhando, assim, de óculos escuros, ninguém sabe pra onde eu tô olhando, finjo que tô olhando a revista e aí eu fico olhando ao meu redor. Eu percebo uma diferença, ‘ah, é de favela’, aí chegam de carro e eu chego a pé, cansada, descabelada, suada, aí eu vou no banheiro, lavo o rosto”. (Gisele)

Em seu discurso, o que se depreende é uma auto-estigmatização pelo fato de se perceber diferente das modelos que pertencem a um outro meio social.

A modelo, então, descreve-se como alguém que, diante dos olhos dos outros modelos, está sempre “cansada, descabelada, suada”, e sua primeira reação é lavar-se no banheiro. Sabino (2007) demonstra que há, na hierarquia social, uma associação da pureza como um valor positivo e que se traduz, também, nos cuidados com a limpeza do corpo.

“A gente se encontra nos testes, e aí é tudo branquinho, uma pele de seda, o melhor cabelo, a melhor pele, a melhor roupa, roupa de grife, tudo ótimo. Tipo assim, esses detalhes que fazem a diferença. Eu acho que faz, sim [diferença para quem está selecionando na hora do teste]”. (Gisele)

Comparativamente, ela se vê descabelada e suada, enquanto os demais modelos são “branquinhos”, com uma “pele de seda”, com o “melhor cabelo” e roupas de grife.

Para Goffman (1988), há um esforço empreendido no sentido de anular ou minimizar os efeitos do atributo indesejado. Uma das formas encontradas por quem tem o estigma é superar todas as dificuldades para se tornar parte de um ambiente, por circunstância, proibido, limitado aos “normais”. Diante dos demais modelos da agência, Gisele se ressent de olhares tomados por ela como discriminatórios: aqui, há uma tentativa de “encobrimento” do estigma. Ela aprende os sinais que podem fazê-la se aproximar das modelos da agência e os utiliza a seu favor:

“Tem uma coisa que funciona muito na hora de um teste: a calça jeans. A calça jeans é o fundamental. Você pode conferir: todos os modelos usam calça jeans. Uma bonita bolsa, chinelinho Havaiana, salto dentro da

bolsa, chinelinho Havaiana no pé, uma camiseta bem legal, uma blusa bem despojada. Essas bolsas enormes, com o book dentro, você tem sapato, tem um monte de coisa. O que faz a diferença, acho que é o poder aquisitivo, sabe? O melhor book, a melhor impressão.” (Gisele)

Em todas as vezes que nos encontramos, Gisele estava vestida exatamente como descreveu aqui: com calça jeans, camiseta que ela mesma personaliza, sandália rasteira. Procura imitar a maneira como, segundo ela própria, os modelos se vestem, incorporando uma aparência própria do meio social ao qual deseja pertencer. (Bourdieu, 2002)

Perseguindo o objetivo de ocupar um lugar em um meio social diferente do seu, enquanto não consegue garantir bons trabalhos como modelo, Gisele trabalha como *hostess* em um restaurante caro e sofisticado da Zona Sul da cidade, freqüentado pela elite carioca. Desta forma, põe em prática sua estratégia de evitamento daquilo que é “impuro” (Douglas, 1991) e que pode macular sua identidade social. No restaurante em que trabalha ou nos *castings* para os quais é convocada, o seu grande desafio está em amenizar as conseqüências da revelação de sua origem social.

“Eu tenho uma gama de amigos enorme, tanto de pobres como de ricos. Então, assim, a mesma relação que eu tenho dentro da comunidade, eu não posso ter com um rico. A mudança de ambiente, é completamente diferente. É assim... por baixo e por cima. É igual a onde eu tô trabalhando, a minha chefe é madame, então, tenho que falar como madame. Então, eu sei já como levar ela. Eu sei como que eu levo os clientes. Isso facilitou, chegar no lugar e saber me comportar. Saber me ambientar com o ambiente”. (Gisele)

Ao tratar da questão do “encobrimento do estigma”, Goffman demonstra que há estratégias que envolvem não apenas os estigmatizados, mas também os normais que compartilham de seu segredo.

Observa-se que há, no caso da modelo, duas situações, com diferentes atributos. Gisele é uma “mediadora cultural” (Featherstone, 1996), alguém que detém autoridade para transitar por dois mundos diferentes. O fato de pertencer à Cidade de Deus é, contudo, o denominador comum. Sem ele, não há mediação. Para Gisele Guimarães não

interessa “encobrir” seu estigma, pois é ele que promove o trânsito entre a Cidade de Deus e o mundo da moda. No lugar do “encobrimento”, o que se vê é a “manipulação do estigma” (Goffman, 1988) de uma maneira particularmente estratégica, tanto por parte da própria Gisele quanto dos profissionais da agência de modelo, que também identificam no Projeto Lente dos Sonhos um capital no mundo da moda.

Pode-se afirmar que Gisele traz consigo uma “informação social” que é manipulada de acordo com seus interesses, que podem ser individuais ou coletivos, estes mais presentes nos momentos em que ocupa seu papel de representante de um grupo estigmatizado. Está claro que, como “desacreditável” (Goffman, 1988), Gisele não traz marcas aparentes em seu corpo. São os “símbolos de estigma” que manifestam esta identidade, por exemplo, como o próprio autor definiu, através de “solecismos”:

“Certos solecismos usuais, através dos quais uma pessoa que quer imitar as maneiras e as roupas da classe média repete erradamente uma palavra ou a pronuncia várias vezes de maneira incorreta”. (Goffman, 1988, p. 53).

De maneira recorrente, Gisele pronuncia palavras ou faz uso de expressões de maneira incorreta. Como exemplo, destaco a forma com que ela fala a palavra de origem inglesa *booker*, cuja pronúncia correta é *búquer*. No lugar do acento tônico no u, Gisele pronuncia *buquér*, com acento tônico no e. Depois de tê-la ouvido várias vezes cometer o mesmo erro, que julgo embaraçoso para uma profissional de moda, decidi alertar para o fato e a corrigi. “Como se fala, *búquer* ou *buquér*?”, perguntei. “É *búquer*”, respondeu Gisele. Ou seja, sabia que cometia o erro, mas continuava repetindo-o, por mais que tenha sido alertada. A falta de domínio sobre a língua inglesa está aí evidenciada, o que constitui um sinal que, associado a outros – comportamento, gosto, educação -, constitui em um “símbolo de estigma”. Neste momento, não há como esconder sua origem social.

A “identidade social” de Gisele está a tal ponto fixada que, para ela, já é por demais evidente sua associação com a Cidade de Deus, assumindo todas as consequências imputadas por tal condição: “pobre coitada”, “pele destruída”, “suja”, “suada”.

Porém, prestígio e distinção também estão presentes no caso de Gisele: se, por um lado, a forma como ela própria se coloca diante de outros modelos da agência e as

estratégias de manipulação de sua identidade a associam com a categoria de estigmatizada (Goffman, 1988), por outro, seu pertencimento à Cidade de Deus cria, em torno de sua imagem, um “sinal distintivo” (Bourdieu, 2002) que traz visibilidade: se antes ilustrava revistas internacionais, em 2007, Gisele passou a ser vista em revistas brasileiras e programas de televisão. Logo, a modelo conquistou um reconhecimento por parte da comunidade da Cidade de Deus. É através da “manipulação da informação” (Goffman, 1988) que ela encontra uma forma de transformar o seu estigma em um ou mais capitais (Bourdieu, 2002):

“Eu tenho a preocupação do que eu assimilei, da responsabilidade. Que pra você ganhar credibilidade na comunidade, você leva um tempo. Hoje em dia, eu sou uma modelo, uma celebridade da comunidade, hoje em dia, as pessoas me respeitam mais. Quando eu estou passando e fazendo uma reportagem, vem as pessoas, me abordam, falam comigo, ‘ah, eu vou levar a minha filha pra fazer o curso’, ‘ah, eu vi você numa reportagem’.

“(Gisele)

O reconhecimento de seu trabalho social, mais do que como modelo, ao lado do Projeto Lente dos Sonhos, se fortalece a partir de sua presença nos meios de comunicação de massa. Ela se tornou uma “celebridade” na comunidade e conquistou respeito. E, ao conseguir notoriedade, Gisele transformou o seu estigma – pertencer à Cidade de Deus – no principal capital para a legitimação de sua autoridade como uma líder na comunidade, abrindo-lhe novas possibilidades de interação com outros líderes. Gisele percebe que tem um poder.

“Hoje em dia, eu passo e ele [MV Bill] fala, ‘oh, modelo! Não vai falar comigo não? Ele me trata bem, porque eu sou uma celebridade como ele. Ele sempre me tratou bem, mas, hoje, com a projeção que eu tenho, isso ajuda, né? Ele [MV Bill] é uma celebridade, a Deise [Tigrona] é uma celebridade, a Tati [Quebra-Barraco] é uma celebridade, no mesmo nível que eu.” (Gisele)

Gisele se reconhece como parte de um outro nível na hierarquia social da comunidade em que vive. Agora, ela detém o capital simbólico (Bourdieu, 2002)

daqueles que conseguiram posições dentro da Cidade de Deus, como o cantor de *rap* MV Bill, sempre envolvido com causas sociais dirigidas para os jovens das comunidades violentas do Brasil, e as cantoras de *funk* Deise Tigrona e Tati Quebra-Barraco que, com suas letras provocativas e sexualmente explícitas, reivindicam para as mulheres o direito à escolha de seus parceiros e de seus prazeres. Os três ganharam grande projeção na mídia, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, e são moradores da Cidade de Deus. Gisele, como eles, é uma celebridade na comunidade e passou a ser reconhecida como tal.

Sua família é contagiada por sua nova identidade, a de celebridade na comunidade, ganhando prestígio e distinção.

“Só que, hoje em dia, eu sou uma pessoa muito respeitada. Aí, abordam a minha mãe, abordam o meu pai, aí compram a fruta porque é meu pai. Ele [pai] gosta, porque as pessoas pegam e falam, ‘poxa, vi sua filha no jornal’. Levam pra ele ler, entendeu? Comentam, e ele gosta. Então, ele acaba vivenciando isso. Meu pai fala, ‘é minha filha, foi eu quem fiz’, mas pra mim ele não fala isso, pra minha mãe ele não fala isso, ele só fala na rua. Até das patroas da minha irmã: ‘você viu a sua irmã?’. As patroas ficam ligadas, aí quando tem revista, ligam pra minha irmã. É muito legal, a minha irmã adora. Acaba que a patroa acaba respeitando mais. Porque fala assim: ‘ah, eu vi sua irmã...’, daí compra a revista, guarda, entendeu?”
(Gisele)

A visibilidade social também trouxe para Gisele o reconhecimento de quem mora fora da Cidade de Deus e que pertence a uma camada social hierarquicamente superior à sua: as patroas de sua irmã guardam as revistas em que ela aparece. Dá-se a conquista do respeito, também, por parte dos que estão do lado de fora da comunidade.

A situação de Gisele se torna ainda mais emblemática e interessante quando se contextualiza, dentro e fora de sua comunidade, a “identidade social” que a classifica como pertencente à Cidade de Deus

Dentro da comunidade, Gisele é uma “nativa”, como definiria Goffman (1988) e mais do que “nativa”, ela é uma líder, responsável pelo Projeto Lente dos Sonhos, ao lado de Tony Barros. Não há, nesta condição, a situação de estigma e tampouco “símbolos de estigma”. Ao contrário, o que se manifestam são “símbolos de prestígio”

(Goffman, 1988, p. 53) que fazem de Gisele não uma “descreditável”, mas uma pessoa a ser imitada.

Fora de sua comunidade, Gisele pode se confrontar com duas situações: a primeira delas se dá quando, diante dos normais, se sente uma desacreditável e, partindo do princípio de que seu estigma é evidente, procura encobri-los.

“Tipo assim, eu chego, ele olha assim: ‘pobre coitada, pé rapado’. E eu chego também, quem quiser falar comigo, vai falar, com educação, com respeito, mas ... Alguns já conhecem, acompanham, né? Eu deixei bem claro numa reunião que teve. Porque me olham assim, ‘ah, a pé rapado’. E agora, não. Porque eu chego como profissional, falo, sento, procuro fazer a coisa bem exemplarmente, faço meu teste e vou embora”.

(Gisele)

O encobrimento se dá pela superação da distância social percebida a partir de uma atitude positiva, responsável e exemplar. Ela assume seu estigma de “pobre coitada”, mas agora distinguindo-se dos outros modelos da agência Elite pela atitude que assume durante os testes.

Há uma outra situação em que Gisele manipula a informação que a estigmatiza, transformando-a em um atributo positivo.

“Acho que eu consegui muito mais coisas por ser da Cidade de Deus, por ter o projeto”. (Gisele)

“O projeto concorre com o individual, o profissional dela, agora eu jamais diria que ofusca. Acho que o caminho dela tá ligado a este projeto. Eu acho que o projeto ajuda na construção da imagem dela, mas acho irrelevante ao fato principal, que é ela ser coordenadora de um projeto lindo. Só ajuda na imagem dela”. (L.L.)

A associação de Gisele ao Projeto Lente dos Sonhos e à comunidade em que vive passa a ser percebida pelos profissionais do meio da moda como um atributo positivo que contribui para a construção de sua imagem. Ao revelar sua origem e o

projeto social com o qual está comprometida, Gisele faz uso desta informação para beneficiar-se em sua carreira como modelo.

Faz parte da estratégia de Gisele associar a carreira profissional como modelo à atuação no Projeto Lente dos Sonhos. Se, por um lado, todos os investimentos feitos durante sua formação de modelo procuraram “corrigir sua condição” (Goffman, 1988, p.19), o crescente comprometimento com o Projeto Lente dos Sonhos provocou efeito contrário, o que trouxe de volta – embora de maneira ressignificada – a origem social de Gisele.

“A gente nunca teve chance de trabalhar mais intensamente a carreira dela, às vezes por dificuldades financeiras, e, principalmente, por indisponibilidade de tempo por parte dela. Tudo com ela ficava sendo adiado em função da “Lente dos Sonhos”, o que eu acho que no caso específico dela, isso não é um problema já que ela abre mão de uma vida pessoal em função de um projeto coletivo, eu sempre tentava fazer com que ela buscasse uma divisão de horários, mas sempre entendi que, como ela se envolvia nesse projeto, não deixava muito espaço para outras coisas. De fato, a carreira de modelo dela ficou limitada em função disso, eu chamava ela pra um teste, ela acabava não conseguindo ir, às vezes chegava e já queria sair, tinha sempre uma justificativa razoável para que chegasse atrasada ou não ir. A consequência disso é que a gente não conseguia trabalhar a Gisele da maneira como se trabalha uma modelo que tem disponibilidade, que tem uma vida menos agitada” (L.L.)

Penso que a “identidade pessoal” de Gisele se confunde com sua “identidade social”³⁷, em todas as situações aqui relacionadas, ela se vê absorvida pelos símbolos que carrega, ora de distinção, ora de estigma. Gisele, o tempo todo, manipula a informação social que a coloca em posição de destaque, seja dentro ou fora de sua comunidade. Se em um momento exerce o papel de “líder”, em outro assume o de “pobre coitada” ou, ainda, o de “líder nativa”. Esta situação de permanente

³⁷ Por “identidade pessoal”, Goffman (1988, P. 67) define: “marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade”. Por “identidade social”, o autor escreve: “As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com ‘outras pessoas’ previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua ‘identidade social’ (p. 12)

contextualização de sua identidade pessoal parece não suportar aquilo que é exigido na profissão de modelo: a neutralidade. Uma modelo de moda deve, por definição, carregar uma mensagem e não ser a mensagem.

Rocha (2006), ao analisar da imagem da mulher na publicidade, trata da relação da imagem feminina, personificada pela modelo, com o produto que é anunciado: quem “fala” é a roupa ou o perfume. A mulher silencia. Neste sentido, pode-se afirmar que a modelo deve manter em segundo plano qualquer tipo de “informação social”, condição que, como procurei demonstrar, não ocorre com Gisele Guimarães.

Esta constatação convida à discussão da natureza mesma da profissão de modelo de moda. Refletir sobre esta questão é pertinente já que, na construção da identidade, seja ela pessoal ou social, é imprescindível que haja uma troca de informações entre o observado, neste caso as modelos de moda, e o observador, que pode ser o especialista ou o leigo. De um lado, está aquele que detém este conjunto de informações – o observado; do outro aquele que observa, classifica e multiplica estas informações.

Para Goffman (1988, p. 76), o prestígio e o estigma, ou seja, a “identidade social”, se fixa como parte da “identidade pessoal”. Neste sentido, a forma como a imagem que uma modelo pode vir a ser explorada pela mídia, fora das passarelas, se torna um fator importante na construção de sua identidade. Conseqüentemente, se há uma desejável neutralidade inerente à profissão, ela pode ser prejudicada por símbolos que conferem um valor à modelo.

“A moda está tão pobrezinha que hoje são as modelos que têm destaque. Antigamente não tínhamos tanta mídia porque a moda era o mais importante” (Dalma Callado – Primeira Dama, Jornal O Dia, 2006)

No caso de Gisele Bündchen, sua “identidade pessoal” é tão celebrada e sacralizada que acaba por revestir sua “identidade social” e com ela se confundir. Sua imagem fotográfica associada a qualquer produto confere à marca notoriedade, porém se torna mais importante do que aquilo que deveria representar. Em primeira instância, Gisele Bündchen chama atenção para si mesma e não para aquilo que está representando, seja uma coleção de roupas em um desfile ou um perfume em um anúncio de revistas. Porém, o fato de sua visibilidade corromper com a desejada neutralidade na passarela, atributo inerente à função de uma modelo de moda, é um sinal distintivo que a coloca em um outro patamar – o de *top model* ou *übermodel*.

Por outro lado, Gisele Guimarães tem fixada uma forte “identidade social”, que acaba por dominar sua “identidade pessoal”, o que impede que sua imagem fotográfica, pelo menos nos editoriais de moda e reportagens publicados até hoje, passe a representar outra idéia que não a da Cidade de Deus.

A neutralidade da profissão de modelo se traduz pela separação entre “identidade pessoal” e “identidade social”. Ou seja, nenhuma das duas deve ser evidenciada. Neste sentido, pode-se pensar que a visibilidade das modelos na mídia, que desde os anos 80 passou a alçá-las à categoria de “estrelas”, contribuiu para a anulação desta neutralidade desejável para a profissão. Absorvidas pela “indústria das celebridades”, as modelos têm seu nome transformado em “capital simbólico” (Bourdieu, 2002). É o caso de Gisele Bündchen e outras modelos famosas. A diferença entre a situação de Gisele Bündchen e de Gisele Guimarães – em que ambas perdem a neutralidade – é a aderência da “identidade pessoal” e da “identidade social”: enquanto os “símbolos de prestígio” (ou “de estigma”) se confundirem ou forem mais notados do que atributos pessoais (nome, imagem fotográfica, fatos da vida particular), mais distante a modelo de moda estará da neutralidade. E, conseqüentemente, mais exposta a sua imagem estará de associações com aquilo que representa: *übermodel* ou modelo da favela. Tais representações na mídia contribuem para a reprodução dos valores e crenças do mundo da moda, que conferem à profissão o *glamour* que atrai, cada vez mais, crianças e adolescentes de diferentes camadas sociais.

5.1 – O olhar do Outro: rompendo amarras, ganhando o mundo

A vontade de criar uma nova identidade se revela no discurso e na estratégia de Gisele em alguns momentos. Um deles é quando decide trabalhar como *hostess* de um restaurante na Zona Sul da cidade, conseguindo se desvencilhar do Projeto Lente dos Sonhos. Neste novo ambiente, Gisele não tem uma “biografia” (Goffman, 1988) e tampouco uma “identidade social” estabelecida, pelo menos para os clientes que atende.

Gisele também afirma, em um determinado momento de uma de suas entrevistas, que deseja “se lançar” para fora da Cidade de Deus, que não pode lhe oferecer mais do que o Projeto Lente dos Sonhos.

Na oposição entre “casa” e “rua”, o lugar onde a visibilidade se torna uma conquista possível é na rua, sob o olhar, portanto, público. A casa é a materialização do vínculo com a origem familiar e social de Gisele. Tanto, que sonha em transformar sua

casa em um “museu” para, segundo ela própria, preservar sua “origem”. Preservar este vínculo material por questões afetivas significa transformar sua origem em peça de museu, em passado. Da mesma forma, ao afirmar que pretende dar uma “casa nova” para seus pais – fora da Cidade de Deus - busca recriar, também para sua família, um vínculo social diferente de suas origens.

Além do desejo de sair da Cidade de Deus, Gisele quer “viajar para fora”, ela quer se expor a um olhar, estrangeiro. Ela quer, em sua busca pela visibilidade, ser reconhecida por este olhar. Ao conquistar este reconhecimento pelo olhar “de fora”, estará se afastando do olhar “de dentro” que, por oposição, é o de sua casa, da Cidade de Deus.

“Uma coisa que eu quero que aconteça, de fato, é que eu seja uma modelo internacional, viajar pra fora. É um grande sonho meu conquistar o mundo, pegar contratos grandes, trabalhos grandes. Voltar pro Brasil respeitada”. (Gisele)

Como Oliveira (2007) demonstra em sua pesquisa com modelos negros no Rio de Janeiro, a viagem para o exterior é um projeto que faz parte da carreira e pode consolidá-la de forma definitiva. Tal projeto está diretamente associado a estratégias de mobilidade e ascensão social.

O discurso de Gisele coaduna com o imaginário do “mundo da moda”, que estabelece esta mesma relação entre o sucesso das modelos brasileiras e o reconhecimento no mercado exterior: para ser uma *top model* é preciso fazer sucesso no exterior. Modelos bem sucedidas somente no Brasil, teriam menos ou nenhuma chance de serem consideradas *top models*, como Gisele Bündchen.

“Ela [Bündchen] é considerada a melhor top brasileira e faz muito trabalho no exterior, então isso já é uma referência”. Este mercado é assim, quando você põe um pezinho lá fora, ele te valoriza quando você volta”. (Gisele)

As agências buscam concretizar trabalhos em países até mesmo de menor prestígio no mercado da moda, como Japão e China, para que, ao retornar para o Brasil, a modelo já seja identificada com este “olhar de fora”.

Este “olhar de fora” busca uma diversidade de tipos físicos, como atesta L.L.:

“Se você está no Rio de Janeiro, por influência de mescla de portugueses, africanos, nordestino, com nortista, olho claro e cabelo duro, no Sul, louros, olhos azuis, no Rio de Janeiro eles buscam morenos, às vezes negros, caucasianos, mulatas - e não loiras. O Brasil é um país de referência na diversidade da moda, permanece em destaque talvez eternamente, exportamos modelos para o mundo inteiro”. (L.L.)

Gisele Guimarães é um caso à parte: antes mesmo de ser contratada por uma agência, no caso a Elite Models, já estampava a revista Style alemã e, mais recentemente, a Marie Claire americana e depois a francesa. No entanto, sua presença nas matérias se devia exclusivamente ao Projeto Lente dos Sonhos e à Cidade de Deus. Em cinco anos, já que foi criado em 2002, o Projeto foi reconhecido no exterior, apesar de sua falta de estrutura e escassez de recursos. No Brasil, só agora, em 2007, conquista alguma visibilidade, ganhando oito páginas na Revista Marie Claire brasileira.

Gisele Guimarães foi tema de um programa de 12 minutos na televisão francesa, no canal M6, em 18 de março de 2007.

A valorização deste “olhar de fora” como uma forma de conferir qualidade a um produto “de dentro” faz parte do acúmulo de capital simbólico (Bourdieu, 2002) que torna Gisele Guimarães “diferente” no mercado, com uma “personalidade” própria.

Transitando em mundos diferentes e opostos – o “mundo da moda” e o “lado de lá” ou a Cidade de Deus – Gisele Guimarães ganha sinais distintivos no meio em que vive e manipula sua identidade no meio profissional da moda, transformando seu estigma em capital simbólico.

“Não tá escrito [que sou da Cidade de Deus]. Quando eu vou pros testes, na maioria das vezes, eles falam, ‘olha, ela tem um trabalho social’. E eu falo também. E isso dá um outro olhar, então eu não fico de pobre coitada. LL. citou na matéria que o poder aquisitivo é que manda, e realmente quando eu chego pra fazer o teste vou básica, e as meninas chegam de carrão, táxi, roupas produzidas. Eu sou superprofissional, sou muito ética.” (Gisele)

Há duas situações possíveis e paradoxais em seu caso: Gisele Guimarães “fez seu nome” associando-se a um projeto social na Cidade de Deus. E o desejo de “ganhar o mundo”, como ela mesma diz, é também o desejo de romper com os laços que a vinculam às suas origens. Nos dois casos, está implícita a busca pelo reconhecimento e pela visibilidade.

5.2 – Notas sobre a invisibilidade e a “luz” do reconhecimento

“Eu quero ser reconhecida, quero passar na rua e o povo falar, ‘carara é aquela’, eu quero isso, depois dali eu não sei, e do mesmo jeito que eu quero, eu tenho medo”. (PA., 17 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos.)

A grande expectativa que envolve cada desfile promovido pelo fotógrafo Tony Barros, dentro e fora da Cidade de Deus, denota que a visibilidade é o grande objetivo das alunas do projeto. Participei como jurada de um concurso que aconteceu na quadra da escola de samba do bairro e pude perceber a intensidade deste desejo de reconhecimento. Eram mais de cem concorrentes, em duas categorias: infantil e juvenil. De todas, apenas duas alunas de cada categoria ganhariam o concurso e um prêmio que consistia em uma peça de roupa de uma boutique do bairro, além de uma viagem para uma cidade do litoral carioca. Foram duas entradas do grupo na passarela, sendo a primeira para que fosse julgada a técnica e a segunda, a criatividade, expressa nas roupas confeccionadas em material artesanal e reciclado. Ao anunciar o resultado, sob os olhares atentos e ansiosos das concorrentes e de seus familiares, não se ouviam aplausos. Com exceção das participantes que tiveram seus nomes anunciados, que choravam e comemoravam com suas famílias, o que se via era uma expressão de frustração nos rostos de todos os que estavam presentes na quadra. O reconhecimento que se esperava pelo desempenho das participantes do concurso e, mais ainda, das vencedoras, não partiria da comunidade, dos “iguais”, mas do Outro, ali representado pelo júri, ou seja, por aqueles que detinham o poder e a legitimidade para torná-las “visíveis”: eu, o fotógrafo estrangeiro, a estudante da PUC e o presidente de uma cooperativa. Era como se, elegendo as vencedoras, estivéssemos retirando delas a sombra da invisibilidade.

Ao lado de MV Bill e Celso Athayde, no livro “Cabeça de Porco”, o antropólogo Luiz Eduardo Soares discute a questão da invisibilidade social. Neste livro, é possível encontrar reflexões sobre a condição da adolescência em ambientes similares à Cidade de Deus.

Uma das promessas da carreira de modelo profissional seria, pelo menos para esta análise, a “adolescência visível” muitas vezes subtraída pela pobreza ou por outros fatores culturais e sociais.

“Quando socialmente invisível, a maior fome do ser humano é a fome de acolhimento, afeto e reconhecimento” (Soares, 2005, p. 285)

A indiferença que se instala na sociedade moderna torna “invisíveis” socialmente crianças e adolescentes que sofrem sérias consequências: se não são vistas, não são reconhecidas. Se não são reconhecidas, não têm um lugar no mundo.

Os efeitos da invisibilidade na infância e na adolescência podem levar à busca por um padrão desviante de comportamento, o mesmo que podia ser identificado na infância de Gisele Guimarães na escola. Ela contribui para que outras formas de reconhecimento social se tornem a única alternativa para quem está sob a condição de uma identidade em formação ou, como escreve Soares (2005, p. 205), uma “identidade em obras”. Para este autor, a auto-estima revigorada é o “solo firme” para a construção de uma “nova pessoa”.

No Projeto Lente dos Sonhos, segundo Tony Barros, o que se busca é resgatar a auto-estima das aspirantes a modelo, afastar a conseqüente invisibilidade gerada pelo estigma de ser uma moradora da Cidade de Deus e permitir a conquista de uma visibilidade coibida pela indiferença social. Como afirmou Soares (2005, p. 227): “Os jovens invisíveis copiam os hábitos dos outros para identificar-se com os outros, passando a valer o que eles valem para a sociedade”. E, especialmente neste contexto, o olhar do Outro se torna o grande objetivo do projeto. Para o autor, a importância de quando o governo, a escola, a sociedade e a própria comunidade criam espaços culturais para a expressão artística dos jovens das favelas e da periferia está no fato de que “olhares atentos” passam a prestar alguma atenção à sua subjetividade e expressividade, o que acaba por colaborar para que “se mostrem e se inventem como pessoas”. Segundo o autor, quando a mídia volta suas câmeras para estes espaços e “acende sua luzinha”, esta atenção ganha um significado ainda mais contundente, porque materializa

a atenção de um público ainda maior que os valoriza e os transforma, finalmente, em indivíduos.

“A luzinha representa a atenção em si mesma. Esta atenção valoriza quem se sente ninguém, quem se sente invisível. Ela ilumina a alma e alimenta um saudável narcisismo, que nada tem a ver com os fetiches das celebridades de um mercado inatingível” (Soares, 2005, p. 286)

A trajetória de Gisele Guimarães representa de forma exemplar a busca por atenção e a fuga da invisibilidade que, mais do que o luxo do mundo da moda, parece orientar o desejo das adolescentes pobres brasileiras em conquistar um lugar sob a luz das passarelas.

CAPÍTULO 6 – ENTRE O LIXO E O LUXO: DO PONTO DE VISTA DA MÍDIA

O objetivo deste capítulo é analisar a construção das representações sociais a respeito do mundo da moda no discurso midiático e, particularmente, a representação sobre a modelo Gisele Guimarães. Para tanto, foram utilizados cinco referências: uma reportagem publicada da revista Marie Claire brasileira, duas exibidas na televisão (uma delas para um canal francês) e duas publicadas no jornal Folha de São Paulo.

6.1 –Revista Marie Claire, Brasil.

“Top model do morro. Na ponte sobre o Rio Grande, na laje, em meio a uma profusão de fios elétricos. Não importa. Na Cidade de Deus, qualquer lugar é lugar para fazer moda. Por mão e obra de dois moradores da favela, onde atua o Comando Vermelho, uma escola de modelos na comunidade descobre talentos escondidos nesse universo nada *fashion*. E revela que ali muitos lutam sem dar tiro nenhum”. (Revista Marie Claire, março de 2007, p. 38-39)

Neste *lead*, que introduz a matéria de oito páginas publicada na revista Marie Claire em março de 2007, a Cidade de Deus é o lugar pobre, desorganizado e violento onde serão retratados o Projeto Lente dos Sonhos e Gisele Guimarães, além de suas alunas e de Tony Barros. Ao lado, uma fotografia que ocupa praticamente duas páginas espelhadas mostra um dia cinza com Gisele trajando shorts jeans e camiseta branca, usando óculos escuros e cabelo preso, de braços e sorriso abertos, a despeito do cenário de fundo: muito lixo revirado em uma rua de terra, rodeada por paredes pichadas, sujas e descascadas, casas com fachadas inacabadas de tijolo ou de madeira.

Entre aspas e assinada por Gisele Guimarães, uma frase atravessa as duas páginas, de ponta a ponta, com letras contrastantes em branco: “Tenho personalidade forte. Tudo o que faço é bem pensado. Não vou desistir”.

Nas duas páginas seguintes, mais cinco fotografias: a primeira, a única em preto e branco, mostra a modelo que, juntamente com Tony Barros e Gisele, ajudou a fundar o Projeto; outras duas retratam modelos em ação; em uma quarta fotografia, Gisele atravessa descalça uma passarela vermelha, durante uma aula, sendo observada por suas alunas; na última imagem, Tony Barros está na frente de nove modelos que sorriem.

Outra frase ajuda a compor esta parte da matéria: “Gisele: ‘Se não fosse a moda, poderia estar casada com um bandido’”.

Outra sequência de três fotografias de modelos do Projeto ilustra a quinta e a sexta páginas, com o seguinte subtítulo: “Tony: ‘Quem não tem cabeça acha que entrar para o crime é solução’ ”.

Finalmente, na última parte, outras três imagens de modelos – uma delas tendo ao fundo a palavra “Paz” - e a seguinte citação, retirada da fala de uma das entrevistadas: “O mundo não vai até a Cidade de Deus pegar ninguém”.

Estas três frases em destaque na matéria conduzem o leitor no sentido de que há uma fatalidade inerente ao lugar, um destino certo para quem mora na Cidade de Deus: ou se casa com um bandido, ou se entra para o crime ou se fica escondido do restante do mundo. O imaginário sobre o lugar reúne representações sobre a violência, a invisibilidade, a marginalidade e a ausência de oportunidades.

Com exceção da primeira citação de Gisele sobre sua “personalidade forte”, todas as outras três não falam sobre moda ou modelos, como era de se esperar: o tema é a violência ou a Cidade de Deus. E as referências são muitas e começam logo com a primeira frase:

“Quem entra em Cidade de Deus atrás de um santuário chega a uma barreira formada por duas rochas posicionadas para dificultar o trânsito dos veículos – em especial, carros da polícia.”

O segundo parágrafo apresenta Gisele, o personagem principal da matéria, porém o tom não se desvia da violência: “Se não fosse isso, poderia estar casada com um bandido, ter engravidado ou virado prostituta”.

O Projeto Lente dos Sonhos, em contraste com a fatalidade do destino dos moradores da comunidade, representa uma “luz no fim do túnel”. Enfatiza-se, no texto, a história de Gisele Guimarães: apesar de morar na Cidade de Deus, ela não se envolveu com o crime e não se prostituiu. Ressalta-se a persistência de quem “não desiste nunca” de seu sonho e, mais ainda, uma “personalidade forte”.

Gisele é agora identificada como uma modelo da agência Elite que estabelece uma ponte entre a comunidade e o mundo da moda. Mais adiante, já na próxima página, é apresentada a ONG Moda Fusion, principal parceira do Projeto e incentivadora de

projetos relacionados à moda, dentro de comunidades carentes. A partir desta instituição, descobre-se que o Projeto poderá ir até Paris:

“É uma sensação muito forte saber que posso ir a Paris. Se tudo der certo, preciso arrasar. Sei que essa viagem vai pesar no meu currículo” (Gisele)³⁸

A referência ao passado de Tony Barros – “órfão de mãe, sem nunca ter visto o pai” – parece compor a história contada pela revista Marie Claire, que é de abandono, pobreza e desesperança. Assim como Gisele, Tony é percebido como alguém que consegue encontrar um caminho diferente de seus pares. A lembrança do primeiro ensaio fotográfico que deu origem ao Projeto Lente dos Sonhos traz de volta a temática da violência:

“No dia das fotos, sem que soubessem, um cadáver surgiu no rio, debaixo da ponte”

O foco volta para Gisele nas duas últimas páginas da matéria, entremeadas por pequenas histórias de modelos – entre elas, uma adolescente que é mãe aos quinze anos e que interrompeu uma carreira que parecia promissora; e também de outra aluna, recém-chegada ao Projeto. Antes de terminar, no penúltimo parágrafo, há o relato de uma sessão de fotografias em uma região conhecida como Londres e, de novo, outra referência à violência: “Logo se forma uma multidão de curiosos. Cartazes velhos da campanha para o governo do Estado estão por todos os lados – a maioria perfurada por tiros”.

“Às margens das águas opacas, camadas de lixo, crianças seminuas brincam ao léu e mães sem paciência domam os pequenos à base de palmadas”

Também a sujeira e a pobreza fazem parte da descrição do jornalista, a exemplo do relato sobre a escolha do lugar para a realização do primeiro ensaio fotográfico:

³⁸ No dia 26 de setembro de 2006, Gisele Guimarães, Tony Barros e outras seis modelos embarcaram em uma viagem para a Bélgica e França, com apoio da ONG Moda Fusion. Além de participar da Semana de Moda de Paris, onde desfilaram em um stand do Sebrae, fizeram editoriais de moda. O tempo total da viagem somou cerca de 30 dias.

“Ela se imaginou em cenas chiques, dessas que aparecem nas revistas que circulam no asfalto. Convidou Gisele, sua amiga, para posar em uma das fotos. Quando Tony soube da idéia, ofereceu uma outra: fotografar as duas, lindas e produzidas, na ponte sobre o Rio Grande, perto do santuário, na parte mais pobre, feia e suja da favela que vive sob o Comando Vermelho – grupo que controla o tráfico de drogas e armas da região”

O olhar de Tony sobre o lugar onde vive aparece: “Minha intenção era ressaltar o contraste da beleza das meninas com a degradação do lugar”.

Sobre a intimidade de Gisele, o texto traz descrições sobre sua casa e a situação financeira de sua família:

“São quase 10 horas de um sábado ensolarado, e Gisele, usando jeans e camiseta *pink*, prepara uma vitamina na cozinha da casa modesta, mas impecável, onde mora com os pais – Vera, de 56 anos, empregada doméstica, e Luiz Carlos, 56 anos, vendedor de frutas em uma barraca perto dali”

Observe-se que há um contraste entre dois adjetivos que, não necessariamente, seriam opostos: “na cozinha da casa modesta, mas impecável”, como se a pobreza não pudesse ser associada à limpeza.

O envolvimento de Gisele com o Projeto é representado por expressões como “ela vai se dedicar”, “vai andar a pé, de van, ônibus e barco”, “vai pentear, maquiar e dirigir Kate”.

“Tem muita menina bonita e, em geral, sou a única sarará. No asfalto, tem estrutura, as modelos de lá saem em vantagem porque chegam aos testes de cabelo e unha feitos. Aqui, as meninas mal tomam café da manhã”
(Gisele)

Ainda nesta entrevista com Gisele, é ressaltada a pobreza de sua família:

“Quero dar uma condição de vida melhor aos meus pais e ter uma também. Durmo numa poltrona na entrada da casa, que desdobro todas as noites. As dificuldades são grandes. Às vezes bate uma desmotivação por falta de dinheiro. Mas vou em frente”

Depois de publicada a matéria, ao descrever para mim esta experiência, Gisele repete o que as páginas da Marie Claire exibiram:

“Olha, eu falei pro jornalista, eu tenho personalidade forte e não vou desistir, custe o que custar, vou atrás, bater na porta e vou provar que apesar de não ter poder aquisitivo, eu tenho capacidade”. (Gisele)

O que é revelador é a consciência de Gisele sobre a forma como foi retratada, demonstrando que consegue manipular o discurso que se apresenta sobre sua condição de vida, como demonstra este comentário feito para mim sobre a fotografia que a acompanhou durante mais de uma semana:

“Aí ela falou, vou fazer uma foto aqui, do lado de uma lixarada, falei, não tem lugar melhor não? Ela fez várias fotos, fiquei de chinelinho, foi uma foto descontraída”. (Gisele)

Gisele parece preferir que sua imagem tenha sido retratada diante de outro cenário, mas a “lixarada” é conveniente para evidenciar seu sorriso otimista e perseverante, de quem nunca desiste. Conscientemente, permite que sua personalidade sobressaia sobre sua aparência física. Ela entende, então, que sua condição de vida – pobre, violenta, impura – deixa de ser um problema e passa a ser um capital. Talvez o mais importante de todos os que acumulou até então.

O discurso da matéria da revista Marie Claire se estrutura a partir de um encadeamento de contrastes presentes nas representações, sejam elas fotográficas ou textuais, a respeito de Gisele, do Projeto e da própria Cidade de Deus.

A partir de uma interpretação das imagens, a comparação e a diferenciação estão presentes, o tempo todo. A começar pela grande fotografia de página dupla que introduz a matéria: (1) Gisele exibe sua alegria, tendo por trás de si o lixo e a pobreza; (2) Outra modelo, de cabelos falsamente molhados com gel, *top tomara-que-caia* e calça comprida

brancos, e nos pés uma sandália alta também clara, faz pose sobre uma ponte de madeira que tem, na extremidade oposta, uma mulher muito pobre com duas crianças, em frente a um barraco de favela; (3) a última imagem retrata uma modelo do Projeto, esguia e exótica, sentada em cima de um balcão que está, aparentemente, nos fundos de sua casa humilde, tendo à sua volta um varal com toalhas penduradas.

Ao longo da leitura textual, também outras comparações levam, inevitavelmente, ao encontro de contrastes: (4) “uma escola de modelos na comunidade descobre talentos escondidos nesse universo nada *fashion*”; (5) “Gisele também é o elo entre a Cidade de Deus e a Elite”; (6) “um corredor direto entre comunidades carentes cariocas e o mundo da moda, das artes e do design na França”; (7) “ ‘Procurava passar uma imagem construtiva’. Mas ele também tinha que mostrar o lado realista e duro do lugar”; (8) “fotografar as duas, lindas e produzidas, na ponte sobre o Rio Grande, perto do santuário, na parte mais pobre, feia e suja da favela”; (9) “Minha intenção era ressaltar o contraste da beleza das meninas com a degradação do lugar”; (10) “o mundo não vai na Cidade de Deus pegar ninguém”; (11) “casa modesta, mas impecável”; (12) “No asfalto, tem estrutura, as modelos de lá saem em vantagem porque chegam aos testes de cabelo e unha feitos. Aqui, as meninas mal tomam café da manhã”. Degradação, pobreza, desleixo, anti-moda, realidade dura, feiúra, sujeira, vida simples e carência são associações feitas diretamente à Cidade de Deus. Alegria, limpeza, elegância, talento, cultura, virtude, beleza, exotismo, fartura são referências feitas, por contraste, ao lado do “asfalto”, o mundo da moda. Um quadro contendo os pares de oposição pode ajudar na análise:

QUADRO II – Pares de oposição: matéria da revista Marie Claire

(5) (10)	CIDADE DE DEUS	“O MUNDO DA MODA”
(1)	degradação	alegria
(2)	pobreza	limpeza
(3)	desleixo	elegância
(4)	anti-moda	talento para a moda
(6)	pobreza	cultura
(7)	realidade dura	virtude
(8)	feiúra	beleza
(9)	degradação	beleza
(11)	vida simples, humilde	exotismo, elegância
(12)	carência da favela	fartura do “asfalto”
(13)	pobreza	riqueza
(14)	sujeira	limpeza

Gisele, como a própria matéria reforça, é o “elo” que une os dois pólos, ela é uma “intermediária”. A modelo transita na favela e no “asfalto”, está entre a Cidade de Deus e “o mundo” ou, mais especificamente, “o mundo da moda”.

O contraste que se estabelece da primeira à última linha da matéria serve à reprodução do discurso hegemônico que coloca a beleza ao lado da moda. A matéria de Marie Claire, neste sentido, é exemplar, já que ajuda na compreensão do que se constitui o imaginário de nossa sociedade sobre a beleza feminina, representada pela moda. Beleza é associada à alegria, limpeza, riqueza, cultura, virtude e elegância. Portanto, na Cidade de Deus - um lugar pobre, degradado, violento, sujo e feio - não há espaço para a beleza.

No entanto, Gisele Guimarães sabe que seu pertencimento à Cidade de Deus é um importante capital e que, ao revelar suas origens, as comparações surgem a seu favor: mora na Cidade de Deus, mas é modelo; porque tem personalidade forte, venceu o destino de uma vida fadada ao crime e à prostituição; é pobre, porém consegue ser positiva diante da vida.

Gisele é “um elo” que liga o Projeto Lente dos Sonhos e a agência Elite; ela reside entre a cinza Cidade de Deus e a ensolarada Ipanema.

6.2 – Gisele da Favela: TV M6, França.

No dia 18 de março de 2007, o canal de televisão M6, da França, exibiu uma reportagem de 12 minutos sobre Gisele Guimarães. Este material serve a uma discussão sobre a maneira como se dá a construção da imagem da modelo a partir de sua origem, a Cidade de Deus. Mais ainda, permite uma comparação com a revista Marie Claire, já que se trata de um outro ponto de vista: o estrangeiro. Antes de iniciar a análise, porém, cabe a descrição da reportagem, que foi aqui dividida em seis partes.

Parte 1

TRILHA MUSICAL/IMAGEM - Música de fundo: funk. Movimento de pessoas andando por uma rua da Cidade de Deus, em uma manhã ensolarada. Três crianças (uma delas, um menino, está de cuecas) e duas mulheres de biquíni estão sentadas em uma rua de paredes cinzas e mal-acabadas, em cadeiras de praia, apoiando os pés no meio-fio, e todos olham em direção à câmera. Tony Barros fotografa Gisele e mais cinco

modelos que desfilam, caminhando em sua direção, no meio de uma rua com poças d'água e lixo acumulado em um canto. Um menino curioso olha pela fresta da porta com pintura desgastada de sua casa. As seis modelos posam para Tony, agora perfiladas lado a lado, quase encostadas em uma parede verde e grafitada. Um menino com camisa do Flamengo dança funk. Um menino sem camisa dança funk. Gisele, maquiada e de cabelos arrumados, veste shorts e uma camisa branca, e apóia seu pé – calçado com uma sandália branca de salto alto – no pára-choque de um Fusca. As seis modelos dançam funk. Música de fundo: samba. Vista panorâmica da baía de Guanabara com o Pão de Açúcar em destaque. Um dia ensolarado na praia de Ipanema com pessoas se banhando no mar. A câmera, de dentro de um carro, percorre o calçadão da praia. Fotografia de Gisele Bündchen deitada de bruços na areia. Bündchen deitada de lado, vestindo lingerie preta, sobre uma cama. Bündchen posando ao lado de um perfume, glamourosa, tendo por trás um espelho de camarim. A câmera, de dentro de um carro, percorre uma rua da Cidade de Deus.

LOCUÇÃO - “Neste dia, em uma das comunidades mais pobres do Rio, acontece um fato bem particular. Uma sessão de fotos de moda no meio da favela, entre o lixo e restos de carros. Os habitantes estão um pouco surpresos; não se trata de uma sessão comum de fotos de moda organizada por uma loja famosa: estas seis garotas moram todas na favela. É para realizar o seu book que elas escolheram ser fotografadas em sua comunidade.

A líder do grupo, é ela, Gisele, vinte e dois anos, 1,80 m, é uma das pessoas que incrementam o desenvolvimento da favela.

Ela decidiu ajudar as jovens da comunidade a seguirem seu caminho: a moda como meio de sair da miséria. Até o presente momento, as top models brasileiras eram quase sempre originárias de belos bairros de regiões favorecidas, como a mais famosa delas, Gisele Bündchen, ex-modelo de Dior, Calvin Klein e Dolce Gabbana”.

Parte 2

TRILHA MUSICAL/IMAGEM - Música de fundo: instrumental de suspense policial. Um carro preto da polícia entrando velozmente em uma rua enlameada da Cidade de Deus. Um helicóptero sobrevoa o local. Uma tomada aérea mostra a favela de cima, com chão avermelhado de barro. A câmera segue três policiais, que correm com a mão no coldre do revólver. Um homem rendido no chão, com as mãos na cabeça. Um grupo de homens sentados no chão, rendidos. O policial, agora com arma em punho, revista pessoas que passam na rua, a pé e de carro. Dentro de uma loja, provavelmente em um shopping, dois assaltantes encapuzados rendem um homem com expressão de medo, posicionando uma arma em sua cabeça. Cena do seqüestro do ônibus 174 que, em 2000, terminou com a morte de uma passageira grávida e do próprio bandido, morto pela polícia: no canto da tela, o logotipo do programa de televisão “Cidade Alerta”.

LOCUÇÃO - “E para as que vêm das favelas, é difícil chegar à passarela. Aqui tudo é mais complicado do que lá fora; e, sobretudo, mais perigoso. Com investidas da polícia, as pessoas da favela estão habituadas a cenas de violência. Em média 7 assassinatos por dia apenas na cidade do Rio. As imagens da televisão local encontram regularmente roubos, estupros e outros delitos. Pode-se dizer que os caçadores de talentos jamais se aventuram nessas comunidades quentes”.

Parte 3

TRILHA MUSICAL/IMAGEM – Sem música de fundo (som ambiente). Tomada do alto da favela da Cidade de Deus. A câmera segue Gisele que, de shorts, blusa branca e carregando uma bolsa, se dirige a um táxi enquanto fala com alguém que está fora de cena. De dentro do táxi, Gisele olha a paisagem da rua da Barra da Tijuca. Aparece em cena a placa da Elite Models, agência da qual Gisele é contratada. Gisele conversa com uma funcionária. Vê fotografias de seu book enquanto responde perguntas do repórter.

LOCUÇÃO – “É por isso que Gisele, a manequim da favela, decidiu assumir a situação. Sua sorte foi ter sido achada, um pouco por acaso, há um ano por um agente. Ela passou toda a sua vida na favela, mas hoje ela frequenta regularmente os bairros sofisticados do Rio. É aqui que se encontra a agência para a qual ela trabalha, uma das mais prestigiadas do mundo. Foi ela que descobriu a outra Gisele, Gisele Bündchen, a top model brasileira. Gisele da favela está apenas no início de sua carreira, e por enquanto o seu book não é muito grosso. ‘Você gosta destas fotos?’ [repórter] ‘Sim, gosto muito. Para mim, é muito importante fazer parte da família das manequins’. Moças apenas bonitas, no Brasil há muitas. Gisele, por enquanto, só tem uma foto de publicidade publicada. Uma sessão que lhe trouxe um pouco mais de 100 euros, uma ninharia.”

Parte 4

TRILHA MUSICAL/IMAGEM - Sem música. De volta à Cidade de Deus, Gisele anda pela rua. Uma bancada cheia de bananas de um camelô. Gisele abraça e beija carinhosamente seu pai, dono da banca. Tomada de cima das construções de tijolos da favela. A estreita rua onde mora Gisele e ela abrindo a porta de sua casa com um sorriso. Logo na entrada, à direita, uma poltrona-cama, cheia de bichos de pelúcia, onde dorme. Gisele mostrando o sofá-cama onde dormem seus pais. A cozinha e o pequeno fogão, cheio de panelas de alumínio brilhantes. O banheiro com as cuecas do pai penduradas perto do teto. Gisele, sentada no sofá da sala, mostra as revistas e jornais para os quais já fotografou. Mostra sua foto preferida. Fala sobre sua idade e chora.

LOCUÇÃO - “Assim, ela vive muito ligada aos pais. Seu pai é vendedor de bananas e sua mãe diarista, e toda a família junta ganha apenas 150 euros por mês e todos se espremem numa minúscula casinha situada nesta viela. ‘Eis a minha casinha, é pequena, mas tem um coração bem grande. Vejam onde durmo, um sofá-cama, eu o abro toda noite.’ [Gisele] O único outro cômodo faz o papel de sala para todos os fins. ‘Este é o sofá-cama de minha mãe, que durante o dia torna-se um divã. Aqui é a cozinha também bem pequena, aqui é como no camping. Este é meu ferro para

alisar o cabelo; é difícil , pois não tenho dinheiro para ir ao cabeleireiro, por isso sou eu mesma que faço meu cabelo e minhas unhas. Aqui é o banheiro, pequeno e modesto, ah! São os calções de meu pai que estão pendurados!’ Apesar de seu sorriso, Gisele está bem consciente: aos 22 anos, sua carreira está quase ficando para trás. ‘Sou eu aqui nesta foto. É a minha preferida, num estilo hip-hop americano. Meu grande sonho é chegar à passarela, lá fora e aqui no Brasil. Mas eu estou aí, me viro, conheço uns truques, mas olha a idade chegando, isso torna as coisas mais difíceis...’ [Gisele] ‘Você tem medo de envelhecer e não conseguir?’ [repórter] ‘Tenho’. ”

Parte 5

TRILHA MUSICAL/IMAGEM - Na rua, sob o sol, Gisele caminha com Tony Barros, rodeada por seis crianças. Gisele ensina, na rua, uma menina a desfilar. Gisele demonstra como se desfila e explica como a menina deve fazer. Gisele conversa com a mãe e com a irmã da menina, que olham do portão de casa – ambas estão de shorts e sutiã. Um cartaz da “Escola de Moda Lente dos Sonhos” em frente ao CSU. Gisele dando aula. Uma adolescente negra, Jeniffer, desfila e posa mais demoradamente para a câmera. Gisele observa o movimento da aula. As alunas falam sobre as aulas. Duas irmãs gêmeas se destacam. Música de fundo: marchinha “Maria Sapatão” (o filme foi gravado durante o carnaval de 2007). As ruas da Cidade de Deus. Gisele em alguma casa, se maquiando, cercada por suas alunas. Jeniffer limpa a maquiagem do lado de fora, molhando um pedaço de papel higiênico na torneira que fica próxima ao chão. Chega à casa um bebê, filho de uma das modelos, de 15 anos. Esta modelo desfila e, depois, amamenta seu filho. Gisele, de cabelos enrolados, lancha e conversa com as alunas sobre métodos anticoncepcionais. Gisele fala sobre a beleza da mulher brasileira. Jeniffer rebola até o chão, sorrindo.

LOCUÇÃO - “Além de querer vencer em sua própria carreira, Gisele decidiu aproveitar sua experiência para com as jovens de sua comunidade. E quando passeia pela favela, não deixa de dar conselhos às meninas bonitas de todas as idades. E para esta menina de 9 anos, os conselhos se

transformam em iniciação à profissão de modelo. ‘Você deve ter uma boa postura, colocar assim as cadeiras, jogar a bacia para frente, um pé diante do outro, olhe o movimento dos quadris. Por aí, por aqui, pára; depois de tudo, volta, tem que ter *swing*. Bom dia, sua filha quer ser manequim?.’ [Gisele] ‘É, ela sempre quis. Mas pobre só tem sonho. E isso não leva a nada. É uma coisa que todas as garotas querem aqui. Ela fica na frente do espelho o dia todo, anda de um lado para o outro. Eu acho bonito, mas é uma coisa que jamais acontecerá. Não temos condição.’ [moradora] ‘Depende. Eu também moro aqui. Se você tem um sonho, as coisas não vão cair do céu. É preciso bater nas portas, ouvir muitas recusas, mas se não persistir, jamais conseguirá. É preciso ter um objetivo.’ [Gisele] Todos os sábados, numa sala da escola da comunidade, Gisele dá um curso gratuito. Isso pode parecer derrisório, mas este curso, que existe há quatro anos, despertou a curiosidade da imprensa brasileira. Dentro de alguns dias, *cameramen* e fotógrafos devem assistir a um desfile. Hoje, Gisele vai selecionar as meninas que subirão à passarela. ‘É uma sensação que eu não consigo explicar. Adoro desfilar. Quero ser modelo, acho que é o meu futuro. Espero que o desfile seja genial e que mostre ao público que nós, as meninas da favela; temos potencial.’ [modelo] E as meninas não são desprovidas de imaginação para chamar atenção: Aline e Amanda, duas irmãs gêmeas, pensam que sua semelhança será bem interessante. ‘Acho que será melhor, quando desfilarmos juntas. É diferente, é muito difícil encontrar gêmeas que desfilem juntas na passarela. E as pessoas gostam bem de novidades, e se desfilarmos juntas, será um barato.’ [gêmeas] No final, de sessenta meninas presentes hoje, apenas trinta foram selecionadas. Dentro de dois dias, haverá o desfile da escola. É preciso que tudo esteja perfeito. Hoje, Gisele mostra as técnicas de maquiagem às modelos selecionadas para o evento. Aqui, não há material sofisticado, lava-se o rosto com papel higiênico no meio da rua. Mas a sessão de trabalhos práticos é interrompida pela chegada de um convidado-surpresa. ‘Quem é?’ [repórter] ‘É meu filho’. Um bebê de dez meses. ‘Ele é tímido.’ Lembram-se? Esta jovem mãe é Marcelle, uma morena muito bonita, que hoje desfila para Gisele. As mães precoces são verdadeiras legiões nas favelas. E é aqui, para lutar contra essa praga que

atrapalha o futuro de milhares de adolescentes no Brasil, que Gisele criou sua escola de manequins. ‘No momento, há uma verdadeira epidemia de jovens grávidas. Outro dia, eu estava na rua, vi cinco ou seis , todas grávidas.’ [Gisele] Assim, para Gisele, é a ocasião de transformar essa discussão em conselhos de planejamento familiar. ‘Acho que as mães deveriam ser obrigadas a levar as filhas ao ginecologista e fazê-las tomar pílula. É preciso obrigar as mães a fazê-lo.’ Mas logo as meninas retomam conversas mais leves. ‘As mulheres brasileiras são muito quentes. Uau! Temos uma vantagem - é o nosso rebolado incomparável, a nossa ginga bem típica’ [Gisele].”

Final

TRILHA MUSICAL/IMAGEM - Na quadra da Escola de Samba, Tony Barros carrega grandes e pesadas caixas de madeira que servirão de base para a improvisada passarela. Em outro ambiente, uma pequena equipe de produtores – uma delas é francesa, falando português – organiza as roupas do desfile. A francesa reclama com Gisele sobre a desorganização pré-desfile e pede três modelos. Gisele, do lado de fora, seleciona as alunas para o desfile. Na quadra, cerca de cem pessoas da comunidade aguardam pelo evento, em frente à passarela armada. No meio da platéia, um cinegrafista também aguarda o início do desfile. Gisele, nos bastidores, parece nervosa – chora e passa mal. Diz que “tudo deu errado”. Música de fundo: uma mistura de samba com música eletrônica. O desfile começa com a modelo que é mãe, depois entram as gêmeas. O desfile prossegue com outras modelos, mas Jeniffer não está entre elas. Gisele, feliz e aliviada, se prepara para entrar. Tudo termina com Gisele na passarela, posando e sorrindo para a câmera. Fim da reportagem.

LOCUÇÃO – “Enfim, chega o grande dia. Tábuas de madeira sobre um tapete; eis a passarela da fortuna, já para o desfile das modelos. As roupas foram trazidas pela moça que representa o estilista e também a favela. Há um problema, não há modelos suficientes.

‘Preciso de um, dois, três ...’ [produtora] Chama Gisele. ‘Não posso trabalhar assim, não é possível.’ [produtora] ‘Eu sei.’ [Gisele] Entre as

grandes ausências está Jennifer, que entretanto estava bem animada; mas é assim nas favelas; as pessoas faltam aos encontros, pois os problemas do dia-a-dia freqüentemente tomam o lugar dos sonhos. Oito manequins estão ausentes; mas a imprensa, e sobretudo a televisão brasileira estão lá. Nos bastidores, Gisele está bem tensa. ‘Você não vai desmaiar!’ [uma das produtoras] Felizmente, Gisele pode contar com suas alunas fiéis: Marcelle, a jovem mãe de quinze anos, que deixou o filho com sua mãe. Também as gêmeas que pela primeira vez desfilam juntas diante do público. ‘Meu Deus! Eu estava nervosa, mas deu certo.’ [gêmeas] ‘É uma bagunça, mas da próxima vez será melhor. Tudo estará mais bem arrumado. Estou feliz, muito feliz!’ [Gisele] E é Gisele pessoalmente que traz o espetáculo final. É uma maneira de mostrar às pessoas que se pode escapar do destino. No Rio, um em cada três habitantes, vive na favela.”

A “miséria”, além de explicitamente citada, está presente, sobretudo, nas imagens exibidas, onde as ruas são sujas, onde moradores da Cidade de Deus aparecem vestindo roupas íntimas e onde a sofisticação da moda inexiste: “Aqui, não há material sofisticado, lava-se o rosto com papel higiênico no meio da rua”. O que se vê, aos olhos da reportagem, é uma condição de vida pouco civilizada.

Há uma nítida separação social da favela: “Aqui tudo é mais complicado do que lá fora; e, sobretudo, mais perigoso”. As cenas de violência exibidas ajudam a fixar no lugar o estigma que o persegue e que parece contagiar seus moradores: “as pessoas da favela estão habituadas a cenas de violência”. A moda parece ter residência fixa em bairros ricos do Rio de Janeiro: “Até o presente momento, as *top models* brasileiras eram quase sempre originárias de belos bairros de regiões favorecidas, como a mais famosa delas, Gisele Bündchen, ex-modelo de Dior, Calvin Klein e Dolce Gabbana”. Sendo assim, “para as que vêm das favelas, é difícil chegar à passarela” – afinal, a favela e a passarela pertencem a mundos excludentes: “Pode-se dizer que os caçadores de talentos jamais se aventuram nessas comunidades quentes”. Os moradores da Cidade de Deus, uma entre várias “comunidades quentes” do Rio de Janeiro, parecem, pelo vídeo, aprisionados no “aqui”, um lugar “complicado” e “perigoso”. “Lá fora”, ao contrário, é onde vivem os “caçadores de talentos”, em “belos bairros” em que moram pessoas como Gisele Bündchen.

A comparação com a *top model* gaúcha confere a Gisele Guimarães uma identidade bastante particular: ela é a “Gisele da Favela” e “sua sorte foi ter sido achada, um pouco por acaso, há um ano por um agente”. Por seu pertencimento a este mundo apartado da moda, somente um acaso poderia tê-la trazido para a ensolarada Ipanema, da Elite Models, a agência que “descobriu a outra Gisele, Gisele Bündchen, a *top model* brasileira”. Segundo a reportagem, Gisele Guimarães “frequenta regularmente os bairros sofisticados do Rio”, mas nada parece ser muito fácil para ela: “É difícil, pois não tenho dinheiro para ir ao cabeleireiro, por isso sou eu mesma que faço meu cabelo e minhas unhas. Mas eu estou aí, me viro, conheço uns truques”. Se a *top model* é retratada em meio a ambientes glamourosos, como o sofisticado camarim do anúncio de perfume, Gisele parece ser uma sobrevivente. Mas é seu trabalho na comunidade que se sobressai: através dos desfiles, suas alunas têm uma esperança: “mostrar ao público que nós, as meninas da favela, temos potencial”.

Gisele Guimarães, sob o olhar da televisão francesa, é mais uma “menina da favela”, e não uma “*top model* brasileira”. Ela “se espreme” com os pais em uma “minúscula casinha situada numa viela”. Sua “casinha é pequena, mas tem um coração bem grande”. Na vida da “Gisele da Favela”, tudo parece simples demais para o sofisticado mundo da moda. Como modelo, ela é apenas mais uma. Afinal, “moças apenas bonitas, no Brasil há muitas”.

No entanto, a reportagem sublinha sua influência como alguém que resolveu “assumir sua situação” e tentar “escapar do destino”. No panorama da televisão, surge uma Gisele preocupada com o controle de natalidade entre as adolescentes da comunidade. Ela é conselheira e divide sua experiência com suas alunas. Com o exemplo da modelo que engravidou aos 13 anos, as aulas de Gisele – que parece uma iniciativa isolada, já que o Projeto Lente dos Sonhos não é citado – parecem preencher um espaço na vida das meninas da favela, buscando evitar que elas sejam contagiadas pela “praga” da gravidez precoce: “E é aqui, para lutar contra essa praga que atrapalha o futuro de milhares de adolescentes no Brasil, que Gisele criou sua escola de manequins”. Seu discurso é utilizado para enfatizar esta idéia: “No momento, há uma verdadeira epidemia de jovens grávidas. Outro dia, eu estava na rua, vi cinco ou seis, todas grávidas”.

Durante o período que acompanhei Gisele Guimarães e Tony Barros à frente do Projeto Lente dos Sonhos, percebi que havia uma preocupação com relação ao risco da gravidez na adolescência. Porém, se tratava de mais uma preocupação. Se havia uma

“causa social” principal por trás das aulas de passarela e dos desfiles organizados pelos dois, ela se resumia em elevar a auto-estima de suas alunas.

Gisele e suas alunas falam a respeito do “*swing*” da mulher brasileira: “As mulheres brasileiras são muito quentes. Uau! Temos uma vantagem - é o nosso rebolado incomparável, a nossa ginga bem típica”. Se em um momento o documentário mostra uma Gisele preocupada com o controle de natalidade, no seguinte ela se revela sensual e provocante. É como se, por trás do discurso, prevalecesse uma irresponsabilidade inata a um ambiente pouco civilizado, como revelam estes dois comentários: “logo as meninas retomam conversas mais leves” e “mas é assim nas favelas: as pessoas faltam aos encontros, pois os problemas do dia-a-dia freqüentemente tomam o lugar dos sonhos”.

E a reportagem termina dizendo: “No Rio, um em cada três habitantes, vive na favela”.

Também na França, pela televisão, Gisele Guimarães percorre universos diferentes: o primeiro, da Cidade de Deus, marcado pela violência e pela pobreza; o outro, da moda, cercado por belezas - inclusive as naturais - por todos os lados e associado diretamente à imagem de Gisele Bündchen. Talvez um dos sinais que mais expressam a fatalidade do pertencimento de Gisele a um mundo pobre e de miséria é a forma como a reportagem a ela se refere: “Gisele da Favela”: uma comparação óbvia com a outra Gisele, a *top model*.

6.3 – Rumo a Paris: Jornal Hoje

Gisele Guimarães e Tony Barros, por intermédio da ONG Moda Fusion, viajaram no dia 26 de setembro de 2007 para a Bélgica e França, onde permaneceram por quase um mês. O Jornal Hoje, da Rede Globo, registrou a preparação para a viagem, na véspera do embarque. Aqui, Gisele Guimarães aparece nas imagens, mas não foi entrevistada pelo repórter da Rede Globo.

“O sonho de desfilar na Europa virou realidade para Anny, Lídi, Gisele, Anna e Luana. As cinco jovens modelos foram descobertas em comunidades carentes do Rio, e embarcam nesta terça para França. Destino: Semana da Moda de Paris.

O francês já está na ponta da língua, mas a expectativa da viagem está tirando o sossego das meninas. ‘Estou morrendo de medo do avião! São 12 horas mais ou menos, e isso me deixa assustada’, diz Anna Haulina.

‘É algo novo, algo inesperado, porque foi uma surpresa para mim estar aqui’, resume Luana Martins. Esta é a primeira vez que Anne, Lídi, Gisele, Ana e Luana vão para o exterior.

As cinco se conhecem há pouco tempo, mas têm histórias parecidas: nasceram em comunidades pobres, tiveram poucas oportunidades e lutaram muito pra chegar onde chegaram. Agora, elas vivem juntas a realização de um sonho, o de desfilar nas passarelas de Paris.

Elas se conheceram no projeto "Lente dos Sonhos", na favela Cidade de Deus. O fotógrafo Tony Barros criou uma escola e uma agência de modelos na comunidade. ‘Estamos saindo da comunidade e hoje ganhamos a Europa, ganhamos o mundo. Cada modelo vai estar mostrando realmente a que veio’, ele comemora.

As modelos vão participar de um salão de moda ética, que mostra trabalhos com envolvimento social; as roupas são confeccionadas por cooperativas de artesãs e costureiras. Os desfiles acontecem durante a Semana de Moda de Paris.

‘Quero conhecer tudo, sabe? Os pontos turísticos, as modelos. Adquirir experiência, ver como elas se portam’, espera Anny Ágata Trindade.

Na mala, elas levam esperança e muitos planos – e querem trazer para casa bem mais do que isso”.

A reportagem sobre a viagem para a Europa das cinco modelos, entre elas Gisele Guimarães, ressalta a invisibilidade social que sua condição de vida lhes impunha: elas “foram descobertas em comunidades carentes do Rio”. O muro entre a favela e o mundo parece ter sido transposto, como revela o comentário de Tony Barros: “Estamos saindo da comunidade e hoje ganhamos a Europa, ganhamos o mundo”.

A origem social das modelos é determinante para a importância que esta viagem para o exterior parece representar. Afinal, todas “têm histórias parecidas: nasceram em comunidades pobres, tiveram poucas oportunidades e lutaram muito pra chegar onde chegaram”. Como afirma a reportagem, “na mala, elas levam esperança e muitos planos – e querem trazer para casa bem mais do que isso”.

6.4 – De lixo a Cinderela: o caso Cristiane de Andrade

Em outubro de 2007, o jornal Expresso, do Rio de Janeiro, publicou uma matéria de página inteira sobre a trajetória de Gisele Guimarães e sua viagem a Paris, da qual a modelo acabava de retornar. Ao lado desta matéria, o jornal incluiu uma nota que relembra o caso da modelo Cristiane Andrade, comparando-a com a história de Gisele:

“Cris Andrade, a musa que veio do lixão. A história de Gisele se parece com a de Cris Andrade, descoberta num lixão de Caxias, quando a atriz Giovanna Antonelli gravava cenas de sua personagem Bárbara na novela “Da cor do pecado”, em 2004. A partir dali, a catadora de lixo virou modelo e chegou a desfilas no Fashion Rio, na sua estréia nas passarelas.

Deste dia em diante, a vida de Cris mudou radicalmente. Ela foi contratada por uma agência de modelos, se mudou para São Paulo (onde ainda vive) e não demorou muito para passar por uma transformação: se submeteu a uma cirurgia de implante de 200 ml de silicone, além de lipoaspiração na barriga, pernas e glúteo. Tudo pago por um programa que promovia mudanças estéticas.

- Daqui a 20 anos vou olhar para trás e saber exatamente o que aconteceu. Foi o melhor ano da minha vida – disse, na época”. (Jornal Expresso, 20 de outubro de 2007)

Meses antes, outra matéria publicada no jornal Folha de São Paulo também procurou resgatar a história de Cristiane Andrade, o que me chamou a atenção pela forma como a mídia tratou do assunto. A associação feita entre a modelo e sua origem pobre e do “lixão” me parecia semelhante à maneira como a própria Gisele Guimarães

vinha sendo retratada pelas revistas. Pretendo aqui desenvolver o argumento de que a mídia contribuiu para a construção da imagem de Gisele Guimarães a partir de classificações que opõem a pobreza e o mundo da moda.

A matéria “ ‘Cinderela do Lixão’ não virou princesa”³⁹ mostra a história de Cristiane de Andrade, que em 2004 ficou famosa por “ter sido descoberta” pela atriz Giovanna Antonelli, durante gravações de uma novela, enquanto catava lixo em um depósito no Rio de Janeiro.

“Cristiane, 26, não se esquece de nada. De quando era catadora do lixo e foi descoberta pela atriz Giovanna Antonelli durante uma gravação em 2004 da novela ‘Da Cor do Pecado’, que está sendo reprisada agora. De quando brilhou no ‘Fantástico’, da TV Globo, e no ‘Domingo Legal’, do SBT. De quando trocou seu barraco em uma favela de Bangu por um flat ‘muito chique’ em São Paulo, pago pela agência Mega. E de quando tudo isso virou pó”. (Folha de São Paulo, 10 de junho de 2007)

O jornal relembra a história da ex-catadora de lixo e revela o que aconteceu depois de passada sua “fama relâmpago”.

De acordo com o jornal, Cristiane chegou a desfilas para um famoso estilista e a protagonizar um *reality show* de uma produtora independente que nunca foi ao ar. Da agência de modelos, como foi noticiado na matéria, não obteve nenhum trabalho, nem salário e chegou a “comer pior do que em Bangu”:

“Na agência, o cotidiano era angustiante, diz ela. ‘O que a Mega fez comigo não é porque eu era do lixo. Faziam também com outras modelos que não vieram da mídia’. Faziam o quê? ‘De não ligar, deixar ali sentada no tão famoso sofá da Mega o dia inteiro. Tem a mesa dos *bookers* [agentes] num canto e as modelos ficam ali no sofá, pensando o dia inteiro, com fome, esperando um *casting*’ [seleção para um trabalho]”. (Folha de São Paulo, 10 de junho de 2007)

³⁹ Folha de São Paulo. “Cinderela do Lixão” não virou princesa. Cotidiano, C8, 10 de junho de 2007.

Cristiane, que é negra e se autodescreve “do lixão”, conta ainda que foi considerada “gorda” pela agência e que conheceu “meninas que cheiravam [cocaína] para emagrecer”. No *reality show* do qual participou, segundo o jornal, ganhou uma lipoaspiração na barriga e nas pernas, além de silicone nos seios.

Sabe-se, já no final da matéria, que a ex-catadora de lixo trabalhava então como garçonne em um bar cubano, em São Paulo, onde ganhava um salário de R\$ 2.000,00, com o qual afirmou estar muito satisfeita, comparando com os R\$ 400,00 que obtinha catando lixo.

A partir do texto que conta a vida de Cristiane, é possível encontrar aproximações e distanciamentos que reiteram a oposição entre as noções de “puro” e “impuro”. A começar pelo próprio título: “ ‘Cinderela do lixão’ não virou princesa”. De um lado, o lixo e a então catadora; do outro, o “mundo da moda” e as promessas na carreira de modelo, onde poderia ter se tornado uma *top model*, ou uma princesa. A realidade pobre de Cristiane é diretamente associada ao lugar onde trabalhava, catando lixo, e de onde retirava seu rendimento. A exemplo de outras histórias sobre modelos, Cristiane teria sido “descoberta”, o que ressalta a inusitada presença de uma mulher de boa aparência em um lugar como o lixão. Cristiane estaria, portanto, em um lugar ao qual não pertencia. Da mesma forma, morava em uma “favela de Bangu”, mas, ao ser “descoberta”, foi levada para um “*flat* muito chique” que, ao que tudo indica, parecia ser o lugar mais apropriado para ela.

Ao ser criada uma distância, ou um estranhamento, entre Cristiane e o lixão, está-se também afastando-a de outras pessoas que, como ela, são catadoras de lixo. Ela foi retirada de uma situação inadequada para outra mais adequada, graças à sua beleza. Não se trata de retirar uma pessoa de condições de trabalho consideradas desumanas, mas sim de “descobrir”, em meio ao lixo, uma exceção.

A carreira da ex-catadora como modelo, porém, não foi bem sucedida. Apesar da rápida fama conquistada na mídia, tudo indica que não conseguiu se firmar na profissão, como noticiado no jornal. A decisão de Cristiane foi a de não voltar para a favela e, segundo o jornal, passou a trabalhar em um restaurante, como garçonne.

Ao “largar tudo”, Cristiane escolheu um caminho diferente de outras “meninas que cheiravam para emagrecer”. Em contraste, na história da ex-catadora aqui analisada, exaltam-se as dificuldades por que passou:

“Não que a vida no lixo fosse fácil. Seu corpo era marcado por cacos de vidro e pedaços de ferro em que esbarrava na montanha de restos. Um dia, achou dois fetos abortados em um pote. Era vida dura, mas que em matéria de cenas deprimentes, não deixava a desejar aos bastidores da moda”.

Neste momento, o discurso da mídia aproxima o lixo dos “bastidores da moda”, o que associaria ambos à noção de “impureza”. Tanto os “fetos abortados no pote” como “as meninas que cheiravam” são cenas tomadas como “deprimentes” e “duras”. Cristiane, ao contrário, é vinculada a valores positivos – portanto, “puros” – que não se corromperam por promessas. Por esforço próprio, conseguiu ser garçonne, o que é reconhecido, no jornal, como uma “evolução”.

“ ‘Ela virou garçonne? Fico feliz em saber. Ela veio do lixo, acho que progrediu muito’, diz Eli Hadid.” [dono da agência Mega Models]

Cristiane, que “veio do lixo”, conseguiu “progredir” ao sair dele. Como garçonne, conquistou “uma vida melhor”. Mas, com sugeriu o título, ela “não virou uma princesa”. Para tanto, precisaria ter se transformado em modelo, o que não conseguiu, apesar de muito esforço, já que “largou tudo”. Cristiane “progrediu”, mas não “virou” modelo. Sua transformação foi, portanto, interrompida e seus objetivos só em parte foram conquistados.

6.5 – O puro e o impuro nas aparências: o que dita a moda?

*“Eu fiquei 3 meses sem quebrar o barraco,
Sou feia, mas tô na moda, tô podendo pagar hotel pros homens
isso é que é mais importante. Quebra meu barraco”*

“Sou feia, mas tô na moda” (Tati Quebra Barraco)

O jornal Folha de São Paulo, em 2004, acompanhou a presença de Tati Quebra Barraco na São Paulo Fashion Week e sua apresentação em uma boate freqüentada por “amantes de moda, música eletrônica, electro e champanhe”. De acordo com a matéria jornalística, é inusitado o sucesso de Tati e de suas músicas pornográficas junto a este

público, “afinal, como uma ‘favelada, preta, pobre e polêmica’ conquistou poder a ponto de atrair o fascínio do mundo ‘moderno’ que orbita nestes dias em torno da São Paulo Fashion Week?”.

Convidada pela grife Cavallera, um dos destaques do evento de moda, a cantora apenas assistiu à exibição da coleção de roupas: o jornal a classificou como uma “figura de decoração”, já que ela não desfilou e nem cantou.

A forma como o jornal se refere ao episódio de Tati Quebra Barraco em São Paulo sublinha o grande interesse da mídia pelo contraste entre os pobres da favela e os modernos da moda. O encontro destes dois extremos, a exemplo do sucesso da *funkeira* da Cidade de Deus dentro de uma boate sofisticada paulistana, reitera a idéia de que a reprodução dos padrões da moda conta com a fundamental colaboração de um dado discurso jornalístico que coloca em lugares opostos os favelados (pretos, pobres e polêmicos) e os modernos (amantes da moda). Mas o principal esforço da presente análise é mostrar que os favelados, representados aqui por Gisele, Cristiane e Tati Quebra Barraco, transformam em capital o que os estigmatiza, ressignificando sua condição de vida a favor de uma promoção social.

Douglas (1991) afirma que a natureza do impuro está em sua associação com a desordem, ou com algo que ainda está “fora de seu lugar”, que foi “rejeitado” ou que está “fragmentado”, ameaçando a “ordem das coisas”.

O exemplo da modelo Gisele Guimarães pode ser analisado à luz das idéias de Mary Douglas sobre as noções de impureza e perigo.

Enquanto Gisele for diretamente associada à sua origem, a Cidade de Deus, representará o papel do que está fora do lugar, sem integração com o que é legitimado como belo e “puro”. Gisele Guimarães, por ser da Cidade de Deus, não poderia ser considerada representante legítima da beleza. Na condição de “impura”, e “perigosa”, deve ser afastada de sua origem social. Neste processo, colabora sobretudo a mídia, a um só tempo marcando vínculos como as origens sociais e rompendo com eles, ao afirmar que uma “descoberta” pode levá-la a um outro mundo, ao “mundo da moda”.

O que há de especial no caso de Gisele Guimarães é que se torna muito mais improvável que se consiga desvincular sua imagem do seu lugar de origem. Gisele, no discurso da comunidade, da mídia e dos profissionais diretamente ligados a ela, é indissociável de sua origem social, pois é nela que reside um de seus principais capitais: o Projeto Lente dos Sonhos na Cidade de Deus. Ao se confundir com esta causa social, Gisele deixa de parecer “fora do lugar” e, conseqüentemente, deixa de representar a

“impureza” e o “perigo”. O Projeto Lente dos Sonhos na Cidade de Deus operou uma espécie de transmutação que anulou o que havia de “impuro” em sua origem social. Na condição de líder de um projeto social, inverte as posições e atribui a idéia de impureza ao “mercado sujo da moda”:

“Eu quero ir pro mercado, sei que é um mercado muito sujo, sei que, tipo assim, N sujeiras, mas é um mercado que eu gosto e que está relacionado à minha pessoa”. (Gisele)

Este discurso de Gisele se estende também para esferas de sua vida pessoal. O episódio com K. é exemplar para a presente análise.

K. abandonou o Projeto e a Cidade de Deus antes de 2005, quando iniciei minha pesquisa. Segundo Gisele, K. se envolveu com um homem de maneira suspeita para os padrões morais da comunidade, o que a levou a uma ascensão social, indo morar no Recreio dos Bandeirantes. Reprovando sua atitude, afirmou que a amiga preferiu seguir o “caminho errado”. Por isso, afirmou que se afastou de K.

Mas tudo indica que o verdadeiro motivo que precipitou este afastamento foi um comentário feito por alguém da comunidade:

“Uma vez, tava eu e ela passando, tava num mercado, eu encontrei com ela por um acaso, meu pai tava vendendo fruta, aí a pessoa, ‘aí as putas’... Aí meu pai, ao invés de falar, ele não falou nada... Aí, quando ele bebeu, ele ficou falando... ‘Neginho faz e acontece, não sei o quê, não sei o que lá’. E meu pai bebia e ficava jogando piadinha. Aí, meu irmão bebendo com meu pai, meu pai contou. Aí meu irmão contou pra minha mãe. E aí minha mãe me contou”. (Gisele)

K., por ter transgredido os valores morais de seu meio social, passou a ser identificada com uma imagem negativa, de “puta”, configurando-se em um perigo para a imagem de Gisele. A companhia de K. é, portanto, “poluente” e deve ser, a todo custo, evitada.

“Lá na Cidade de Deus é assim: se você anda com torto, tá ficando torta também. Então, as pessoas passaram a dar uma outra conotação pra K. E

aí eu parei de andar com ela, o Tony ficou falando, ‘olha aí, hein, Gisele, olha a tua imagem’...” (Gisele)

Os “caminhos tortuosos” percorridos por K., e que Gisele não descreveu de maneira clara para mim, são considerados “impuros” por ela: a amiga atravessou alguma barreira social e, agravando sua situação, transgrediu regras de conduta moral, comportamento que contradiz os princípios de seus pares. Gisele, ao contrário, afirma – e reforça – que busca alcançar de maneira responsável, ética e honesta os seus objetivos de ascensão social.

“Hoje em dia, quando ela me vê, ela me respeita muito como profissional, porque eu consegui muito mais coisas, fazendo mais coisas certas do que ela, porque ela optou por caminhos muito tortuosos. Então, ela vê que eu tenho competência, que eu sou competente”. (Gisele)

Dentro desta mesma idéia, a amizade de sua professora C. confere à sua imagem valores positivos. Mais ainda, por diversas vezes Gisele referiu-se a C. como uma mulher com uma “vida resolvida”, de personalidade íntegra e de atos honrosos. A tentativa de aproximação que Gisele empreende, desde criança, em direção à sua professora sublinha a importância de manter uma imagem “pura”. Faz parte de sua estratégia de transformação afastar-se de suas origens e aproximar-se de posições sociais mais prestigiadas. Em outras palavras, Gisele reivindica para si valores positivos, submetendo-se a uma espécie de processo de “purificação” que leva em consideração desde mudanças físicas e de atitude, até escolhas seletivas dentro do meio em que vive. Ela busca sair de um estado de “impureza” e entrar em outro, de “pureza”.

“Eu tenho uma responsabilidade muito grande em educar essas meninas, educar pro mercado de trabalho. Então, eu fiquei numa função altamente significativa, e também de uma pessoa que quer a imagem do Lente dos Sonhos, uma imagem limpa, transparente, de uma clareza... Muito bonita. E aí, pra você denegrir uma imagem é muito fácil, porque é uma vida toda que foi construída, e, hoje em dia, um detalhe acaba destruindo a minha imagem”. (Gisele)

Ao saber do comentário de pessoas da comunidade a respeito de K., Gisele percebe o “desvio” da amiga: como demonstrou Becker (1977), só se considera um indivíduo “desviante” quando seus pares reconhecem e acusam a quebra de uma regra.

A amiga de Gisele infringiu uma regra tradicional que é produto de uma “moral dos pobres” (Sarti, 2005) e que condena a falta de lealdade e reciprocidade para com seus “iguais”.

A ascensão social, de acordo com esta moral, é rejeitada pela coletividade se houver uma ruptura com os laços sociais de origem: “melhorar de vida”, segundo Sarti (2005), é permitido, desde que se mantenha o vínculo com o lugar de moradia e que os frutos desta mudança sejam o resultado de um “trabalho digno”.

QUADRO III: Oposição entre “puro” e “impuro”

PURO	IMPURO
Belo	Feio
Coletivo	Individual
Responsável	Irresponsável
Limpo	Sujo
Casto	Sexual
Favelados	Modernos
Zona Sul, “exterior”	Cidade de Deus
Professora	Amiga
Sucesso	Fracasso
Lealdade	Traição
Pele “lisa”, “branca”	Pele “destruída”, “manchada”, “morena jambo”
Cabelo louro	Cabelo crespo
Luxo	Lixo
Corpo magro	Corpo gordo
Projeto Lente dos Sonhos	Bastidores da Moda

Andar em companhia de K. significa se deixar contaminar pelos motivos que levam à acusação, por parte do grupo, de que as regras foram infringidas (Becker, 1973).

Segundo Becker (1977), o desvio se caracteriza, além da revelação e da acusação pública, pelo contexto em que está inserido: ele depende de quem praticou o ato desviante, de quem se sentiu atingido e de suas conseqüências. Neste caso, K. era uma das fundadoras do Projeto, sua atitude feriu a moral da comunidade à qual pertence e, por fim, por “rotulação” (Becker, 1973), seu vínculo com o Projeto e com Gisele pode macular a imagem de ambos.

Como “favelada” da Cidade de Deus, Gisele Guimarães reconhece o interesse da moda e da mídia naquilo que representa para a reprodução dos padrões hegemônicos estéticos e de comportamento dos “modernos”. Assumindo sua origem social e a identidade que lhe é imposta, Gisele conscientemente contribui para evidenciar o contraste entre o seu mundo e o mundo da moda. Como uma “figura de decoração”, exibe-se diante de olhos encantados com uma inusitada pureza, cercada de perigo por todos os lados.

CAPÍTULO 7 – O CAPITAL-CORPO

“Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimentos em função do adversário e do momento”

Loïc Wacquant

Ela ainda tentava encontrar o eixo correto de seu corpo, já depois de um mês de aulas. Visivelmente, era a mais magra e trazia consigo uma fragilidade que parecia perturbar seus movimentos, que embaralhavam braços e pernas descontrolados. Era, também, a mais jovem de todas as alunas daquela turma do curso do Senac, tinha apenas 13 anos. Com cabelos longos, aparelho nos dentes e uma presença tímida, surpreendia em alguns momentos, principalmente quando seu silêncio era interrompido por uma voz forte e firme, inadequada para todo o resto de seu corpo. Durante uma aula, ao atravessar a passarela descalça tentando se equilibrar na ponta dos pés, chegou a tropeçar nos próprios passos e a pular para fora dos limites de seu caminho. Olhou em volta e ficou menos encabulada ao constatar que ninguém – a não ser eu – a havia flagrado.

Cinco meses se passaram e chegou o dia do desfile final do curso do Senac. Eu acompanhei quase todos os ensaios da turma, e já havia memorizado as músicas e as seqüências de passos que seriam ali apresentados, para cerca de duzentos convidados. Sentada na primeira fileira, bem próxima à passarela, aguardava a entrada dos dez modelos, oito mulheres e dois homens, entre 13 e 19 anos. Escrevi um bilhete, que fiz ser encaminhado aos camarins, desejando a todos boa sorte, pois sabia o quanto estavam nervosos. A luz se apagou, a nuvem de gelo seco invadiu a passarela e boa parte da platéia. O desfile começava. Na abertura, não havia apresentação de roupas, apenas uma introdução criada pela professora S.L, a qual deu o nome de “Sacerdotisa”. Tratava-se de uma performance, que contava com a participação de sete dos dez modelos, e que parecia reproduzir uma espécie de rito onde se ofertava em uma travessa dourada uma

substância fictícia para alguma deusa imaginária e onde todos davam as mãos em roda. Considerando o que veio depois desta primeira parte da apresentação, poderia interpretá-la como o rito de passagem que, simbolicamente, marcava a transformação de cada um daqueles adolescentes.

Na seqüência do desfile, quando já se apresentavam diferentes *looks*⁴⁰, uma entre os dez modelos se destacou, ao atravessar a passarela usando minissaia e sandália de salto muito fino, de 12 centímetros. Seus passos eram largos, firmes e cadenciados, e seus movimentos transmitiam graciosidade e segurança. De cabelos soltos e maquiagem forte, a menina de 13 anos que, um dia, caiu desajeitadamente da passarela, parecia, diante de meus olhos surpresos, uma outra pessoa. A transformação de RA, além de impressionante, foi significativa para mim, pois era a prova de que o corpo é modulável, não na dimensão imediata do que se entende por forma física: RA continuava muito magra e frágil, mas seu corpo estava completamente disciplinado. Ao incorporar os movimentos de uma modelo, RA acumulou novos capitais que a tornaram parte do grupo ao qual, seis meses antes, parecia não pertencer.

Neste capítulo, apresento a análise de minhas observações no campo, quando acompanhei dois cursos para formação de modelos, dirigidos a pré-adolescentes e adolescentes: em 2005, durante cinco meses, no Projeto Lente dos Sonhos, da Cidade de Deus, e em 2006, também durante cinco meses, no Curso de Modelo e Manequim do Centro de Tecnologia em Moda do Senac Rio, localizado em Copacabana. O objetivo é demonstrar que o corpo feminino é um capital que, cada vez mais, serve a estratégias de inclusão na sociedade, as quais podem levar, especialmente para as camadas mais pobres, à ascensão social. Para tanto, procuro compreender o processo de transformação por que passa este “capital-corpo”, categoria que Wacquant (2002) utiliza para caracterizar um estado de aprendizado e de aquisição de um dado *habitus*, onde o corpo é algo indissociável do espírito, da mente e da sociedade. Neste sentido, as idéias de Marcel Mauss sobre as “técnicas corporais” ajudam na discussão do papel da sociedade na regulação do corpo. Busco refletir sobre o valor constitutivo deste capital que é o corpo: qual é o corpo ideal das modelos brasileiras que tanto sucesso fazem no exterior e, mais ainda, que valores constroem o padrão de beleza predominante nesta idealização?

⁴⁰ Look – a combinação de roupas e acessórios que são exibidos no desfile de moda.

7.1 – Algumas observações sobre o campo da pesquisa

Ao contrário de Wacquant (2002), que fez uma “participação observante” ao transformar-se em um pugilista para realizar sua etnografia em uma academia de boxe, não pude vivenciar como aluna, impedida pela idade, o que era ensinado nos cursos de modelo. Fiz, de fato, uma observação participante, mantendo-me próxima do aprendizado – dentro da sala de aula – e limitando-me a fazer anotações em meu caderno de campo.

Na Cidade de Deus, o curso faz parte do Projeto Lente dos Sonhos, ou melhor, é a única atividade promovida, já que, pela escassez de recursos financeiros e humanos, Tony Barros, seu idealizador e coordenador, não pode levar a cabo todas as atividades a que se propõe – implantar uma escola de moda para fotógrafos, estilistas, produtores e artesãos. As aulas são ministradas pela modelo Gisele Guimarães e por outras professoras, e acontecem três vezes por semana, com duração de duas horas. Por ser gratuito, o curso de modelos atrai crianças e adolescentes do lugar, mas há uma grande evasão de alunas, que vêm e vão de acordo com seus interesses: quando, por exemplo, há uma filmagem ou um concurso, elas reaparecem. Por parte das professoras, também não há cobrança, já que o curso não tem, formalmente, uma estrutura de início, meio e fim, ou seja, não há uma divisão de níveis de aprendizado. Conseqüentemente, não há diploma ou certificado de conclusão. O Projeto depende da ajuda de instituições da comunidade para conseguir espaço físico para as aulas, como a Igreja Anglicana e a Fundação Leão XIII, que administra o CSU (Centro Social Urbano), presente na Cidade de Deus e em outras comunidades do Rio de Janeiro. Na época em que acompanhei as aulas, eram cinco as alunas mais assíduas, entrevistadas para esta pesquisa: F., na época com 12 anos; R., 11 anos; P., 13 anos; M., 11 anos e L., 13 anos. Outras três alunas – PA (17 anos), LU (14 anos) e V. (19 anos) – foram entrevistadas depois que encerrei a observação participante. Também foram entrevistadas algumas mães de alunas: Mãe C. (mãe da aluna F.); Mãe L. (avó da aluna L.)⁴¹; Mãe S. (mãe da aluna PA); Mãe D.; Mãe J. (mãe da aluna LU); e Mãe SI.

No Senac, o curso de modelos é profissionalizante e está vinculado ao Centro de Tecnologia em Moda, situado em um moderno edifício em Copacabana. A sala de aula fica no terceiro andar e é especialmente montada, com ar-condicionado, aparelho de

⁴¹ Mãe L. cumpre com o papel de mãe, já que L. é criada por ela e não pela mãe verdadeira.

som, televisão, DVD, carteiras, biombo para a troca de roupas dos alunos, espelhos e uma passarela. O curso é dividido em quatro módulos: Básico (Postura), Fotografia, Promoção em Eventos e Passarela, totalizando seis meses de aulas, e seu preço total é de R\$ 800,00. Em 2006, quando realizei a observação participante, aconteciam duas aulas por semana, com duração de quatro horas. A professora S.L. ministra aulas nos módulos Básico, Promoção em Eventos e Passarela, e o professor H.M., em Fotografia. Os dois foram modelos de moda com alguma projeção e desfilaram entre os anos 1970 e 1980. S.L., 46 anos, começou a desfilar desde criança, em uma cidade no interior do Espírito Santo. Anos depois, inscreveu-se no curso do Senac para conseguir o Registro Profissional, que passou a ser exigido pelo mercado. Atualmente, trabalha também como produtora de moda. H.M., 51 anos, começou a desfilar em 1981, quando também se inscreveu no curso do Senac. Ao longo da carreira, trabalhou como ator em duas novelas da Rede Globo. Atualmente, além de aulas no Senac e em outras instituições, trabalha como fotógrafo de moda. Além deles, foram entrevistadas três alunas do curso: MA, 14 anos, filha do porteiro de um prédio da Av. Vieira Souto, de frente para a praia de Ipanema, endereço onde mora; RA, 13 anos, filha do porteiro de um prédio em Botafogo, onde reside com os pais e duas irmãs; e AL, 13 anos, moradora de Copacabana e pertencente a uma camada mais alta da sociedade. Além delas, faziam parte da turma outras nove alunas e dois rapazes, todos entre 13 e 19 anos de idade.

Para os objetivos desta pesquisa, minha análise privilegiará as observações coletadas durante as aulas direcionadas para o ensino de postura e passarela. Embora não tenham sido aqui desprezados aspectos relevantes com relação às aulas voltadas para promoção em eventos e fotografia, nelas não encontrei elementos que contribuíssem para a discussão sobre a construção de um dado corpo de modelo, já que as atividades correlacionadas – recepção em feiras, promoção de produtos em pontos de venda, atuação em comerciais, pose para fotografias – são essencialmente baseadas em técnicas de expressão corporal, oratória e interpretação.

Apesar do contraste com relação à organização e à infra-estrutura, os dois cursos seguem uma mesma lógica de ensino, de imitação e repetição. Durante as aulas de postura e passarela, principalmente, os alunos observam os professores desfilando e depois os imitam. Durante todo o tempo, cada aluno repete diversas vezes os mesmos movimentos, sempre no ritmo de músicas que procuram marcar os seus passos. O volume do som é sempre muito alto.

7.2 – Um corpo em curso: aprendendo a ser modelo

Considerando o momento inicial dos dois cursos, é possível perceber as maiores dificuldades que surgem na adequação do corpo às exigências da passarela. O exemplo de RA., citado nos primeiros parágrafos deste capítulo, demonstra bem este fato, embora, assim como ela, todas as outras alunas também tenham apresentado dificuldades de aprendizado. Ao contrário do Senac, no Projeto Lente dos Sonhos não há uma organização que delimite o curso em fases distintas, o que acaba por misturar iniciantes e alunas mais avançadas nas mesmas aulas. Portanto, durante os meses que acompanhei o curso de modelo da Cidade de Deus, tive a oportunidade de observar a chegada de novas alunas e era visível o constrangimento das adolescentes que se vêm misturadas a outras que já sabem “fazer bem uma passarela”. Destacarei, aqui, o caso de R., uma de minhas entrevistadas da Cidade de Deus.

R. tinha um mês de curso quando cheguei ao Lente dos Sonhos. Diante de suas colegas de turma, seu desempenho não acompanhava o nível de especialização que as outras já haviam atingido. Seu corpo não conseguia manter o “alinhamento” exigido pela professora Gisele. Por mais que se esforçasse, ela não acompanhava as “técnicas corporais” que já estavam incorporadas em F., M., P. e L.. Isto dificultava a sua integração na turma. Além disso, R. estava bastante acima do peso desejado por Gisele, que, com frequência, a alertava sobre a necessidade de uma dieta. Percebendo que se instaurava um processo involuntário de exclusão de R., decidi que ela seria a minha primeira entrevistada, pois não vislumbrava uma permanência muito longa desta aluna no curso.

De todas as dificuldades demonstradas por R., a que mais era ressaltada era a do seu “alinhamento”: suas pernas, seu tronco e seus braços não obedeciam ao comando de Gisele. As alunas, por sua vez, não faziam qualquer tipo de comentário ou demonstravam rejeição por R.. Mas a exclusão acontecia a partir da própria R., que, nos intervalos entre uma sessão de passarela e outra, comentava comigo que suas colegas já faziam há mais tempo o curso, que “aquilo era muito difícil de fazer”, o que justificaria o seu mau desempenho. No entanto, a entrevista revelou que o seu tipo físico era alvo de críticas por parte de seus familiares e amigas, que acabavam por não incentivar a sua persistência em tentar a carreira de modelo.

[eu queria ser modelo] “Desde pequena. Aí todo mundo falava assim: “ah, você é isso, você é aquilo, pra poder ser uma modelo, e eu nem ligava. É, falava assim: “ah, você não tem corpo, é assim, você é gorda, não sei o que. As meninas lá da escola. A minha mãe falava que eu sabia desfilas. Só minha mãe, mesmo. Que os meus irmãos só sabem criticar. “Ah, não sei o que, gorda desse jeito, fazer curso de modelo?”.
(R., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Um mês depois, R. parou de frequentar as aulas, sem justificativas.

O caso desta aluna ilustra bem de que forma se dá o “rito de passagem” das adolescentes que decidem ser modelo. É a transformação do corpo pela passarela que introduz, ou não, a adolescente em seu sonho profissional. O exemplo de R., mal sucedida em desejo de ser modelo pode ser contrastado com o de P. Há oito meses no curso do Lente dos Sonhos, P. relatou, em sua entrevista, que teve dificuldades para conseguir “alinhar” o corpo, e que emagreceu desde que começou a frequentar as aulas.

“A minha postura era horrível. Eu fiquei sete meses parada. O meu pé era horrível, um pé ia pra cá, o outro pé ia pra lá, um ia pra frente, o outro ia pra lá.... Em três meses, a Gisele me mudou completamente. A minha postura voltou ao normal, o meu pé voltou ao normal, tudo voltou ao normal. A tendência a engordar foi abaixando totalmente. A Gisele fala pra gente procurar um ... acho que é psicanalista... [nutricionista?] Nutricionista, pra gente ver se tem tendência a engordar.... Eu tenho tendência a engordar, de ficar gorda, gorda, mesmo. Aí eu falei com a Gisele, minha mãe me levou num nutricionista, ele falou que eu tenho tendência a engordar, que eu tenho que ter muito cuidado com gordura. A Gisele vai mostrando como é.
(P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Tanto para R. como para AL., RA. e MA., alunas do Senac, suas formas corporais eram fatores de pertencimento decisivos para a inclusão ou exclusão no mundo da moda. No caso de R., seu excesso de peso determinou sua exclusão. Por outro lado, a magreza de AL., RA. e MA., alunas do Senac, deixou de se apresentar, para elas, como um problema e passou a ser um fator de inclusão social. Todas três

declararam que o corpo magro sempre incomodou, especialmente por ser alvo de comentários de outras pessoas. Depois que ingressaram no curso, perceberam que ele era comum a outras adolescentes e, mais ainda, era desejável para uma carreira de modelo:

“Porque eu vejo as outras garotas que também são muito magras, então eu entrei no meu mundo” (AL, 13 anos, aluna do Senac)

“Me incomodou muito. Assim, pra mim, tava tudo muito legal, mas as pessoas vinham e falavam. Eu vi as fotos que o H.M. tirou, de uma moça, pô, parecia osso, magérrima, mais que eu, e eu falei, pô, não sou tão magra assim, né? Todo mundo fala lá, ‘pô, nem precisa engordar, nem emagrecer’. Elas até falam, que o professor me pegou como exemplo na aula. Ele falou que modelo é assim, não é aquele negócio que sumia, assim, se virasse, mas que era magra, canela fina, alta. Aí, ele me pegou como exemplo, tamanho da cintura... Se eu quero ser modelo, tenho que ser magra, então, não tô nem aí. Se os outros quiserem ser gordos, problemas deles”. (MA., 14 anos, aluna do Senac)

“Tem vezes que me acho magra demais. Mas tem vezes que não, porque acho que é o peso ideal pra minha idade. O comentário das pessoas me incomoda. Eu gosto de ser magra. Se eu for gorda demais, as pessoas falam. Se eu for magra demais, também falam, entendeu? Mas eu não me importo, não, eu estou satisfeita, estou feliz assim. Eu acho normal, porque se ela quer ser modelo, mesmo, tem que fazer o que os professores pedem. Não acho que é exagerado. Acho que se eles estão pedindo isso, é porque elas têm que chegar no peso ideal que eles querem. Não são eles que estão querendo, é o mundo da moda que quer elas daquele jeito”. (RA., 13 anos, aluna do Senac)

As falas das entrevistadas relativizam o papel da magreza como um valor positivo na sociedade, tanto que, antes do curso, AL. não se sentia parte do mundo, mas uma exceção. Ao afirmar, “entrei no meu mundo”, AL. revela que o curso lhe trouxe,

entre outros benefícios, a certeza de que há um mundo possível para quem é magra como ela. Tal sentimento é também compartilhado por MA. e RA.

Para Le Breton (2004), o corpo é o traço mais tangível que marca o indivíduo em sua vida social. Ele, o corpo, é “modulável” socialmente, ou seja, por mais individualizado que se acredita ser, está, o tempo todo, sendo modificado pelos olhos do Outro. Se, por um lado, o corpo marca o lado indiviso, único e exclusivo do indivíduo, por outro, ele está sendo modificado, o tempo todo, pela olhar coletivo. Neste sentido, segundo o autor, no corpo está inscrita a possibilidade de “reconciliação” com a sociedade, exatamente por seu caráter de pertencimento social. É o que aconteceu com as alunas do Senac, que se reconciliaram com a sociedade a partir de um grupo que as aceita, justamente, pelo corpo magro.

Este processo de inclusão ou exclusão social já no início do curso de modelo ganha mais sentido a partir da declaração da professora S.L., do Senac, para quem a primeira dificuldade das alunas é com a auto-aceitação:

“Acho que o mais difícil é se perceberem como pessoas especiais, elas estão numa fase muito comparativa, para o negativo, acho que a descoberta mais interessante, mais importante que elas fazem é descobrirem a beleza que elas têm. Descobrir que elas têm um dom único, que aquele defeitinho com que ela encanou a vida inteira pode ser um ponto positivo, então são várias descobertas que chegam num ponto comum: elas se aceitarem mais, se sentirem mais à vontade consigo mesmas”. (S.L.)

Tal sentimento de aceitação, porém, só é possível quando o “defeitinho” coaduna com o que se estabelece ser um “ponto positivo” diante do olhar do grupo. Este não foi o caso de R., aluna do Projeto Lente dos Sonhos, cujo excesso de peso se tornou um defeito “negativo” e, portanto, um fator de não-aceitação própria e, conseqüentemente, de auto-exclusão.

Além do controle das formas corporais, onde a magreza é um padrão estabelecido, há “técnicas corporais” (Mauss, 2003) ensinadas no curso que tomam o corpo como um objeto a ser controlado.

Antes de tudo, as alunas precisam adequar o seu corpo às exigências de uma “boa passarela”. O “alinhamento” é a base de tudo. Para as iniciantes, é preciso

encostar de costas na parede para “alinhar” o corpo⁴². Os pés, na caminhada, devem estar perfeitamente “alinhados”, um na frente do outro; além disso, deve-se treinar na ponta dos pés, na ausência de sapatos de salto alto. Os braços não podem estar presos, nem soltos demais: precisam naturalmente acompanhar o movimento das pernas, sem serem muito dobrados. Ao parar, uma das pernas permanece reta, enquanto a outra deve ser levemente dobrada, desalinhando o quadril. Nesta parada, que acontece no fim da passarela e que serve como pose para os fotógrafos de frente para a modelo, a mão pode ser apoiada na cintura, mas o dedo indicador deve ser alinhado com o umbigo. Para virar, retornando ao ponto de partida, a perna que está dobrada deve ser a primeira a sair. E, de forma alguma, a modelo pode perder o alinhamento com o caminho reto da passarela.

“Alinhamento é tudo misturado ao mesmo tempo: pega a postura, pega o carão, é praticamente uma modelo exemplar”. (P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Como em todo grupo profissional, existe um código compartilhado. “Carão” é o termo que indica a expressão que a modelo deve levar no rosto. Ela não pode sorrir, seus lábios não podem se mexer, seu olhar deve ser reto e superior, não pode ser desviado e deve se manter fixo em um ponto imaginário localizado sempre à sua frente. O olhar deve, acima de tudo, passar autoconfiança. Mais de uma vez, ouvi a professora Gisele ensinando que as alunas deveriam pensar, no momento do desfile, que elas “são melhores do que todo mundo” e que sua expressão facial deveria demonstrar isso.

“Você pode mostrar na passarela que você é triste, você pode mostrar na passarela que você é alegre. Nem sempre você pode ficar desfilando e rindo, sorrindo. Não. A Gisele mostrou que, tipo assim, eu tô na passarela, eu sou melhor de que todo mundo, eu tenho mais do que todos. Então, isso, pra mim, é bom, entendeu? Porque mesmo não tando na passarela, eu me sinto. Carão é uma forma de expressão”. (P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

⁴² Uma das alunas, que visivelmente sofria de escoliose, permaneceu, pelo menos por meia hora, andando ininterruptamente com um cabo de vassoura que passava por entre suas costas e seus braços, forçando os ombros para trás.

Da mesma forma, a professora S.L. enfatiza este sentimento de superioridade, afirmando, mesmo, que ele traduz o que se define, na carreira de modelo, como um “talento”:

“O talento se traduz em você se achar maravilhosa. Ninguém pode ser melhor do que você quando você começa a fotografar, quando você pisa numa passarela. Não tem como você fazer um trabalho mais ou menos. Eu comento, às vezes, em sala, eu vou desfilando com a minha melhor amiga, a minha melhor amiga não é tão segura, não é tão boa, então ela pede assim, ‘amiga, desfila um pouquinho pior para eu aparecer um pouco mais, para eu fazer um bom trabalho?’. Na hora em que a música vem, que a luz vem, você não consegue segurar mais. Então, o talento se traduz em você se sentir o melhor, em você fazer o melhor, em você entender o processo de interpretação das atitudes que são sugeridas pelos estilistas, pela coleção, pela música, então, essa segurança, de você ... Sabe quando você se sente bonita? Então, você sente diferente, você se movimenta diferente, o modelo precisa ter isso na hora do trabalho. Mesmo que ele não se sinta assim depois, mesmo que ele seja tímido depois, aquele momento ali é ele e mais ninguém. A gente procura desenvolver no curso. Ele pode estar desfilando ou fotografando ao lado de um grande modelo. Aquilo não significa nada, porque ele vai ser o próximo. Então, por isso essa questão, do direcionamento dessa *egotrip*, em função da imaturidade, em função da não-vivência, em função de uma não-orientação, isso pode ir pro lado oposto”. (S.L.)

Pode-se interpretar, a partir da declaração da professora, que o talento de uma modelo está na sua capacidade de afirmação de uma identidade construída para a passarela, da qual são partes atuantes não apenas o corpo, mas também os movimentos. Para H.M., tal estado de autoconfiança está presente não apenas na passarela ou na fotografia, mas acompanha o modelo por toda parte:

“Ele tem que entender que é o corpo dele é que vai fazer ele ganhar dinheiro, o corpo é o instrumento de trabalho dele. Ele tem que cuidar

do corpo, tem que cuidar da pele, do cabelo ... É modelo, as pessoas vão estar te olhando, você sai de casa com aquela plaquinha na cabeça, ‘Sou modelo!’. Então, amanhã você sai com uma calça rasgada, amanhã tem alguém usando uma calça rasgada igualzinha à sua”. (H.M.)

A preocupação que a professora S.L. demonstrava, durante as aulas, ao desejar que suas alunas – pela forma de caminhar ou de tirar um casaco - sejam reconhecidas como modelos em variados espaços sociais, mesmo os mais distantes do mundo da moda”, é um exemplo do que Goffman (2007, p. 54) chamou de “manutenção do controle expressivo”. A fim de não deixar dúvidas para o olhar do outro a respeito da imagem que devem deixar, faz-se necessário um controle das ações e reações corporais, evitando uma atitude socialmente indesejada ou inadequada. A “máscara de atitude” deve ser mantida pelas regras da “disciplina social”, a qual apenas tolera “uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo”. (Goffman, 2007, p. 58-59) Uma modelo deve ser identificada como tal, mesmo quando o “ambiente” e o “cenário” (Goffman, 2007) não exigirem tal “máscara de atitude”. Fugir do rigor da “disciplina social” correspondente ao que determina a prática da profissão é colocar em risco a “crença no papel” que a modelo, representa em qualquer circunstância.

As marcações sociais que determinam a forma como as modelos devem se portar começam com o que Mauss (2003) chama de “imitação prestigiosa”. Se, no decorrer do curso, os exercícios de imitação e repetição tomam como referência os movimentos do professor, há ambientes sociais em que tal referência ganha, também, uma dimensão moral.

Na Cidade de Deus, Gisele Guimarães é tomada por suas alunas como um exemplo: a professora representa um ideal a ser perseguido. Sua aparência física é valorizada pelas alunas.

“Gisele. Eu acho ela linda. Ah, porque ela é bonita, tem boa qualidade, ela tem corpo”. (R., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Gisele me mudou completamente. A minha postura voltou ao normal, o meu pé voltou ao normal, tudo voltou ao normal” (P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos).

“São três: primeiro, Gisele. Segundo, Gisele Bündchen e terceiro ... Naomi Campbell”. (M., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Na dinâmica do curso, a “imitação prestigiosa” (Mauss, 2003) tem como objeto a figura de Gisele Guimarães. Seu papel no curso de modelo extrapola o de educadora.

“Porque a história ... ela veio de muitas lutas, ficou três anos na mesma coisa, tentando fazer um projeto para o que ela quer ser, vista, ter um respeito, eu acho que ela é um exemplo. ” (P., 13 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Ela me incentivou muito, não só no curso, como a fazer outras coisas. Eu acho, que, assim, ela tá ajudando a gente a subir na vida, não só como modelo, mas como outras coisas”. (M., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

Para as alunas do Projeto Lente dos Sonhos, a esperança de ascensão social está no sucesso de modelos como Naomi Campbell, uma das modelos mais conhecidas mundialmente.

“A Naomi, porque eu gosto dela, ela tem muita personalidade, e acho que ela linda, a cor dela, que ela é negra e chegar a ser a modelo mais bem paga do mundo”. (V., 19 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“A minha filha é que fala, mamãe ela que me espere, que eu estou chegando, eu vou ser a futura Naomi. E também porque ela é negra não é?”. (Mãe D.)

A possibilidade de uma carreira de modelo profissional, portanto, revela desejos que estão diretamente relacionados a projetos de ascensão social, mas que tomam por exemplo personalidades de fácil identificação, como Gisele Guimarães, moradora da Cidade de Deus, e Naomi Campbell, a mais célebre negra do mundo da moda. A partir de referências sociais, como as “lutas” de Gisele e a “personalidade” de Naomi, chega-

se aos atributos físicos das duas modelos, que passam a ser, também, imitados. A partir daí, promovem-se mudanças nos hábitos das alunas com relação ao seu corpo.

As normas do mercado da moda foram apresentadas em aulas que assisti tanto na Cidade de Deus como no Senac. Tanto Gisele Guimarães como S.L. e H.M. ressaltaram que os cuidados com o corpo, o que inclui aspectos de higiene, fazem obrigatoriamente parte da cartilha da boa modelo profissional: unhas sempre bem feitas, desodorante para evitar odores indesejados, corpo depilado e pele sem marcas de espinhas ou de sol são regras que devem ser seguidas.

“Eu não usava nenhum produto, porque não ligava muito pra isso. Aí começou o curso, eu comecei a usar produtos para tentar melhorar a aparência: Leite de Colônia, pra tirar a maquiagem, hidratante, este tipo, entendeu?” (RA., 13 anos, aluna do Senac.)

“Manter o corpo em dia, depilação, tudo”. (MA., 14 anos, aluna do Senac.)

“Para o colégio, de manhã, eu passo base, eu não passava. De noite, eu vou sair, eu me maqueio mais, eu arrumo o cabelo, ponho salto, eu não saio de chinelo na rua, assim. Mas é uma coisa que eu gosto, de sair arrumada. Praia, também. A professora falou que pode, mas tem que usar o protetor”. (AL, 13 anos, aluna do Senac.)

As mudanças percebidas vão além da aparência física:

“Eu fiquei mais madura. Antigamente eu era bobinha, parava para conversar com alguém e só saía besteira, agora sai umas coisas mais certas”. (PA., 17 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Eu fiquei mais vaidosa”. (V., 19 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“A ter mais postura, se comunicar melhor, a desfilar”. (LU., 14 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Eu acho que está mais diferente, eu me porto de uma maneira diferente do que me portava antes: eu como melhor do que comia antes, eu me visto melhor do que antes, entendeu? E eu acho também que o jeito de eu falar é melhor do que antes, entendeu? Antes eu não falava errado, mas eu não ligava para o que eu falava, tinha coisa que eu brincava. Acho que isso também importa, você saber falar”. (RA., 13 anos, aluna do Senac.)

Tais mudanças passam a identificá-las com outra condição de vida e parece contribuir com o desejo de sair de seu meio social:

“Eu vou ter outro jeito, vou querer sair daqui ir para outro lugar”. (LU., 14 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

O que aprendem nas aulas de passarela se estende para suas casas, promovendo mudanças em membros de suas famílias, mais especialmente, em suas mães:

“Acho que sim, porque agora eu tô muito ligada nesse negócio de moda. E também até, a gente, em casa, assim, todo mundo vem perguntar, ‘isso combina com não sei o quê?’, eu digo, gente, eu não sou estilista! Aí eu comecei a me ligar nessa coisa de moda, qualquer coisa no jornal, eu leio. Na televisão, eu vejo. Antes eu gostava, mas não me ligava tanto”. (AL, 13 anos, aluna do Senac.)

“Ela tem essa postura de ficar corrigindo a gente, ela está se inserindo no mundo de modelo”. (Mãe D.)

“Ela agora já sabe, assim, até comigo mesmo, mãe, endireita o corpo, fica mais reta, sabe?” (Mãe C.)

“Eu não sei andar de salto alto. Eu acho assim, é uma forma de ser mais esbelta, acho que ajuda a mulher a ser mais esbelta, mais esguia, não ser tão desajeitada como eu, que tem um pé torto, que calça um sapato, quebra o salto, não sabe andar direito, anda igual um patinho.

Ela, não. Ela já sabe se portar no salto, sabe? Tipo assim, chegar numa festa, ela já sabe chegar numa festa, sabe?” (Mãe C.)

“Olha ela tá começando a mudar, porque ela sempre foi uma criança muito levada, e o convívio dela sempre foi mais com menino, porque a priminha dela tem 3 anos, então ela fica mais com dois meninos, ela é muito levada, mais moleque, agora ela está se portando melhor, mas ela tem vaidade, arrumar cabelo, passar batom, mas depois que ela veio para aqui ela passou a gostar mais. Sempre gostou muito de tirar foto. E agora ela tá melhorando mais, eu até falo para ela, tem que andar assim, tem que andar assado na rua”. (Mãe SI.)

Vendo pela televisão e imitando os gestos das modelos, as adolescentes são incentivadas a se profissionalizar:

“Ela nunca desfilava em casa. Antes dela entrar para o curso, ela não desfilava em casa, mas depois que ela entrou para o curso, ela tá sempre desfilando. Ela agora brinca de desfilar, quando eu olho pra ela, assim, tá sempre desfilando” (Mãe M.)

“Eu sempre queria ser modelo, aí eu comecei, eu tentei entrar em um curso lá no Carrefour, mas eu não consegui passar. Aí depois eu parei um pouco, aí eu falei assim, ah, eu queria ser modelo, aí eu comecei a desfilar em casa, aí foi quando apareceu esse curso aqui do Lente”. (F., 12 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

“Desde pequenininha, eu gostava de assistir desfile de moda. Aí eu ficava lá dentro de casa desfilando. Aí, né, de repente, quando minha mãe tava passando por aqui, indo pro ponto de ônibus pra ir pra casa da minha avó, ela viu um cartaz. Aí ela pegou e falou assim, M., vou te inscrever. Aí, tá, aí procurou lá a Gisele. Desde quando eu tinha 4 ou 5 anos. Eu sempre gostei de ver desfile, eu ficava imitando na televisão” (M., 11 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos)

O aprendizado para se “fazer uma passarela”, como é conhecido o conjunto de técnicas que pertencem à atuação das modelos no desfile de moda, se dá pela observação e imitação de cada passo e de cada gesto dos professores. Em tentativas sucessivas, indo e vindo de um lado ao outro da sala, às vezes duas, cinco, dez vezes, as alunas aprendem a desfilar.

A professora S.L., do Senac, chama de “internalização” este processo de aprendizado:

“Quando você se depara com o novo, esse novo está ligado à coordenação motora, tudo o que você fizer vai parecer duro, vai parecer grande, vai parecer pontudo, vai parecer esquisito, você não vai ter conforto, porque você tá se movimentando, é um movimento muito novo. A partir do momento em que você passa a praticar esses movimentos, eles passam a ser valorizados pelo corpo, digamos assim, a partir do momento que você começa a valorizar esses movimentos, você passa a ficar mais natural com esses movimentos. E aí, só a partir desse processo que eu posso fazer uma avaliação, porque, antes, nem você tá entendendo direito o que você tá fazendo, então seria covardia cobrar o que você não entendeu ainda. Só a partir do momento em que você compreende e a partir de muita repetição. Normalmente, você faz o mesmo exercício cinco vezes, a partir da quinta vez, você começa a me mostrar o que realmente ficou e o que não ficou. E depois, com a presença do público, eu tenho uma nova avaliação, um novo olhar, porque é sob tensão e eu vou poder ver o que está dentro e o que ficou, o que você conseguir deter, porque com a pressão do público, o que tá na superfície sobe e o que ficou, você faz inconscientemente, porque você automatizou”. (S.L.)

Percebe-se, por trás das aulas de passarela, um “processo civilizador” (Elias,1990) que leva as alunas a adquirir novos movimentos, mas também modos que, muitas vezes, não pertencem ao *ethos* de seu meio social. Tal constatação se deu, especialmente, junto às alunas moradoras da Cidade de Deus, transformando-as em mediadoras, já que passam a introduzir, em suas famílias, novos hábitos e valores.

Com Boltanski (2004), aprendemos que ao corpo é dada maior importância na medida em que se eleva a hierarquia das classes sociais. Quanto menos o corpo é explorado em sua força física, a exemplo do trabalho operário, maior é o uso consciente e reflexivo que dele se faz, seja pela forma física, pelo vestuário ou pelo discurso médico e sexual. Há, segundo o autor, um domínio maior de um dado discurso sobre o corpo que pertence às classes mais altas.

Ao longo das aulas de passarela, as alunas são levadas a controlar os movimentos e os excessos de seu corpo. É desta forma que a relação “consciente e reflexiva” com o corpo que caracteriza as classes mais altas, como quer Boltanski (2004), se estabelece como parte fundamental de uma transformação, em primeira instância, física, mas principalmente cultural e social. Afinal, o corpo deixa de ser instrumentalizado a partir de sua força física para ser instrumentalizado em função de sua força simbólica. Este é o processo que chamo de “formatação social”, quando a prática corporal, produto da interação dos ambientes social e cultural com o indivíduo, passa a expressar-se a partir de valores diferentes daqueles que são próprios do seu meio social de origem. A adoção de novas dietas alimentares, o encobrimento de partes do corpo, o uso de produtos de tratamento para pele e cabelo, os cuidados higiênicos com pêlos e unhas são apenas alguns exemplos de hábitos que passam a ser incorporados pelas alunas a partir de sua relação “consciente e reflexiva” com o corpo, cultural e socialmente construído nas aulas de passarela.

7.3 – Corpo, gênero e disciplina

O “corpo percebido” socialmente (Bourdieu, 2002, p. 190) é a imagem de um conjunto de práticas corporais que se estabelecem na apropriação da natureza pelo indivíduo – em outras palavras, na prática da cultura. Quanto mais distante da natureza, mais “cultivado” é o indivíduo. É pelo *habitus* – inscrição de disposições sociais no próprio corpo – que o indivíduo classifica e é classificado. O *habitus* de uma “condição de classe” que revela um gosto “cultivado” – por escolhas alimentares, gestual, vestuário – é determinado por usos do corpo que, segundo Bourdieu (2002), valorizam a leveza das formas: o corpo magro, a comida *light*, a discrição dos gestos. O autor propõe, ainda, uma divisão dos sexos a partir destes diferentes gostos e usos do corpo, o que determinaria, por exemplo, a “viril” preferência dos homens por refeições com carnes e a “delicadeza” das mulheres, com suas leves saladas.

Pode-se pensar que os usos do corpo na profissão de modelo, especialmente na passarela, são também o resultado de um conjunto de práticas que buscam traduzir, de maneira tangível, o que é legitimado como feminino e masculino. Para Bourdieu (2002), as diferenças biológicas são acentuadas por diferenças culturais como, por exemplo, a maneira de caminhar. De acordo com o que foi observado durante o trabalho de campo nos cursos de modelo, as mulheres devem manter as pernas juntas e os movimentos pélvicos devem ser controlados, tudo para que uma vulgaridade indesejada não seja percebida. Os homens, por sua vez, devem caminhar “naturalmente”, o que pressupõe um caminhar confortável e sem restrições.

Se, para Bourdieu (2002), o gosto cultivado leva a um corpo conscientemente controlado e cuidadoso em seus movimentos, logo, pouco natural, este corpo é, nas passarelas da moda, feminino. O corpo feminino é, portanto, mais cultivado do que o masculino: neste, a “naturalidade” dos gestos – e não do corpo, vale frisar – é legítima, enquanto a mesma regra não vale para o corpo feminino.

“Você pode comparar o homem com a criança: o homem e a criança se bastam. No momento em que ele subir na passarela, o homem que conseguir se sentir à vontade ali em cima, ele se basta. Com as meninas é completamente diferente. Eu tenho uma teoria: a mulher, quando sobe na passarela, ela sobe na passarela para as pessoas apontarem defeitos. É muito difícil você estar assistindo um desfile, com uma mulher desfilando, e as pessoas não estarem assim, ‘aquela ali anda assim’, ‘aquela ali anda assado’, ‘essa tem orelha grande’... O homem, as pessoas relaxam, quando entra um homem, quando entra uma criança. A mulher, não. Existe uma cobrança muito grande. E ela precisa estar harmonicamente, com seus movimentos harmoniosos, já para evitar esse tipo de coisa ao máximo, para chamar atenção para a roupa delas. Então, essa harmonia de movimentos está mais presente ali. Como é que ela vai mostrar uma roupa se as pessoas querem ver os defeitos dela?” (S.L.)

O homem “se basta”. A mulher, ao contrário, precisa ser monitorada pelos olhares críticos que a vêem atravessar a passarela. Com a presença de um homem na passarela, o público “relaxa” e, com a de uma mulher, o público presta atenção nos

“defeitos”. Para “harmonizar os movimentos” femininos, é preciso discipliná-los. De fato, nas aulas observadas, percebi um discurso disciplinador por parte dos professores. Trata-se da imposição de regras sobre o comportamento dos alunos, ainda que tais regras não tratem diretamente das técnicas de passarela ou quaisquer outras relativas ao ofício dos modelos de moda. Assim, no Senac, os alunos não podiam se sentar sem a ordem da professora S.L., se apoiar nas paredes para descansar o corpo ao longo das quatro horas de aula, se desconcentrar e tampouco pronunciar palavras consideradas inadequadas. Além do comportamento, também ao corpo são impostas regras disciplinadoras que visam moldá-lo a um padrão de movimentos e gestos, especialmente na primeira fase dos dois cursos, que igualmente se concentram na postura corporal. Percebe-se, neste momento, uma divisão entre os gêneros, em que a feminilidade e a masculinidade revelam seus padrões a partir do controle dos volumes do corpo e também dos movimentos. Por exemplo, às alunas eram dirigidas orientações no sentido da contenção: sustentando um olhar “firme” para um ponto imaginário, mantendo o abdômen “firme e contraído”, conduzindo os passos com “um pé na frente do outro”, empurrando os “ombros para trás”, deixando os “glúteos contraídos”. Aos alunos, ao contrário, eram dirigidas orientações no sentido da expansão: “abrindo o peito”, dirigindo o olhar para a sua própria imagem no espelho, dando um passo para trás ao sair da “paradinha” no final da passarela, sendo “natural” no caminhar. As imagens contrastantes do feminino “firme” e “contraído”, e do masculino “aberto” e “natural” revelam que o controle dos movimentos corporais e dos gestos é bastante mais rigoroso para as alunas. Se, junto ao homens, o exercício é da “naturalidade”, por oposição o que cabe às mulheres é o da “artificialidade”.

Segundo a professora S.L., as alunas, primeiro, devem aprender a firmar a musculatura do abdômen e o corpo deve “encontrar seu eixo”. Nesta fase inicial, segundo ela, há um esforço para a “internalização” dos movimentos, ou seja, estes devem ser incorporados de tal forma que, ao desfilar, não deverá ser preciso “pensar para fazer”. É o corpo, para S.L., “automatizado”. A professora afirma, ainda, que ao fim deste processo de internalização, as alunas podem “se soltar”, sendo permitido um leve rebolado - o quadril se movendo com “as ancas”. Treinado, o corpo já não correria o risco de parecer “erotizado”, o que, para S.L., não é desejável para uma modelo.

“O modelo não pode ser erotizado e nem vulgar. Por isso, as mulheres têm que ser magras, com muito pouco busto e pouco bumbum. Os

homens não precisam ser tão magros, mas não podem ser muito musculosos”. (S.L.)

A noção de erotização do corpo feminino parece estar diretamente associada à noção de volume: magreza, pouco bumbum e pouco busto são atributos positivos para as modelos. É ainda necessário firmar e contrair os músculos. Quanto aos movimentos, devem ser controlados, fixos e retos.

“Quando você vê os modelos mudando de roupa, você não vê exuberância de formas. Um bumbum, quando você coloca um vestido, o vestido levanta um pouquinho mais. O excesso de peso dá novas formas à roupa. A proposta do modelo é vender uma roupa, é vender um conceito, e este conceito não pode estar vinculado à erotização do corpo delas. Então, se elas são magras, mesmo que se coloque uma blusa transparente, o peito não é aquele peito que chame atenção, é uma coisa delicada, sutil, pequena. O bumbum, a mesma coisa, não existe uma volúpia por parte do corpo, fica tudo muito neutro. O corpo é um cabide. A partir do momento que eu sou um cabide, você vai colocar uma roupa em mim e a minha estrutura vai valorizar o que precisa naquela roupa e ponto. Tudo o que ultrapassa vai erotizar. A H. mesmo, ela é um exemplo, ela está magra, mas ela ainda, subiu na passarela, as pessoas vão olhar como uma menina gostosa”. (S.L.)

“A barriguinha pode ser bonitinha pra ir à praia, mas pra ser modelo, tem que ser tábua. Manequim 38. Você tem que ajustar o menos possível a roupa. Não pode ter o excesso. É difícil pegar uma modelo que tenha aquela gordurinha”. (H.M.)

Nada pode “ultrapassar” as formas do corpo magro, do peito sutil, do bumbum neutro. O corpo feminino não pode “chamar a atenção” e nem ter “excessos”. A “menina gostosa” não pode ser modelo.

Ruggi (2005) afirma que, nesta profissão, as diferenças de gênero são marcadas, principalmente, pelas passadas: constrói-se a feminilidade a partir da assimetria e a masculinidade, pela simetria, considerando os passos “trançados” das mulheres e os

passos “paralelos” dos homens. Ruggi (2005) afirma que o rebolado das modelos as associa a uma alta carga sexual, menos voltada para uma estratégia de sedução sexualmente interessada do que para a construção de um imaginário em que são objeto de desejo passivo e capazes de gerar inveja nas outras mulheres.

Em muitos momentos, aos únicos dois alunos do curso do Senac era dedicada pouca atenção e aplicado quase nenhum rigor no treinamento da passarela, já que eles apenas precisavam caminhar naturalmente. Parece-me frutífero elaborar uma análise a partir da teoria de Foucault (1984) sobre o “corpo dócil”, aquele que é, segundo o autor, manipulado, modelado, treinado, obediente, submetido, transformado e aperfeiçoado.

A partir do controle coercitivo e da aplicação de “fórmulas gerais de dominação” – as “disciplinas”, conforme Foucault (1984) –, o corpo se torna dotado de “docilidade” e “utilidade”, servindo à manutenção das instituições sociais.

O discurso dos professores dos dois cursos observados – Gisele Guimarães, do Projeto Lente dos Sonhos, e S.L. e H.M., do Senac – deixam revelar que há, na moda, um padrão institucionalizado de uma dada feminilidade que precisa ser muito mais disciplinada, no sentido dado por Foucault (1984), do que a imagem natural da masculinidade, também associada a noções de virilidade e segurança.

“Você não pode fazer nada pequeno, você tem que ser senhor de si, tem que ser firme”. (S.L.)

Ao se deserotizar o corpo feminino, ao contrário, subtrai-lhe o que há de natural, ou seja, seus excessos e volumes (seios e glúteos). Contraindo, firmando, fixando, controlam-se mais do que os movimentos do corpo feminino: controla-se, também, a liberdade feminina, limitada a uma aparição suave na passarela: “Procura fazer sempre mais suave”. (S.L.)

7.4 - As “técnicas corporais” e a regulação do corpo

Da clássica comunicação de Marcel Mauss à Sociedade de Psicologia sobre as “técnicas do corpo”, na França de 1934, foram extraídos importantes conceitos para o desenvolvimento deste capítulo. Para além da teoria, porém, encontrei no texto do autor duas idéias desafiadoras, que inspiraram minha análise.

Na primeira das duas passagens da referida comunicação, Mauss (2003, p. 417) declara que deixa “de lado as técnicas do corpo que funcionam como profissões ou parte de profissões”. Mais adiante, na mesma página, ainda que jocosamente, confessa não compreender “como as senhoras conseguem andar com seus saltos altos.”

O objetivo aqui é refletir sobre o processo de construção do corpo em duas dimensões: a técnica, presente no discurso dos professores e nas práticas presentes nos cursos para formação de modelos de moda, e a social, cuja força coercitiva controla e impõe padrões estabelecidos, atuando determinantemente sobre as individualidades.

As observações feitas nos cursos da Cidade de Deus e do Senac levam à constatação empírica da teoria de Mauss (2003). Considerando sua definição clássica, as “técnicas do corpo” podem ser interpretadas, para efeito da presente pesquisa, como parte dos ensinamentos que caracterizam a formação das modelos de moda, já que, como em poucos lugares, o corpo é sensivelmente transformado por “três elementos indissolivelmente misturados”, como quer Mauss (2003, p. 405): o fator psicológico, o fator biológico e o fator social.

Mauss (2003) também define as “técnicas da adolescência” como determinantes para a educação corporal que começa nesta fase da vida e perdura até a idade adulta. O autor, em seu texto, faz referência à iniciação vivenciada durante este período da vida, que difere de sociedade para sociedade, mas que sempre promove uma divisão social dos gêneros. As aulas observadas demonstram que há uma divisão clara entre os gêneros que se estabelece pela adaptação do corpo a um objetivo que não é somente “físico, mecânico ou químico”, como define Mauss (2003), mas também social.

Outro aspecto do texto de Mauss (2003) que ilumina esta análise é a noção do corpo como um instrumento do homem que é transformado fisicamente pela técnica. Em sua obra, o autor remete ao exemplo do calçado que, com seu uso contínuo, acaba por modificar a forma dos pés. Aspectos culturais e sociais são por ele tomados como fatores “adquiridos”, contrastando com aspectos “naturais”, que sofrem alterações sensíveis em sua forma e movimento.

Entre as adolescentes da Cidade de Deus, não somente as noções de etiqueta, mas também as aulas técnicas de desfile em passarela servem à necessidade de “dissimulação” de sua origem social: ao serem reconhecidas como moradoras da Cidade de Deus, são automaticamente associadas ao que se espera de seu meio. O curso se torna, portanto, um treinamento para tentar esconder aquilo que não pode ser revelado em uma passarela, pela lente de um fotógrafo ou em qualquer outra área em que as

alunas decidam trabalhar. F., aluna do Projeto Lente dos Sonhos, em um de seus relatos, afirma que as aulas do Projeto são úteis até mesmo para o momento em que é necessário se submeter a uma entrevista de emprego, onde o “saber falar, saber sentar” são decisivos para a conquista de uma vaga.

No discurso de Gisele Guimarães, durante as aulas, percebe-se que há a preocupação em criar uma distância entre as alunas e alguns ambientes sociais da favela: do *funk*, por exemplo, ou do comportamento que ela classifica como de “faveladinhas”⁴³. Nas aulas de S.L., no Senac, não há nenhuma referência explícita a esta idéia de “dissimulação” da origem social. Há, sim, um esforço no sentido de treinar suas alunas para atitudes de “respeito ao outro”, do “espaço do outro”, de um “círculo de ação”, a que Pereira (2006, p. 119) também se refere, ao tratar da noção de “refinamento”.

“Na verdade, quando a gente fala nesse círculo, não é bem na parte de moda, é na parte de postura, de etiqueta. É uma base, é um módulo que qualquer pessoa poderia fazer, porque não está baseado em talento. Quando você traça um círculo, em etiqueta, por exemplo, tudo o que eu faço, se eu saio do meu círculo, eu posso machucar, alguém pode tropeçar, eu posso machucar alguém, eu posso sujar uma parede, sujar sua calça, então, o meu círculo de ação, ele está em torno de mim e toda vez que eu ultrapassar esse círculo, eu tenho que prestar atenção se eu estou invadindo o círculo de outra pessoa. Então, quando você consegue se movimentar dentro desse círculo, você convive no meio de um monte de gente, dentro de um mesmo camarim, por exemplo, sem você borrar um batom, sem você meter o cabelo no olho da outra”.

(S.L.)

As “técnicas do corpo” (Mauss, 2003) ensinadas nos cursos de modelo sintetizam diversos discursos hegemônicos da sociedade ocidental contemporânea. O Projeto Lente dos Sonhos promove, citando Le Breton (2002), uma “reconciliação com a sociedade”, ao ensinar suas alunas a “aceitar o que é determinado”, como disse Gisele Guimarães em uma de suas aulas. E o que lhes determina a sociedade é o controle dos

⁴³ Como quando, em 2005, Gisele se encontrou ao final de uma aula com uma moradora da comunidade com quem havia se desentendido, e a ela se referiu como “faveladinha”, já que não a cumprimentou de maneira educada.

movimentos, a adequação dos modos, a contenção dos excessos, é, enfim, um corpo “civilizado”. O discurso hegemônico que aqui prevalece é o das camadas mais altas, cujas “boas maneiras” servem de exemplo a ser imitado.

No Senac, o que se observa é o aprendizado de um outro tipo de discurso, também hegemônico, por sua vez pertencente às marcações sociais de gênero. Se lá, na Cidade de Deus, as adolescentes aprendem a ser “boa referência e bom exemplo”, no curso de Copacabana a lição está em “ser suave”, em “contrair” e “firmar” os músculos, em ter, enfim, um corpo magro, sem excessos e nada “erotizado”, usando o discurso de S.L. e H.M.

7.5 – O corpo da moda

Se o corpo das modelos é obediente às normas e padrões da sociedade, cabe-me, aqui, identificar quais normas e padrões da sociedade acabam por constituí-lo como tal. Dentro do espaço social em estudo, ou seja, o mundo da moda, conclui-se que há uma divisão entre os gêneros, exigindo que o corpo feminino seja muito mais controlado do que o masculino. Excessos e volumes são subtraídos das formas femininas, que não devem chamar a atenção do olhar do outro. Assim como seus movimentos, que devem ser harmoniosos. “Dócil” (Foucault, 1984), o corpo feminino da modelo se deixa submeter à disciplina e se destitui de seu erotismo; “útil”, ele se instrumentaliza e se transforma em cabide.

A partir de uma pesquisa que reuniu 1.279 entrevistas com homens e mulheres de camadas médias do Rio de Janeiro, Goldenberg (2004) atribui ao corpo um papel fundamental no mercado afetivo-sexual, o que o torna, conseqüentemente, alvo de um culto cada vez maior de mulheres de todos os segmentos da sociedade brasileira. A autora demonstra que tanto homens quanto mulheres valorizam o corpo como um agente que favorece a atração física e sexual, juntamente com a inteligência, o olhar e a beleza. Porém, para as mulheres, a busca por um padrão de beleza instaurado pelo sucesso das magras e esguias *top models* está se tornando uma verdadeira obsessão. Os homens, ao contrário, declaram preferir um padrão de beleza nas mulheres que se aproxima mais das “gostasas”.

A análise de Goldenberg (2004) concentra-se em entrevistados de camadas médias urbanas, universo que contrasta com o observado neste trabalho: entre as alunas da Cidade de Deus, predomina o mesmo gosto masculino por uma beleza feminina com

excessos e volumes, contrariando o padrão estabelecido no mundo da moda. A opinião de PA. sobre a *top model* Gisele Bündchen representa este gosto.

“Não acho lindo, mas é bonitinho, não teria vontade de ter o corpo dela, de jeito nenhum. Adoro minhas pernas, adoro meu bumbum”.
(PA., 17 anos, aluna do Projeto Lente dos Sonhos.)

No campo da moda, ao contrário, atribui-se às medidas do corpo de Gisele Bündchen o momento de transição entre ideais de beleza distintos. E também a abertura do mercado internacional para as modelos brasileiras, que passaram a ser uma importante referência.

“Chegou uma época que você olhava uma capa de revista, uma Vogue, principalmente, as modelos pareciam aidéticas de tão magras. Eu tenho certeza que qualquer pessoa, em sã consciência, olhava aquela roupa e não se sentia atraído pela roupa, porque aquela pessoa que tava com a roupa que leva a roupa pro consumidor, não agradava. Ela pensava, ‘pô, mas, magra, hein? Que olheira, hein?’. O meu bom senso me leva a crer que o pessoal começou a vender menos. [...] E aí cai, nesse exato momento, nessa transição, a Gisele, que é magra, mas com uma cara saudável, coradinha, com uma bochechinha, com um corpo magro mas definido, com perna bonitinha, músculo, com bundinha, e tal, ela é uma mulher magra, manequim 38, mas as pessoas olham pra ela e vêem saúde, então volta aquela geração saúde novamente, então a moda já muda”. (H.M.)

Gisele Guimarães, segundo o *booker* L.L., tem uma aparência física que favorece o interesse dos estrangeiros:

“Ela tem um corpo adequado. O fato dela ser uma mulata clara interessa muito a clientes estrangeiros, que encontram no Brasil esta mescla de tipos raciais que geram imagens, figuras humanas completamente diversas do mundo inteiro. No caso dela, ela é curvilínea, ela tem quadril, ela tem seios, mas naquelas medidas magras que se busca”. (L.L.)

Gilberto Freyre (1987) identifica, já na segunda metade da década de 80, que a “brasileiridade” da mulher “não-caucasiana”, com curvas e de pele morena ou quase negra, é admirada por europeus e anglo-americanos, defendendo que o mercado da moda poderia usá-la como exemplo para mulheres de outros países. Segundo ele, “esse amorenamento vai do pardo escuro a um pardo pálido e levemente amarelado” (p.99), nuances de cores que valorizariam um estilo de moda tropical, evitando as “modas albinóides”, ideais para “mulheres loiras e alvas”. Sobre este mesmo texto de Freyre (1987), Mirian Goldenberg (2007) escreve a respeito da beleza institucionalizada e imitada pelas brasileiras, e conclui que Gisele Bündchen é uma de suas mais influentes representantes. A autora concorda com Freyre ao tomar a atriz Vera Fischer como exemplo do novo corpo da mulher brasileira, ou seja, alto, branco, loiro, de cabelos lisos e com poucas curvas, um padrão importado da Europa. No contraponto, a atriz Sônia Braga, que para o antropólogo era o ideal de beleza feminina anteriormente desejado, e tipicamente brasileiro.

Se para Goldenberg (2007) o corpo de Gisele Bündchen está mais próximo de traços e medidas europeus, para o mercado da moda ele é tipicamente brasileiro. A autora se refere à *top model* como um ícone do “novo corpo da mulher brasileira”. O campo da moda, por sua vez, considera a sua imagem revolucionária, já que teria introduzido medidas corporais mais “fartas” e uma atitude “espontânea” nas passarelas:

“A beleza do rosto de Gisele, seu corpo magro, mas com seios fartos e sua espontaneidade, chegavam na hora adequada, revolucionando a moda e inaugurando um momento bem propício às modelos brasileiras”. (Sabino, 2007a)

Embora pareçam contraditórios, os dois pontos de vista explicam que houve, sim, uma mudança no padrão de beleza feminino no campo da moda, porém tal mudança não está necessariamente associada à imagem da mulher tipicamente brasileira que ainda ocupa seu espaço no imaginário internacional.

No final da década de 1980, antes de Gisele Bündchen, a modelo inglesa Naomi Campbell – exemplo recorrentemente citado pelas entrevistadas da Cidade de Deus – desfilava pelas passarelas do mundo chamando atenção por sua polêmica personalidade, por sua cor de pele – ela é considerada a “deusa de ébano” – e por suas medidas: 1

metro e 77 centímetros de altura, 85 centímetros de busto, 61 centímetros de cintura e 89 centímetros de quadril. Segundo Pacce (2007), “não há nas passarelas bumbum e pernas com contorno e recheio tão perfeitos” (p. 341). A jornalista também afirma que ela tem “as mais perfeitas pernas do mundo da moda” (p.346).

QUADRO IV – As medidas das modelos

	Busto	Cintura	Quadril	Altura	Período
Naomi Campbell	85 cm	61 cm	89 cm	1,77 m	80/90
Kate Moss	84 cm	58 cm	89 cm	1,70 m	90/2000
Gisele Bündchen	92 cm	61 cm	89 cm	1,79 m	2000/2007
Gisele Guimarães	86 cm	62 cm	90 cm	1,76 m	2007
Medidas Ideais ⁴⁴	84 cm	60 cm	89 cm	1,75 m	

Apesar do sucesso, o corpo de Naomi Campbell não se tornou hegemônico no campo da moda. Depois dela, veio a também inglesa Kate Moss (84 centímetros de busto, 58 centímetros de cintura, 89 centímetros de quadril), que marcou os anos 1990 com a estética “heroína-chic”, de aspecto magro e doentio. Gisele Bündchen possui exatamente as mesmas medidas de cintura e quadril de Naomi, porém é 2 centímetros mais alta e tem 7 centímetros a mais de busto. Gisele Guimarães acompanha as medidas das *top models*, com alguma diferença: apesar de ser mais baixa do que as duas modelos (1 metro e 76 centímetros), tem 86 centímetros de busto, 62 centímetros de cintura e 90 centímetros de quadril.

O fato de que houve uma mudança nas medidas do corpo das modelos a partir do sucesso de Gisele Bündchen não significa que, para o campo da moda, sejam as medidas de seu corpo que a identifiquem com a beleza tipicamente brasileira. Como afirma Goldenberg (2007), Gisele Bündchen personifica o novo corpo da mulher brasileira “europeizada”, como diria Freyre (1987). Porém, penso que, nas passarelas internacionais, a associação com sua nacionalidade está diretamente relacionada a uma dada “atitude brasileira”, qual seja, natural, saudável, espontânea e sensual. Acredito que o reconhecimento desta atitude é o que representa o verdadeiro capital das modelos

⁴⁴ Ver Liz (2006, p. 26)

brasileiras, do qual Gisele Guimarães se apropriou em seu discurso e em seu comportamento.

7.6 – As transformações de Gisele Guimarães

De criança frágil a adolescente rebelde; de aluna incorrigível a professora exemplar; de moradora da Cidade de Deus a modelo de moda: muitas foram as mudanças que se operaram em Gisele Guimarães, como quis demonstrar o estudo de caso que conduziu as discussões deste trabalho. Muitas destas transformações são por mim traduzidas como um processo de “formatação social”, ou seja, a submissão consentida do indivíduo a novas imposições sociais, para que seu corpo e sua atitude sejam modificados, levando a um rompimento com suas origens. Adequando-se ao “código da moda”, a aparência e a atitude de Gisele Guimarães também se transformaram.

A aproximação de Gisele a um “código da aparência” hegemônico, dentro dos padrões do mercado da moda, é primeiramente marcada pela aquisição de longos cabelos incorporados a partir de uma técnica que os emenda aos fios da própria pessoa – o *megahair*. Ostentando o liso, exclui-se de sua aparência o crespo. O “código da moda” é avesso a excessos e volumes, como se viu. Acompanhando a mesma lógica, percebe-se que Gisele Guimarães também emagreceu, apesar do corpo já magro que exibía quando a conheci, em 2005.

Como modelo do Projeto Lente dos Sonhos, as fotografias registradas por Tony Barros traziam como cenário de fundo a paisagem da Cidade de Deus. E foi desta forma que Gisele ganhou visibilidade em jornais e revistas, que encontraram neste contraste um discurso interessante para seus fins editoriais. Porém, como modelo da Elite Models, ela passou a ser associada a noções de sofisticação e refinamento.

São dois os episódios que, definitivamente, marcam sua adesão a um “código da atitude” que rompe com muitos de seus valores morais de origem: a publicação de fotografias exibindo seu corpo nu na Revista Trip e uma viagem a Paris, ambos ocorridos praticamente ao mesmo tempo, no mês de outubro de 2007.

Gisele Guimarães já estava de viagem marcada para a Europa quando me avisou sobre um trabalho que seria publicado na Revista Trip em outubro, sem, contudo, me dizer que se tratava de um ensaio onde estava parcialmente nua. Era a primeira vez que Gisele aceitava posar para um fotógrafo exibindo seu corpo, sempre preservado em

nome de sua declarada responsabilidade no Projeto Lente dos Sonhos junto às crianças da comunidade. Não posso negar minha surpresa quando me deparei com as imagens, o que demonstra o inesperado.

Na revista Trip de outubro de 2007, dez páginas exibem um total de sete fotografias. Em cinco, Gisele Guimarães está presente, sendo que três são divididas com uma segunda modelo e as outras duas são dedicadas apenas a Gisele. Também uma das duas versões disponíveis nas bancas de jornal traz as duas modelos vestindo apenas a parte de baixo de um biquíni, estando Gisele com seus longos cabelos cobrindo seus seios. O título da reportagem é “Cidade das Deusas”, fazendo referência à comunidade onde a modelo vive. Também o cenário de fundo traz imagens de simplicidade e pobreza, ora dentro de uma barbearia da Cidade de Deus, ora no alto de uma laje, com os barracos ao fundo. Ao longo do texto, exalta-se o contraste da violência da Cidade de Deus com a “exuberância”, o “sorriso largo e iluminado”, o “exibicionismo” e o “narcisismo” que definem Gisele. A frase “Sempre gostei de afrontar” é atribuída a ela, que assim justifica as atitudes que tomou ao longo da vida, principalmente diante de sua mãe evangélica. Nada se fala sobre seu trabalho social no Projeto Lente dos Sonhos, ao contrário das demais matérias publicadas anteriormente em outras revistas, que construíam um lado da personalidade de Gisele aqui ausente (engajada, responsável e comedida), porém útil para contrastar com o lugar sujo, miserável e violento em que vive.

A imagem de Gisele parcialmente nua é o resultado de um processo de transformação que percorreu toda sua trajetória. Se, antes, seu discurso sublinhava valores morais tradicionais arraigados ao meio social ao qual pertence, agora seu corpo desnudo, em contraste com a paisagem da Cidade de Deus, expressa a “afronta” definitiva. Na entrevista que Gisele me concedeu após a publicação da revista, não se identifica mais em sua fala a preocupação com uma auto-imagem controlada e pura, coerente com o papel que exercia, até então, à frente de um projeto social voltado para as crianças e adolescentes da comunidade.

“Eu acho que estava no momento certo. Tudo é um processo. Tem que ter as crianças, mas, ao mesmo tempo, pôxa, é o meu trabalho. Até a Gisele Bündchen já posou nua. Então, eu acho que eles vão entender. Eu não pensava nas crianças na hora das fotos, pra mim, foi muito tranquilo”. (Gisele Guimarães)

As fotografias da revista Trip marcam uma nova transformação em Gisele. Este último trabalho como modelo no Brasil, antes de sua viagem para a Bélgica e Paris em outubro de 2007, rompe definitivamente com seu pertencimento à Cidade de Deus: Gisele Guimarães, agora, é do mundo.

Por intermédio da “Moda Fusion”, uma ONG atuante junto a diversas comunidades do Rio de Janeiro, entre elas a Cidade de Deus, uma revista distribuída gratuitamente a brasileiros residentes na França – a Brazuca – patrocinou uma viagem à Bélgica e a Paris para Tony Barros e mais cinco modelos vinculadas ao Projeto Lente dos Sonhos, entre elas Gisele Guimarães. Foram cerca de 20 dias na Europa, ao longo dos quais o grupo cumpriu com alguns compromissos, como desfiles nas duas cidades. Um dia antes de retornar ao Brasil, Gisele Guimarães assinou um contrato com a agência francesa Metropolitan, que já a conhecia anteriormente, graças ao documentário exibido pela emissora M6.

“A B. estava com o *book*, eu não tava, eu tava só com o chip, com as minhas fotos dentro do chip. Eram uns dez *bookers* assim, sabe? Eles olhando o book dela, aí eu pensei, ah, eu não vou ficar, já se interessaram pela B. Aí, eu pensei que não ia ficar. Aí a menina [tradutora] contou a minha história, falou da matéria da M6. Aí, uma mulher falou, ‘ah, conheço, eu sei quem ela é’. Essa foi a menina que o *booker* mandou ir atrás de mim, foi ela que ligou pra Elite, e aí ligou pro Rio. No dia seguinte, eu tava indo pra um teste na Dior”. (Gisele)

Os trechos citados acima se referem à última entrevista realizada por mim com Gisele, logo depois que retornou de viagem, no dia 1º de novembro de 2007, enquanto aguardava sua partida definitiva para cumprir com o contrato de três anos, firmado com a agência francesa, marcada para janeiro de 2008.

Tudo indica, porém, que as transformações de Gisele serão ainda mais visíveis, já que há uma determinação, por parte de sua agência, com relação às suas medidas corporais e o aprendizado do inglês:

“Eu tenho que perder dois centímetros na panturrilha e na coxa. Eles acham que minha perna é muito torneada. Vou fazer drenagem

linfática. Acho que são dez sessões. Eles disseram que eu tenho que voltar falando inglês e com a perna fina.”. (Gisele)

Apesar do pouco peso e das medidas ideais de modelo, eliminar dois centímetros de panturrilha e de coxa ainda é algo necessário para a aceitação de Gisele pelo “mundo da moda”. Porém, muitas mudanças transformaram seu corpo em um capital fundamental para a ascensão social que vem marcando sua vida. Ainda que sem significativos ganhos financeiros, Gisele Guimarães é, hoje, uma modelo do mundo, não mais da Cidade de Deus. É evidente que também outros capitais contribuíram para sua inclusão em esferas sociais antes inacessíveis, como, por exemplo, o próprio lugar de origem que, estrategicamente, passou da condição de estigma para a de sinal distintivo. Ou, ainda, seu nome, inúmeras vezes associado à *top model* do momento, Gisele Bündchen. Mas foi por meio de seu corpo e dos diversos usos que dele se fez, que ela conquistou um espaço de prestígio e distinção social em sociedade. A seu modo, Gisele Guimarães decifrou o “código da moda” e vem fazendo de sua trajetória a sua melhor tradução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que iniciei minha observação participante, procurei manter-me rigorosamente afinada com os objetivos de minha pesquisa, ou seja, compreender os valores e crenças que permeiam os desejos das adolescentes que buscam a carreira de modelo de moda. Para realizar esta proposta, decidi acompanhar dois cursos profissionalizantes: o “Projeto Lente dos Sonhos”, na Cidade de Deus, e o Curso para Modelo e Manequim do Senac-Rio, localizado em Copacabana. Por um período total de dez meses, realizei este projeto e os resultados deste empenho encontram-se nas páginas desta tese.

Como qualquer pesquisador, porém, percorri meu caminho sem conseguir escapar do imprevisível. E ele estava presente em todos os momentos da pesquisa, revelando-se em cada entrevista realizada ou nos imensos mergulhos de reflexão que acompanham cada passo do cientista social. Longe de ser uma exceção, o inesperado é a regra para quem escolhe os caminhos da antropologia.

Ouso duvidar, correndo o risco de parecer arrogante, que algum pesquisador tenha sido, como eu, tão insistentemente acompanhado pelo imprevisível. Há exatos trinta dias, a contar do momento em que escrevo esta frase, ainda realizava uma última entrevista com Gisele Guimarães, a personificação do tal fator imprevisível a que me refiro. Tendo optado por realizar um Estudo de Caso que tomou sua trajetória como objeto de análise, sujeitei-me a uma sucessão de fatos novos que, se não modificavam, ao menos interferiam nos rumos de minhas reflexões. Já em fase avançada na redação final do presente texto, e tendo concluído há quase um ano o trabalho de campo, aguardava, sem sucesso, o desfecho das histórias que Gisele me atualizava, vislumbrando novas questões sobre suas conquistas na carreira de modelo profissional. Com o relato do contrato de três anos que a modelo assinou com a agência francesa Metropolitan, encerrei minha tese, apesar de estar certa de que, naquele momento, o contrário acontecia: tratava-se exatamente do início de muitas outras questões que, infelizmente, não poderia mais analisar.

Lamentos à parte, no fundo considero que lidar com estes fatos imprevisíveis no campo sustenta o interesse pelo objeto de estudo, além de exercitar o olhar antropológico amplo, denso e profundo.

Na trajetória de Gisele Guimarães, mas também nas entrevistas realizadas com as onze alunas dos cursos de modelo, tanto do Projeto Lente dos Sonhos como do

Senac-Rio, percebe-se que, ao lado do impositivo controle social sobre a construção de um modelo de feminilidade, há uma apropriação deste discurso em benefício de uma afirmação social, seja ela relacionada a questões étnicas, morais ou da própria adolescência.

Para Mirian Goldenberg, (2007), a feminilidade da brasileira está diretamente vinculada a atributos físicos, onde o corpo ocupa uma centralidade: a autora identifica as modelos brasileiras como exemplos “imitáveis, pois têm prestígio, sucesso e dinheiro”, afirmando que “seu principal capital é o corpo magro, jovem e belo” (Goldenberg, 2007, p. 27). A autora classifica o corpo como uma “riqueza”:

“talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias e também das camadas mais pobres, que percebem ‘o corpo’ como um veículo fundamental de ascensão social” (Goldenberg, 2007, p. 29)

Na verdade, o curso dos acontecimentos na trajetória de Gisele Guimarães apenas reforçou o que procurei demonstrar na minha tese, ou seja, que há uma transformação possível, democrática e acessível, operada pelos usos do corpo, que pode levar o indivíduo, em nossa sociedade, a acumular capitais que pesam favoravelmente na balança social. Em outras palavras, considerando todos os outros disponíveis, o corpo é o capital (Bourdieu, 2002) que melhor pode viabilizar os projetos de ascensão social, especialmente, das camadas pobres. Esta é a idéia central que esteve presente ao longo deste trabalho, mas o caso particular de Gisele Guimarães, escolhido para orientar as discussões empreendidas nesta pesquisa, pode ainda levar a outras reflexões sobre a sociedade em que vivemos.

Destacou-se, na presente análise, a forma como Gisele conduziu suas escolhas em função de sua origem social. A aderência do pertencimento à Cidade de Deus à sua imagem propiciou momentos importantes em sua trajetória: a rejeição inicial ao lugar em que vivia, o reconhecimento do estigma que decorria deste pertencimento e a transformação deste estigma em capital simbólico. No momento em que percebeu que havia conquistado uma posição de prestígio dentro da comunidade e que, para a profissão de modelo que escolhera seguir, seria fundamental ser identificada com uma “personalidade” única, a Cidade de Deus se tornou um importante capital, especialmente aos olhos da mídia. Na verdade, esta Cidade de Deus que ajudou a lhe atribuir um valor positivo é aquela construída pelo discurso da mídia. Violência,

pobreza, sujeira e desordem, entre outras paisagens de degradação, serviram de cenário de fundo para a imagem de Gisele Guimarães nas fotografias de jornais, revistas e documentários nacionais e internacionais. O que surpreende é o fato desta Cidade de Deus estar presente em matérias jornalísticas voltadas para o mundo da moda, e não para o noticiário policial da cidade. A imagem de Gisele Guimarães de braços e sorriso abertos à frente de um monte de lixo representa exemplarmente o contraste que se cria entre um mundo pouco civilizado, pobre, esquecido e marginalizado, de um lado, e, do outro, o mundo da moda, civilizado, rico, festejado e desejado em nossa sociedade. Proponho, então, tomar esta imagem como referência e buscar compreender o que ela nos fala sobre o Brasil de hoje.

Imaginemos que Gisele Guimarães representa, no imaginário do brasileiro, o que há de bom no país: mulher, beleza, espontaneidade, felicidade, esperança, perseverança, força, personalidade, hospitalidade, generosidade, sexualidade. Porém, ela está de costas para tudo o que há de ruim no Brasil: pobreza, miséria, fome, sujeira, violência, descaso, desordem. As duas realidades coexistem, a despeito da condição paradoxal que tal convivência possa revelar. É o Brasil da desigualdade, de fato. Mas há um olhar muito particular que se reproduz nas representações da mídia, e que expressa a capacidade do brasileiro de afirmar positivamente sua identidade, mesmo diante de todos os problemas sociais presentes no seu dia-a-dia. Sem a intenção de discutir se há uma consciente ignorância com relação a tais problemas ou um conformismo geral diante de suas conseqüências, o que proponho aqui é apontar uma espécie de vício que leva o brasileiro a sempre buscar o “lado bom”. Em outras palavras, a descobrir e valorizar o luxo no lixo.

Alguns exemplos podem ser extraídos do presente trabalho: a história da “Cinderela do lixão”, Cristiane Andrade; a participação de Tati Quebra-Barraco no São Paulo Fashion Week; e a própria trajetória de Gisele Guimarães, cuja coincidência de nome com a maior *top model* do momento, Gisele Bündchen, levou a TV francesa a apelidá-la de “Gisele da Favela”. Neste contexto, também a indústria da moda, além da mídia, tem exercido um importante papel para esta forma específica de expressão cultural. Pode-se citar, como exemplo, um episódio recente do país, como a utilização, por parte de uma grife carioca, do símbolo da divisão de elite da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o BOPE (Batalhão de Operações Especiais), em alguns de seus produtos: a “faca na caveira” foi popularizada no filme “Tropa de Elite” e estampada em acessórios, lingerie e camisetas.

O mundo da moda, neste sentido, é um mediador fundamental para a transformação do ruim no bom. O mundo da moda, na fotografia analisada há pouco, é a própria Gisele Guimarães, que surge à frente de um monte de lixo para a apreciação de um olhar brasileiro que deseja o luxo e que, assim, vê consolidada sua identidade positiva, mesmo diante de adversidades.

Como reflexo imediato deste olhar brasileiro sobre sua realidade, sugiro uma outra capacidade que é vista como bem brasileira: a de usar a seu favor o que lhe parece desfavorável ou, como diria Bourdieu, transformar a falta em virtude. A trajetória de Gisele Guimarães aponta para esta afirmação, ao perceber o estigma que a identificava e transformá-lo em capital. Ao descobrir um importante capital simbólico (Bourdieu, 2002) na associação de seu nome, Gisele, com o lugar em que vive, a favela, como se buscasse contagiar-se do sucesso da *top model* a partir da distância social que as separa. Da mesma forma, a imagem do desfile realizado por Tony Barros na quadra da Escola de Samba da Cidade de Deus, e do qual fui jurada, revela crianças e adolescentes empenhadas em se apresentar em roupas confeccionadas de sucata e material reciclado. Como afirmei, a realidade pobre em que vivem foi transformada para que sua origem social fosse revestida de sinais distintivos, reconhecidos pela cultura dominante que eu mesma representava, juntamente com jornalistas e outros convidados para o evento.

Na análise feita por Lopes & Maresca (1992) sobre a trajetória do jogador de futebol Garrincha, pode-se encontrar uma referência a esta capacidade de transformação brasileira:

“Esse homem de pernas tortas traz em seu corpo e em sua compleição física todos os estereótipos do brasileiro pobre, fazendo-se notar até mesmo entre seus companheiros de time, cuja origem era assemelhada. Mas do mesmo modo que ele transformou uma suposta deficiência física em um capital físico, ele inverteu também certos traços socialmente estigmatizados em um sentido do jogo imprevisto e desconcertante. Ele encarnou ao exagero as características, marcas e sinais em que se baseavam as ideologias racistas e o etnocentrismo de classe, fazendo deles os elementos indispensáveis ao sucesso de seu estilo de futebol”.

Como afirmam os autores, morreu com Garrincha a “Alegria do Povo”, caracterizada pelo futebol tipicamente brasileiro, descontraído e engraçado, o “jogo pelo jogo”. E a mídia, segundo Lopes & Maresca (1992), exerceu um papel fundamental para a construção da imagem do jogador, antes e depois de sua morte.

Gisele Guimarães percorreu e ainda percorre vias periféricas e alternativas para conquistar seu espaço como modelo. É pela mídia e pela moda que a pobreza da origem social de Gisele Guimarães se transforma em um “bom produto” para o consumo da sociedade. Estabelecendo uma ponte entre o luxo e o lixo, entre o mundo da moda e a Cidade de Deus, ela é também uma referência direta a valores humanitários, hoje em voga no mundo inteiro, devido à sua dedicação a um projeto social – e, mais ainda, a um projeto social relacionado à moda.

Pela mediação da mídia e da moda, transmutam-se valores negativos em positivos. E o valor da brasilidade, aos olhos dos brasileiros, serve para a afirmação de uma identidade positiva. Porém, cabe aqui uma outra reflexão: esta brasilidade obedece, de fato, a padrões reconhecidos como tipicamente nacionais?

Ao comparar Gisele Guimarães, Gisele Bündchen e Dalma Callado, levei em consideração a representação hegemônica da beleza feminina na moda. Concluí que o mundo da moda reconhece em Gisele Bündchen o ideal de beleza. Suas medidas corporais estabeleceram novos parâmetros para as passarelas, com curvas, seios fartos e bumbum avantajado. Por sua nacionalidade, é comum atribuir à *top model* a abertura do mercado para as modelos brasileiras que, de fato, encontraram maiores oportunidades de trabalho no exterior. Porém, procurei demonstrar que, se houve uma mudança no padrão de beleza no campo da moda, este padrão não se refere, obrigatoriamente, a um “código da aparência” tipicamente brasileiro, mas a um “código da atitude” muito particular e que corresponde àquele valorizado pelos brasileiros: espontaneidade, alegria, informalidade, naturalidade. Gisele Bündchen representa este “código da atitude”, mas sua aparência física está mais próxima de suas origens européias e anglo-saxônicas, de pele branca, loura e de olhos azuis. Dalma Callado e Gisele Guimarães, por sua vez, são consideradas detentoras de uma “beleza exótica”: cabelos escuros, pele morena ou mulata, com traços que revelam uma miscigenação entre negros, brancos e, no caso de Dalma, índios. Enquanto Gisele Bündchen se tornou referência no Brasil e na Europa, Dalma Callado conseguiu algum tipo de projeção apenas no exterior, assim como Gisele Guimarães está buscando ter neste momento ao ser contratada por uma agência de modelos da França, depois de ilustrar páginas de revistas européias ao lado

de outros modelos da Cidade de Deus. O mercado brasileiro não absorve a “beleza exótica”, mais próxima de um padrão brasileiro. Mas, no exterior, ao contrário, há uma valorização desta diversidade étnica.

Talvez outras discussões possam se revelar a partir da experiência etnográfica que o presente trabalho buscou apresentar. A principal contribuição que minha pesquisa pretende deixar para futuros estudos na Antropologia é a proposta de que novas questões venham lançar um olhar livre de preconceitos e, ao mesmo tempo, provocador sobre os valores, crenças e hábitos das classes sociais menos prestigiadas. É minha intenção questionar uma dada subserviência dos pobres com relação aos padrões hegemônicos da sociedade, levantando a possibilidade de que há espaço para a criação de estratégias para a construção positiva de suas identidades e, conseqüentemente, para a realização de seus projetos de inclusão e de ascensão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. New York: The Free. Press, 1973.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BONADIO, Maria Claudia. *O fio sintético é um show! : moda, política e publicidade (Rhodia S.A. 1960-1970)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2005.

_____. *Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960*. In: Cadernos Pagu. Dossiê: *O gênero da moda e outros gêneros*, nº 22, Janeiro/Junho. Campinas, SP, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br>. Acesso em 6 de junho de 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *Distinction. A Social Critique of the judgment of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

_____ & DELSAUT, Ivette. *O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia*. In: BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Coleção Perspectivas do Homem. Lisboa: Edições 70, 1991.

_____ & ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história da violência nas prisões*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

FREYRE, Gilberto. *Modas de homem, modas de mulher*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

_____. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. São Paulo: Ed. Record, 1996.

_____. *De Perto Ninguém É Normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____ (org.). *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

JOFFILY, Ruth. *O jornalismo e a produção de moda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

KUSCHNIR, Karina. *Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política*. In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LE BRETON, David. *La Sociologie du Corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

LEITÃO, Débora Krischke. *Brasil à moda da casa: imagens da nação na moda brasileira contemporânea*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2007.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A Terceira Mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIZ, Claudia. *O caminho da passarela: tudo o que você sempre quis saber sobre a profissão de modelo e nunca teve uma top model para perguntar*. São Paulo: Ed. Prestígio, 2006.

LOPES, José Sérgio Leite & MARESCA, Sylvain. *A morte da “Alegria do Povo”*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 20, ano 7, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Ana Carolina Delgado de. *Novas imagens, velhos conceitos: a produção de imagens de moda no Brasil e a visibilidade dos modelos negros*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2007.

PACCE, LÍlian. *Pelo mundo da moda: criadores, grifes e modelos*. São Paulo: Ed. Senac, 2006.

RAMOS, Marcelo & GOLDENBERG, Mirian. *A civilização das formas: o corpo como valor*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu& Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

ROCHA, Everardo. *Representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Mauad, 2006.

ROSA, Renata de Melo. *Vivendo um conto de fadas: o imaginário de gênero entre cariocas e estrangeiros*. In: GOLDENBERG, Mirian. (org.). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

RUGGI, Lennita Oliveira. *Aprendendo a ser a corporificação da beleza: pesquisa com alunas de uma escola de modelos*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2005.

SABINO, César. *A Louridade da Loura: a magia dos cabelos entre fisioculturistas cariocas*. In: GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

SARTI, Cynthia A. *A Família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VIGARELLO, George. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Ediouro, 2006.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Ed. Braziliense, 2002.

JORNAIS

A Europa se curva à Cidade de Deus. Expresso. Geral, 20 de outubro de 2007, p. 3.

“Cinderela do lixão” não virou princesa. Folha de São Paulo. Cotidiano, 10 de junho de 2007, C8.

Dalma de volta. O Globo. Caderno Ela, 31 de março de 2007, p. 1-2

Na passarela-escultura, o desfile-instalação. O Globo. Rio, 12 de janeiro de 2005, p. 16.

Primeira dama. O Dia. D Mulher, 19 de agosto de 2006, p. 1

Sou feia, mas tô na moda. Folha de São Paulo. Ilustrada, 20 de junho de 2004, E4.

REVISTAS

Cidade das Deusas. Trip. São Paulo: Trip Editora. Outubro de 2007, nº 160, p. 120-130.

Fazedora de Estrelas. Revista Época. Editora Globo, 8 de novembro de 2004, p. 89

Gisele em foco. Marie Claire. São Paulo: Ed. Globo. Abril de 2007, nº 193, p. 62-66.

Top model do morro. Marie Claire. São Paulo: Ed. Globo. Março de 2007, nº 192, p. 39-45.

INTERNET

Abravest – Disponível em: <<http://www.abravest.org.br>> Acesso em 26 de julho de 2007.

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações (Ministério do Trabalho) – Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br>> - Acesso em 21 de outubro de 2007.

Ela é tudo de bom. Revista Marie Claire, Edição 133, Abril de 2002. Disponível em <<http://marieclaire.globo.com>>. Acesso em 2 de outubro de 2007.

Modelos conquistam espaço como atrizes – Disponível em <<http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI654242-EI1118,00.html>> Acesso em 26 de julho de 2007.

Sated RJ – Disponível em: <<http://www.satedrj.org.br>> Acesso em 26 de julho de 2007.

VÍDEOS

66 Minutes. Produção do canal M6. Paris, 18 de março de 2007. DVD (12 min.)

Rumo à Cidade Luz. Jornal Hoje. Exibido em 25 de setembro de 2007. TV (2 min.)

VERBETES EM DICIONÁRIOS

SABINO, Marco. Gisele Bündchen. In: Dicionário da Moda. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007^a, p. 294.

_____. Lívio Rangan. In: Dicionário da Moda. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007b, p. 412.

_____. Modelo. In: Dicionário da Moda. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007c, p. 448.

ANEXOS

Anexo 1: “Top Model do Morro” - Revista Marie Claire – Março/2007

Anexo 2: “Cidade das Deusas” – Revista Trip – Outubro/2007

Anexo 3: DVD – Reportagem 12” – 66 Minutes – Canal M6 - França

Anexo 4: “Dalma de Volta” – Jornal O Globo – Março/2007


Anexo 5: “Cinderela do Lixão não virou princesa” – Folha de São Paulo – Junho/2007

Anexo 6: Naomi Campbell, Gisele Bündchen e Gisele Guimarães

Anexo 7: Kate Moss

Anexo 8: A transformação de Gisele Guimarães

Anexo 9: “A Europa se curva à Cidade de Deus” – Jornal Expresso – Outubro/2007



marie claire
*MODA NA FAVELA

Top model do morro

a ponte sobre o Rio Grande, na laje, em meio a uma profusão de fios elétricos. Não importa. Na Cidade de Deus, qualquer lugar é lugar para fazer moda. Por mão e obra de dois moradores da favela, onde atua o Comando Vermelho, uma escola de modelos na comunidade descobre talentos escondidos nesse universo nada fashion. E revela que ali muitos lutam sem dar tiro nenhum. Por José Emílio Rondeau. Fotos: Roberta Valério

“Tenho personalidade forte. Tudo o que faço é em pensado. Não vou desistir.”
Cisela Guimarães

Isis, moradora da Cidade de Deus, é contratada da agência Elle e coordenadora da escola de modelos da favela

39

marie claire

MODA NA FAVELA



QUEM ENTRA EM CIDADE DE Deus após de um sábado, não chega a uma bancada formada por duas rodas posicionadas para dificultar o trânsito de veículos — em especial, carros de polícia. Para além da barreira, o Rio Grande conta toda a região. As margens das águas opacas, camadas de lixo, crianças seminuas brincam ao léu e mães sem paciência dominam os pequenos à base de palmeiras. O santuário, na verdade, uma estufa de São Jorge, não existe mais. No lugar da escola do santo guerreiro, quem domina a área é o alto-falante de uma casa evangélica. Mas basta perguntar onde fica o santuário que todo mundo sabe.

A mesma coisa acontece quando é preciso encontrar a xuxa da top Gisele Bündchen. "Gisele, a modelo?" Claro. Na Cidade de Deus, só existe ela: Gisela Magalhães, de 22 anos, uma mulata alta (1,78 m), magra (50 quilos), de olhos negros e sorriso largo. Nasceu e cresceu na favela engalada nos anos 60, hoje um dos pontos mais violentos do Rio. Gisele virou estrela local após ter sido contratada pela filial brasileira da agência Elite, em março de 2006.

"Se não fosse isso, poderia estar casada com um bandido, ter engravidado ou virado prostituta", diz ela. "Tem quem escolha o caminho errado. É uma questão de informação e personalidade. Eu tive sorte, fui influenciada por gente do bem. Conheço uma

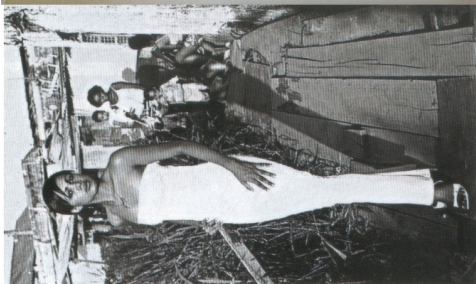
menina que virou ramonada de bandido. Ela tem a vida resolvida, só que tudo foi feito com dinheiro errado."

Gisele foi descoberta por Tony Barros, um quarentão de aspecto adôlescente que, como ela, é filho da favela. Fotógrafo, criou um projeto inédito na Cidade de Deus: a Lente dos Sonhos (LDS), escola de modelos que atrai olhares do Brasil e do exterior e que serve de ponte entre a comunidade e o mercado de trabalho em moda. O projeto já foi assunto de diversas publicações estrangeiras, inclusive das edições inglesa e francesa de *Mary Claire*, e no ano passado, equipes de TV da Coreia, do Japo e dos Estados Unidos desembarcaram no Rio para conhecer a LDS, também coordenadora da

escola, Gisele dá aulas de atitude para desfiles, ensina como parar na frente das lentes de Tony, ajuda a "decifrar" as revistas femininas e organiza sessões de maquiagem. Por meio dela e de Tony, talentos escondidos nesse universo pouco fashion são revelados para além da comunidade. — Gisele também é o elo entre a Cidade de Deus e a Elite, apresentando a agência pessoas que considera com talento para a moda.

"Ela é uma intermediária fundamental. Sem ela, não chegaríamos ali. Há preconceito contra o pessoal da favela. Mas Gisele mostrou que é capaz", diz Luis Lobo, booker da Elite.

Desde que entrou para a LDS, Gisele tem participado de



Ludmila Gomes (acima) no ensaio que marcou a abertura da LDS. Na foto ao lado, Gisele Bündchen em preparação para desfile (acima) e Tony Barros com alunos (abaixo)

Gisele: "Se não fôsse a moda, poderia estar casada com um bandido"

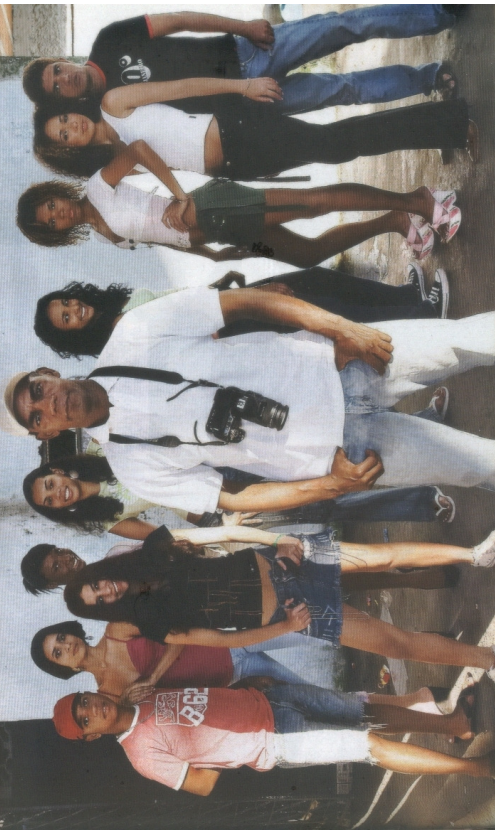
eventos importantes, como o Fashion Rio do verão passado, embora tenha ficado só no estande da Modafusion — associação franco-brasileira criada pela empresária carioca Andressa Fasanello e a jornalista francesa Nadine Gonzales. "Foi meio frustrante não

desfilarmos, mas valeu a pena. Nosso

FOTO LUDMILA, TONY BARROS



Últimos retoques em frente ao espelho, antes de apresentação em Goiás (acima). Gisele Guimarães ensina aspirantes a modelo como desfilarem em uma passarela (ao lado)



marie claire

MODA NA FAVELA

estande era animado, com modelos dançando, tocando funk. Apareceram por lá Luiza Brunet, Fernanda Lima, Sonia Braga...”, diz Giselle.

A ModaFusion, instalada em Santa Tereza, funciona como um corredor direto entre comunidades carentes cariocas e o mundo da moda, das artes e do design na França. “Já lançamos nossa primeira coleção, uma criação da Despu, marca de prostitutas da ONG Da Vida, em parceria com o estilista francês Fifi Chachnil”, diz Andraea. Para Nadine, nas favelas existe autenticidade. “Quem trabalha nessa circunstância, não tem como copiar. Tudo é imaginação.”

Um próximo projeto da associação é levar algumas modelos da LDS — Giselle foi incluída — para participar da Semana de Moda em Paris, prevista para outubro. A ideia atira todo mundo lá fora. “Paris é o lugar onde a moda é muito valorizada”, diz Marcelly, uma morena de 14 anos, que interrompeu provisoriamente a carreira de modelo por ter se tomado

mãe. Giselle já está com o passaporte pronto, somando com o dia da viagem. “É uma sensação muito forte saber que posso ir a Paris. Se tudo der certo, preciso ansar. Sei que essa viagem vai pesar no meu currículo.”

Ele é o homem Tony Barros vai sair daqui a pouco de sua casa na Cidade de Deus e seguir para o estúdio pequeno, mas jettoso, que montou em uma ilha na Barra da Tijuca. “A intenção da LDS é ser um agente transformador, um ponto de referência na comunidade. A gente quer mostrar personagens bonitos para representar bem o lugar onde vivemos.”

Orfão de mãe, sem nunca ter visto o pai, Tony foi criado pela irmã mais velha, Vera Regina. Aos 17 anos, passou a trabalhar como educador social de uma sociedade beneficente do Rio, que cuidava de meninos de rua. Com seu primeiro salário, comprou, sem saber bem o motivo, uma câmara fotográfica, a mais barata que achou. “Gostava de fotos, mas não tinha um plano. Quando comprei a máquina, comeci a levá-la para a rua e tirava foto dos meninos cheirando cola, aproximando nos faróis.

Isso me aproximava deles.” Assim como Buscapé, personagem do filme “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, Tony descobriu que podia ver a vida com outros olhos. Tratou de aprender o que podia para melhorar na técnica e, em pouco



Kate (acima) é de Cordovil, outra comunidade, mas estuda moda na LDS. Lusiani (ao lado) também é aluna da escola

42



Tony: “Quem não tem cabeça acha que entrar para o crime é solução”

imaginou em certos chiques, desses que aparecem nas revistas que circulam no asfalto. Convidou Giselle, sua amiga, para posar em uma das fotos. Quando Tony soube da ideia, ofereceu uma outra: fotografar as duas, lindas e produzidas, na ponte sobre o Rio Grande, perto do santuário, na parte mais pobre, feia e suja da favela que vive sob o domínio do Comando Vermelho — grupo que controla o tráfico de drogas e armas na região.

Tony queria impacto e, à essa altura, tinha um projeto em mente: levar as imagens para a direção do Viva Rio e oferecer uma outra visão da Cidade de Deus. “Minha intenção era ressaltar o contraste da beleza das meninas com a degradação do lugar”, diz.

No dia das fotos, sem que soubessem, um cadáver surgiu no rio, debaixo da ponte. “Um menino me avisou, mas estava tão concentrado no trabalho que não dei bola. Dois dias depois, um dos suspeitos do crime ha-

teu na minha porta. A polícia tinha descoberto o corpo, e o cara achava que eu era o delúbulo”, diz Tony. “Senti medo. Um confronto assim é chocante. Não se sabe o que vai acontecer.” Tony foi obrigado a mostrar o material ao bandido.

Depois de reveladas, as fotos foram levadas ao Viva Rio e, como Tony acreditava, surpreenderam a diretoria do portal. “Não queria grana, só espaço para mostrar que é possível ter talentos dentro da favela.” Nessa época, Ludmila já trabalhava como modelo da agência Army e se tornou a professora da LDS. “Já tinha feito comercial para uma marca de celular e participado de um clipe da banda inglesa Faithless. Na Army, tinha muito trabalho, ao contrário do que acontecia na LDS.”

No começo do projeto, Ludmila se empenhou nas duas funções. Mas, há

três anos, depois de perder a mãe e um dos irmãos em um tiroteio, resolveu deixar as boas lá que precisavam ir para o mundo. Quando saiu, abriu minha cabeça. O mundo não vai na Cidade de Deus pegar ninguém. Não esperei a fada aparecer para me transformar em modelo. Fui à luta.” Hoje, Ludmila ganha a vida como hostess de eventos.

De van, ônibus e barco São quase 10 horas de um sábado ensolarado, e Giselle, usando jeans e camiseta pink, prepara uma vitamina na cozinha da casa modesta, mas impecável, onde mora com os pais — Vem, de 56 anos, empregada doméstica, e Luiz Carlos, 56 anos, vendedor de frutas em uma banca perto dali. Hoje, ela vai se dedicar a dois novos talentos em preparação no estúdio na Barra da Tijuca. Vai andar a pé, de van, ônibus

43

marie claire

MODA NA FAVELA

e barco para escolher o melhor da sessão de fotos feita antes com Andressa. Uma jovem de traços mestiços. Kate, de 19 anos, que mora em Cordovil, subúrbio vizinho à Cidade da Favela, já estava apostando a vida para o mercado fora da comunidade. "Estamos trabalhando com Kate, mas logo vou levá-la à Elite". Mais tarde, a própria Gisele será submetida a um teste em Lameiras, bairro na zona sul carioca.

de cabelo alisado preso em um rabo de cavalo, Gisele veste roupas que ela customiza e diz que em geral é a única nega a participar de testes. "Tem muita menina bonita e, em geral, sou a única nega. No desfile, tem estatura, as modelos de lá saem em vantagem porque chegam aos testes de cabelo e unha feitas. Aqui, as meninas mal tomam café da manhã."

Mas se conforma com essa realidade e sabe que tem atitude: "Quero dar uma condição de vida melhor aos meus pais e ter uma também. Dumto nunca poltrona na minha de casa, que desdoro todas as noites." Gisele sabe que o universo da moda é competitivo e impiedoso. Mas se defende: "Tenho personalidade forte, tudo que faço é bem pensado. Não vou desistir".

Vem, a mãe dela, que no início da carreira da filha ficou cismada com a

Até agora, Gisele não pisou em uma passarela importante para desfilat. "As dificuldades são grandes. Às vezes bate uma desmotivação por falta de dinheiro. Mas vou em frente."

Gravidez fora de hora Mar- cely Pereira da Silva não é alta, tem 1,65 m, pesa 50 quilos e usou manequim 38. Falando assim, parece que ela não teria a menor chance no mundo da moda. Mas entrou para a LDS em 2004, aos 12 anos. Meses depois, foi submetida a uma seleção rigorosa para participar de um editorial de moda

passou. Ganhou o maior cachê de sua vida: R\$ 80. As fotos foram feitas em Copacabana.



Marcelly suspendeu por um tempo a carreira para cuidar do seu filho, mas voltou para o trabalho. Hoje, aluna da LDS é maquiada antes de entrar no estúdio (ao lado)

idéia, agora pensa diferente: "Fui contra, porque achava que ela ia posar nua. Depois entendi que ela gosta de moda. Mas não vejo vantagem financeira. Gisele já devia estar ganhando alguma coisa. Não estou de olho no dinheiro dela, mas está demonstrando para isso acontecer". A escassez de trabalho para modelos da favela é uma realidade com a qual meninas como Gisele —mesmo com o "cartão" da Elite— se defrontam. "A publicidade é feita para quem tem poder aquisitivo. É isso gera discriminação", diz Luis Lobo, da agência.

Ludmila: "O mundo não vai até Cidade de Deus pegar ninguém"

O bebê é sorridente e, segundo a mãe, dá pouco trabalho. "É bonzinho", diz Marcelly, com uma ponta de orgulho. Quando soube da gravidez, ficou mal. Achete que ia engravidar e jamais recuperaria o corpo de antes. Agora, ela só pensa em amamentar o filho e por isso está fora de questão fazer dieta. "Foi cossuina, preciso de um tempo para voltar à grávida. Fiquem com umas estrías na barriga, mas sei que posso disfarçá-las com lise".

Anda que se lamenta. Marcelly não se abate: "Meu sonho é poder contribuir na moda. Mas, se não conseguir nada para mim, vou ajudar uma amiga que quer ser modelo a alcançar seu objetivo". A LDS é o caminho. Gisele aparece eufórica. Está feliz



FOTO MARCELY TONY BARROS



Andressa, em sua primeira viagem, não pôs para revistas

da vida porque arrumou trabalho como promotora de uma marca de cosméticos, em uma loja em Niterói. E um serviço temporário, deve durar três meses, mas vai render R\$ 4 mil por mês. Há luz no fim do túnel.

Um ensaio na laje A agenda na LDS é intensa. Na segunda-feira seguinte ao sábado de trabalho, com direito só ao domingo de folga. Tony e Gisele começaram a preparar mais sessões de fotos na comunidade. Não tem cliente na história, é um trabalho da própria escada e vem sendo chamado por Gisele de "Perólas do Brasil". Foram escaladas cinco modelos: Peróla, Etienne, Nayara, Lily e Kate. Apesar do calor senegalesco, Marcelly está lá com João Vítor.

Logo se forma uma multidão de curiosos. Caracóis velhos da campanha para o governo do Estado estão por todos os lados —a maioria perfurada por tiros. O sol começa a cair e o tempo para novas fotos vai ficando menor. Tony parte para outro ponto, a ponte sobre o Rio Grande.

Ele consegue fazer algumas fotos ali, apesar da pouca luz e da dificuldade de conter o movimento de pessoas que passam no local. Gisele continua dando as instruções: "Atitude, pessoal. Isso mesmo, assim, confiantes". Até que ela não se contém, abre os braços e grita para toda Cidade de Deus ouvir: "As Perólas do Brasil".

RACCO RESPONDE

QUAL A IDADE IDEAL PARA COMEÇAR A USAR PRODUTOS ANTI-RUGAS?

Carolina Alves, São Paulo, SP



Quando antes começamos a cuidar da pele, por mais tempo ela ficará com uma aparência jovem e saudável. Hidratantes, cremes e protetores solares devem ser usados em todas as idades. Existem vários produtos no mercado que podem atender a sua necessidade: há produtos com ingredientes ativos até 98% das rugas, como o produto da linha Círculo d'Raio. E no caso de você ainda não ter rugas, estes produtos podem retardar muito o seu aparecimento. Entre em contato com uma Consultora Racco e saiba mais sobre o assunto.

Você vai se surpreender.

RACCO

Você é mais feliz hoje

Encontre uma Consultora Racco perto de você: 0800 601 0303
* www.racco.com.br



CIDADE DAS DEUSAS

Anna é virgem e espera o namorado americano vir buscá-la com uma aliança. Já Gisele se diz exibicionista e é conhecida em revistas dos EUA e da Europa. Trip foi à favela mais midiática do Brasil desavendar a verdade sobre as mulheres da Cidade de Deus

FOTOS: JORGE BISPO TEXTO: LUIZ ANTONIO RYFF



Anna e Gisele (à direita),
na Cidade de Deus

No dia em que fez as fotos para *Trip Girl*, Anna Azevedo, 21 anos, colocou o despertador para as quatro da manhã. Precisava pegar dois ônibus para estar às 6h na Cidade de Deus, um bairro carioca com jetão de favela que ganhou fama mundial com o filme homônimo, que mostra as perspectivas de Zé Pequeno. Mas Anna levantou uma hora antes. Foi acordada por um moçoio entre tratantes de uma favela em Archêtera, no subúrbio do Rio. Sua casa fica a poucos metros de uma casa de prostituição.

Ela corta a história calmamente, sem que lhe apareça no rosto maquiado qualquer ruga de expressão. Na maioria das vezes, viver em um lugar dominado pelo tráfico não lhe tira o sono. "Por mais que a droga não seja algo bom, querendo ou não o tráfico traz uma segurança para a comunidade". Da como exemplo um amigo que teve a moto roubada e foi ajudado pelos traficantes a recuperá-la.

Anna lamenta os tiroteios, condena as garotas que se envolvem muito cedo com qualquer um, mas, fora isso, não vê motivo para reclamações. Nem mesmo quando mexem com ela quando passa na rua — o que acontece com frequência. Afinal, com 1,79 m, 59 kg e longos cabelos cacheados, Anna é uma mulata daquelas que levantam uma arquibancada do Sambódromo. Mesmo assim, ela se acha um pouco gordinha e fala que às vezes encana com o próprio corpo. Com as carecas, que considera finas, por exemplo. Mas acaba se permitindo alguma indulgência ao avaliar o conjunto.

"Tô me dando bem a vida", diz, com um sorriso largo e um pouco de orgulho. Ela gosta de ir ao cinema e não frequenta a igreja aos domingos e contra no coral. Um telefonema da reportagem a flagrou no culto, com o zunzuzim das orações ao fundo. Modelo há dois anos, Anna revela que ainda é virgem. "Na minha religião isso é muito importante". A custa de muito esforço ela se guarda para o noivo, um norte-americano que não vê desde o fim do ano. "Me sinto carente", choraminga ela, que diz não ligar para beleza física em um homem. Ele deve ser catiboso, atencioso, companheiro. Seu sonho é casar com seu príncipe encantado, que vai levá-la para a América e lhe dar três filhos. Enquanto não vem, o príncipe liga todos os dias para a amada. E a primeira vez que Anna posa nua. Ela está apreensiva.

"SEMPRE GOSTEI DE AFRONTAR"

A timidez de Anna contrasta com a exuberância de Gisele Guimarães, 22 anos, com quem divide a sessão de fotos. As duas foram descobertas pelo projeto Lente dos Sonhos, uma escola de dança criada por uma coreógrafa com 80 parças e crianças. Mas Gisele já voa alto. Foi contratada pela Elite, uma das principais agências de modelos do Brasil, e, em cinco anos de profissão, já fotografou para revistas na Alemanha, na Inglaterra, na Espanha, nos EUA e na Austrália.

Com 1,78 m e 52 kg, a morena Gisele acha seu corpo perfeito, mas abre um sorriso largo e iluminado para dizer que tem predileção pela boca e pelos olhos. É preciso insistir para que ela confesse uma quase implicância com os seios pequenos. "Sou exibicionista. Adoro aparecer. Faz bem pro ego. É uma coisa buca", afirma. Sem nenhum pudor, ela assume o narcisismo e confessa seu prazer em ficar se admirando diante do espelho. Uma mudança e tanto para uma moça que, até a adolescência, tinha que conviver com apelidos que faziam troça de sua altura e magreza.

As duas são de famílias humildes e numerosas. Anna é a mais nova de sete irmãos. Desde cedo aprendeu a se virar. Criada pela mãe, sem contato com o pai, começou como operadora de telemarketing. Depois, trabalhou como vendedora, trabalhou em um escritório de advocacia e foi hostess de restaurante. Quando se tornou modelo, conseguiu entrar no curso de letras na universidade. Mas não gostou e pensa em fazer turismo.

Gisele é a mais nova de oito irmãos. A mãe é doméstica. O pai tem uma barrquinha de fruta na Cidade de Deus, onde moram 38 mil habitantes e onde uma em cada quatro pessoas vive abaixo da linha da miséria. Aos 6 anos já arrumava a casa. Trabalhou em salão como cabeleireira, foi empacotadora e babá. Como vendedora sua experiência é ampla. De botões, linhas e outras miudezas em um armário na bola na rua de sorvete na praia a calcinhas e lingeries de porta em porta. "Relei muito", diz entre um e outro exercício de tira-roupão-bota-roupão.

Gisele nem pensa no que a mãe, adepta da Igreja Universal do Reino de Deus, vai dizer quando vir a filha pelada. "Ela não gostava nem que eu mostrasse as pernas", suspira a moça, que também já foi evangélica, mas desistiu depois de ouvir muito sermão por short curto e calça apertada por uma mãe baixa. Não era nem com ela, fazia questão de sentar na primeira fileira. Bem à vista do pastor. "Se não fosse aquela igreja eu não estaria aqui". Ela não sabe como escondendo os doces de Cosme e Damião — uma aberração para os seguidores do bispo Mucelli.

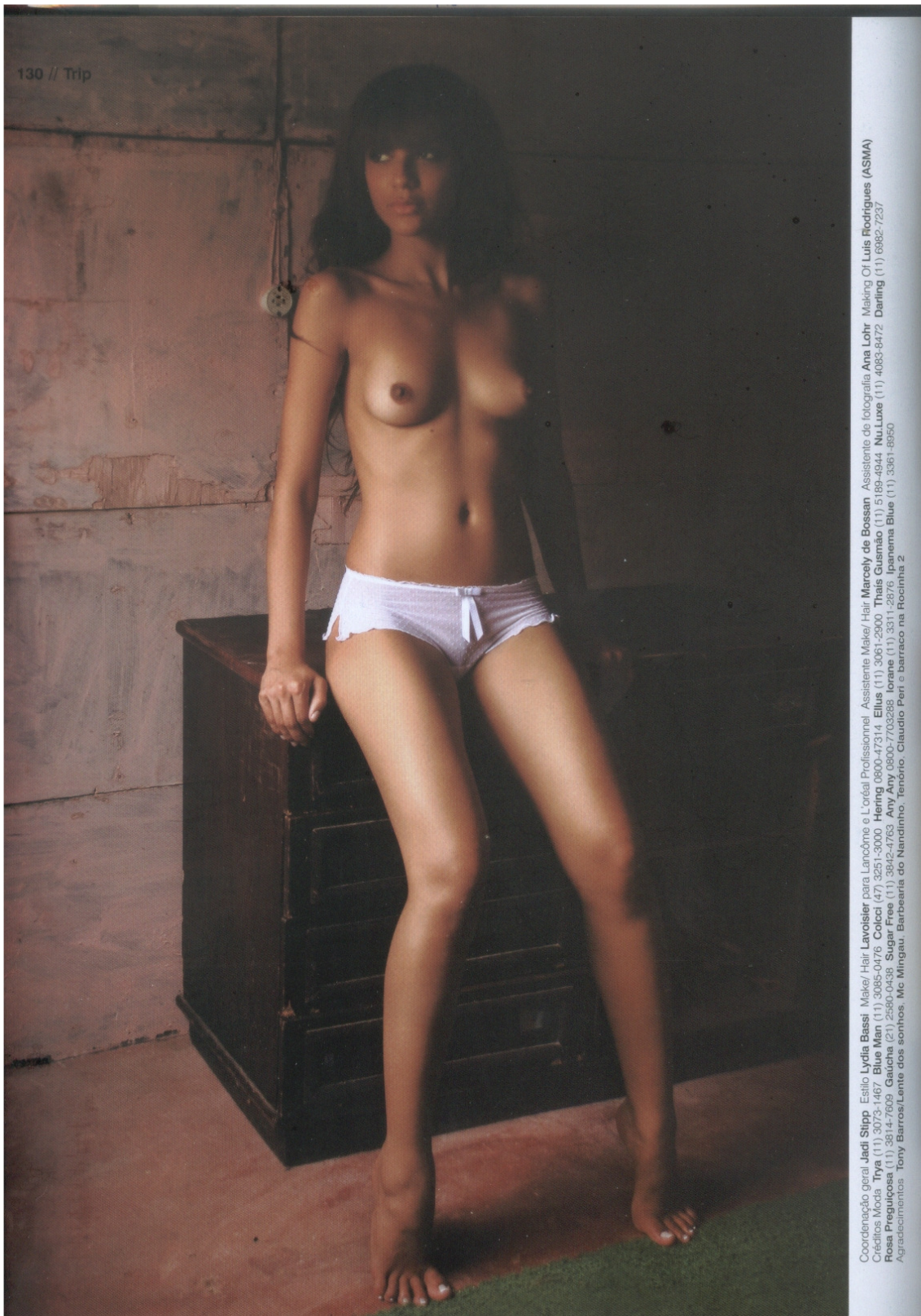






Nas fotos, elas mandam o recato às lavas logo no início. Bastou uma piscadela e as duas já estão seminuas em uma barbearia da Cidade de Deus. Elas podem se gabar que são de fechar o comércio. Literalmente. Encostadas na vidraça, atraem a atenção da vizinhança. Na casa em frente, os sorridentes rapazes que se debruçam na varanda aproveitando a vista privilegiada são mandados para dentro pela dona da casa.

Um senhor de short gasto, sem camisa e de chinelo de dedo se aproxima da barbearia e enfi a cara no vidro, para ver as duas redifundidas languidamente em um sofá minúsculo. A esposa o puxa pelo braço, ordenando: "Vem pra cá!". O homem se vira em busca de solidariedade. "O que está acontecendo? Estão fotografando duas prostitutas? Ouve como resposta. Recebe outro puxão do marido: "Não era, mas agora é". Ela não estava calar, ah, estava. "Vocês acham isso quente? Esperem chegar lá no meio da comunidade", desdenhou Anna. Foi lá, no alto de uma laje, que elas ficaram completamente nuas.



130 // Trip

Coordenação geral: **Jedi Stipp** Estilo: **Lydia Bassi** Make: **Hair Lavollier** para L'Oréal Professionnel Assistente Make: **Hair Marcelly de Bossan** Assistente de fotografia: **Ana Lohr** Making Of: **Luis Rodrigues (ASMA)**
 Créditos: **Moca Tiva** (11) 3073-1467 **Blue Men** (11) 3085-0475 **Colcci** (47) 3251-3000 **Heug** (800) 472111 **Ellus** (11) 3951-3200 **Thom Browne** (11) 3951-3200 **McLuz** (11) 4063-8472 **Daring** (11) 6882-7237
Rosa Prequelosa (11) 3814-7609 **Gaucha** (21) 2590-0438 **Sugar Free** (11) 3812-4753 **Any** (11) 3311-2870 **Arquitexto** (11) 3311-2870 **Arquitexto** (11) 3311-2870 **Arquitexto** (11) 3311-2870
 Agradecimentos: **Tony Barros/Lente dos sonhos**, **Mc Mingau**, **Barbearia do Nandinho**, **Tenório**, **Claudio Perli** e **barraco na Rocinha 2**

Anexo 3: DVD – Reportagem 12” – 66 Minutes – Canal M6 - França

O GLOBO

Monique Gardenberg dá suas dicas de Salvador
Página 8

Vietnã: o novo destino para os gourmets
Página 3

SÁBADO, 31 DE MARÇO DE 2007

Foto: Vicente de Paulo. Coordenação: Patrícia Veiga. Produção: Felipe Veloso e Leo Neves. Brinco: Fernando Torquato (com produtos O Boticário). Agradecimento: Copacabana Palace.

Dalma de volta

Heloisa Marra

O maquiador Fernando Torquato desmarcou todos os compromissos. Felipe Veloso providenciou a melhor produção. E o fotógrafo Vicente de Paulo fez questão que o cenário do ensaio fosse o Copacabana Palace. Tudo para fotografar Dalma Calado, brasileira pioneira na passarela internacional nos anos 80. Em 86, ao receber um prêmio do Council of Fashion Designers of America (CFDA), o "New York Times" publicou reportagem na primeira página afirmando que a moda existia antes e depois de Dalma.

Seu primeiro casamento foi com um banqueiro americano, com quem, sempre trabalhando, viveu os anos de ouro do Studio 54. O segundo, com o nobre italiano Giovanni Sanjust i Teulada, pintor de paisagens e grande colecionador, teve festa surpresa organizada por Valentino numa das casas do estilista em Catona, na Toscana. Da união nasceu Giorgio, hoje com 12 anos, e o principal motivo da modelo ter escolhido o Rio para morar.

Página 2

Primeira brasileira a fazer carreira internacional na passarela e amiga de Valentino, Dalma Calado, que ganhou prêmio de moda do Council of Fashion Designers of America, escolhe o Rio para morar

VESTIDO Issa (R\$ 2.664) e brinco Lemarie (R\$ 1.497) na Alberta, pulseira (R\$ 12.400) e anel (R\$ 6.370) Antonio Bernardo, sandália Schu (preço sob consulta)

C8 cotidiano

DOMINGO, 10 DE JUNHO DE 2007

FOLHA DE S. PAULO



A ex-catadora de lixo Cristiane de Andrade, 26, que hoje trabalha como garçonete no Itaim (zona sul), e diz ganhar muito mais do que como modelo



Cristiane e Giovanna, na época da novela



Atriz reencontra ex-catadora em estúdio

"Cinderela do lixão" não virou princesa

Descoberta pela atriz Giovanna Antonelli em 2004, a ex-catadora Cristiane de Andrade ouviu promessas para virar top

Passada a fama-reiampago, ela diz que mal tinha o que comer e que foi cobiçada de "reality show", mas se reergueu como garçonete

DANIEL BERGAMASCO
DA REPORTAGEM LOCAL

Nem Eli Hadid, dono da agência Mega Models, que contratou a ex-catadora Cristiane de Andrade depois que ela foi

descoberta em um lixão de Bangu, no Rio, sabe ao certo o final desse conto de fadas.

"Ah, sim, a Cristiane, do lixão! Lembro-me dela. Lembro que ela acabou saindo da agência, mas não lembro direito o porquê. Acho que ela não tinha muita força de vontade", diz Eli. "Cadê ela?"

Cristiane, 26, não se esquece de nada. De quando era catadora do lixão e foi descoberta pela atriz Giovanna Antonelli du-

rante uma gravação em 2004 da novela "Da Cor do Pecado", que está sendo reprisada agora.

De quando brilhou no "Fantástico", da TV Globo, e no "Domingo Legal", do SBT. De quando trocou seu barraco em uma favela de Bangu por um flat "muito chique" em São Paulo, pago pela agência Mega. E de quando tudo isso virou pó.

"Eu tive aqueles minutinhos de fama, de aparecer em TV e em revistas como a modelo que

veio do lixão. Era época do Fashion Rio e cheguei a desfilhar para o Walter Rodrigues."

"Na frente da TV, me prometiam tudo, contratos para ganhar R\$ 2.000. Depois descobri que era mentira. Dinheiro, que é bom, nunca vinha", diz. "Era muita bajulação e pouca grana. No começo, eu ganhava uns R\$ 200 aqui, uns R\$ 300 ali. Depois passava um tempo sem trabalho. Tinha onde morar, mas não tinha salário. Estava comendo pior do que em Bangu. Foi quando decidi largar tudo."

Mas não voltar à favela. Depois de comer o pão que o moinho fashion amassou na promessa de se tornar "uma grande modelo", Cristiane conseguiu emprego como garçonete no bar cubano Azucar, no Itaim, onde trabalha até hoje.

Deixou de lado o sonho de princesa para não virar abóbora. "Fui à luta e estou feliz demais! Moro numa casinha boa, de um quarto, em Santo Amaro. E ganho muito mais aqui do que como modelo. Uma garçonete no bairro do Itaim chega a ganhar R\$ 2.000 por mês."

"Ela virou garçonete? Fico feliz em saber. Ela veio do lixão, acho que progrediu muito", diz Eli Hadid.

Gorda

Alta (1,80 m), com 58 quilos quando chegou a São Paulo, Cristiane diz que "era conside-

rada gorda para alguns trabalhos". "As vezes não chegavam a olhar para o rosto. A pessoa olhava da cintura para baixo. A mais cossada é a que ia."

"Todo mundo fala que eu sou um varapau. Mas, para o mundo da moda, eu sou gorda."

Preocupada com a forma, ela chegou a ser cobiçada de um "reality show" de produtora independente que nunca foi ao ar. Lipoaspirou a barriga e as pernas e colocou 400 ml de silicone em cada seio. Cachê? Nada. "Mas adorei operar de graça."

Na agência, o cotidiano era angustiante, diz ela. "O que a Mega fez comigo não é porque eu era do lixão. Faziam também com outras modelos que não vieram de mídia." Faziam o quê? "De não ligar, deixar ali sentada no tão famoso sofá da Mega o dia inteiro. Tem a mesa dos 'bookers' [agentes] num canto e as modelos ficam ali no sofá, pensando o dia inteiro, com fome, esperando um casting [seleção para um trabalho]."

Veterana bem sucedida, a top Leticia Birkheuer diz que o sofrimento faz parte da carreira. "A maioria das meninas não consegue nada mesmo. É muito cruel. Mas a vida é difícil em qualquer profissão."

O contato de Cristiane com a fada madrinha global continuou. "Ela foi um anjo", diz a garçonete, que não tem o número de celular, mas sabe o e-

mail de Giovanna Antonelli.

Depois de três meses no flat, Cristiane foi instalada em uma república de modelos. Diz que tinha fome. Mas não tinha dinheiro. Então vivia de macarrão e jujubas. "Em Bangu eu tinha minha carniinha de vez em quando. Aqui eu ia direto pro Mijo, pra gastar menos."

Não que a vida no lixão fosse fácil. Seu corpo era marcado por cacos de vidro e pedaços de ferro em que esbarrava na montanha de restos. Um dia, achou dois fetos abortados em um pote. Era vida dura, mas que em matéria de cenas deprimentes não deixava a desejar aos bastidores da moda.

"Conheci meninas que cheiravam [cocaína] para emagrecer", diz. "Vi muitas estragarem a vida. E também meninas lindas gastarem o dinheiro que juntaram para a faculdade para se manter em São Paulo e depois voltar para casa sem nada."

Os prós, os contras, e ela acha que valeu a pena. "Eu ganhava R\$ 400 catando lixo e hoje me-lhoirei muito minha vida. Muito 'booker' apostava que eu ia voltar pro lixão. Alguns catadores de lá também falavam isso."

Cristiane diz que acha "lindo desfilhar". "Tenho vontade de continuar, mas peguei medo de agência. A imagem que eu tenho do mundo da moda é de muita mentira. A palavra não vale muita coisa."

Anexo 6: Naomi Campbell, Gisele Guimarães e Gisele Bündchen



<http://www.magforum.com/covers/0magpics.htm>



Fotografia: Revista Trip – Outubro/2007



http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2005/10/30/Ti-Ti-Ti/Gisele_Bundchen_faz_ensaio_so_de_.shtml

Anexo 7: Kate Moss – “heroína-chique”



<http://i.thisislondon.co.uk/i/pix/2007/04/KMossEarly3PA>

Anexo 8: As transformações de Gisele Guimarães – 2002 e 2007



Fotografia: Tony Barros (2002)



Fotografia: Elite Models (2007)

SÁBADO, 20 DE OUTUBRO DE 2007 GERAL 3

MODELO DA ZONA OESTE CARIOCA VIVE UMA HISTÓRIA DE CINDERELA NA FRANÇA. MAS ELA CORREU ATRÁS

A Europa se curva à Cidade de Deus

Filha mais nova de sete irmãos, Gisele Guimarães divide com eles e os pais, na Cidade de Deus, um cômodo de 16 metros quadrados. Mas a sorte bateu à sua porta. Modelo há sete anos, a história desta carioca de 22 anos lembra tramas de novelas, mas não tem nada a ver com ficção. É pura realidade! Nascida na CDD, ela agora é estrela em Paris, capital da França.

Tudo começou quando Gisele foi convidada para participar da última semana de moda da capital francesa. Contratada por uma agência local, ela ficará por lá pelos próximos três anos. Mas, antes disso, revela que ralou muito.

— Foram sete anos batalhando, fazendo testes, competindo com meninas que tinham tudo na vida. Foi muita ralação, mas consegui. Hoje sou um nome da favela — disse, orgulhosa, Gisele, que foi descoberta através de uma revista ("Brazuca") voltada para a comunidade brasileira na França.

A publicação estava interessada em fazer uma matéria sobre o projeto "Lente dos sonhos", no qual a modelo dá aulas de moda e passarela para as crianças da comunidade.

BATENDO DE PORTA EM PORTA

Durante duas semanas, Gisele atendia ao telefonema de um gringo, mas nunca conseguia se comunicar com ele por causa da língua. Desfeito o mistério, fizeram uma reportagem de sucesso sobre a ONG.

Depois disso, cinco modelos foram convidadas para participar da semana de moda de Paris. Mesmo sem falar uma palavra sequer de francês, ela aceitou o desafio, mas valeu a pena.

— Não fui para lá fazer turismo. Tinha um objetivo, que era bater de porta em porta e conseguir um emprego — conta a modelo.

Lá, ela conseguiu endereços de agências e fez o que prometeu, até que conseguiu realizar seu objetivo.

— Me entrevistaram e, no dia seguinte, já fazia um teste para a Dior (marca famosa) — lembra Gisele, cujo sonho é dar um plano de saúde aos pais.

Gisele em foto do ensaio feito para a revista "Trip", da qual é a capa de outubro

Cris Andrade, a musa que veio de um lixão

A história de Gisele se parece com a de Cris Andrade, descoberta num lixão de Caxias, quando a atriz Giovanna Antonelli gravava cenas de sua personagem Bárbara na novela "Da cor do pecado", em 2004. A partir dali, a catadora de lixo virou modelo e chegou desfilando no Fashion Rio, na sua estréia nas passarelas.

Deste dia em diante, a vida de Cris mudou radicalmente. Ela foi contratada por uma agência de modelos, se mudou para São Paulo (onde ainda vive) e não demorou muito para passar por uma transformação: se submeteu a uma cirurgia de implante de 200ml de silicone, além de lipoaspiração na barriga, pernas e glúteo. Tudo pago por um programa que promovia mudanças estéticas.

— Daqui a 20 anos vou olhar para trás e saber exatamente o que aconteceu. Foi o melhor ano da minha vida — disse, na época.